

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E
REGIONAL
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL – MINTER UFRGS/URI**

ELENICE MANZONI DE SOUZA

**PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DE SANTIAGO – RIO GRANDE DO SUL:
Identificação e Valoração**

Santiago

2011

ELENICE MANZONI DE SOUZA

**PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DE SANTIAGO – RIO GRANDE DO SUL:
Identificação e Valoração**

Dissertação de Mestrado apresentada como
requisito para obtenção do título de mestre
em Planejamento Urbano e Regional, sob a
orientação do Prof. Dr. Günter Weimer

Santiago

2011

CIP - Catalogação na Publicação

Souza, Elenice Manzoni

Patrimônio arquitetônico de Santiago - Rio Grande do Sul: Identificação e valoração / Elenice Manzoni Souza. -- 2011.
314 f.

Orientador: Günter Weimer.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, BR-RS, 2011.

1. Patrimônio arquitetônico. 2. Identificação e valoração. I. Weimer, Günter, orient. II. Título.

Agradeço a minha família que me estimulou a ir frente e me fez ver o quanto isto seria importante para minha vida profissional.

A meu namorado que me ensinou que “não há vitórias sem dor”, fazendo-me continuar mesmo nos momentos mais difíceis. A ti muito obrigada por todo o carinho e apoio emocional que me dispensou no decorrer desta dissertação.

Ao que me ensinou, corrigiu, orientou, aconselhou e ajudou na elaboração desta dissertação, meu incansável orientador Prof. Günter Weimer, meu profundo agradecimento pela vontade de compartilhar comigo todo o seu saber.

Meu agradecimento também a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma, para a realização desta dissertação. Aos proprietários das edificações, que tão bem me acolheram. À acadêmica de arquitetura Camila Antunes que me auxiliou nos levantamentos. Aos historiadores do município de Santiago, com os quais tive demoradas horas de conversa e pesquisa.

A todos muito obrigada pelo apoio. Sem vocês este trabalho não seria possível.

RESUMO

Esta dissertação versa sobre “O Patrimônio Arquitetônico de Santiago – Rio Grande do Sul: Identificação e Valoração”. Sendo que a grande problemática envolvida visa responder ao seguinte questionamento: o que é Patrimônio Arquitetônico no município de Santiago? A dissertação se inicia mostrando através do referencial teórico a origem do tema patrimônio e a maneira como este veio sendo tratado, em questões de políticas de preservação ao longo do tempo, assim como os conceitos que foram sendo utilizados para definição do termo “patrimônio”. Esta base teórica foi utilizada posteriormente para a definição do enfoque do trabalho que é através de critérios artísticos e históricos fazer uma avaliação efetiva do que é considerado Patrimônio Arquitetônico no município de Santiago. Para isto, foram selecionadas 29 edificações como amostra para o estudo, sendo que nesta seleção, buscou-se assegurar a melhor representatividade possível de obras que possam vir a integrar o patrimônio arquitetônico de Santiago. Adotou-se para isto, o compromisso de levantar obras das diversas fases históricas marcantes na formação deste município, desde origem do aglomerado até os dias atuais. Estas edificações deveriam atender a alguns itens tais como: possuir algum significado, valor ou qualidade arquitetônica ou tipológica; possuir algum valor cultural, simbólico ou histórico para a sociedade santiaguense; ou por último possuir algum valor ou qualidade construtiva, tecnológica ou plástica. Após feita a seleção das edificações para a amostra as mesmas foram levantadas, analisadas e posteriormente receberam a valoração como sendo ou não edificações de valor patrimonial. A partir de então, com base nas edificações analisadas e com um enfoque histórico do município, pode-se concluir o que é patrimônio arquitetônico em Santiago.

Palavras – chave: patrimônio arquitetônico, edificações, valoração.

ABSTRACT

This dissertation deals with “The Architectural Heritage of Santiago - Rio Grande do Sul: Identification and Valuation.” It aims to answer the following question: What is Architectural Heritage in the municipality of Santiago? The dissertation starts showing the origin of the subject heritage through the theoretical framework and how this has been discussed, in terms of preservation issue policies over the time, as well as the concepts that were used to define the term “heritage”. This theoretical basis was then the focus of this work that is done through artistic and historical criteria to evaluate effectively what is considered Architectonical Heritage in the Municipality of Santiago. For this reason, 29 buildings were selected as a sample for the study. In this selection, it was sought to ensure the best possible representation of buildings that might integrate the architectural heritage of Santiago. It was adopted the commitment to research buildings of various important historical phases in the formation of this district, from the origin of the gathering until today. These buildings should attend some items such as: having some meaning, value and architetonical or typological quality; having some cultural, symbolic or historical value to the santiaguense society, and at last having some quality of construction, technologicasl or plastic value. After having done the buildings selection for the samples they were raised, analyzed and subsequently received the valuation as being or not landmarks of heritage value. From then, based on the buildings analysed and with a historical focus of the municipality, we can conclude what is architetonical heritage in Santiago.

Key words: architectural heritage, buildings, valuation

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Foto da Primeira Igreja Matriz de Santiago, demolida em 1925	25
Figura 02 – Foto da Segunda Igreja Matriz de Santiago, construída no local da primeira, e demolida em 1983	25
Figura 03 – Foto do prédio da Prefeitura Municipal de Santiago em 1960, que foi demolido e neste espaço construído novo prédio	26
Figura 04 – Foto da localização do município de Santiago, no mapa do Rio Grande do Sul	28
Figura 05 – Mapa da cidade de Santiago, com a divisão de bairros	29
Figura 06 – Foto da edificação que guardava traços da arquitetura <i>art nouveau</i> , foto em 2008	32
Figura 07 – Foto da Rua Pinheiro Machado ao redor da Praça Moisés Viana, por volta de 1920	33
Figura 08 – Imagens das 45 edificações selecionadas	53
Figura 09 – Localização das edificações selecionadas à amostra localizadas no núcleo urbano do município de Santiago, RS	54
Figura 10 – Edificação localizada na Rua Julio de Castilhos esquina com a Rua Barão do Ladário, em 2010	56
Figura 11 - Edificação localizada na Rua Julio de Castilhos esquina com a Rua Barão do Ladário, em 2010	57
Figura 12 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 01 no núcleo urbano de Santiago	58
Figura 13 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 01 no núcleo urbano de Santiago	58
Figura 14 – Detalhe da parede construída em pedra da edificação	59
Figura 15 – Detalhe do forro em madeira da edificação, foto em 2010	59
Figura 16 – Detalhe das portas internas da edificação, foto em 2011	60
Figura 17 – Planta baixa esquemática da edificação	62
Figura 18 – Planta baixa esquemática da edificação na Estância da Lapa em Encruzilhada do Sul	63
Figura 19 – Edificação localizada na Rua Pinheiro Machado, 2063, foto de 2011	64

Figura 20 – Edificação localizada na Rua Pinheiro Machado, 2063. Foto de 2011	64
Figura 21 – Localização da edificação da esquina da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Pinheiro Machado	65
Figura 22 – Localização da edificação da esquina da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Pinheiro Machado	66
Figura 23 – Detalhe do forro “paulista” existente na edificação. Foto de 2011	66
Figura 24 – Planta baixa esquemática da edificação	68
Figura 25 – Fachada da Edificação localizada na Rua Pinheiro Machado, 2063. Foto de 2010	69
Figura 26 – Detalhes da fachada da edificação, foto em 2011	70
Figura 27 – Edificação localizada na Rua Duque de Caxias. Foto de 2010	71
Figura 28 – Localização da edificação na Rua Duque de Caxias	72
Figura 29 – Localização da edificação da Rua Duque de Caxias	73
Figura 30 – Detalhe construtivo da edificação – soco da edificação feito com pedras irregulares sentadas com barro. Foto de 2011	74
Figura 31 – Detalhe do ladrilho encontrado no vestíbulo da edificação. Foto de 2011	75
Figura 32 e 33 – Plantas baixas esquemáticas do prédio da Rua Duque de Caxias	76
Figura 34 – Fachada principal do palacete localizado na Rua Pinheiro Machado, nº 1984. Foto de 2010	78
Figura 35 - Palacete localizado na Rua Pinheiro Machado nº 1984. Foto em 2010	79
Figura 36 – Foto da Rua Pinheiro Machado, na altura da Praça Moisés Viana, por volta de 1920	80
Figura 37 – Localização da edificação da Rua Pinheiro Machado nº 1984	80
Figura 38 – Detalhe do forro de um dos dormitórios. Foto de 2011	81
Figura 39 – Detalhe do teto da sala de estar da edificação mostrando o lustre, o estuque do teto e o roda-forro. Foto de 2011	83
Figura 40 – Detalhe do sistema construtivo da edificação em estrutura de enxaimel. Foto de 2011	83
Figura 41 – Detalhe das paredes da edificação de tijolos maciços sentados a barro. Foto de 2011	84

Figura 42 – Detalhe do assoalho “encabeirado” da edificação. Foto de 2011	85
Figura 43 – Porta de madeira, com bandeira fixa. Foto de 2011	87
Figura 44 – Implantação esquemática do Palacete à Rua Pinheiro Machado, esquina com a Rua Tito Becon, com legenda dos elementos que foram implantados no lote junto ao palacete	89
Figura 45 – Planta baixa esquemática do Palacete	90
Figura 46 – Fachada lateral do Palacete localizado na Rua Pinheiro Machado, nº 1984. Foto de 2010	92
Figura 47 – Fundos do Palacete localizada na Rua Pinheiro Machado, nº 1984. Foto de 2010	92
Figura 48 – Fachada principal do Palacete localizado na Rua Pinheiro Machado nº1984. Foto de 2010	93
Figura 49 – Detalhe do acesso do Palacete encimado por um frontão. Foto de 2011	94
Figura 50 – Detalhe da gateira na fachada do Palacete. Foto em 2011	95
Figura 51 – Detalhes de elementos arquitetônicos presentes na fachada do Palacete. Foto de 2011	96
Figura 52 – Detalhes da cancela do vestíbulo do Palacete. Foto de 2011	97
Figuras 53 e 54 – Detalhes de cancelas presentes nas fachadas de edificações localizadas no município de São Vicente do Sul e São Borja. Fotos de 2009	97
Figura 55 – Edificação localizada no interior do município de Santiago, foto em 2008	99
Figura 56 – Edificação localizada no interior do município de Santiago, foto em 2008	99
Figura 57 – Partido geral da Fazenda da Árvore	101
Figuras 58 e 59 – Planta baixa de uma “casa de morada-inteira” e planta baixa esquemática da casa sede da Fazenda da Árvore	102
Figura 60 – Planta baixa esquemática da casa sede da Fazenda da Árvore, em sua disposição original	103
Figura 61 – Detalhe do piso original da edificação em pedra grês, ainda encontrado no pátio de serviço, foto em 2011	105
Figura 62 – Evolução da casa brasileira, segundo Lucio Costa	107
Figura 63 – Detalhes de elementos arquitetônicos existentes na fachada da edificação, foto em 2008	108

Figura 64 – Demarcação de tramo (parte hachurada) na fachada da edificação, foto em 2008	108
Figura 65 – Fachada da edificação, mostrando sua influencia na tipologia de casa de morada inteira foto em 2011	109
Figura 66 – Edificação localizada na Rua Osvaldo Aranha n. 576, foto em 2010	110
Figura 67 - Edificação localizada na Rua Osvaldo Aranha nº 576 em 2010	111
Figura 68 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 06 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	112
Figura 69 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	112
Figura 70 – Detalhe do forro encabeirado em madeira, foto em 2011	113
Figura 71 – Detalhe do assoalho trespessado, foto em 2011	114
Figura 72 – Detalhe das portas internas da edificação, foto em 2011	115
Figura 73 – Detalhe das esquadrias da edificação com bandeiras fixas, foto em 2011	115
Figura 74 – Planta baixa esquemática da edificação. Em destaque a planta baixa esquemática original da época de construção	116
Figura 75 – Detalhe do suposto cofre existente na edificação, foto em 2011	117
Figura 76 – Fachada principal da edificação localizada na Rua Osvaldo Aranha nº 576 em 2010	118
Figura 77 – Detalhe do embasamento da edificação, foto em 2010	119
Figura 78 – Detalhe da gateira existente na edificação, foto em 2010	120
Figura 79 – Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 518 , foto em 2010	121
Figura 80 - Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 518, foto em 2010	121
Figura 81 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 07 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	122
Figura 82 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	123
Figura 83 – Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 518, foto em 2010	124
Figura 84 – Esquema de Planta baixa da edificação	125
Figura 85 – Detalhe dos adornos da fachada principal da edificação, foto em 2011	126
Figura 86 – Detalhes decorativos da fachada principal da edificação, foto em 2011	127

Figura 87 – Edificação localizada na Rua Júlio de Castilhos nº 621, foto em 2010	128
Figura 88 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 08 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	129
Figura 89 – Planta esquemática da implantação da edificação no lote	129
Figura 90 – Detalhe do assoalho da edificação, foto em 2011	130
Figura 91 – Detalhe do forro da edificação, com encaixe saia-camisa, foto em 2011	131
Figura 92 – Detalhe do forro da edificação, com encaixe saia-camisa, foto em 2011	131
Figura 93 - Detalhe de porta interna da edificação, foto em 2011	132
Figura 94 – Planta baixa esquemática da edificação	133
Figura 95 – Foto do avarandado que está voltado para um jardim lateral, foto em 2011	134
Figura 96 – Planta baixa esquemática de uma casa de morada-inteira	134
Figuras 97 e 98 – Plantas baixas esquemáticas do prédio em estudo e da casa de morada-inteira	135
Figuras 99 e 100 – Tipologia arquitetônica da casa do Período Colonial Brasileiro, casa meia-morada e casa morada-inteira	136
Figura 101 – Edificação localizada na Rua Júlio de Castilhos nº 621, foto em 2010	137
Figura 102 - Detalhes de fachada da edificação, foto em 2011	137
Figura 103 – Edificação localizada na Rua Benjamin Constante nº 343, 353, 365, foto em 2010	138
Figura 104 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 09 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	139
Figura 105 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	139
Figura 106 – Detalhe do assoalho paralelo, foto em 2011	141
Figura 107 – Detalhe dos pisos de ladrilho hidráulico, foto em 2011	141
Figura 108 – Planta baixa esquemática da edificação	142
Figura 109 – Provável planta baixa esquemática das salas comerciais da edificação	142
Figura 110 – Fachada da edificação, foto em 2010	144

Figura 111 – Edificação localizada na Rua Sete de Setembro nº 89, foto em 2011	144
Figura 112 – Foto da Casa Piva em Santiago, na década de 1930, sendo possível visualizarmos a residência e o comércio da família	145
Figura 113 – Foto da Família Piva em frente a sua residência, no final da década de 1920	146
Figura 114 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 10 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	147
Figura 115 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	148
Figura 116 - Foto do detalhe do forro em gesso da edificação, foto em 2011	149
Figura 117 – Portas internas da edificação, foto em 2011	150
Figura 118 – Detalhe da cancela que permite o acesso ao setor de serviço da edificação	151
Figura 119 – Planta baixa esquemática da edificação	152
Figura 120 – Fachada da edificação localizada na Rua Sete de Setembro nº 89, foto em 2011	153
Figura 121 – Detalhes do frontão que demarca o acesso principal da edificação, foto em 2011	154
Figura 122 – Detalhe do balcão e gateiras existentes na edificação, foto em 2011	154
Figura 123 – Detalhe do muro existente ao lado da edificação que cerca o terreno, foto em 2011	155
Figura 124 – Edificação localizada na esquina entre as Ruas Tito Becon e Duque de Caxias, foto em 2010	156
Figura 125 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 11 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	157
Figura 126 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	158
Figura 127 – Detalhe do piso em ladrilho hidráulico encontrado nos ambientes de serviço, foto em 2011	158
Figura 128 – Detalhe do piso em ladrilho hidráulico encontrado nos ambientes de serviço, foto em 2011	158
Figura 129 – Planta baixa esquemática da edificação	160
Figura 130 – Fachada da edificação localizada na esquina entre as Ruas Tito Becon e Duque de Caxias, foto em 2010	160

Figura 131 – Detalhe das esquadrias com bandeira fixas encontradas na edificação	161
Figura 132 – Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 578, foto em 2011	162
Figura 133 – Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 578, foto em 2011	163
Figura 134 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 12 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	164
Figura 135 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	164
Figura 136 – Detalhe do tabuão e ladrilho hidráulico, foto em 2011	165
Figura 137 - Detalhe das portas externas da edificação com a presença de bandeiras	166
Figura 138 – Planta baixa esquemática da edificação até 2009	167
Figura 139 – Planta baixa esquemática da edificação atualmente – 2011	168
Figura 140 – Detalhes da fachada da edificação	169
Figura 141 – Detalhes da fachada da edificação	169
Figura 142 – Edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1793, foto em 2010	170
Figura 143 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 13 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	171
Figura 144 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	171
Figura 145 – Planta baixa esquemática da edificação	172
Figura 146 – Foto antiga da edificação, ano indeterminado	173
Figura 147 – Fachada da edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1793, foto em 2010	174
Figura 148 - Detalhe dos elementos que compõem a fachada da edificação, foto em 2010	175
Figura 149 - Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 2007 e 2017, foto em 2010	176
Figura 150 – Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 2007 e 2017, foto em 2010	176
Figura 151 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 14 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	177
Figura 152 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 14 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	178
Figura 153 – Detalhe do assoalho trespassado da edificação, foto em 2011	179

Figura 154 – Planta baixa esquemática da edificação localizada na Rua Tito Becon, nº 2007 e 2017	180
Figura 155 – Elementos decorativos da fachada da edificação	181
Figura 156 – Edificação da Estação Ferroviária de Santiago, foto em 2009	182
Figura 157 – Edificação da Estação Ferroviária de Santiago, foto em 2008	183
Figura 158 – Edificação da Estação Ferroviária de Santiago, foto em 2008	183
Figura 159 – Detalhes arquitetônicos da Estação Ferroviária de Santiago, foto em 2008	184
Figura 160 – Chegada da primeira locomotiva na Vila de Santiago do Boqueirão, foto em 1936	185
Figura 161 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 15 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	186
Figura 162 – Planta esquemática de implantação da vila ferroviária no município de Santiago – RS, com legenda que mostra a localização dos elementos que a compõem	187
Figura 163 – Planta baixa da edificação da Estação ferroviária de Santiago – Pavimento térreo	189
Figura 164 – Planta baixa da edificação da Estação ferroviária de Santiago – Pavimento superior	189
Figura 165 – Fachada frontal da Estação ferroviária de Santiago	190
Figura 166 – Edificação existente na Vila Ferroviária de Santiago – Casa de funcionário, foto em 2012	191
Figura 167 – Edificação existente na Vila Ferroviária de Santiago – Casa de funcionário, foto em 2012	192
Figura 168 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	193
Figura 169 – Técnica construtiva da edificação, tábuas fixadas na vertical com mata-junta nas frestas, foto 2011	195
Figura 170 – Edificação existente na Vila Ferroviária de Santiago – Casa do engenheiro, foto em 2012	196
Figura 171 – Planta baixa esquemática da edificação em 2012	197
Figura 172 – Muros laterais que cercam o lote, foto em 2012	197
Figura 173 – Edificação localizada na Rua Pinheiro Machado nº 2010, foto em 2010	200

Figura 174 – Entorno da Praça Moisés Viana, na cidade de Santiago, RS , foto em 1947	201
Figura 175 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 17 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	201
Figura 176 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	202
Figura 177 – Plantas Baixas da edificação, elaborada para a construção em 1936	203
Figura 178 – Plantas baixas esquemáticas da edificação, em 2011	204
Figura 179 – Detalhe do assoalho do tipo paulista encontrado na edificação, foto em 2011	205
Figura 180 – Detalhe do piso em ladrilho hidráulico encontrado na edificação, foto em 2011	205
Figura 181 – Telhas francesas - originais da edificação na edificação, foto em 2011	206
Figura 182 – Fachada da edificação, foto em 1937	207
Figura 183 – Fachada da edificação, foto em 2010	207
Figura 184 – Edificação localizada na Avenida Júlio de Castilhos nº 387, foto em 2010	209
Figura 185 – Edificação localizada na Avenida Júlio de Castilhos nº 387, foto em 2010	210
Figura 186 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 17 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	211
Figura 187 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	211
Figura 188– Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento térreo	213
Figura 189 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento superior	213
Figura 190 – Edificação localizada na Rua Antônio dos Anjos nº 296, Pelotas – RS	214
Figura 191 – Fachada da edificação localizada na Avenida Júlio de Castilhos nº 387, foto em 2010	215
Figura 192 – Edificação localizada na Avenida Julio de Castilhos nº 503, foto em 2011	216
Figura 193 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 18 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	217
Figura 194 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	218

Figura 195 – Planta Baixa esquemática – Pavimento térreo, imagem mostrando a composição da forma da edificação	219
Figura 196 – Planta Baixa esquemática da edificação – Pavimento superior	220
Figura 197 – Detalhe do forro em madeira encontrado na edificação, foto em 2011	221
Figura 198 – Detalhe do volume cilíndrico presente na fachada principal da edificação, foto em 2011	222
Figura 199 – Detalhe dos elementos de destaque na fachada da edificação, foto em 2011	222
Figura 200 – Edificação localizada na Rua Duque de Caxias nº 792, foto em 2011	224
Figura 201 – Edificação localizada na Rua Duque de Caxias nº 792, foto em 2011	225
Figura 202 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 19 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	226
Figura 203 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	227
Figura 204 – Detalhe do ladrilho encontrado na edificação, foto em 2011	228
Figura 205 – Detalhe dos pisos em tacos de madeira da edificação, foto em 2011	228
Figura 206 – Detalhe das esquadrias da edificação - parte externa, foto em 2011	229
Figura 207 – Detalhe das esquadrias da edificação - parte interna, foto em 2011	229
Figura 208 – Planta baixa esquemática da edificação	230
Figura 209 – Detalhes da fachada da edificação	231
Figura 210 – Edificação localizada na Avenida Julio de Castilhos nº 47, foto em 2011	232
Figura 211 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 20 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	233
Figura 212 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	234
Figura 213 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento Térreo	235
Figura 214 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento Superior	236
Figura 215 – Fachada da edificação localizada na Avenida Julio de Castilhos, nº 47, foto em 2010	237

Figura 216 – Fachada do projeto da edificação localizada na Avenida Julio de Castilhos nº 47, foto em 2010	237
Figura 217 – Detalhe da fachada da edificação localizada na Avenida Julio de Castilhos nº 47, foto em 2010	238
Figura 218 – Edificação localizada entre as Ruas Tito Becon e Pinheiro Machado nº 1784 e 1951, foto em 2010	239
Figura 219 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 21 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	240
Figura 220 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	241
Figura 221 – Planta baixa da edificação – Pavimento térreo	242
Figura 222 – Planta baixa da edificação – Pavimento superior	243
Figura 223 – Projeto da fachada da edificação localizada entre as Ruas Tito Becon e Pinheiro Machado nº 1784 e 1951, foto em 2010	244
Figura 224 – Detalhes da fachada da edificação, foto em 2010	245
Figura 225 – Edificação localizada na Rua Pinheiro Machado nº 1898, foto em 2011	246
Figura 226 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 22 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	247
Figura 227 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	248
Figura 228 – Planta baixa esquemática da edificação	249
Figura 229 – Fachada da edificação localizada na Rua Pinheiro Machado nº 1898, foto 2011	249
Figura 230 – Edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1470, foto em 2011	250
Figura 231 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 23 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	251
Figura 232 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	251
Figura 233 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento Térreo	253
Figura 234 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento Superior	253
Figura 235 – Fachada da edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas, nº 1470	254
Figura 236 – Edificação na Rua Tito Becon nº 2092, foto em 2011	255
Figura 237 – Edificação na Rua Tito Becon nº 2092, foto em 2011	255
Figura 238 – Edificação na Rua Tito Becon nº 2092, foto em 2011	256

Figura 239 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 24 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	257
Figura 240 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	257
Figura 241 – Edificação na Rua Tito Becon nº 2092, foto em 2011	258
Figura 242 – Edificação existente na Argentina, construída pelo arquiteto Carlos Vilar	258
Figuras 243 e 244 – Plantas baixas da edificação projetada por Carlos Vilar	260
Figuras 245 e 246 – Plantas baixas esquemáticas da edificação projetada por Luiz Bollick	261
Figura 247 – Edificação da Fazenda do Taquarembó, foto em 2010	263
Figura 248 – Edificação da Fazenda do Taquarembó, foto em 2010	263
Figura 249 – Detalhe da porta principal de entrada da edificação, foto em 2011 ..	266
Figura 250 – Detalhe do muro ainda existente no entorno da edificação, foto em 2011	267
Figura 251 – Planta baixa esquemática da edificação	269
Figura 252 – Fachada da edificação da Fazenda do Taquarembó, foto em 2011	270
Figura 253 – Detalhe no acabamento rústico das paredes da edificação, foto em 2011	270
Figura 254 – Edificação localizada na Rua Osvaldo Aranha nº 282, foto em 2010	271
Figura 255 – Edificação localizada na Rua Osvaldo Aranha nº 282, foto em 2010	271
Figura 256 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 26 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	272
Figura 257 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	273
Figura 258 – Piso em bloco cerâmico medindo 15X15 cm, encontrado nos banheiro e cozinha da edificação, foto em 2011	273
Figura 259 – Planta baixa esquemática da edificação, mostrando a setorização da mesma	275
Figura 260 – Fachada da edificação localizada na rua Osvaldo Aranha nº 282, foto em 2010	276
Figura 261 – Fachada da edificação localizada na Rua Osvaldo Aranha nº 282, foto em 2010	276

Figura 262 – Perspectiva do projeto da edificação	277
Figura 263 – Parede da lareira decorada com pedras aplicadas na argamassa, foto em 2011	277
Figura 264 – Edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1705, foto em 2010	278
Figura 265 – Edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1705, foto em 2010	278
Figura 266 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 27 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	279
Figura 267- Planta esquemática de implantação da edificação no lote	280
Figura 268 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento térreo	281
Figura 269 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento superior	282
Figura 270 – Fachada da edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas, nº 1705, foto em 2010	283
Figura 271 – Edificação localizada na Avenida Getulio Vargas nº 2095, foto em 2011	284
Figura 272 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 28 no núcleo urbano do município de Santiago, RS	285
Figura 273 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote	285
Figura 274 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento Térreo	286
Figura 275 – Planta baixa esquemática da edificação – Primeiro Pavimento	287
Figura 276 – Planta baixa esquemática da edificação – Segundo Pavimento	288
Figura 277 – Síntese dos resultados do levantamento 2.1 ao 2.5	298
Figura 278 – Síntese dos resultados do levantamento 2.6 ao 2.10	299
Figura 279 – Síntese dos resultados do levantamento 2.11 ao 2.15	300
Figura 280 – Síntese dos resultados do levantamento 2.16 ao 2.20	301
Figura 281 – Síntese dos resultados do levantamento 2.21 ao 2.25	302
Figura 282 – Síntese dos resultados do levantamento 2.22 ao 2.28	303

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	24
CAPÍTULO I	37
1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	37
1.1 Revisão da Literatura	37
1.2 Referencial metodológico e procedimentos	49
CAPÍTULO II	56
2 LEVANTAMENTOS	56
2.1 Edificação localizada na Rua Julio de Castilhos nº 1522	56
2.1.1 Levantamento Fotográfico	56
2.1.2 Descrição histórica	57
2.1.3 Análise arquitetônica	58
2.2 Edificação localizada na Rua Pinheiro Machado, número 2063	64
2.2.1 Levantamento Fotográfico	64
2.2.2 Descrição histórica	65
2.2.3 Análise arquitetônica	65
2.3 Edificação localizada na Rua Duque de Caxias, s/nº	71
2.3.1 Levantamento Fotográfico	71
2.3.2 Descrição histórica	71
2.3.3 Análise arquitetônica	72
2.4 Palacete localizado na Rua Pinheiro Machado, nº 1984	78
2.4.1 Levantamento Fotográfico	78
2.4.2 Descrição histórica	79
2.4.3 Análise arquitetônica	80
2.5 Edificação localizada na Fazenda da Árvore	99
2.5.1 Levantamento Fotográfico	99
2.5.2 Descrição histórica	100
2.5.3 Análise arquitetônica	100
2.6 Edificação localizada na Rua Osvaldo Aranha nº 576	110

2.6.1 Levantamento Fotográfico	110
2.6.2 Descrição histórica	111
2.6.3 Análise arquitetônica	111
2.7 Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 518	121
2.7.1 Levantamento Fotográfico	121
2.7.2 Descrição histórica	122
2.7.3 Análise arquitetônica	122
2.8 Edificação localizada na Rua Júlio de Castilhos nº 621	128
2.8.1 Levantamento Fotográfico	128
2.8.2 Descrição histórica	128
2.8.3 Análise arquitetônica	128
2.9 Edificação localizada na Rua Benjamin Constant nº 345, 353, 365	138
2.9.1 Levantamento Fotográfico	138
2.9.2 Descrição histórica	138
2.9.3 Análise arquitetônica	139
2.10 Edificação localizada na Rua Sete de Setembro nº 89	144
2.10.1 Levantamento Fotográfico	144
2.10.2 Descrição histórica	145
2.10.3 Análise arquitetônica	147
2.11 Edificação localizada na esquina entre as Ruas Tito Becon e Duque de Caxias nº 861	156
2.11.1 Levantamento Fotográfico	156
2.11.2 Descrição histórica	156
2.11.3 Análise arquitetônica	157
2.12 Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 578	162
2.12.1 Levantamento Fotográfico	162
2.12.2 Descrição histórica	163
2.12.3 Análise arquitetônica	163
2.13 Edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1793	170
2.13.1 Levantamento Fotográfico	170
2.13.2 Descrição histórica	170
2.13.3 Análise arquitetônica	170
2.14 Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 2007 e 2017	176
2.14.1 Levantamento Fotográfico	176

2.14.2	Descrição histórica	177
2.14.3	Análise arquitetônica	177
2.15	Levantamento da Estação Ferroviária de Santiago	182
2.15.1	Levantamento Fotográfico	182
2.15.2	Descrição histórica	184
2.15.3	Análise arquitetônica	185
2.16	Edificação residencial ferroviária	191
2.16.1	Levantamento Fotográfico	191
2.16.2	Descrição histórica	192
2.16.3	Análise Arquitetônica	192
2.17	Edificação localizada na Rua Pinheiro Machado nº 2010	199
2.17.1	Levantamento Fotográfico	199
2.17.2	Descrição histórica	200
2.17.3	Análise arquitetônica	200
2.18	Edificação localizada na Avenida Júlio de Castilhos nº 387	209
2.18.1	Levantamento Fotográfico	209
2.18.2	Descrição histórica	210
2.18.3	Análise arquitetônica	210
2.19	Edificação localizada na Avenida Julio de Castilhos nº 503	216
2.19.1	Levantamento Fotográfico	216
2.19.2	Descrição histórica	216
2.19.3	Análise arquitetônica	217
2.20	Edificação localizada na Rua Duque de Caxias nº 792	224
2.20.1	Levantamento Fotográfico	224
2.20.2	Descrição histórica	225
2.20.3	Análise arquitetônica	225
2.21	Edificação localizada na Avenida Julio de Castilhos nº 47	332
2.21.1	Levantamento Fotográfico	232
2.21.2	Descrição histórica	232
2.21.3	Análise arquitetônica	233
2.22	Levantamento de edificação localizada entre as Ruas Tito Becon e Pinheiro Machado nº 1784 – 1951	239
2.22.1	Levantamento Fotográfico	239

2.22.2 Descrição histórica	239
2.22.3 Análise arquitetônica	240
2.23 Edificação localizada na Rua Pinheiro Machado nº 1898	246
2.23.1 Levantamento Fotográfico	246
2.23.2 Descrição histórica	246
2.23.3 Análise arquitetônica	246
2.24 Edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1470	250
2.24.1 Levantamento Fotográfico	250
2.24.2 Descrição histórica	250
2.24.3 Análise arquitetônica	250
2.25 Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 2092	255
2.25.1 Levantamento Fotográfico	255
2.25.2 Descrição histórica	256
2.25.3 Análise arquitetônica	256
2.26 Edificação da Fazenda do Taquarembó	263
2.26.1 Levantamento Fotográfico	263
2.26.2 Descrição histórica	264
2.26.3 Análise arquitetônica	265
2.27 Edificação localizada na Rua Osvaldo Aranha nº 282	271
2.27.1 Levantamento Fotográfico	271
2.27.2 Descrição histórica	272
2.27.3 Análise arquitetônica	272
2.28 Edificação localizada na Avenida Getulio Vargas nº 1705	278
2.28.1 Levantamento Fotográfico	278
2.28.2 Descrição histórica	279
2.28.3 Análise arquitetônica	279
2.29 Edificação localizada na Avenida Getulio Vargas nº 2095	284
2.29.1 Levantamento Fotográfico	284
2.29.2 Descrição histórica	284
2.29.3 Análise arquitetônica	284

III CAPÍTULO	290
3 RESULTADO DOS LEVANTAMENTOS	290
CONSIDERAÇÕES FINAIS	304
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	308
ANEXO A	313

INTRODUÇÃO

Esta dissertação irá abordar como tema o “Patrimônio Arquitetônico de Santiago, Rio Grande do Sul: Identificação e Valoração”, onde será feito o levantamento e respectiva identificação das obras que integram este patrimônio arquitetônico no município, num período correspondente desde suas primeiras ocupações, no século XIX, até os dias atuais.

Acreditamos que o município de Santiago seja rico em bens edificados que possuem tanto valor histórico como arquitetônico. Existem de fato, diversas edificações de importante significado na formação histórica e identidade cultural local, assim como inúmeras edificações representantes de diversas linguagens arquitetônicas. No entanto, até o momento, a consciência crítica para a preservação desses bens infelizmente ainda não foi despertada.

Avaliamos que a falta de conhecimento a respeito dos aspectos históricos e culturais imbricados ao patrimônio arquitetônico do município vem gerando uma série de conseqüências danosas à sociedade santiagoense. O acervo arquitetônico existente, detentor de referências históricas sobre o município, vem sendo perdido e esquecido, existindo poucas iniciativas concretas tomadas pelo poder público local e pela sociedade em geral para viabilizar a sua proteção e conservação. A destruição do patrimônio arquitetônico santiagoense é um fato comum, que vem ocorrendo ao longo da trajetória do município, o que comprova que Santiago não tem sabido enfrentar seu paradoxo: ser “moderna” e, ao mesmo tempo, manter-se fiel à sua memória, a sua identidade e a seu passado.

Pelas figuras mostradas a seguir (fig. 01, 02 e 03), é possível percebermos que muito do patrimônio arquitetônico já foi perdido, diversas demolições, sem justificativa, atingiram edificações bastante representativas para o município, para sua memória histórico-cultural. A figura 01 é uma fotografia da primeira Igreja Matriz de Santiago, que foi demolida em 1925. No local de primeira foi construída a segunda Igreja Matriz (conforme fig. 02) que também foi demolida anos mais tarde, em 1983. Outra edificação de carga histórica importante para o município foi o primeiro prédio da prefeitura municipal de Santiago (conforme fig. 03) que também foi demolido para dar espaço a um novo edifício.



Figura 01 – Foto da Primeira Igreja Matriz de Santiago, demolida em 1925
Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador Fábio Monteiro



Figura 02 – Foto da Segunda Igreja Matriz de Santiago, construída no local da primeira, e demolida em 1983
Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador Fábio Monteiro



Figura 03 – Foto do prédio da Prefeitura Municipal de Santiago em 1960, que foi demolido e neste espaço construído novo prédio.

Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador Fábio Monteiro

Nos últimos anos, a questão tem se agravado ainda mais, visto que a ascensão da construção civil tem alterado, significativamente, a paisagem urbana do município, sendo possível constatar que muitas edificações históricas já foram demolidas para dar lugar a novas edificações verticalizadas.

Vale salientar, que até o momento, não há nenhuma edificação tombada no município. Sendo possível destacarmos apenas um processo de catalogação que está sendo realizado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em uma edificação que será abordada nesta dissertação, o prédio da Estação Ferroviária de Santiago. De acordo com o poder municipal, o processo de tombamento desta, encontra-se em desenvolvimento e provavelmente esta possa ser a primeira edificação a ser tombada no município. Mas este é apenas o primeiro passo dado frente a uma longa trajetória marcada por muitas demolições de edificações que julgamos detentoras de valores patrimoniais no município de Santiago.

Portanto, diante deste quadro nos motivamos a entender o porquê destas ações e, assim, passou-se a indagar sobre a relevância deste patrimônio para a sociedade santiaguense.

Acreditamos que tal atitude somente poderá ser modificada a partir de uma maior compreensão a respeito do valor ou significado simbólico atribuído às obras edificadas do passado, visto que estas são incluídas como um produto cultural da

sociedade ao longo dos tempos e servem como suporte importante para a manutenção da identidade cultural e memória coletiva.

De acordo com Vila do Porto Santa Maria¹,

Os imóveis antigos, ainda hoje existentes, constituem potencial meios para o estudo de sua história e de sua identidade cultural, na medida em que encerram em si expressões materiais e do domínio das mentalidades de relevantes dimensão e importância.

Sendo assim, como profissional atuante na área de arquitetura, a escolha por este tema concentra-se no sentido de expor a importância da identificação e valorização do patrimônio arquitetônico existente no município de Santiago, para evitar que outras edificações de valor patrimonial sejam demolidas. Mas, também se concentra na vontade de registrar o patrimônio arquitetônico de Santiago/ RS, como vertente importante na manutenção de nossa memória coletiva, visto que no momento em que o patrimônio arquitetônico é tratado com indiferença pela sociedade ou sem receber a sua devida importância, acaba afetando a memória coletiva e a transmissão do conhecimento para as futuras gerações, já que a memória é parte constituinte da identidade, sendo que através dela o indivíduo (re)vivencia experiências, dialogando com a sociedade à qual pertence.

De acordo com Bosco², no processo de construção da identidade local, o potencial histórico do patrimônio edificado nas áreas urbanas das cidades constitui-se num dos elementos fundamentais à memória desse ambiente construído e os diversos estilos arquitetônicos, que representam o pensamento e o comportamento de uma época, são uma das bases da memória social.

Estabelecendo a relação direta do patrimônio arquitetônico com a memória social, é possível compreendermos que a identificação e preservação do patrimônio arquitetônico estão vinculadas diretamente com a importância da preservação da nossa identidade, à persistência de nossas vidas e da sociedade. Portanto, se não houver o reconhecimento e a preservação do patrimônio arquitetônico, não conseguiremos atingir o entendimento de nós mesmos.

¹ **Vila do Porto Santa Maria:** Inventário do patrimônio imóvel dos Açores. Açores: Instituto açoriano de Cultura, 2005. p. 41.

² BOSCO, João Urt Delvizio. **Patrimônio arquitetônico de Corumbá:** Um olhar sobre a Arquitetura Moderna na perspectiva da memória e desenvolvimento local. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Local. Campo Grande: Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Local, Universidade Católica Dom Bosco, 2004. p.10.

Assim, é importante que, ao se constatar a existência de patrimônio arquitetônico no município de Santiago, seja possível compreender como se deu a formação do município e entender de que forma ocorreu sua trajetória histórica. Neste sentido, há uma grande contribuição dos escritores e historiadores santiaguenses que em suas obras definiram diversas fases importantes nesta trajetória histórica. No entanto, se desconhece as edificações que possam representar materialmente estas fases.

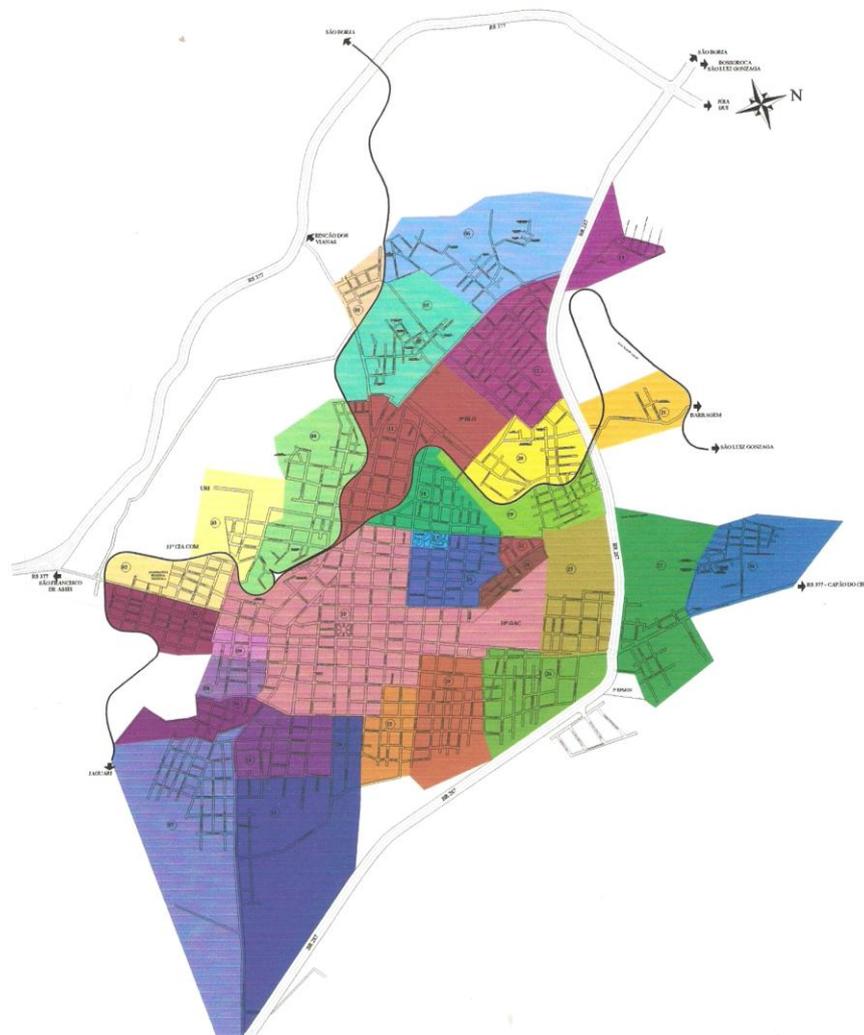
Atualmente o município de Santiago possui, de acordo com dados do IBGE 2010, 49.071 habitantes. Sendo que 91,16% da população encontra-se no meio urbano e 8,84 está localizada no meio rural. Possui uma área total de extensão de 2.413 km². E está localizado no estado do Rio Grande do Sul, na Microregião do Vale do Jaguari, juntamente com outros oito municípios (Cacequi, Capão do Cipó, Jaguari, Mata, Nova Esperança do Sul, São Francisco de Assis, São Vicente e Unistalda) conforme ilustra a figura 04.



Figura 04 – Foto da localização do município de Santiago, no mapa do Rio Grande do Sul
Fonte: Site IBGE

A área urbana do município é formada por 32 bairros, estes são: Bairro Missões, Belizário, São Vicente, Itu, Vista Alegre, Guabiroba, Alto da Boa Vista, Jardim das Paineiras, Jardim das Palmeiras, Jardim dos Eucaliptos, Centro, Vila Nova, Vila Rica, Atalaia, Maria Alice Gomes, Zamparetti, Santiago Pompeo, Irmã Dulce, Nei Pereira, Carlos Humberto, Eletricitários, Riachuelo, Lulu Genro, João

Goulart, Bairro Gaspar Dutra, São Jorge, Monsenhor Assis, Ana Bonato, Céu Aberto, Castilhos, João Evangelista, Daer. A figura a seguir (figura 05) mostra o mapa da cidade de Santiago com a divisão dos bairros.



LEGENDA:

01 - BAIRRO MISSÕES	17 - BAIRRO IRMÃ DULCE
02 - BAIRRO BELIZÁRIO	18 - BAIRRO NEI PEREIRA
03 - BAIRRO SÃO VICENTE	19 - BAIRRO JARDIM DOS EUCALIPTOS
04 - BAIRRO ITU	20 - BAIRRO CARLOS HUMBERTO
05 - BAIRRO VISTA ALEGRE	21 - BAIRRO ELETRECIÁRIOS
06 - BAIRRO GUABIROBA	22 - BAIRRO RIACHUELO
07 - BAIRRO ALTO DA BOA VISTA	23 - BAIRRO LULU GENRO
08 - BAIRRO JARDIM DAS PAINEIRAS	24 - BAIRRO JOÃO GOULART
09 - BAIRRO JARDIM DAS PALMEIRAS	25 - BAIRRO GASPAR DUTRA
10 - BAIRRO CENTRO	26 - BAIRRO SÃO JORGE
11 - BAIRRO VILA NOVA	27 - BAIRRO MONSENHOR ASSIS
12 - BAIRRO VILA RICA	28 - BAIRRO ANA BONATO
13 - BAIRRO ATALAIA	29 - BAIRRO CÉU ABERTO
14 - BAIRRO MARIA ALICE GOMES	30 - BAIRRO CASTILHOS
15 - BAIRRO ZAMPERETTI	31 - BAIRRO JOÃO EVANGELISTA
16 - BAIRRO SANTIAGO POMPEO	32 - BAIRRO DAER

Figura 05 – Mapa da cidade de Santiago, com a divisão de bairros
 Fonte: Prefeitura Municipal de Santiago – Mapas do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, 2006.

Com relação ao traçado viário da cidade, este se caracteriza por configura-se na forma de tabuleiro de xadrez, formando uma malha urbana quadricular. Esta malha não é totalmente uniforme, sendo que há quadras com diferentes medidas, mas no geral estas quadras medem 100x100m².

De acordo com o historiador Valdir Amaral Pinto a origem do município é jesuítica, e foi dado em homenagem ao Santo Católico: São Thiago. Conforme o autor, os jesuítas edificaram trinta e três reduções em nosso território, e vinte e uma capelas, sendo que a Capela de número quinze, chamava-se “Capela de São Thiago”, no local do Distrito de São Xavier. Santiago em sua marcha evolutiva foi chamado de "Povinho" até 26 de dezembro de 1866, quando passou a ser designada “Freguesia de São Thiago do Boqueirão”; depois passou a ser conhecido como “Vila” até 4 de janeiro de 1884, e, finalmente elevada à categoria de cidade, em 31 de março de 1938. Ainda de acordo com o historiador Valdir Amaral Pinto, a localidade de Santiago tem suas primeiras referências em 1629, quando o interior do Brasil era praticamente desabitado. No século seguinte, a região atuava como um ponto de passagem de carreteiros e tropeiros, confirmando a importância de sua localização no comércio entre o Brasil e o Prata. Porém, somente no século XIX, pelo que se têm referências, foi que surgiram os primeiros ocupantes desta localidade. De acordo com o historiador, em 1834, Arsène Isabelle, diplomata francês radicado em Montevideu, em viagem pelas regiões missioneiras, refere-se à localidade de Santiago do Boqueirão, em que registra a existência de três ou quatro chácaras e estâncias, localizadas às cabeceiras de um riacho cristalino, que seria o Rio Itu, cujas nascentes estão na cidade de Santiago. Pressupõe-se que estas edificações não mais existam, e acredita-se que não haja mais edificações representativas deste período histórico que corresponde do século XVII a meados do século XIX. Posteriormente, em 1856, segundo Silveira³, de acordo com relatos de um pernambucano que viera ao Rio Grande do Sul como Juiz de Direito, o município de Santiago era ocupado por estabelecimentos de criação de gado, sendo notáveis dez grandes propriedades e muitas outras de menor porte, com a extensão entre 4.356 hectares até 1089 hectares, principalmente sobre os matos às margens do Rio Jaguari e sobre a serra de São Xavier. Ainda, em meados do século XIX,

³ SILVEIRA, Hemetério José Velloso. **As Missões Orientais e seus antigos domínios**. Porto Alegre: Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909. p. 464.

segundo Silveira⁴ no local onde era o povoado, que corresponde atualmente ao centro da cidade, havia apenas três casas, sendo uma do português Antônio José da Rocha com negócio em fazendas, molhados, ferragens e medicamentos. Aproximando-se do final do século XIX, com a construção de 40 casas, foi organizada a vila e construída a primeira igreja, no mesmo local da atual. A emancipação ocorreu em janeiro de 1884 e, no século seguinte a cidade já estava bastante organizada. Mas, de acordo com Machado⁵, as edificações existentes na vila de Santiago, neste período e, no que se refere a arquitetura habitacional, no geral eram construções simples, feitas de estuque, de pau-a-pique e adobe, sem argamassa de cal, sentados com barro. Como remanescentes deste período, podem ainda existir algumas edificações que tenham feito parte deste cenário, estas, pelo que se pode apurar, provavelmente tenham recebido as características citadas por Machado, com sendo construções simples e feitas com materiais bastante modestos.

À medida que a cidade ia crescendo, surgiu a preocupação com seu traçado viário, sendo feitas várias modificações na sua malha viária, o que resultou na demolição de muitas edificações que hoje estariam incluídas no conjunto de bens patrimoniais do município, no que menciona Pozo⁶:

(...) e agora já existem urbanistas, que a bom preço, vão demolindo quarteirões, fazendo desaparecer os tradicionais e românticos casarões, com sacadas floridas onde os Romeus vinham cantar as suas mágoas às Julietas de então, e elevando as alturas, os “arranha-céus”. Santiago, a exemplo de grandes cidades, também passará por remodelações e, então, desaparecerão essas ruas tortas (...)

Dentro desse contexto histórico, durante todo o século XX, a cidade de Santiago manteve-se atualizada com relação aos movimentos arquitetônicos e, desta forma, podem ser aqui encontrados diversos exemplares significativos das correntes arquitetônicas vigentes no país, neste período, como mostram Miranda e Brum⁷. De acordo com as autoras, é possível encontrarmos traços de arquitetura com uma linguagem “Arte Nova” em edificações inseridas no contexto urbano do município de Santiago:

⁴ SILVEIRA, Hemetério José Velloso. op. cit., p. 464.

⁵ MACHADO, Antônio Carlos. **Santiago, minha terra**. Porto Alegre, 1981. p.117.

⁶ POZO, Guirahy. **Um pouco da História de Santiago**. Porto Alegre, 1982. p. 27.

⁷ MIRANDA, Macklaine Miletho e BRUM, Nelci Fátima Denti (orgs.). **As relações arquitetônicas do Rio Grande do Sul com os países da Prata**. Santa Maria: Palloti, 2002. p. 223.

(...) na cidade de Santiago, interior do Rio Grande do Sul, observa-se um fato peculiar. No início do século XX, a cidade que não chegava a se destacar economicamente no estado, não tardou a entrar no processo de modernização. Em um levantamento cadastral constatou-se a existência de residências de médio porte, com apenas um pavimento, onde a decoração das fachadas segue as linhas decorativas do *art nouveau*. Uma delas, a principal possui linhas decorativas mais puras, ou seja, a modenatura sobre as esquadrias e a modelagem da platibanda estão baseadas nas formas naturais e curvas típicas da nova arte.

A edificação mostrada na figura 06 exemplifica este fato. A mesma foi construída em 1937, e demolida em 2009. Esta guardava traços da linguagem arquitetônica “Arte Nova” em sua fachada, sendo perceptível nos detalhes construtivos, como nas esquadrias com a utilização das linhas curvas, que se repetem na platibanda e nos elementos de massa. A edificação estava localizada na Rua Barão do Rio Branco, nesta cidade.



Figura 06 – Foto da edificação que guardava traços da arquitetura de linguagem “Arte Nova”, foto em 2008

Fonte: Foto da autora

Dois fatos foram bastante marcantes para o município no século XX, sendo que estes proporcionaram maior crescimento e desenvolvimento. Um deles ocorreu em 1921, quando o exército se estabeleceu definitivamente, neste local, iniciando a construção dos quartéis. O outro se refere à implantação da rede ferroviária no município em 1935, com a construção da Estação Ferroviária e da vila operária.

De acordo com Machado⁸, Santiago, em 1922, poderia ser definida como um núcleo urbano formado por uma avenida, quatro praças e vinte e seis ruas, entre as quais a Pinheiro Machado, a Venâncio Aires, a Bento Gonçalves, a Benjamin Constant e a General Canabarro. Ruas estas até hoje existentes com a mesma denominação. Na figura a seguir (fig. 07) é mostrada a Rua Pinheiro Machado, que contorna a praça principal da cidade: Praça Moisés Viana, por volta de 1920. Nesta podemos observar que neste período, a cidade dava seus primeiros passos para o desenvolvimento do núcleo urbano. Já sendo perceptível a existência de diversas edificações importantes no entorno da praça, como a Igreja Matriz da cidade.



Figura 07 – Foto da Rua Pinheiro Machado ao redor da Praça Moisés Viana, por volta de 1920
Fonte: Acervo fotográfico do historiador Valdir A. Pinto

Durante todo o século XX, principalmente a partir da segunda década do referido século, o município sofreu um elevado crescimento econômico o que resultou em um número bastante considerável de construções. Um fato interessante é que neste período começaram a aparecer construções mais elaboradas, com fachadas com uma decoração mais profunda, com espaços internos mais funcionais e, principalmente, construções que seguiam correntes arquitetônicas definidas, porém, estas construções até então, não foram devidamente estudadas.

Desta forma, a partir de tal questão, esta dissertação justifica-se na inexistência de estudos que tratem a respeito do patrimônio arquitetônico do município de Santiago. No entanto, o fator principal desta justificativa é a questão

⁸ MACHADO, Antônio Carlos. op. cit., p. 166.

dos historiadores já terem definido diversas fases da história do município, mas desconhecerem-se as características arquitetônicas que representam estas fases. A partir desse pensamento, é possível que, como profissionais da área, possamos vir a preencher essa lacuna.

Pela inexistência de trabalhos em que seja levantado e identificado o patrimônio arquitetônico do município de Santiago/RS, julgamos que a sociedade santiaguense desconhece o valor de seus bens patrimoniais edificados. No entanto, o município possui muitas edificações de valor patrimonial. Dentre estas, a existência de exemplares de antigas casas de estâncias e fazendas, edificações destinadas a uso residencial, comercial, educacional e religioso, caracterizadas por variadas concepções arquitetônicas, edificações destinadas a atividades militares, edificações implantadas pela rede ferroviária no município, assim como edificações mais atuais que, igualmente, representam o patrimônio arquitetônico do município.

A vida cotidiana demonstra que a falta de conhecimento a respeito do que é o patrimônio arquitetônico em Santiago, o mesmo esteja sendo dilapidado. O acervo arquitetônico, detentor de referências históricas e culturais do município, não está recebendo o cuidado necessário. Nesse sentido, muitos bens arquitetônicos já foram demolidos e existem poucas iniciativas concretas tomadas pelo poder público local e pela população em geral para viabilizar a proteção e conservação deste patrimônio arquitetônico. De acordo com Miranda e Brum⁹,

(...) Como tempo não volta atrás, importante é a consciência de que não há retorno possível para o que desapareceu. Os sinais da passagem do tempo não se fabricam ou se adquirem no comércio. O crescente valor de mercado das “antiguidades” demonstra que o tempo em si confere valor, e destruir o patrimônio é extinguir esse valor.

Desta forma, esta dissertação tem como objetivo geral fazer a identificação do que é patrimônio arquitetônico no município de Santiago, RS. E entre os objetivos específicos é possível destacarmos: identificação de obras e valores para saber o que é o patrimônio arquitetônico em Santiago, RS; incentivar a valorização, por parte da comunidade e gestores responsáveis pela administração municipal, da riqueza cultural e histórica do município, através do reconhecimento da importância do patrimônio arquitetônico como elemento cultural capaz de gerar e incentivar a

⁹ MIRANDA, Macklaine Miletho e BRUM, Nelci Fátima Denti (orgs.). op. cit., p. 37.

identidade local; destacar a importância do patrimônio arquitetônico de Santiago, RS, através do conhecimento da trajetória histórica do município.

A problematização desta dissertação está centrada na seguinte questão: O que é Patrimônio Arquitetônico no município de Santiago?

Diante disto, lança-se a seguinte hipótese: em cada fase importante da história do município de Santiago, foram construídas edificações representativas do momento, o qual a sociedade estava vivendo, caracterizando correntes arquitetônicas vigentes no cenário estadual, nacional ou internacional. Essas edificações materializaram períodos históricos; revelaram intenções plásticas, formais, tipológicas ou estilísticas. Tornaram-se desta forma, através de seus valores históricos e/ou artísticos patrimônio arquitetônico para o município de Santiago. Sendo assim, todas as edificações arquitetônicas responsáveis por constituírem um documento testemunhal e simbólico da história de uma sociedade, manifestando a evolução dos valores de uso e das formas de pensamento desta sociedade, são consideradas patrimônio arquitetônico. Supomos, então, que no município de Santiago seja possível encontrar diversos exemplares que são considerados patrimônio arquitetônico, necessitando serem devidamente reconhecidos e valorizados.

No que concerne às leituras teóricas e referenciais selecionados para nortearem a pesquisa, primeiramente debruçaremos-nos sobre uma abordagem histórica a respeito da origem do termo “patrimônio”. Posteriormente, buscaremos mostrar o que levou à preocupação com relação à preservação do patrimônio da sociedade e as primeiras iniciativas oficiais que passaram a ser tomadas a partir de 1930. Num segundo momento, iremos mostrar como esta questão chegou ao Brasil e como passou a ser encarada em nosso país, através da criação do SPHAN. Em seguida será destacado como o tema estava sendo tratado no meio internacional, onde eram realizados os diversos encontros promovidos pelos organismos internacionais, que geravam documentos nos quais eram inseridas considerações, resoluções e recomendações gerais sobre o trato a ser dado ao patrimônio, as chamadas Cartas Patrimoniais. No decorrer desse trabalho, será mostrada a evolução do conceito de “patrimônio”, até atingirmos a noção utilizada atualmente de patrimônio cultural. A partir daí, serão destacadas algumas conceituações para o tema, até chegarmos ao enfoque principal do referencial que será a delimitação do campo de estudo desta dissertação. A dissertação irá centrar seu estudo no

patrimônio arquitetônico, sendo que este está inserido dentro do grande conceito de Patrimônio Cultural, fazendo parte dos Bens Imóveis do Patrimônio Material, no qual estão incluídas as obras de arquitetura. A partir deste ponto, iremos abordar quais os critérios de atribuição de valor que serão utilizados para a valoração das edificações, a fim de caracterizá-las como patrimônio arquitetônico, com base teórica na publicação de Ana Lucia Goelzer Meira¹⁰, *O Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Rio Grande do Sul no século XX: atribuição de valores e critérios de intervenção*.

A respeito da metodologia adotada para o desenvolvimento do trabalho, basearemos-nos em pesquisas bibliográficas com vista ao conhecimento do tema. Posteriormente a pesquisa será dividida em duas partes: o levantamento de dados, com uma amostragem definida, e num segundo momento será feita a análise dos dados, gerando a valoração das edificações para, só então, classificá-las como patrimônio arquitetônico do município.

No que diz respeito à exposição, esta será estruturada em três capítulos principais. O primeiro capítulo tratará do referencial teórico metodológico utilizado pela pesquisa; no segundo capítulo iremos abordar os levantamentos, mostrando as edificações que serão estudadas, suas análises e valorações e no terceiro serão apresentados os resultados alcançados e as conclusões a que chegamos.

¹⁰ MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. **O patrimônio histórico e artístico no Rio Grande do Sul no século XX**. Atribuição de valores e critérios de intervenção. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre, 2008.

CAPÍTULO I

1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O tema de estudo desta dissertação insere-se na linha de pesquisa “Cidade, cultura e política” e está voltada para a área de estudo da Preservação Arquitetônica. Esta linha de pesquisa contempla os conhecimentos de história da arquitetura, as concepções sobre a mesma, as práticas sociais, as políticas públicas e as representações coletivas, expressas em discursos e imagens que se constituem historicamente sobre os espaços e as vivências que tem como marco a cidade.

1.1 Revisão da Literatura

Buscando identificar o surgimento do termo “patrimônio”, assim como as preocupações relacionadas a este, parte-se do princípio de que este tenha surgido na Europa, no início da Idade Moderna, mais especificamente no Renascimento Italiano, onde começou a configurar-se o valor ligado à memória, vinculado ao interesse artístico e histórico pelas obras da antiguidade clássica. As noções, neste período de monumento histórico e monumento artístico, eram restritas ao período clássico, sem a perspectiva de processos históricos e totalmente vinculadas aos interesses patrióticos dos herdeiros do Império Romano. Sendo que as obras relacionadas a outros períodos, como o gótico, por exemplo, eram consideradas produções imperfeitas e bárbaras. Da mesma forma, também no bojo das reformas protestantes, o termo “patrimônio” foi alvo de reflexões importantes, visto que, neste período, surgiram revoltas populares contra a ostentação de prédios eclesiásticos, os quais foram objetos de destruição. Isso, aliás, acabou fomentando uma reflexão sobre o valor destas obras.

É neste quadro que surgem as primeiras determinações oficiais, visando a proteção de monumentos como reação a vandalismos que estavam em curso. Assim, por exemplo, de acordo com Riegl¹¹, um documento oficial chamado “O

¹¹ RIEGL, Aloïs. *El Culto Moderno a los monumentos. Caracteres e origen. La basla de La Medusa, 7. Colección dirigida pos Valeriano Bozal*. Madri: Visor Distribuciones, S.A., 1987. p.35.

Breve de Paulo III”, de 1534, institui penas, multas e punições para os que destruíam obras consideradas como monumentos, o que não impediu que Urbano VIII mandasse demolir grande parte do Coliseu de Roma com a finalidade de construir palácios para seu próprio proveito.

Posteriormente, com a Revolução Francesa, no século XVIII, surgiram insurreições contra a hegemonia da Igreja e da aristocracia do Antigo Regime que se materializaram na destruição de templos, mosteiros, palácios e fortalezas. Estes movimentos tinham um forte viés iconoclasta que se materializou na destruição dos prédios simbólicos da Igreja Católica e do Antigo Regime. No caso francês, os atos de vandalismo e de destruição durante a Revolução Francesa contrariavam os ideais iluministas de acumulação e difusão do saber, de tal modo que o próprio governo revolucionário não só tratou de regulamentar a proteção aos bens confiscados do clero e da coroa, que passaram a ser considerados como propriedade da nação e de todos os cidadãos, como também passou a tomar iniciativas no sentido da restauração de suas partes depredadas. É nesta perspectiva de posse coletiva que leva ao uso do termo *patrimônio*, surgindo, então, a noção do termo *patrimônio histórico e artístico nacional*.

A institucionalização da preservação pelo Estado francês ocorreu efetivamente, portanto, sob o regime da Restauração dos Bourbon, em 1832, ano em que se concretiza a proposta do historiador Guizot com o cargo de Inspetor de Monumentos Históricos. Para este cargo foi designado o escritor Prosper Mérimé, que percorreu o país realizando um inventário dos bens e das atitudes da população em relação ao patrimônio. De acordo com Fonseca¹², o escritor norteava suas ações com o princípio de “descobrir o país através de sua paisagem histórica”.

De acordo com Kiesow¹³, na Alemanha, a preocupação com questão de definição, identificação e preservação do patrimônio surgiu em um período compreendido entre a Revolução Francesa de 1789 e a criação do primeiro cargo de Conservador dos Monumentos Culturais da Prússia. Este período foi marcado pela segunda maior fase de destruição de monumentos construídos depois da Guerra dos Tinta Anos. De acordo com o autor, a queda da monarquia absolutista da

¹² FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 2 ed. ver. ampl. Ed. UFRJ/Minc – IPHAN. 2005. p. 61.

¹³ KIESOW, Gottfried. **A preservação estatal de monumentos na Alemanha e sua política**. GÜNTER, Weimer (tradução). Porto Alegre: Gabinete de Estudos e Documentação da Arquitetura Brasileira, 1992. p.2-9.

França estava relacionada com um ódio radical a todas as representações da realeza e da Igreja. Inúmeros castelos e conventos tornam-se vítimas das massas revoltadas. Com isto surgiam alguns movimentos que buscavam divulgar a idéia de preservação dos bens culturais herdados. Então em 1818, foi emitida uma ordenação legal de preservação de monumentos, sendo que esta obrigava a Secretaria de Obras a estabelecer um registro das antigas obras que ainda existissem e que merecessem ser preservadas por seus méritos históricos ou artísticos. Provavelmente, esta tenha sido uma das primeiras iniciativas em âmbito mundial com relação à garantia de identificação e preservação do Patrimônio Arquitetônico.

Ainda de acordo com Kiesow¹⁴, o conceito de Patrimônio na Alemanha no decorrer do tempo foi evoluindo, assim, conseqüentemente, os critérios para preservação desses bens também passavam por este processo de evolução. No início, nas primeiras décadas do século XIX, era considerado patrimônio merecedor de preservação somente os grandes monumentos nacionais, como a catedral da Colônia, o castelo Marien da Prússia Oriental, o castelo de Wart em Eisenach, os grandes mosteiros e os magníficos palácios. Os monarcas do século XIX julgavam que somente a nobreza e o clero possuíam cultura e, por isso, somente os prédios públicos eclesiásticos e da nobreza eram protegidos e estes eram castelos, palácios, catedrais e repartições públicas. Somente em 1902, com a Lei de Hessen, passou-se a enquadrar no rol do patrimônio também as construções particulares como casas urbanas e rurais. No entanto, esta evolução na questão patrimonial foi interrompida no período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, visto que, neste período, a crise econômica mundial impossibilitou que este tema fosse tratado como de relevância.

A preservação do patrimônio no sentido de ações sociais, executadas por instituições públicas, juridicamente estabelecidas para cumprir esta função, pode ser considerada como uma prática recente. As primeiras diretrizes internacionais começaram a ser delineadas na década de 1930. De início, eram restritas aos países europeus e, aos poucos, expandiram-se por outros continentes e nesta expansão, também chegaram ao Brasil. Não só o número de adeptos das determinações internacionais foi crescendo, como também as demandas, diretrizes,

¹⁴ KIESOW, Gottfried. op. cit.

pressupostos e motivações foram e continuam sendo revistas, reavaliadas e ampliadas. Através de intensas transformações no mundo geradas através de guerras, mudanças nas relações internacionais, processos de descolonização e democratização, globalização, avanços tecnológicos, enfim, o ritmo da história, veio provocando constantes adaptações nas ações de preservação dos bens culturais. Com isto, acentuou-se nos “tempos modernos” a preocupação com a salvaguarda do nosso patrimônio, visto que a experiência transformadora da modernidade trouxe consigo a ameaça de destruição daquilo que se tinha, daquilo que se era, daquilo que se sabia. Foi vivido neste período o impacto da modernidade, onde os bens culturais estavam sob total ameaça frente ao “novo”. Desta forma, no século XX a preservação foi tomando um corpo que na Europa, ultrapassa os nacionalismos. As destruições causadas pelas duas grandes guerras e o crescimento intenso dos grandes centros urbanos são alguns dos motivos que impulsionaram as primeiras ações internacionais e que tornaram necessárias a revisão dos conceitos anteriores e definição clara de normas e procedimentos para a conservação dos prédios e cidades afetadas pelas guerras. Surgem, então, a UNESCO¹⁵ no pós Segunda Guerra Mundial, a OEA¹⁶ e a ICOMOS¹⁷.

Com esta expansão internacional sobre a questão do patrimônio, o tema começou a ganhar espaço no meio político-institucional brasileiro, a partir da década de 1920. Embora de acordo com Lemos¹⁸, ainda em meados do século XVIII, foi possível destacarmos o pioneirismo do Conde de Galveias, com sua manifestação que nos colocou à frente de muitos países com relação à questão da preservação do patrimônio. De acordo com o autor, aquele nobre português, em 5 de abril de 1742, escreveu ao governador de Pernambuco, Luís Pereira Freire de Andrade, uma carta lamentando demais o projeto que transformou o Palácio das Duas Torres, construído pelo Conde de Nassau, em quartel de tropas locais, pois, segundo ele, seria imprescindível a manutenção da integridade daquela obra holandesa, verdadeiro

¹⁵UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. O objetivo principal da UNESCO é contribuir para a paz e segurança mundial, fomentando a colaboração entre nações através da educação, ciência, cultura e comunicação.

¹⁶ OEA – Organização dos Estados Americanos foi criada com o objetivo de buscar soluções pacíficas para as questões sociais, econômicas e culturais do continente americano.

¹⁷ ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios tem como uma de suas atribuições o aconselhamento no que se refere aos bens que receberão classificação de Patrimônio Cultural da Humanidade. O ICOMOS foi criado em 1964, durante o II Congresso Internacional de Arquitetos, em Veneza, ocasião em que foi escrita a declaração internacional de princípios norteadores de todas as ações de restauro - "Carta de Veneza", da qual o Brasil é também signatário.

¹⁸ LEMOS, Carlos. **Alvenaria Burguesa**. São Paulo: Nobel, 1989. p. 34.

troféu de guerra a orgulhar nosso povo, e que com as adaptações previstas estaria arruinada.

Na década de 1920 a questão foi impulsionada por manifestações de intelectuais, vários ligados ao Movimento Modernista, como Lucio Costa e Mário de Andrade, que manifestaram suas preocupações com o risco de perda pelos quais vinham passando as obras de arte, principalmente do período colonial, no Brasil. Neste sentido, as primeiras ações públicas para fazer frente a estas demandas, partiram de estados significativos – Minas Gerais, Bahia e Pernambuco, os quais criaram suas Inspetorias Estaduais de Monumentos Históricos.

Na década seguinte, foi criada uma Inspetoria de Monumentos Nacionais por iniciativa da Ação Integralista Brasileira. Quando esta tentou derrubar Vargas, em 1936, ela foi colocada fora da lei, e disso se aproveitou Gustavo Copacabana para tomar a si a iniciativa de criar o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, baseado em movimentos semelhantes estruturados pelo fascismo na Itália. Assim, em 1937, depois do golpe político de Getúlio Vargas, foi criado através do decreto lei nº 25 de 30 de novembro, o SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Este decreto lei buscava organizar a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como é possível observarmos no que diz o capítulo a seguir:

Capítulo 01

Do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Art. 1º - Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por excepcional valor arqueológico ou etnológico, bibliográfico ou artístico.

Conforme Lemos¹⁹, o projeto de autoria do escritor paulista Mario de Andrade que deu origem ao SPHAN foi digno de elogios. Neste mesmo ano, 1937, Paulo Duarte, amigo de Mario de Andrade, trouxe a público pelas páginas do jornal *Estado de São Paulo*, o estado lastimável e criminoso em que jazia o pouco que sobrou do nosso Patrimônio Cultural Arquitetônico.

O conceito adotado pelo SPHAN e que permaneceu hegemônico até o final da década de 1960, pautou-se nas concepções sobre arte, história, tradição e nação de um grupo de intelectuais modernistas que se imbuíram na causa da preservação a partir de 1930. Sendo que o Modernismo teve, no Brasil, a especificidade de

¹⁹ LEMOS, Carlos. op. cit.

envolver-se na busca da identidade nacional, uma busca baseada na crítica à tradicional visão europeizada do Brasil e na valorização dos traços primitivos da cultura, que até então eram vistos como sinal de atraso e entrave frente à inserção do país no rol dos “países civilizados”. Desta forma, foi criada uma relação entre o modernismo e a preservação, os quais geraram a formação de uma política de preservação cultural. No entanto, para estes modernistas a arquitetura brasileira se resumia ao barroco colonial (privilegiadamente mineiro) e a arquitetura modernista. Sendo que isso significou que a produção arquitetônica entre 1808 (Abertura dos Portos) e 1945 (fim da II Guerra Mundial), que foi o período correspondente ao classicismo e ao ecletismo, não era considerada arquitetura digna de nota e era, portanto, desprezada. Outra questão presente nestas políticas de preservação feitas pelos grupos de intelectuais modernistas, a partir de 1930, era o fato de que, para eles, por “patrimônio” só se entendia “edificações”, desprezando-se outras formas de arte.

Alguns momentos foram muito importantes na trajetória brasileira com relação ao patrimônio. Nesse sentido, pode-se destacar a criação do SPHAN, como já citado anteriormente; a promulgação da chamada Lei da Arqueologia, em 1961; a criação do Centro Nacional de Referência Cultural – CNRC, em 1975; o Programa das Cidades Históricas – PCH, em 1977; a criação do Programa Monumenta, em 1999; o Registro dos Bens de Natureza Imaterial, em 2000. De acordo com Meira²⁰, no Brasil, a identificação de posturas em relação aos bens tombados, expressas nas ações de preservação realizadas durante o século XX, é representativa do olhar sobre o passado, ou seja, o olhar de uma nação que constrói uma identidade.

Enquanto isto, no cenário internacional, eram realizados encontros pelos organismos internacionais que geravam documentos nos quais são inseridas considerações, resoluções e recomendações gerais sobre o trato a ser dado ao patrimônio, denominadas de Cartas Patrimoniais, sendo que estes documentos constituem protocolos que orientam e balizam as ações dos gestores de preservação patrimonial, nos vários níveis existentes: nacional, estadual, regional e/ou municipal.

Em Atenas, em 1931, foi gerada a primeira Carta Patrimonial, chamada Carta Patrimonial de Atenas, sendo esta uma extensa declaração internacional, na

²⁰ MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. op. cit., p. 18.

qual são registrados os princípios gerais a serem seguidos, princípios estes que refletem as preocupações daquele momento com o crescimento desordenado das cidades, com as mudanças na forma de circulação e produção, com as formas de trabalhar e habitar e com a crescente ameaça de destruição que passava o patrimônio histórico com o advento dos tempos modernos. Na Carta Patrimonial de Atenas, uma das recomendações era que se mantivesse a utilização e se assegurasse a “continuidade da vida dos monumentos, destinando-os sempre à finalidade que respeite o seu caráter histórico e artístico (IPHAN, 1995).

Trinta anos depois, em 1964, na 13ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO, que acontecia em Paris, foi gerado um protocolo de diretrizes chamado de *Recomendação Sobre Medidas Destinadas a Proibir e Impedir a Exportação, a Importação e a Transferência de Propriedades Ilícitas de Bens Culturais*. Nela, a referência a *monumentos históricos e artísticos* é substituída pela referência de *bens culturais*. Já na 15ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO, ocorrida em 1968, gerou-se o documento *Recomendação Sobre a Conservação dos Bens Culturais Ameaçados pela Execução de Obras públicas e privadas*, no qual aparece novamente, porém ampliada, a definição de bens culturais. No entanto, na 17ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO, ocorrida em 1972, o conceito de Patrimônio Histórico e Artístico é totalmente superado, passando-se a adotar o termo Patrimônio Cultural.

De acordo com Choay²¹, um dos principais desfechos da Convenção em Defesa da Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, adotada em 1972 pela Assembléia Geral da UNESCO, em Paris, foi a definição do conceito Patrimônio Cultural como:

(...) obras de arquitetura, escultura e pinturas monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica, inscrições, cavernas e combinações destas que tenham um valor de relevância do ponto de vista da história, da arte ou das ciências; Conjunto de edificações: separadas ou conectadas, os quais, por sua arquitetura, homogeneidade ou localização na paisagem, sejam de relevância universal do ponto de vista da história, da arte ou das ciências; Sítios: obras feitas pelo homem ou pela natureza e pelo homem em conjunto, e as áreas que incluem sítios arqueológicos que sejam de relevância universal do ponto de vista da história, da estética, da etnologia ou da antropologia.

²¹ CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: UNESCO, 2001. p. 207.

Em Machu Picchu, onde foi realizado o Encontro Internacional de Arquitetos, em 1977, já se mostrava certa amplitude de conceituação, se comparada ao conceito de patrimônio cultural adotado pela UNESCO em 1972.

Assim, o conceito Patrimônio Cultural, que passou a ser utilizado em substituição ao termo anteriormente utilizado - Patrimônio Histórico e Artístico, foi definido na Constituição Federal Brasileira de 1988, no artigo 216, seção II – Da Cultura, da seguinte forma:

Constituem Patrimônio Cultural Brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – formas de expressão; II – modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados a manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Segundo Ramón Guitiérrez²², na publicação *O direito a memória: patrimônio histórico e cidadania*, quando a noção de Patrimônio Histórico foi substituída por Patrimônio Cultural, foi adquirido um caráter mais abrangente para o conceito e novos bens puderam ser caracterizados como patrimônio. Conforme o autor refere:

(...) Uma visão inicial reducionista que enfatiza a noção do patrimônio nos aspectos históricos consagrados por uma historiografia “oficial”, centrada em episódios bélicos e figuras paradigmáticas – quando não em recortes cromáticos arbitrários – foi-se projetando até uma nova perspectiva mais ampla que inclui o “cultural”, incorporando ao “histórico” as dimensões testemunhais do cotidiano e dos feitos não-tangíveis.

Ainda segundo o autor,

(...) Foram superadas assim as primeiras legislações que protegiam bens segundo sua antiguidade (cem anos, geralmente) e também perfilaram-se aberturas temáticas que transcenderam os edifícios de “prestígio”, como as edificações oficiais e as igrejas. Assim, desde um moinho até uma estação de trem puderam ser incorporadas sem problemas às definições do patrimônio, incorporando obras contemporâneas e mesmo de significado essencialmente intangíveis, como as “casas” de culto afro-brasileiro na Bahia.

²² GUTIÉRREZ, Ramón. **O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: Secretaria municipal da Cultura – Departamento de Patrimônio Histórico, 1992. p.121

Atualmente, o conceito de patrimônio envolve uma gama muito grande de bens, sendo caracterizado como Patrimônio Cultural e dividido, segundo suas características, em dois grandes grupos: o Patrimônio Imaterial e Patrimônio Material. O Patrimônio Imaterial, segundo a UNESCO, são as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Já o Patrimônio Material, com base em legislações específicas, é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e bens móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

Assim, é percebida claramente a evolução no trato da questão patrimonial nesses 54 anos transcorridos entre o encontro de Atenas, em 1931, e a 17ª Conferência da UNESCO, mencionada anteriormente. Na Carta Patrimonial de Atenas, a referência era a “monumentos”, na Conferência da UNESCO, a referência era a “patrimônio cultural”, um patrimônio que engloba não só a bens materiais, mas também valores, linguagens, crenças, ritmos, enfim, também o patrimônio imaterial da humanidade. Essa evolução na noção de patrimônio, desde as iniciativas privadas e informais, capitaneadas por grupos que exerciam grande poder social, como a Igreja Católica e a aristocracia, até a fixação de políticas públicas de preservação e protocolos de cooperação internacional, apontam para o aspecto de que o patrimônio é um conceito nômade e de que as práticas de preservação acompanham os fluxos da história, variando os atores, as motivações, e os pressupostos nelas envolvidos.

Como o conceito de Patrimônio Cultural é muito amplo, há necessidade de delimitar o campo de estudo desta pesquisa, para poder adquirir uma determinada profundidade e, por isso, dada a minha formação como arquiteta e no âmbito de minhas preocupações, optei por me restringir apenas a uma faceta deste amplo universo em que hoje é definido o patrimônio cultural. Portanto, esta dissertação irá tratar do patrimônio material edificado, ou seja o patrimônio arquitetônico, sendo que este está inserido dentro do grande conceito de Patrimônio Cultural, fazendo parte

dos Bens Imóveis do Patrimônio Material, no qual estão incluídas as obras de arquitetura.

Buscando identificar a preocupação no trato do tema de patrimônio arquitetônico, verificou-se, de acordo com Meira²³, que no início do século XX eram raras as notícias na imprensa sobre patrimônio, assim como eram escassos os bens arquitetônicos que passavam por processos de restauração ou reabilitação no Brasil e no Rio Grande do Sul. No entanto, com o tempo, as intervenções foram aumentando, os critérios de referência foram mudando, e a preservação do patrimônio arquitetônico tornou-se notícia mais assídua. Em todos os momentos, porém, foram representadas as formas como a sociedade viu e reagiu diante de seu passado remanescente materializado no espaço. Cada momento histórico apresenta formas diferentes de relacionar-se com esse passado: selecionando, restaurando, renunciando, demolindo, abandonando, modernizando, registrando, reaproveitando, ampliando, reconstruindo.

Para Poulot²⁴, a preservação do patrimônio não busca perpetuar o passado, mas representa o patamar de referência, os conjuntos das permanências por meio das quais as sociedades se reconhecem, se identificam, constroem e reconstróem seus valores e sua trajetória.

O patrimônio arquitetônico está diretamente relacionado com conceitos de temporalidade e territorialidade, pois a sociedade define o que será patrimônio dependendo do tempo e lugar em que esse se situa. O filósofo humanista Ficino²⁵ registra em sua obra que *a cidade não é feita de pedras, mas de homens*, buscando mostrar que são os homens que atribuem significado e valor aos bens, fazendo os mesmos tornarem-se patrimônio para uma determinada sociedade.

Diante da preocupação de manter viva a expressão materializada do passado, representada pelas aspirações, pensamentos e comportamentos da sociedade durante uma determinada época e local, diversos autores empenham-se em argumentar sobre a importância da preservação dos bens que compõem o

²³ MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. op. cit., p. 17.

²⁴ POULOT, Dominique. L'histoire du patrimoine: un essai de périodisation. In: ANDRIEUX, Jean-Yves (Org.). **Patrimoine & société**. Rennes: Presses Universitaires, 1998. p. 21-34.

²⁵ FICINO, Marcilio apud ARGAN, Giulio Carlos. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 98.

patrimônio arquitetônico, como elemento responsável pela preservação da memória da sociedade, como é o caso de Kiesow²⁶. De acordo com ele,

(...) Muitas vezes nós os percebemos apenas através do subconsciente e só sentimos a sua falta depois que os perdemos. Desta forma, a preservação patrimonial se tornou uma luta pela preservação da memória. A proteção de conjuntos teve por consequência uma grande ampliação do número de bens preservados. Como, ao mesmo tempo, passou-se a incluir os bens do historicismo, os da arte floral (“*art nouveau*”), os da década de 20 e dos anos 50, entre os quais também foram incluídos os produtos da história da técnica, da indústria e dos movimentos operários, o número de bens protegidos não parou de crescer.

Também Miranda e Brum²⁷ comentam sobre a necessidade de preservarmos os sinais de cada um dos tempos vividos pela humanidade, tanto dos tempos passados quanto dos tempos atuais, visto que a produção atual de arquitetura será nosso patrimônio arquitetônico do futuro. Conforme a autora,

(...) Nós, arquitetos e novos arquitetos que incorporam à profissão, precisamos ter presente, como uma noção muito forte, de estarmos produzindo patrimônio, para que imprimamos qualidade a nossa obra, não só arquitetônica, mas de maneira geral a nossa intervenção sobre a cidade.

Ao longo da pesquisa, percebeu-se que é bastante restrita a bibliografia que comente, de maneira crítica, os critérios de atribuição de valor em relação aos bens patrimoniais, o que dificulta a caracterização do que deve ser valorado como patrimônio arquitetônico. Sendo que até mesmo a conceituação sobre o tema tem aparecido de maneira reduzida, visto que no momento atual o “patrimônio cultural”, no qual o patrimônio arquitetônico está incluído é o auge de discussões, estudos em dissertações, teses e comunicações realizadas em congressos. Portanto, diante desses fatos, podemos identificar uma questão que parece problemática para o estudo do tema: os critérios utilizados na atribuição de valores a um bem edificado, a fim de caracterizá-lo como Patrimônio Arquitetônico. Sob esse aspecto, foi de suma importância como referência teórica a presente pesquisa, a tese de Ana Lucia Goelzer Meira, que tratou “O Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Rio Grande do Sul no século XX: atribuição de valores e critérios de intervenção”, a qual abordou sobre a preservação patrimonial em nosso estado, investigando as

²⁶ KIESOW, Gottfried. op. cit., p. 11.

²⁷ MIRANDA, Macklaine Miletho e BRUM, Nelci Fátima Denti (orgs.). op. cit., p. 37.

escolhas sobre o que se tornou patrimônio, os valores associados aos tombamentos dos bens edificados, os critérios utilizados nas intervenções e, permeando ambos, a oscilação entre a busca da imagem e do documento.

Neste sentido, outras obras puderam ser úteis no sentido de perceber que somente através da atribuição de valores é que é possível identificarmos o que é Patrimônio Arquitetônico. De acordo com Arrantes²⁸, um dos critérios para identificação e preservação de um patrimônio edificado está relacionado com o seu significado, e de acordo com o autor, este significado é histórico. Assim, uma edificação carregada de significação histórica deve ser encarada como patrimônio arquitetônico e deve, portanto, ser valorizada e preservada como tal. Ainda de acordo com Arrantes, o homem é um ser capaz de atribuir significados, de estabelecer valores e, de desta forma, de acordo com o autor, esta escala hierarquizada de valores criada pelo homem é que constitui o patrimônio.

Já, José Pessoa, em *Lucio Costa: documentos de trabalho*²⁹, contribui para a identificação do patrimônio arquitetônico, quando diz que o acervo a ser protegido está intimamente ligado à idéia de qualidade artística, que faz com que a construção humana, popular ou erudita, possa ser denominada arquitetura, sendo, portanto, o que convém preservar para as gerações futuras. De acordo com o autor, é a vontade da arte, a vontade da beleza, a vontade da forma, ou seja, a intenção plástica, que caracteriza e define o patrimônio edificado. José Pessoa comenta que o valor da criação artística é determinante das suas escolhas de preservação e da busca pela qualidade plástica que confere interesse aos testemunhos do passado, já esvaziados de sua original funcionalidade, mas capaz ainda de emocionar.

Desta forma, os critérios utilizados à valoração das obras de arquitetura, abordados nesta dissertação, serão estabelecidos através de seu valor histórico e artístico. Sendo que a definição de patrimônio que interessa ao objeto tratado nesta dissertação é dada pela Carta de Veneza de 1964, onde de acordo com ICOMOS³⁰, o conceito abarca não só a obra arquitetônica isolada, mas também o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Logo, o conceito não se aplica

²⁸ ARRANTES, Antonio Augusto (org.). **Produzindo o passado – Estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. p. 38-61.

²⁹ **Lucio Costa: Documentos de Trabalho**. Coord. José Pessoa. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999. p.19.

³⁰ ICOMOS. Carta de Veneza. In. CURY, Isabelle (Org.). *Cartas Patrimoniais*. 3 ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004. p. 92.

apenas a grandes obras de caráter monumental ou excepcional, mas também às obras modestas do passado que tenham adquirido com o tempo uma significação cultural.

Para a definição de valor histórico, utilizar-se-ão as noções do historiador de arte, o austríaco Alois Riegl, visto que este deixou legados, contendo análises importantes sobre a função dos monumentos históricos e suas formas de apreensão por uma dada sociedade em seu livro *O Culto Moderno dos Monumentos*, de 1987. Para Riegl³¹ o valor histórico está relacionado àquilo que foi e já não é mais e que se caracteriza como testemunho de uma dada sociedade. Não pode ser produzido nem substituído, pois faz parte do desenvolvimento da atividade humana. Repousa sobre um fundamento científico, apresentando-se de maneira objetiva ao observador e ligado fundamentalmente a um fato passado singular.

Já para a definição de valor artístico, basear-se-á em Katinsky³² que diz que o valor artístico pode estar relacionado a uma qualidade artística aferida tecnicamente, a uma excelência artística relacionada ao grau de organização social ou à aferição tradicional, por meio do consenso em torno dos objetos em um dado momento e lugar. Segundo o autor, aplicado aos bens arquitetônicos, o valor artístico, ocorre quando se apresentarem, sob os aspectos de hábito e criatividade, as qualidades estabelecidas há séculos para definir a beleza na arquitetura e que já foram várias vezes modificadas na sua trajetória: a disposição dos espaços, a firmeza ou excelência da construção e a coerência dos elementos construtivos.

1.2 Referencial metodológico e procedimentos

Visando investigar as lacunas no conhecimento até o momento existente, no que se refere à identificação e caracterização do patrimônio arquitetônico existente no município de Santiago, no Rio Grande do Sul, foi formulado o seguinte problema de pesquisa: qual é patrimônio arquitetônico no município de Santiago – RS?

Partindo-se da hipótese de que, em cada fase importante da história do município de Santiago, foram construídas edificações representativas para sua época e que se caracterizavam pela influência de correntes arquitetônicas vigentes

³¹ RIEGL, Alois. op. cit.

³² KATINSKY, Julio R. **Critérios de Classificação dos bens arquitetônicos no Estado de São Paulo**. São Paulo: Sumário, 1999. p. 15-24.

no cenário estadual, nacional ou internacional. Essas edificações materializaram períodos históricos caracterizados por suas intenções plásticas, formais, tipológicas ou estilísticas, e, desta forma, foram se constituindo um conglomerado de construções que chegaram aos nossos dias e que são a definição daquilo que conceituamos de patrimônio arquitetônico do município de Santiago. Dentro desta perspectiva, todas as edificações arquitetônicas que constituírem um documento testemunhal e simbólico da história da sociedade santiaguense e evidenciam a evolução dos valores de uso e das formas de pensamento desta sociedade, são consideradas patrimônio arquitetônico. Por esta razão, os mais diferentes exemplares que se enquadram dentro desta definição dentro dos limites do município de Santiago devem ser patrimônio arquitetônico o que implica em seu reconhecimento e sua valorização.

Uma definição nestes termos traz, em si, uma questão que se consubstancia na amplitude da massa construída que deveria ser incluída no rol destas edificações uma vez que cada uma, de alguma forma é representativa dentro das realizações construtivas que foram sendo erguidas na cidade e no município. É evidente que há uma graduação dentro desta representatividade que é difícil de definir posto que cada uma destas construções incorpora valores próprios e que a torna específica e única dentro do contexto que lhe deu origem. Realizar uma análise circunstanciada de toda a massa arquitetônica existente tornaria este trabalho inviável dentro dos limites propostos. Por esta razão somos obrigados a restringir nossas investigações aos limites viáveis de sua realização. Esta é a razão pela qual nosso objetivo central desta dissertação é fazer uma avaliação de um universo limitado de edificações que, por diversas razões variáveis para cada caso, apresentam valores qualitativos deste manancial de patrimônio, seja histórico, ou artístico ou, ainda, de ambas as categorias que constituem parte deste patrimônio arquitetônico do município de Santiago, RS. Noutros termos, isso significa que os exemplares por nós selecionados servem de base e de fundamento para a demonstração de qualidades destas edificações sem que as mesmas possam ser entendidas como um universo acabado e limitados de edificações que apresentam qualidades patrimoniais. Na impossibilidade de abarcar o todo, somos forçados a selecionar uma parte desta totalidade.

Com o propósito de operacionalizarmos a pesquisa, adotaremos os procedimentos metodológicos descritos a seguir. Por esta pesquisa ser de cunho

histórico, foi essencial o levantamento dos dados que definissem o tempo, o espaço e o contexto que deu origem às edificações. Como no país o patrimônio é definido como “histórico e artístico”, este trabalho não pode prescindir de sua dimensão estética o que leva a que estes dados também precisem contemplar os conceitos plásticos vigentes à época de suas realizações. Além disso, por se tratar de um trabalho de caráter acadêmico, é necessário fazer uma avaliação crítica destes dados que conduzam à interpretação dos dados levantados como forma de se poder chegar a conclusões convincentes das qualidades patrimoniais dos prédios avaliados.

Como instrumento de coleta de dados foram utilizados a entrevista, fichas cadastrais de informações sobre as edificações que pareciam apresentar relevância. Deste levantamento foi selecionada a amostra. Nesta, os exemplares selecionados foram estudadas mais a fundo, com a os levantamentos métricos, fotográficos e documentais.

Primeiramente, foram realizadas pesquisas bibliográficas, com vista a buscar na literatura o entendimento sobre o tema do patrimônio arquitetônico verificando como este estava sendo conceituado atualmente o que serviu de base para identificar os critérios que estavam sendo utilizados para a caracterização de uma edificação como tal.

Amparados na consulta bibliográfica, a pesquisa foi dividida em duas partes. A primeira parte correspondeu a pré-seleção das edificações a serem incluídas na amostra e na segunda foi feita uma análise dos dados já disponíveis com o fim de atribuir valores às edificações para classificá-las nas diversas fases históricas do patrimônio municipal.

Assim foram pré-selecionadas 45 edificações construídas no município de Santiago, num período correspondente desde as primeiras ocupações do município até os dias atuais. Nesta seleção, buscou-se assegurar que a amostra apresentasse a melhor representatividade dentre as numerosas obras produzidas nas diversas fases evolutivas do patrimônio arquitetônico de Santiago. Para tanto adotou-se o compromisso de levantar um número equilibrado de obras das diversas fases históricas da formação do município, desde origem do aglomerado inicial até os dias atuais.

Na seleção das edificações foram utilizados diversos critérios para a escolha tais como:

- ter algum significado, valor ou qualidade arquitetônica ou tipológica;
- apresentar significado ou valor cultural / simbólico / histórico representativo para o município;
- dispor de valores ou qualidades construtivas / tecnológicas / plásticas.

No quadro a seguir (figura 08) podem ser visualizadas as imagens das 45 edificações pré-selecionadas, agrupadas segundo as décadas de suas respectivas construções.



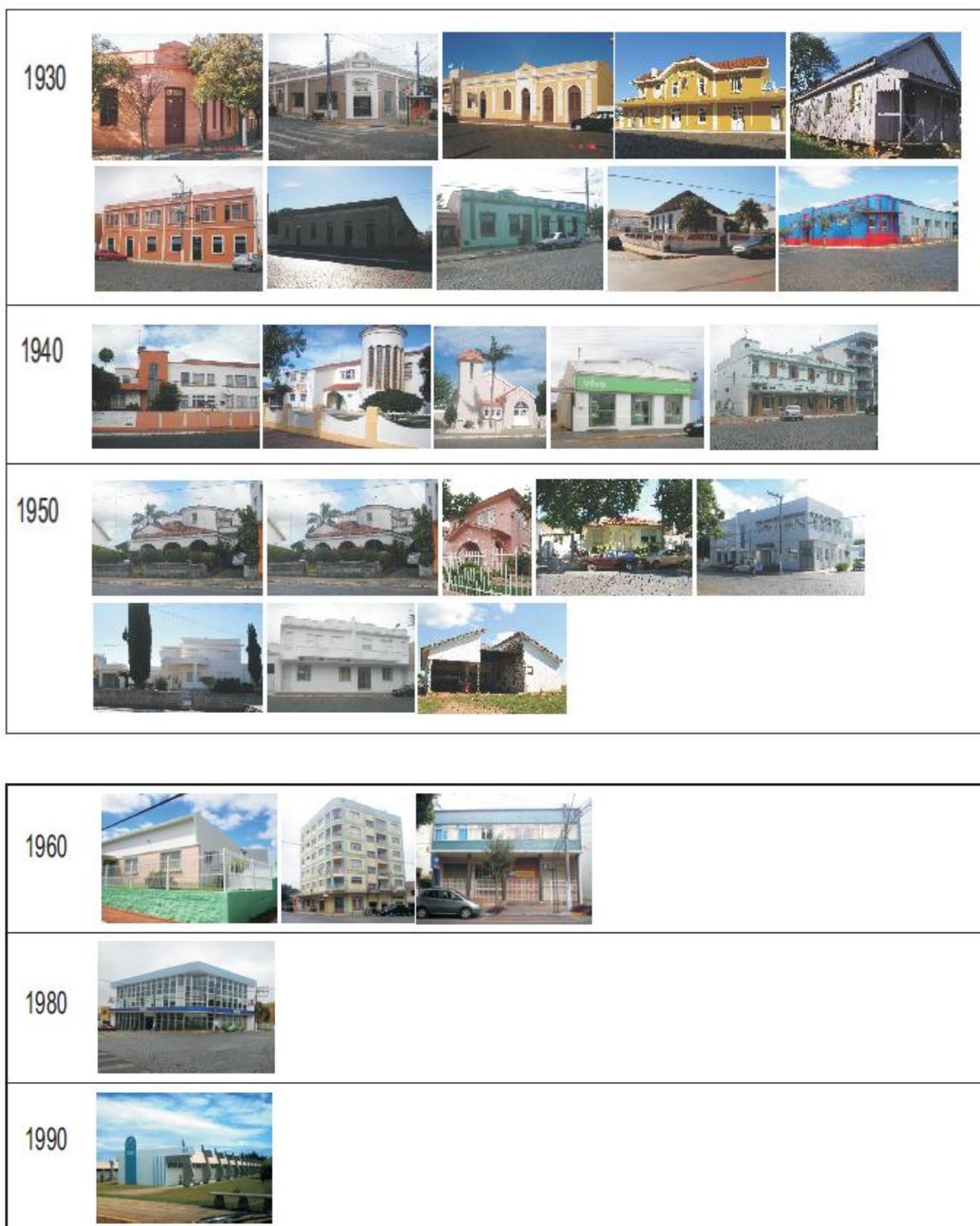


Figura 08 – Imagens das 45 edificações selecionadas.

Fonte: foto da autora.

Após feita esta seleção preliminar, fez-se a análise e avaliação comparativa entre elas a fim de dar contornos definitivos à amostra. Estes foram definidos através da escolha das edificações mais representativas dentro do contexto urbano em que se encontravam, levando em consideração os critérios de seus valores

históricos e artísticos. Buscou-se também assegurar que cada fase contivesse, pelos menos, um exemplar das correntes arquitetônicas vigentes no período temporal estabelecido. Outro item importante nesta escolha foi o seu estado de conservação e originalidade, visto que estes dois aspectos facilitariam no entendimento das características primárias de construção e gerariam análises mais confiáveis do valor patrimonial das mesmas.

A definição da amostra assim realizada foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa visto que somente através desta filtragem foi possível realizar um trabalho de tal envergadura, posto que seria inviável a realização de um levantamento com respectiva análise de todos os exemplares de valor patrimonial existentes no município. Desta forma, a amostra foi limitada num número total de 29 edificações, das quais 27 se encontram no núcleo urbano e 2, em zona rural, como está demonstrado na figura seguinte.

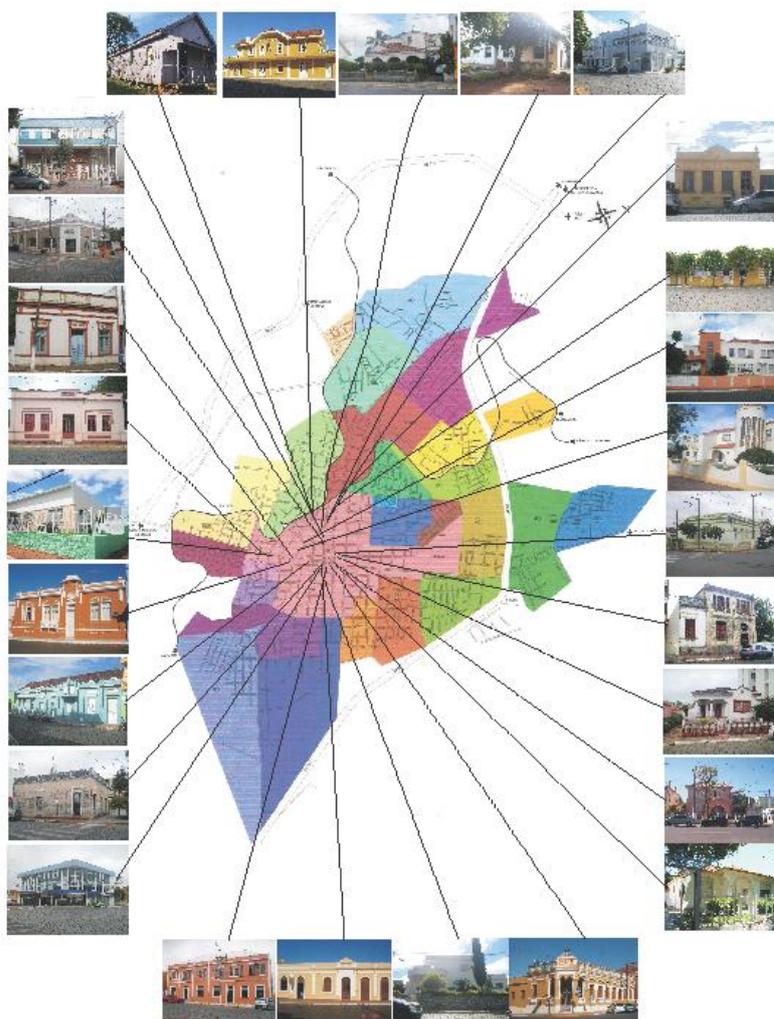


Figura 09 – Localização das edificações selecionadas à amostra localizadas no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Levantamentos da autora.

Estando assim definido o rol das edificações a serem pesquisadas com maiores cuidados, partiu-se para a realização dos levantamentos plani-altimétricos das edificações selecionadas. Alguns dados puderam ser colhidos no arquivo da prefeitura municipal de Santiago. Em verdade, este levantamento foi bastante limitado e incompleto posto que o cadastramento de projetos somente passou a ser feito a partir da década de 1950. Desta forma, o principal método de investigação foi o do levantamento *in locu*. Para tanto foi elaborada uma ficha cadastral, com base nas empregadas pelo IPHAN, como pode ser vista no anexo A deste trabalho. Nesta ficha foram registrados o nome dos proprietários, época de construção, tipologia adotada, materiais empregados, função inicial e atual da edificação, alterações que foram introduzidas ao longo do tempo na edificação, descrição das características da fachada, resumo dos dados sobre a histórica da edificação, além do registro das relações métricas acompanhado da respectiva documentação fotográfica.

Concomitante a este levantamento, foram realizadas entrevistas com historiadores e proprietários das edificações objetos de nossos estudos.

Após a coleta dos dados partimos para a segunda parte da pesquisa que se constituiu na análise desses dados. Nesta fase, cada edificação foi examinada de forma independente das demais. Para tanto, nos servimos de três itens de abordagem diferentes quais sejam a) o levantamento fotográfico, b) a descrição histórico-plástica e c) a descrição arquitetônica. Aqui convém salientar que a classificação temporal das obras foi feita a partir dos dados bibliográficos disponíveis. Os valores históricos foram definidos em função significado temporal dos prédios e das características simbólicas dos mesmos; o valor artístico foi definido a partir das características plásticas, tipológicas ou formais que cada edificação apresentava dentro das correntes arquitetônicas em voga ao tempo de suas construção.

Colocadas as diretrizes que nortearam nossa investigação, cumpre abordar os levantamentos realizados que constituem o conteúdo do capítulo seguinte.

CAPÍTULO II

2 LEVANTAMENTOS

Este capítulo irá tratar dos levantamentos realizados que correspondem a vinte e oito edificações. Vale salientar que o município de Santiago não possui nenhum bem tombado pelo Estado, seja em instância federal, estadual ou municipal. Desta forma, o desafio que se nos é colocado consiste em examinar se no âmbito da municipalidade efetivamente existem edificações que possam ser identificadas como patrimônio arquitetônico.

2.1 Edificação localizada na Rua Julio de Castilhos nº 1522

2.1.1 Levantamento Fotográfico



Figura 10 – Edificação localizada na Rua Julio de Castilhos esquina com a Rua Barão do Ladário, em 2010.

Fonte: Foto da autora.



Figura 11 - Edificação localizada na Rua Julio de Castilhos esquina com a Rua Barão do Ladário, em 2010.

Fonte: Foto da autora.

2.1.2 Descrição histórica

A edificação que foi construída por volta de 1895, por Jerônimo de Oliveira que era, na época, intendente do município de Santiago. A edificação possuiu vários proprietários sucessivos e atualmente pertence à família de Miguel Ângelo Palmeiro. Esta residência, em sua origem, foi sede de uma chácara de aproximadamente 30 hectares que, posteriormente, foi sendo loteada. Hoje o terreno comporta apenas a casa e seu entorno imediato. Na edificação moraram três intendentes de Santiago: Jerônimo de Oliveira, Luiz Vitorino Chagas e Franklin Fronta. Chagas era amigo de Getúlio Vargas, que costumava freqüentar e hospedar-se na casa, quando estava de passagem pela cidade. Na Revolução de 1930, Chagas assumiu a posição de aliado político de Vargas em razão do que se tornou o organizador dos homens que formaram a tropa responsável por atacar a tropa do Exército sediada no município. Neste cenário, a edificação serviu de ponto de encontro das reuniões realizadas na preparação para a Revolução de 1930.

2.1.3 Análise arquitetônica

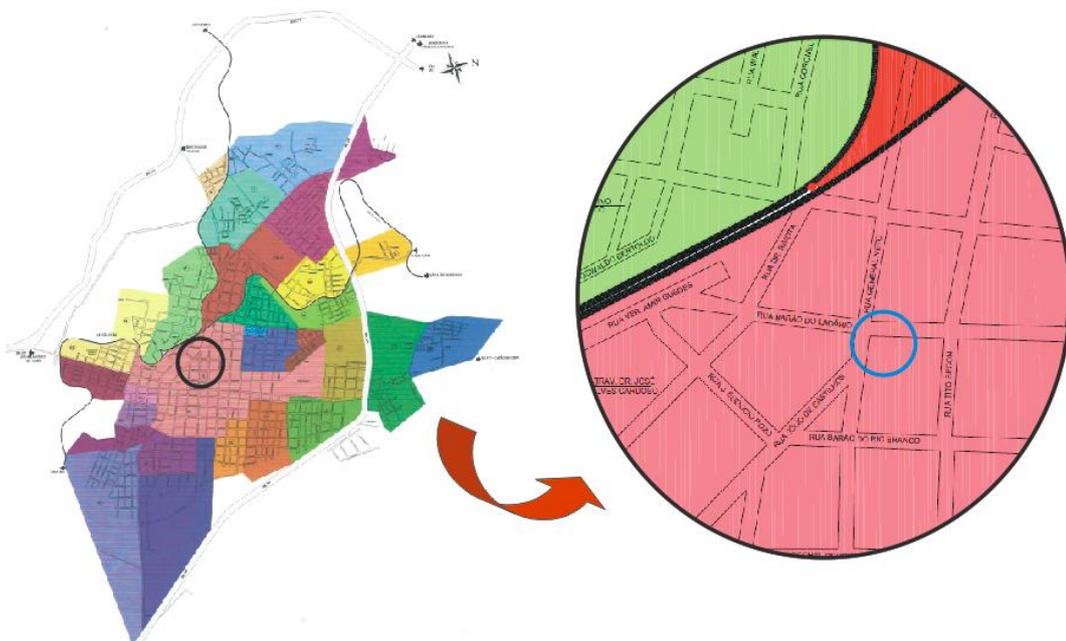


Figura 12 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 01 no núcleo urbano de Santiago.

Fonte: Desenho da autora.

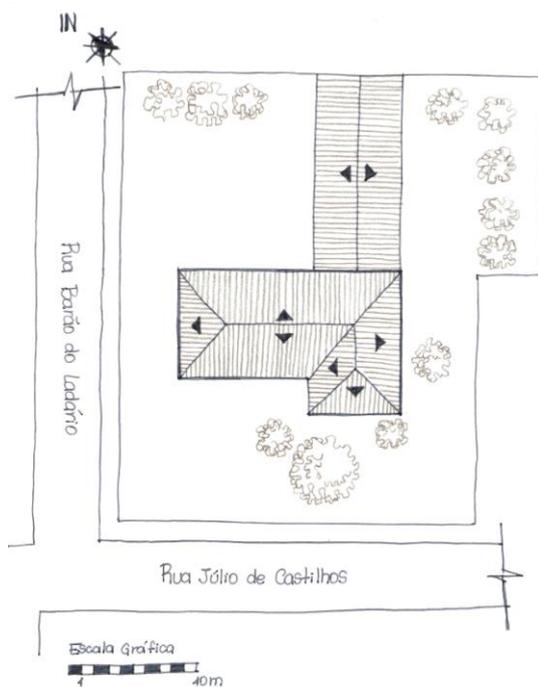


Figura 13 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 01 no núcleo urbano de Santiago.

Fonte: Levantamento da autora.

O material de construção da edificação é original de época da construção, sendo a parte frontal construída em tijolos maciços e a parte mais ao fundo, em pedra bruta conforme é mostrado na figura 14.



Figura 14 – Detalhe da parede construída em pedra da edificação
Fonte: Foto da autora.

Os acabamentos também são originais. Nos compartimentos sociais o assoalho tem tábuas do comprimento do compartimento. Já nas áreas de serviço, o piso é de cimento alisado. Quanto ao forro, é do tipo saia e camisa, constituído de largas tábuas uniformes, como é mostrado na figura 15.



Figura 15 – Detalhe do forro em madeira da edificação, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

Quanto às aberturas, as esquadrias da fachada frontal foram substituídas, mas as aberturas internas e das fachadas laterais e do fundo permanecem as originais. As portas internas são de madeira com duas folhas nas quais a parte superior é fechada com vidros coloridos como mostrar a figura 16.



Figura 16 – Detalhe das portas internas da edificação, foto em 2011
Fonte: Foto da autora.

Segundo os moradores, as instalações sanitárias existem desde a época de sua construção que aconteceu por volta de 1895. Contudo, é improvável que esta afirmativa seja verdadeira visto que os banheiros começaram a surgir no programa de necessidades das residências gaúchas somente no final do século XIX nas construções da elite porto-alegrense, conforme aponta Géa³³. De acordo com a autora, somente a partir de 1910, os projetos residenciais demonstram mudanças

³³ GÉA, Lúcia Segala. **O espaço da casa: arquitetura residencial da elite porto-alegrense (1893-1929)**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995. p. 16.

significativas nas soluções dadas ao banheiro, destacando para a inauguração das redes de água e esgoto. Portanto, a presença de instalações sanitárias na edificação em estudo, provavelmente foi implantada algum tempo depois de sua construção.

No telhado, as telhas de cerâmica originais, em parte, substituídas por telhas de fibrocimento. No entanto, a alteração mais marcante da edificação foi feita na década de 40, quando na fachada principal foi construído um avarandado que protege a porta de entrada social.

A implantação da edificação no lote apresenta aspectos peculiares por apresentar grandes recuos da linha da calçada devido a sua implantação no centro do terreno, enquanto a forma dominante, na época de sua construção, era a edificação sobre o alinhamento. De acordo com Géa³⁴ as residências projetadas no final do século XIX e início do século XX para a elite porto-alegrense, eram edificadas no alinhamento e ocupavam toda a largura do lote, o que significa que não tinham nem recuo frontal nem lateral. Como se percebe, a edificação objeto deste levantamento não se enquadrava neste padrão.

A edificação foi construída em meio a uma grande gleba de terras, à época qualificada como “chácara”, um espanholismo de origem quéchua (*chacra*) e que tinha o significado de “terreno de grandes dimensões, na periferia das cidades”. Trata-se, portanto, de uma adaptação de um prédio rural à condição urbana. Portanto, ela pode ser caracterizada como pertencente a uma fase de transição do contexto rural para o urbano.

A planta baixa da edificação apresenta uma distribuição em “L” dos espaços. Esta é uma solução típica de construções de fazenda que impropriamente têm sido chamadas “de casas estancieiras”³⁵. A partir de critérios de configuração interior, de acordo com Luccas³⁶, a casa estancieira pode ser classificada em dois grupos. As que possuem circulação especializada e as que não a possuem. A edificação em estudo enquadra-se no segundo grupo, posto que a circulação se dá diretamente através dos cômodos. Segundo Luccas, a edificação parece pertencer à quarta geração de casas estancieiras, caracterizadas por casas oitocentistas que possuem

³⁴ GÉA, Lúcia Segala. op. cit. p.16.

³⁵ Por “fazenda” se entendia a sesmária onde morava o dono enquanto o significado de “estância” era o de uma sesmária administrada por um capataz a serviço do dono não residente na mesma.

³⁶ LUCCAS, Luis Henrique Hass. op. cit. p. 58.

uma tipologia de planta tripartida, com distribuição através de duas salas centrais. Seus “puxados” são organizados como uma ala anexa.

A edificação em foco não apresenta exatamente uma tripartição como mostrar a figura 17, assim como as edificações da Estância Capelinha, Cerro Formoso e Estância da Lapa (figura 18) que são típicos exemplares desta geração. No entanto, é possível percebermos nesta edificação uma distribuição de planta baixa bem semelhante a estas estâncias, onde os compartimentos são distribuídos através de duas salas centrais, e ao fundo do prédio existe uma ala anexa onde estão posicionados os ambientes destinados ao setor de serviços, sendo que esta distribuição forma um “L”.

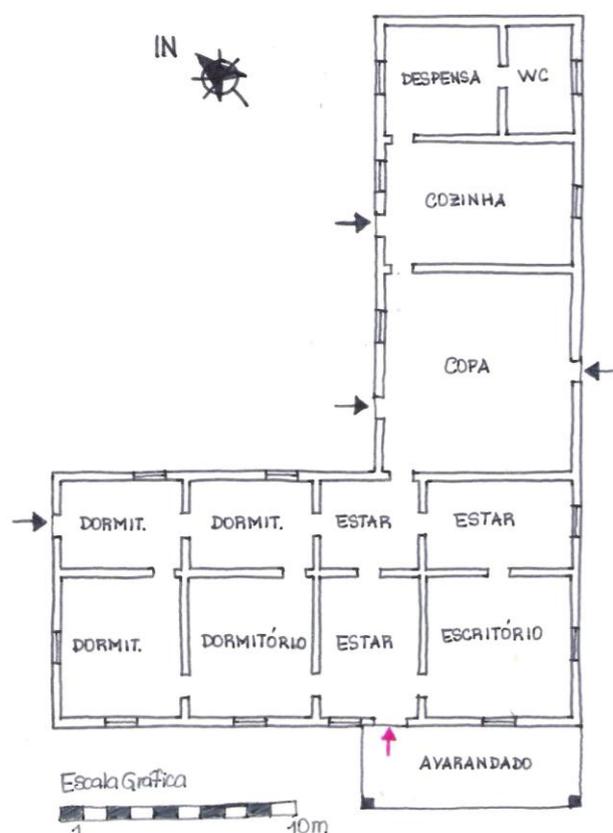


Figura 17 – Planta baixa esquemática da edificação.
Fonte: Levantamento da autora.

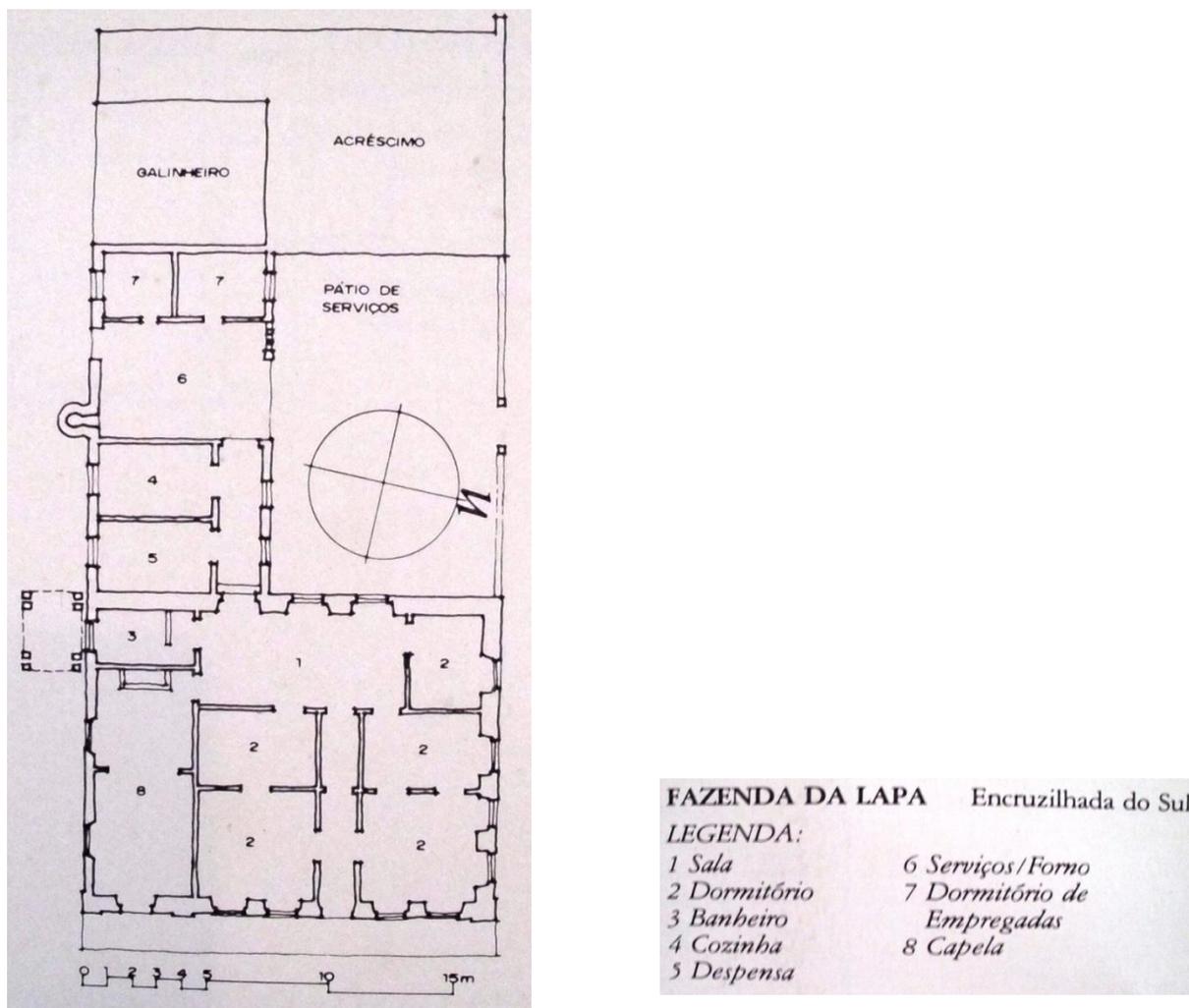


Figura 18 – Planta baixa esquemática da edificação na Estância da Lapa em Encruzilhada do Sul
 Fonte: PINTO, Lourdes Noronha & cols. *Antigas Fazendas do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Offset, 1989, p. 207.

Disto se pode concluir que a edificação em estudo possui estimável valor histórico para o município de Santiago. Além disso, convém reiterar que a edificação apresenta uma característica peculiar e, aparentemente, única na medida em se constitui numa adequação de residência rural ao meio urbano e que marca de forma específica a transição de uma fase eminentemente rural para outra, urbana. Só por estes dois principais motivos, a edificação apresenta um destacado valor para evolução arquitetônica do município. Mais do que isso, ela ainda apresenta a forma da uma típica casa de fazenda ou “estancieira”, como o quer o adágio popular, com características únicas já que o exemplar anteriormente existente, a da Fazenda do Carneirinho que podia ser apresentado como uma edificação desta linha de concepção foi perdida para Santiago em razão de emancipação municipal.

2.2 Edificação localizada na Rua Pinheiro Machado, número 2063

2.2.1 Levantamento Fotográfico



Figura 19 – Edificação localizada na Rua Pinheiro Machado, 2063. Foto de 2011.
Fonte: Foto da autora.



Figura 20 – Edificação localizada na Rua Pinheiro Machado, 2063. Foto de 2011.
Fonte: Foto da autora.

2.2.2 Descrição histórica

A edificação foi construída na década de 1900, possuindo atualmente uso comercial e residencial. Está localizada na esquina da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Pinheiro Machado. Seu proprietário é Odilon Linori Santini de Oliveira que a adquiriu em 1973 de Miguel Belvanger. A partir de 1982 esta edificação passou a agregar o uso residencial posto que anteriormente era destinada apenas a finalidades comerciais. Antes de Belvanger, a edificação era conhecida como “Casa Moura” pelo fato de que nela havia importante casa comercial de confecções de propriedade de Alípio Martins de Moura.

2.2.3 Análise arquitetônica

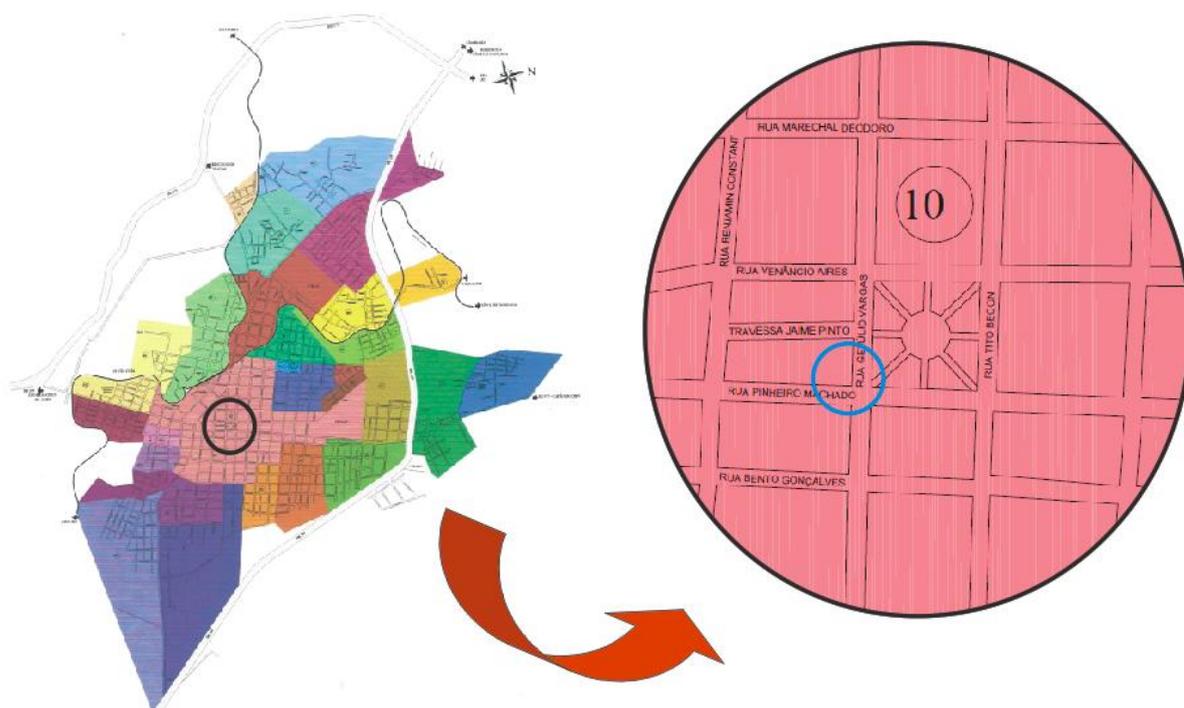


Figura 21 – Localização da edificação da esquina da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Pinheiro Machado.

Fonte: Desenhos da autora.

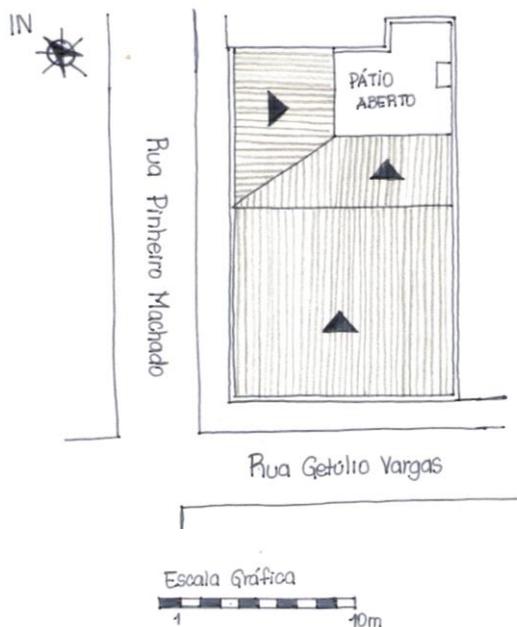


Figura 22 – Localização da edificação da esquina da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Pinheiro Machado.

Fonte: Levantamento da autora.

A edificação mantém sua fachada totalmente preservada, mas a área interna foi bastante alterada.

O acabamento do piso atual é cerâmico que substituiu o tabuão original. O material do forro é, em parte, de madeira do tipo macho-fêmea que recebe na cidade o nome de “paulista”, como pode ser visto na figura 23, e provavelmente é original posto que em outras partes, onde o pé direito é reduzido, é de PVC.



Figura 23 – Detalhe do forro “paulista” existente na edificação. Foto de 2011.

Fonte: Foto da autora.

A edificação possui um pé - direito é de 4 metros de altura aproximadamente e as aberturas apresentam bandeiras fixas.

A cobertura do telhado é de telhas capa-canal que provavelmente são originais e em pequenos pontos foram substituídas pelas telhas de cimento-amianto.

A implantação da edificação é a tradicional, ou seja, as foram alinhadas nas divisas à exceção da posterior onde foi deixada uma pequena área para permitir a colocação de aberturas.

A planta baixa mostra o duplo uso - comercial e residencial - à qual a edificação está destinada. O setor destinado ao comércio localiza-se nas salas da frente que estão voltadas para a rua, na direção da praça municipal. As dependências residenciais localizam-se nos fundos e podem ser acessadas tanto por dentro da loja, como pela via pública como é mostrado na figura 24. Segundo os relatos dos moradores, anteriormente, a edificação era exclusivamente comercial. Quando os novos proprietários resolveram morar nela tiveram de fazer modificações internas de vulto. Por isso, já não mais é possível fazer-se uma reconstituição muito precisa da forma como a edificação se apresentava na época de sua construção. No entanto, acredita-se que a planta baixa original apresentava poucas divisões internas já que o uso exclusivamente comercial requeria espaços amplos para a exposição das mercadorias. Pressupõe-se que a loja tenha sido formada por quatro grandes salas ligadas entre si, como mostra o esquema da figura seguinte. Releve-se que a parte aos fundos foi construída recentemente.



Figura 24 – Planta baixa esquemática da edificação
 Fonte: Levantamento da autora.

A fachada da edificação é aspecto que mais interessa para o presente estudo visto que a mesma é dotada de uma riqueza de elementos arquitetônicos que, na maioria, são originais da época de construção. Na mesma é possível destacar a presença de portas com bandeiras fixas, hoje em ferro e vidro, conforme as figuras 25 e 26, mas que anteriormente eram todas em madeira. Em torno da porta, uma moldura em argamassa saliente confere um destaque às mesmas.

Em toda a extensão das fachadas há um trabalho de colocação de filetes rebaixados no reboco. Esta é uma novidade para a sua época. Nenhuma outra edificação da cidade até então apresentou este tipo de acabamento. A origem deste formalismo é renascentista: àquela época as construções eram feitas de pedras de cantaria o que lavava a que as juntas dificilmente estivessem perfeitamente acabadas o que fazia surgir sombras quando a luz do sol incidia de forma tangencial. Para evitar este mau aspecto, os canteiros quebravam as arestas dos blocos fazendo com que, em qualquer direção de incidência da luz, a imperfeição das juntas fosse camuflada através de um filete de sombra. À época da construção

deste prédio, a arquitetura renascentista era muito valorizada e, por isso, procurava-se fazer a imitação daquele acabamento no reboco. O curioso na construção de Santiago é que os filetes verticais não foram realizados o que mostra que seus construtores desconheciam a razão de ser destes filetes rebaixados.

Outro elemento de destaque no conjunto é a cimalha que aparece ao longo das fachadas que dão para a rua e que marca a “separação” entre o corpo da edificação e o coroamento por meio da platibanda. Sob a cimalha foram colocados dentículos à moda da arquitetura clássica grega. Cumpre destacar a meticulosidade com que foi feita a platibanda. Pilaretes moldados em argamassa seccionam a continuidade da platibanda em trechos de aproximadamente dois metros. Este modismo também é de origem renascentista quando serviam para sustentar estátuas de santos ou figuras mitológicas. Se este era o propósito da construção em pauta não é sabido, mas não chegou a ser realizado. Porém os propósitos decorativistas da platibanda podem ser percebidos em seu contorno recortado e na ornamentação em relevo da argamassa que lhe confere uma peculiar dinâmica plástica.



Figura 25 – Fachada da Edificação localizada na Rua Pinheiro Machado, 2063. Foto de 2010.
Fonte: Foto da autora



Figura 26 – Detalhes da fachada da edificação, foto em 2011
Fonte: Foto da autora.

Desta forma, pode-se dizer que esta construção contém muitos valores, principalmente pelo seu tratamento de fachada na qual foram utilizados vários elementos decorativos inovadores se comparada a outras edificações da década de 1900. As edificações desta época construídas no município, ainda eram muito ligadas às tipologias coloniais, de construções de casa de meia-morada, casa de morada-inteira, casa com porta e janela, e as fachadas eram bastante simples. No entanto, esta edificação foge desta tipologia e, portanto, se situa num patamar novo que demonstra a evolução da linguagem arquitetônica de seu tempo. Além da sua importância arquitetônica, trata-se de um dos poucos prédios que não foram demolidos no entorno da Praça Moises Viana, a principal da cidade, o que atesta sua importância no plano histórico, como elemento de referência na memória coletiva da sociedade desta cidade.

2.3 Edificação localizada na Rua Duque de Caxias, s/ nº

2.3.1 Levantamento Fotográfico



Figura 27 – Edificação localizada na Rua Duque de Caxias. Foto de 2010.
Fonte: Foto da autora

2.3.2 Descrição histórica

A edificação foi construída por volta de 1910 e está localizada na Rua Duque de Caxias, no centro da cidade de Santiago. Foi construída para ser a residência de Januário de Chagas. Ele era proprietário de centenas de quadras de campo o que o tornava um dos estancieiros mais ricos deste Estado. Era filho de Luiz Gonçalves das Chagas, o Barão de Candiota que foi o mais festejado representante da nobreza

do período do Império na cidade em razão do que – e só por isto – é sumamente lamentável que a edificação tenha sido abandonada ao desgaste natural das condições mesológicas e tenha sido objeto de depredações promovidas por vândalos sem que tivessem sido tomadas quaisquer iniciativas no sentido de sua salvaguarda seja por parte de seus proprietários ou pelo poder público.

2.3.3 Análise arquitetônica

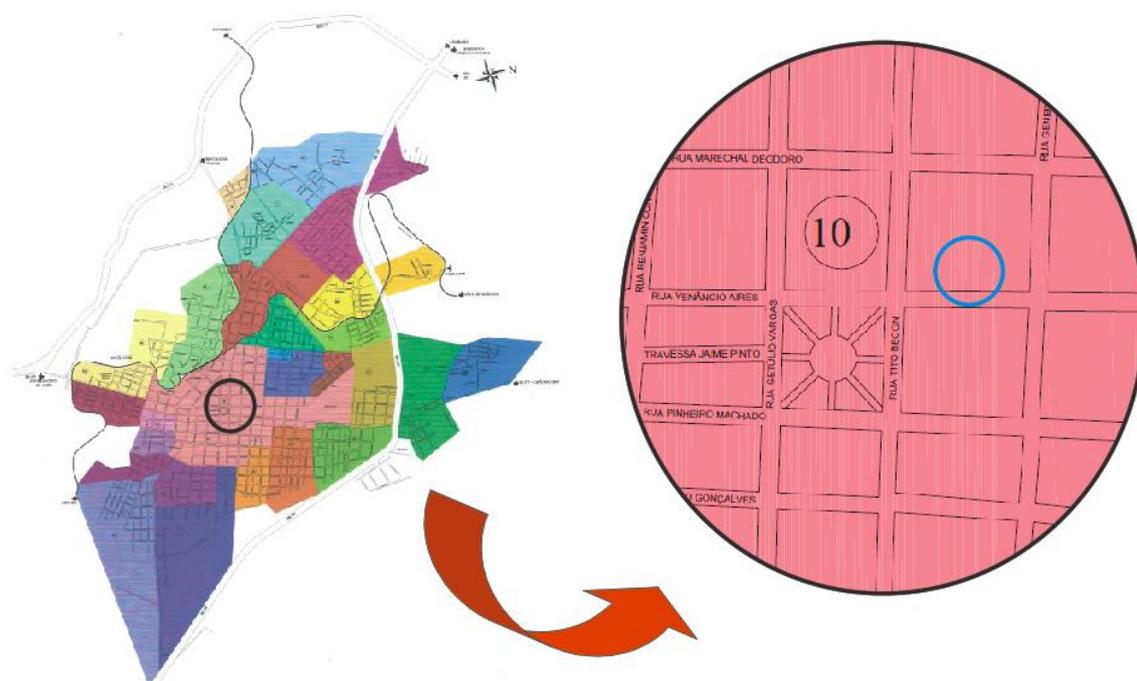


Figura 28 – Localização da edificação na Rua Duque de Caxias.
Fonte: Desenho da autora.

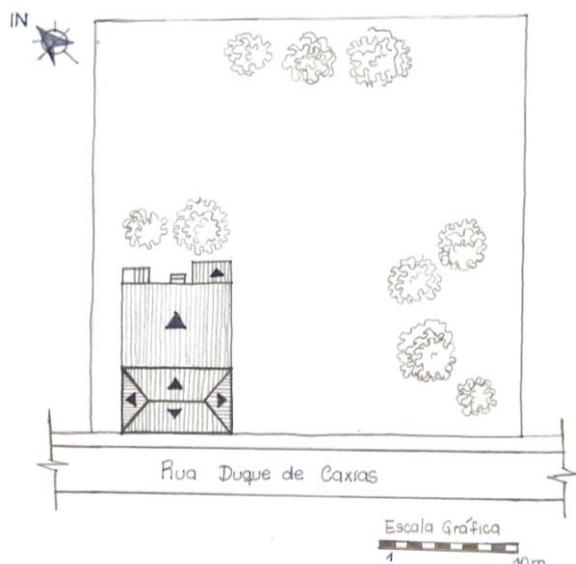


Figura 29 – Localização da edificação da Rua Duque de Caxias.
Fonte: Levantamento da autora.

Esta edificação assobradada que foi construída na década de 1910. Apesar de seu estado de degradação, é a única edificação com esta tipologia ainda existente no município de Santiago. Acreditamos que esta residência tenha recebido esta solução arquitetônica em função da alta posição social desfrutada pela família. Weimer³⁷, ao se referir a “casa do colonizador português”, comenta que as casas térreas sempre foram relacionadas à pobreza, ao estrato popular, enquanto os nobres portugueses sempre fizeram questão de morar em casas de mais pisos, em sobrados. Assim, o sobrado sempre foi visto como demonstração de riqueza. De acordo com o autor, no Rio Grande do Sul no período colonial, não seria necessária a construção elevadas posto que as terras eram abundantes e possibilitaria a construção de povoações espalhadas. No entanto, mesmo assim, as famílias dominantes insistiam na construção de sobrados que deixassem evidente a sua posição social privilegiada, caracterizando assim a influência da arquitetura do colonizador português sobre as nossas edificações. Diante deste quadro supomos que esta edificação assobradada tenha sido construída com uma solução arquitetônica destinada a ressaltar a posição social da família Chagas na sociedade local.

³⁷ WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 206.

Apesar destes pressuposto, o sobrado ainda foi construído através da combinação de tijolos maciços e pedras brutas e irregulares, sentadas com barro conforme mostra a figura 30.



Figura 30 – Detalhe construtivo da edificação – soco da edificação feito com pedras irregulares sentadas com barro. Foto de 2011.

Fonte: Foto da autora

O forro e o piso eram de tábuas; o ladrilho hidráulico foi encontrado nos ambientes de serviço e vestíbulo de entrada da edificação como é demonstrado na figura 31.



Figura 31 – Detalhe do ladrilho encontrado no vestíbulo da edificação. Foto de 2011.
Fonte: Foto da autora.

Conforme pode ser visto nas figuras 32 e 33, o piso térreo foi dividido em quatro ambientes e destinados ao setor social e de serviço. Uma escada dava acesso ao vestíbulo por se tratar de uma edificação de porão alto. Este conduz a duas salas, uma de estar e outra de jantar. A cozinha ficava diametralmente oposta ao vestíbulo e possuía um acesso secundário que ligava ao pátio de serviço.

No fundo da edificação aparece como anexo o banheiro que se acredita ter sido construído depois do sobrado já que nesta época, década de 1910, os banheiros passam a ser incorporados no programa de necessidades das edificações, residências da elite da capital gaúcha. Chama a atenção o fato de que este piso possui três acessos ao pátio além do vestíbulo. Este exagero é de difícil explicação, mas provavelmente deve estar relacionado a valores de arquitetura rural em fase de adaptação ao meio urbano.

O acesso ao piso superior era feito por escada de madeira que partia da sala de estar como era de esperar. Este é composto por dois quartos. O que chama a atenção nesta disposição é que a escada desemboca diretamente num dos quartos o que leva a que o acesso ao segundo dormitório obrigatoriamente seja feito através do primeiro. Esta solução parece confirmar a suposição anteriormente levantada de que se trata de uma adaptação da arquitetura rural ao meio urbano uma vez que esta solução era comumente encontrada nas construções das fazendas do período

colonial. Ao que tudo indica, esta solução era desejada como forma de controle da vida das donzelas que eram rigidamente resguardadas até o casamento. No entanto, o que é estranho neste caso, é que a família possuía apenas um filho homem. Assim, a razão da permanência desta interligação dos dois dormitórios não pode ser debitada na conta do controle patriarcal sobre as filhas. Isso leva à conclusão de que esta solução está mais ligada às formas tradicionais de organização do espaço interno quando os preceitos de privacidade, que hoje julgamos imprescindíveis, ainda não eram considerados.

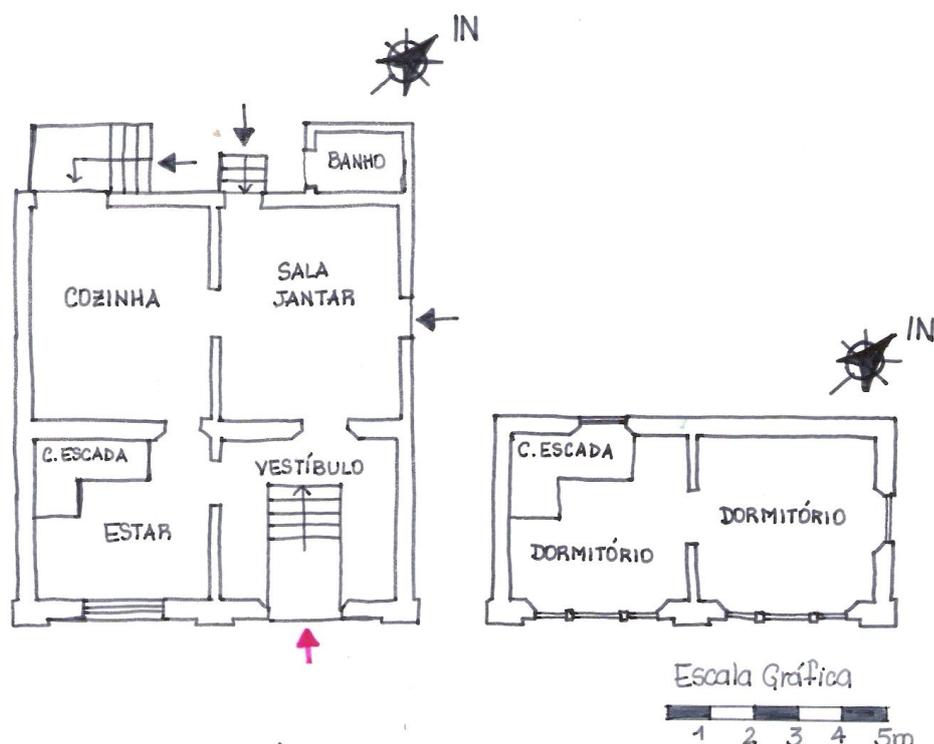


Figura 32 e 33 – Plantas baixas esquemáticas do prédio da Rua Duque de Caxias.
Fonte: Levantamentos da autora.

A fachada da edificação remete a características de arquitetura historicista devido a seus adornos decorativos. O telhado da edificação já estava escondido atrás de uma platibanda em conformidade com a legislação dos códigos de posturas que passaram a ser sucessivamente impostos nas diversas municipalidades a partir do fim do Império. A edificação é elevada em relação ao nível da rua devido à presença de um porão, o que obrigava à construção de uma escadaria de acesso ao vestíbulo. Esta era um partido em voga no fim do Império cuja justificativa mais comum era a de que, deste modo, os peitoris das janelas se encontravam numa altura superior ao da cabeça dos transeuntes o que impedia que os mesmos

visualizassem o interior da moradia. Isto deve ser entendido como um remanescente da ordem patriarcal, de origem portuguesa herdada do longo período de dominação muçulmana naquele país.

Um elemento bastante marcante na fachada é um óculo redondo, localizado sobre a porta principal da edificação. O mesmo era de madeira e certamente possuía vedação com vidros coloridos, bastante usuais na época de construção da edificação. Acredita-se que este óculo, além da função decorativa, estava relacionado com a questão da iluminação da edificação.

Outro elemento que merece ser citado é a cancela utilizada no acesso da edificação. Esta, segundo Albernaz³⁸, era uma porta gradeada de pequena altura, que nas antigas edificações era usada na entrada de vestíbulo ou corredor do edifício. A presença deste tipo de elemento já foi evidenciada em outras edificações da cidade de Santiago, assim como edificações de toda a região.

Na composição da fachada, é notória a presença de colunas e cunhais trabalhados com apliques decorativos em relevo cuja finalidade era fazer a marcação entre as esquadrias. No pavimento superior estas são trabalhadas e agrupadas em número de três; sendo uma central maior, de duas folhas e duas laterais menores, de uma folha apenas, todas de madeira e com bandeira fixa.

Esta edificação se constitui numa forma típica de residência do patriciado da Campanha no início do século XX e é altamente representativa desta fase histórica. Ela expressa muito bem as contradições próprias desta época quando as famílias de maiores posses procuravam ostentar o poder através de construções assobradadas, mantendo tradições patriarcais decadentes na forma da construção de pisos elevados e de dormitórios interligados. Sabendo-se que o proprietário foi dono de uma das maiores fortunas do Estado materializada na propriedades de terras, é surpreendente que tenha construído uma edificação de apenas 120,00 m², o que corresponde, atualmente, a um apartamento classe média. Isso mostra como eram despreziosas as exigências habitacionais nos inícios do século XX na região e novamente testemunha o conservadorismo dos costumes de seu proprietário já que é notória a modéstia das habitações rurais até no fim do Império e que se constituiu numa tônica nos escritos dos viajantes daquele período.

³⁸ ALBERNAZ, Maria Paula. **Dicionário Ilustrado de arquitetura**. São Paulo: Pro Editores, 2000. p.118.

Todas estas características se constituem numa das mais expressivas formas de moradia na longa evolução das mesmas nesta região e nesta cidade. Se ela ainda apresenta características de atraso e conservadorismo, atesta, por isso mesmo, as fases que foram necessárias para passar como tributo à longa evolução e modernização dos modos de vida e, conseqüentemente, da forma de morar desta sociedade. Por isso mesmo, esta construção se constitui como um elo basilar da paulatina evolução das “maneiras de morar” da mais privilegiada classe da sociedade santiaguense, em inícios do século XX.

2.4 Palacete localizado na Rua Pinheiro Machado, nº 1984

2.4.1 Levantamento Fotográfico



Figura 34 – Fachada principal do palacete localizado na Rua Pinheiro Machado, nº 1984. Foto de 2010.

Fonte: Foto da autora.



Figura 35 - Palacete localizado na Rua Pinheiro Machado nº 1984. Foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

2.4.2 Descrição histórica

Esta edificação foi construída em 1916, como se pode observar na inscrição no frontão, por Santiago Pompêo, que pertencia a uma família abastada no município de Santiago. Posteriormente, no início da década de 1940, foi vendida a Octaviano Pereira dos Santos. Atualmente, por herança, pertence a sua filha Manuela Pereira Zago.

A edificação é um dos principais prédios existentes no entorno da praça. Sua fachada se mantém preservada desde sua data de construção o que faz com que a edificação faça parte do imaginário da população e se constitua num do elemento relevantes na composição do cenário da cidade. A figura 37, datada dos inícios de 1920, permite visualizar a edificação em sua forma inicial e em posição de destaque frente à praça principal da cidade.



Figura 36 – Foto da Rua Pinheiro Machado, na altura da Praça Moisés Viana, por volta de 1920.
Fonte: Acervo fotográfico do historiador Valdir Amaral Pinto

2.4.3 Análise arquitetônica

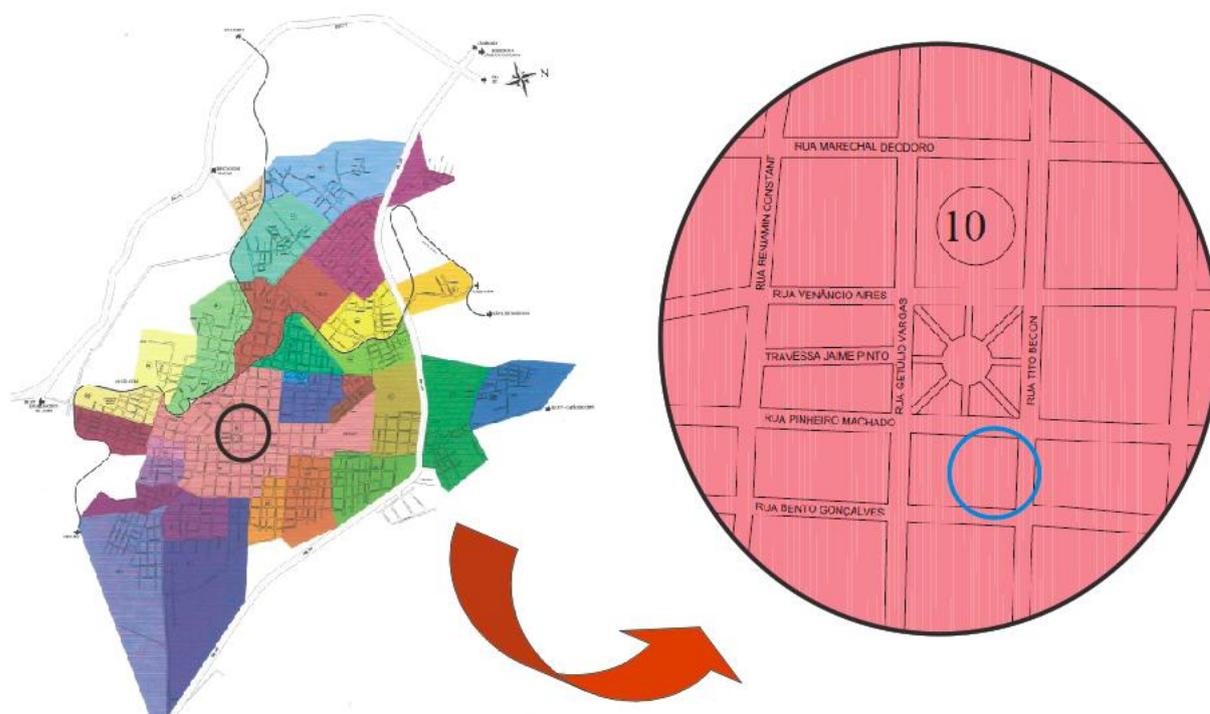


Figura 37 – Localização da edificação da Rua Pinheiro Machado nº 1984.
Fonte: Desenho da autora.

A edificação foi construída por conta de uma família de grandes riquezas e este fato é evidenciado no requinte de sua arquitetura de linguagem eclética. Porém, hoje a sua conservação já deixa a desejar. Os adornos da fachada ainda mantêm suas características iniciais, mas há partes bastante degradadas em seu interior em consequência de um incêndio que comprometeu parte da estrutura do telhado, portas e janelas em madeira, bem como parte do assoalho. Inicialmente se destinava à função residencial. Atualmente encontra-se parcialmente desocupada conquanto um dos compartimentos está sendo utilizado para fins comerciais.

Os compartimentos preservados permitem constatar que se tratava de uma construção muito requintada. Uma boa demonstração desta realidade são os tetos que apresentam um acabamento único na arquitetura regional como pode ser constatado nas figuras 38 e 39 onde são mostrados os tetos de dois ambientes distintos: o primeiro mostra o forro de um dos dormitórios e o segundo, do da sala de estar. O forro do dormitório é uma combinação entre o formado de gamela com a técnica de fechamento dito “encabeirado”, onde as tábuas são dispostas em angulações. De acordo com Albernaz³⁹, o tipo de forro em gamela foi muito utilizado no período barroco em prédios suntuosos, como igrejas, palácios, solares e mansões.



Figura 38 – Detalhe do forro de um dos dormitórios. Foto de 2011.
Fonte: Foto da autora.

³⁹ ALBERNAZ, Maria Paula. op. cit., p.269.

A figura 39 mostra o teto da sala de estar. Pelo seu acabamento, admite-se que tenha sido feito em estuque. De acordo com Albernaz⁴⁰, o estuque é feito com uma argamassa gorda – em razão do que adquire alta dureza e resistência – sobre a qual se coloca uma camada de gesso ou de cal com areia que são materiais que podem ser facilmente trabalhados ou moldados antes de serem aplicados sobre o suporte. Por vezes se misturava pó de mármore neste revestimento que depois recebia um acabamento com lixa fina, com polimento e uma pintura realizada com estopa com a qual se procurava imitar a textura da pedra de mármore. Esta técnica requeria especialização e experiência. Este acabamento era denominado de “escaiola” ou, por vezes, se empregava a denominação francesa *faux marbre* (mármore falso). Devido o requinte de seu acabamento também era empregado como alternativa para o revestimento das paredes dos banheiros.

No caso da obra em exame, a técnica empregada foi a da pré-moldagem de chapas em relevo onde é provável que a pintura tenha sido feita *a posteriori*. Como complementação deste acabamento, vale destacar o esmero de sua feitura no rodaforno. Sua forma côncava promovia uma continuidade entre a parede e o forro. A pintura do seu acabamento também revela o cuidado de sua execução. O desenho em linguagem de arte nova também revela o requinte do tratamento deste espaço. Aqui convém relevar que a repetição de um mesmo motivo, à maneira da arquitetura clássica, com a arte nova houve uma aproximação com as formas mecânicas de produção na medida em que este motivo era aplicado num cartão de papelão ou chapa metálica perfurada que permitia a reprodução constante do motivo através do borrifamento de pó de carvão por meio de uma estopa. Depois da marcação do desenho era feita a pintura na forma convencional, com pincel e tinta. Dada à qualidade de seu acabamento não fica fora de propósito a hipótese de que o artesão que a tenha realizado tenha sido trazido especialmente para este fim a Santiago uma vez que – ao que tudo indica – este tipo de serviço só era feito nas casas da elite porto-alegrense.

⁴⁰ ALBERNAZ, Maria Paula. op. cit., p. 245.



Figura 39 – Detalhe do teto da sala de estar da edificação mostrando o lustre, o estuque do teto e o roda-forro. Foto de 2011.
Fonte: Foto da autora

O sistema de construção da edificação é baseado em uma estrutura portante de madeira na forma de enxaimel como é mostrado na figura 40. Os tramos, que são a abertura entre as peças portantes, foram preenchidos com alvenaria de tijolos maciços (conforme fig. 41), sentados a barro.



Figura 40 – Detalhe do sistema construtivo da edificação em estrutura de enxaimel. Foto de 2011.
Fonte: Foto da autora.



Figura 41 – Detalhe das paredes da edificação de tijolos maciços sentados a barro. Foto de 2011.
Fonte: Foto da autora.

A figura 42 mostra o assoalho dos ambientes íntimos e sociais. A técnica do emprego das tábuas indica que se trata de um piso original. Este tipo de assoalho é chamado “encabeirado” posto que é constituído por tábuas paralelas, ditas “encabeçadas” por serem emolduradas por tábuas colocadas no sentido perpendicular, chamadas encabeiradas. Este acabamento do piso pouco comum também atesta a alta qualidade da construção. Já nos ambientes de serviço, o piso original era a placa cerâmica em tons avermelhados.



Figura 42 – Detalhe do assoalho “encabeirado” da edificação. Foto de 2011.
Fonte: Foto da autora.

A edificação possui um pé - direito por volta de 5 metros de altura. Para os preceitos hoje em vigor, esta altura é exagerada. À época, porém, acreditava-se que uma casa era tanto mais saudável quanto mais ar circulava em seu interior. Era por isso também que as janelas apresentavam dimensões exageradas. Mas, aqui deve ser feita uma anotação particular: pelas normas que a Assembléia passou a aprovar a partir da segunda metade do II Império, prescrevia-se que a altura do pé – direito no piso térreo deveria ser de duas braças ou seja, de 4,4 metros. Ao se extrapolar este mínimo estabelecido em lei certamente, se tinha em mente conferir maior monumentalidade à obra o que não deixa de se configurar como uma ostentação ou, no mínimo, como um luxo que as demais construções não apresentavam.

As portas e janelas acompanhavam o exagero das dimensões e é provável que as folhas não acompanhavam toda a altura da esquadria, conforme é mostrado na figura 43 devido a seu peso: as bandeiras fixas na parte superior das janelas permitiam a penetração da iluminação solar já que nesta época já se sabia que os

raios solares tinham um poder germicida o que novamente se direcionava no sentido da “higiene das habitações” conforma a expressão da época ou no sentido da salubridade da mesma, conforme rezam os conceitos hoje em vigor. É claro que não eram apenas as concepções funcionais que plasmaram esta concepção: as exageradas dimensões também albergavam conceitos estéticos posto que a almejada monumentalidade certamente fazia parte das intenções do proprietário. Segundo Albernaz⁴¹, a utilização da bandeira ocorreu nas construções brasileiras do século XIX até as primeiras décadas do século XX, quando foi substituída por esquadrias que possibilitassem o emprego do concreto armado. Conforme esta autora, além de atender a questão da salubridade dos ambientes, as bandeiras possuíam função decorativa, sendo muitas vezes trabalhada com vidros coloridos que eram cortados em linhas caprichosas, quando, então, seus encaixes formavam um desenho requintado.

⁴¹ ALBERNAZ, Maria Paula. op. cit., p. 82.



Figura 43 – Porta de madeira, com bandeira fixa. Foto de 2011.
Fonte: Foto da autora.

A cobertura ainda apresenta as telhas originais, tipos capa-canal em quase toda sua extensão; nos acréscimos dos fundos, contudo, já foram empregadas telhas de cimento-amianto.

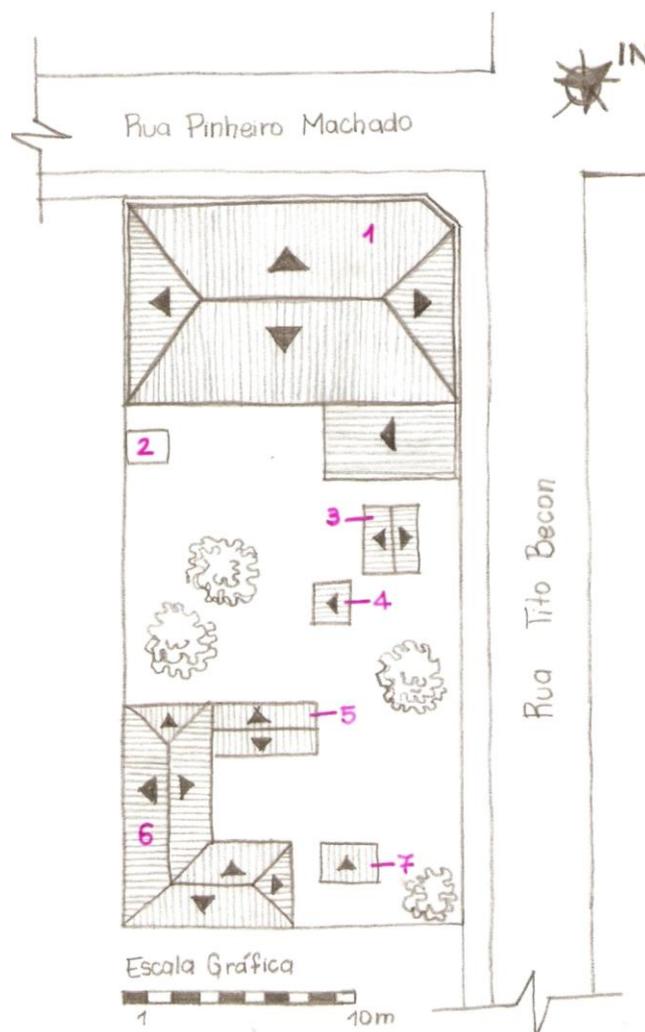
A implantação da edificação no lote (conforme figura 44) acompanhou os procedimentos da maioria das construções da época, com a fachada frontal e as laterais alinhadas nos limites do lote. Aos fundos encontram-se pequenas edificações isoladas, construídas na mesma época da casa principal, que serviam de apoio a residência. Destas, podemos destacar a casa do caseiro, sendo que a presença do mesmo era essencial para cuidar da edificação, visto que a família, por

ter grandes posses, possuía imóveis em diversas cidades do estado gaúcho, tanto edificações urbanas como edificações de fazenda e, portanto, permanecia pouco tempo em cada local. Portanto, era necessário que alguém tomasse conta da residência na ausência da família.

Outra edificação encontrada no fundo do terreno é a garagem. Segundo Lemos⁴², ela teria surgido na década de 1910 em decorrência da crescente aquisição de automóveis por particulares. Disso teria havido a necessidade de fazer uma redefinição dos usos no programa residencial⁴³. Ainda nos fundos da edificação, aparecem pequenas edificações como o banheiro do caseiro isolado do corpo da casa, uma área coberta com tanques para lavar roupa, o volume da caixa de água e uma pequena edificação construída para guardar lenhas. Como se percebe, estas edificações serviam de apoio ao funcionamento da residência.

⁴² LEMOS, Carlos. op. cit., p. 74.

⁴³ Ainda, de acordo com LEMOS, ela poderia estar localizada na frente da casa ou nos fundos, junto com outras dependências de serviço. No primeiro caso, ela se configurava como um puxado lateral dito “edícula”, que pode ter sido, conforme suas concepções, uma invenção brasileira ou mesmo paulista. Esta suposição dificilmente encontra sustentação nos dados históricos. Desde o período colonial, havia uma estrebaria no fundo do terreno posto que nenhum homem branco digno punha os pés na rua. Ou saía de lideira, de cadeirinha ou um a cavalo. Para o último caso, o cavalo entrava por uma porta lateral que condizia diretamente ao fundo do quintal onde ficava a estrebaria. Este programa se manteve até o fim do Império quando começaram a se divulgar os preceitos de higiene que propunha a abertura de todas as dependências para fins de insolação e ventilação. Com isso, as casas deixaram de ser construídas sobre o alinhamento pelo menos em um dos lados para dar passagem à sege ou carruagem puxada a cavalo que passou a substituir a simples montaria. Esta melhoria exigiu que a estrebaria fosse aumentada para poder abrigar, além do(s) cavalo(s), o veículo. As famílias mais afortunadas ainda se davam ao luxo de sustentar um cocheiro cuja residência ficava no piso superior à estrebaria. Quando surgiram os automóveis, estes foram colocados no lugar das segues e das carruagens que foram aposentadas em definitivo enquanto o cocheiro foi promovido a motorista. Por outro lado, o aparecimento das edículas abertas ao lado da casa foi uma inversão estadunidense e sua finalidade era mostrar aos transeuntes que o proprietário havia adquirido o mais recente modelo de automóvel já se constituía uma questão de honra dar mostras do bem estar do proprietário através dos modelos mais extravagantes de automóveis.

**LEGENDA**

- 1- Palacete da família
- 2- Caixa d'água
- 3- Área coberta para guardar lenhas
- 4- Área coberta com tanques feitos de alvenaria para lavar roupa
- 5- Garagem para automóvel
- 6- Casa do caseiro
- 7- Banheiro isolado do corpo da casa para o caseiro

Figura 44 – Implantação esquemática do Palacete à Rua Pinheiro Machado, esquina com a Rua Tito Becon, com legenda dos elementos que foram implantados no lote junto ao palacete.
Fonte: Levantamento da autora.

A distribuição dos compartimentos em planta baixa é mostrada na figura 45. Ela mostra que esta organização espacial se assemelha à empregada nas edificações residenciais da elite porto-alegrense no final do século XIX até por volta de 1910. De acordo com Géa⁴⁴, estas edificações apresentavam uma organização de planta semelhante às casas urbanas do período colonial no que tange à

⁴⁴ GÉA, Lúcia Segala. op. cit., p. 16.

construção sobre o alinhamento frontal e ocupando toda a largura do lote. Para a autora, nestas casas o programa de necessidades era constituído por: salas e gabinete, localizado na frente da edificação, alcovas ou quartos, varanda, e dependência de serviço e quarto de criada, que poderia estar no porão, copa, e posteriormente o banheiro. A edificação em análise assemelha-se muito com este programa de necessidades das edificações construídas pela elite porto-alegrense. A diferença aparece nas dependências de empregados que, em Porto Alegre, estavam localizadas no porão enquanto aqui elas não estão contempladas à exceção da do caseiro que aqui ocupava uma pequena casa localizada no fundo do lote.

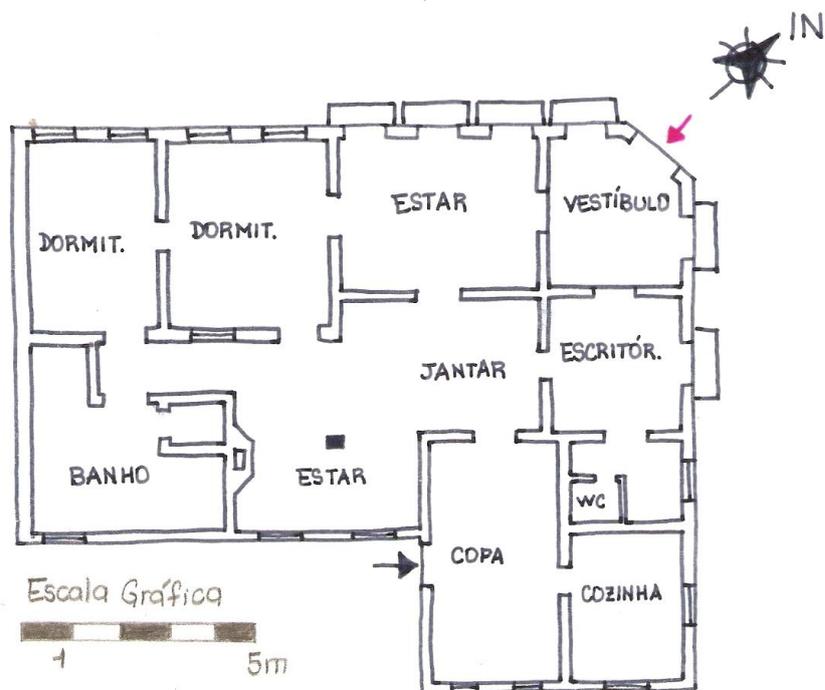


Figura 45 – Planta baixa esquemática do Palacete.
Fonte: Levantamento da autora.

De acordo com Géa⁴⁵, neste tipo de edificação, alguns ambientes recebiam valorização especial, como é o caso da sala de estar que era, por excelência, o cômodo destinado a receber as visitas e no qual era feita a transição entre o público e o privado. A sala era o local de convívio social e das aparências, montado para ser visto e para refletir a imagem que a família pretendia passar de si mesma à sociedade.

⁴⁵ GÉA, Lúcia Segala. op. cit., p. 19.

Diante disto, é compreensível que na edificação em estudo a sala seja tratada de maneira diferente, com mais requinte, recebendo um acabamento diferenciado no forro, incomum nos outros compartimentos, como mostra a figura 05. Ainda de acordo com a autora, a sala de jantar, ou também conhecida como varanda era o ambiente principal de convívio da família, o centro da vida doméstica, desempenhando o local de refeições e de estar da família. Era neste local que a vida familiar era exercida em sua plenitude.

Segundo a mesma autora, as dependências de serviço nas residências construídas pela elite porto-alegrense no intervalo de 1893 a 1929, eram constituídas pela cozinha, copa e despensa. Ligavam-se à varanda por um corredor ou escada, posicionando-se nos fundos da casa ou porão e mantendo ligação com o pátio de serviço. Eram espaços menosprezados e relegados a zonas menos visíveis da casa, longe dos olhos e da crítica do visitante. A partir disto, é possível estabelecer um novo paralelo entre a casa em estudo com as residências da elite porto-alegrense, uma vez que as dependências de serviços aqui apresentam as características descritas pela autora.

Na edificação em estudo, as dependências de serviço conectam-se à varanda por uma escadaria, separando o ambiente familiar do local onde permaneciam os empregados. A cozinha dá acesso direto ao pátio de serviço, e está localizada nos fundos da edificação. Estes ambientes tinham a maior simplicidade o que demonstra que estes espaços eram menos valorizados, ou segundo a autora, eram “menosprezados”. Talvez em função disto, o tratamento de fachada também seja mais enxutas nos locais onde estão situados os compartimentos de serviço.

As fachadas lateral e dos fundos para onde está voltada a cozinha, não mantém as mesmas características estéticas do restante do prédio como é demonstrado nas figuras 46 e 47. Aí as paredes não recebem nenhum tipo de ornamentação, a altura da edificação não segue o mesmo padrão do corpo principal do palacete, é dispensada a platibanda, as janelas não apresentam bandeiras. Enfim, de acordo com os preceitos da época, este trecho de fachada era visivelmente desprezado em função da destinação deste ambiente.



Figura 46 – Fachada lateral do Palacete localizado na Rua Pinheiro Machado nº 1984. Foto de 2010.
Fonte: Foto da autora.



Figura 47 – Fundos do Palacete localizada na Rua Pinheiro Machado, nº 1984. Foto de 2010.
Fonte: Foto da autora.

Conforme Géa⁴⁶ neste tipo de edificação havia uma diferenciação entre os acessos de serviço e social. O acesso social era localizado na frente da edificação, na fachada principal, geralmente marcada por ornamentos, onde somente os proprietários e visitantes poderiam utilizar. O acesso para os empregados era

⁴⁶ GÉA, Lúcia Segala. op. cit., p. 19.

localizado nos fundos da edificação, junto a um pátio de serviço, onde também era carregada a lenha, os cubos com resíduos domiciliares e tudo o que fosse necessário ao funcionamento da casa.

A fachada principal se destaca pelo rebuscamento ornamental de relevos pré-moldados e balaustradas, aparentemente, em argamassa armada (conforme as figuras 48 e 49).



Figura 48 – Fachada principal do Palacete localizado na Rua Pinheiro Machado nº1984. Foto de 2010.

Fonte: Foto da autora.



Figura 49 – Detalhe do acesso do Palacete encimado por um frontão. Foto de 2011.
Fonte: Foto da autora.

Esta edificação se enquadra na categoria “Casa de Porão Alto” que eram típicas no final do século XIX e início do século XX e apresentavam um porão que servia de depósito ou se destinava a albergar áreas de serviço e elevar o nível da área residencial propriamente dita. Segundo Albernaz⁴⁷, foi comumente utilizada nas habitações de maior porte. Era comum que as casas de porão alto apresentassem pequenas aberturas no alto das paredes dos porões, que eram denominadas de gateiras ou seteiras (conforme aparece na figura 50) cuja função era permitir fácil circulação de ar através do porão para evitar o acúmulo de umidade na base da edificação que alimentava os micro-organismos responsáveis pelo apodrecimento da

⁴⁷ ALBERNAZ, Maria Paula. op. cit., p.494.

madeira. Como era comum à época, nesta edificação o porão era um local destinado ao cômodo de empregados.



Figura 50 – Detalhe da gateira na fachada do Palacete. Foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

A composição da fachada se caracteriza pelo marcado ritmo entre cheios e vazios, como pode ser visto na figura 51. Os cheios são ornados de pilastras de secção semi-circular e providas de pequenos capitéis que mal lembram a ordem dórica da arquitetura clássica e de bases ao modo da ordem jônica. Uma moldura saliente que protege as aberturas é quebrada à altura das pilastras como um recurso da conferir dinamicidade à composição da elevação.

Fazendo a ligação entre os cimos das colunas encontramos uma arcatura ornamental composta por arcos abatidos. Além destes elementos, é marcante a presença de uma cimalha, que o Albernaz⁴⁸ define como um arremate emoldurado que forma saliência na superfície de uma parede. Comumente, como é o caso presente, ela situa-se no alto das fachadas, constituindo uma saliência contínua ao

⁴⁸ ALBERNAZ, Maria Paula. op. cit., p.150.

longo de toda a fachada, por sobre a guarnições de portas e janelas, cuja finalidade é proteger as aberturas da incidência da chuva.



Figura 51 – Detalhes de elementos arquitetônicos presentes na fachada do Palacete. Foto de 2011.
Fonte: Foto da autora.

Outro elemento de destaque na fachada é a chamada cancela, localizado na esquina e que estabelece os limites entre o público e o privado e que é reiterado pela presença de um vestíbulo, com é mostrado na figura 52. Conforme já foi mencionado anteriormente, trata-se de uma porta gradeada de pequena altura implantada na entrada de vestíbulo ou corredor do edifício, como é mencionado por Albernaz⁴⁹. A presença deste tipo de elemento já foi evidenciada em outras

⁴⁹ ALBERNAZ, Maria Paula. op. cit., p.118.

edificações da cidade de Santiago, assim como edificações de toda a região (conforme fig. 53 e 54).



Figura 52 – Detalhes da cancela do vestíbulo do Palacete. Foto de 2011.
Fonte: Foto da autora.



Figuras 53 e 54 – Detalhes de cancelas presentes nas fachadas de edificações localizadas no município de São Vicente do Sul e São Borja. Fotos de 2009.
Fonte: Fotos da autora.

A conjugação de elementos de variadas origens definem a assim chamada arquitetura eclética cujos objetivos eram, no pleno vigor dos formalismos clássicos, buscar a criação de “algo novo” que estivesse “acima do tempo”, através do amálgama de elementos compositivos de vários períodos da história da arquitetura. Esta postura compositiva se popularizou entre nós a partir da última década do século XIX. O Palacete em foco se constitui num típico representante deste tipo de arquitetura como mostra seu acesso pela esquina de duas ruas e que é enfatizado por um vigoroso frontão, suportado por duas pilastras de secção em semi-circunferência, definido por um medalhão ornamental com motivos florais, informando a data de construção, 1916. Complementando o retângulo, a cimalha é complementada por um frontão de perfil semi-circular “quebrado”, ao modo do maneirismo *michelangelesco*. Nas laterais continua a platibanda, composta por balaústres, ao estilo *palladiano*. Há no topo da edificação a imagem de um condor, que é uma ave que voa nas maiores alturas, no topo dos Andes, e que foi tomada como símbolo do saber, da filosofia e dos altos sentimentos.

Pelo que foi apresentado, pode-se dizer que esta edificação é de excepcional valor arquitetônico e demonstra que, nos inícios da I Guerra Mundial, em região bastante afastada dos assim chamados “grandes centros” foi possível realizar uma arquitetura que em nada ficava a dever da dos centros mais dinâmicos da política e da economia estadual. Sua existência, antes de se constituir uma afirmação da contemporaneidade do município de Santiago com as mais atualizadas correntes do pensamento arquitetônico de seu tempo, se constitui num desafio em encontrar uma explicação convincente de como foi possível, em uma sociedade altamente hierarquizada entre “interior” e “capital” a realização de uma obra com tamanha qualidade.

2.5 Edificação localizada na Fazenda da Árvore

2.5.1 Levantamento Fotográfico



Figura 55 – Edificação localizada no interior do município de Santiago, foto em 2008.
Fonte: Foto da autora.



Figura 56 – Edificação localizada no interior do município de Santiago, foto em 2008.
Fonte: Foto da autora.

2.5.2 Descrição histórica

A edificação, de acordo com os proprietários, começou a ser construída por volta de 1908 e foi concluída em 1918. Está localizada no interior do município de Santiago, na localidade de Tupantuba, a 40 quilômetros do meio urbano. Os primeiros proprietários e administradores da fazenda, responsáveis pela construção da edificação em estudo, foram João Aquino dos Santos Fagundes e sua esposa Izabel Ferreira Aquino. Nesta época, a principal atividade desenvolvida na fazenda era a criação de cavalos. Posteriormente, com o falecimento dos proprietários, quem assumiu a administração da fazenda foi um dos treze filhos do casal, o Sr. Sylvio Ferreira Aquino. Este foi intendente do município de Santiago durante dois mandatos. Com o falecimento de Sylvio em 1958, a posse das terras da fazenda passou para Ernani Frota e Ivonée Aquino Frota, que a administraram por mais de vinte anos. Com o falecimento do casal, mais uma vez a fazenda passou aos herdeiros: Ada Frota Favieiro, Ernani Silvio Aquino Frota e Ivelni Frota Dillenburg. Em 1983, Ivelni Frota Dillenburg e seu esposo José Theodoro Dillenburg, compram a parte dos outros herdeiros e assumem toda a posse da fazenda. Atualmente, o casal, juntamente com seus cinco filhos, preservam e valorizam este bem que já passou por quatro gerações e que guarda um pouco da história desta família, assim como a história do modo de vida das residências estancieiras do nosso município.

2.5.3 Análise arquitetônica

Segundo Luccas⁵⁰ a atividade pecuarista conferiu características particulares às das fazendas rio-grandenses. As grandes extensões de terras, habitualmente elegiam um sítio onde concentravam suas diversas edificações, era a chamada sede. Estas sedes compuseram-se de um conjunto variável de edificações e elementos construídos ou vegetais, alguns constantes, outros variáveis, dependendo da região, da variedade das atividades exercidas no local e do nível de sofisticação. No caso desta fazenda, o conjunto é composto por uma casa sede, a qual tem a função de residência, uma edificação secundária, que é o galpão, e ainda as mangueiras para lida do gado e o pomar, que em geral eram adotados para proteger

⁵⁰ LUCAS, Luis Henrique Hass. op. cit., p. 37-39.

a sede dos ventos de sul e sudoeste. De acordo com Luccas⁵¹, quanto à forma associativa dos conjuntos edificados e vegetais, as casas estancieiras podem ser classificadas em três sistemas. O primeiro e mais frequente aos casos antigos dispõe a casa sede como elemento hierarquicamente principal, associando o galpão e outras construções de forma lateral e posterior; o segundo caso, utiliza-se de uma estratégia de características urbanas, dispondo os prédios ao longo de uma espécie de rua ou largo unilateral, alinhados pela casa-sede, sequencialmente; e o terceiro e último caso, é um sistema em que agrega os prédios de serviço, sede e eventuais capelas, de forma contínua, formando pátios. A fazenda em estudo pertence ao segundo grupo, onde através da casa-sede, os outros elementos são distribuídos na sua lateral e de maneira alinhada, formando o prolongamento de espécie de rua (conforme fig. 57).

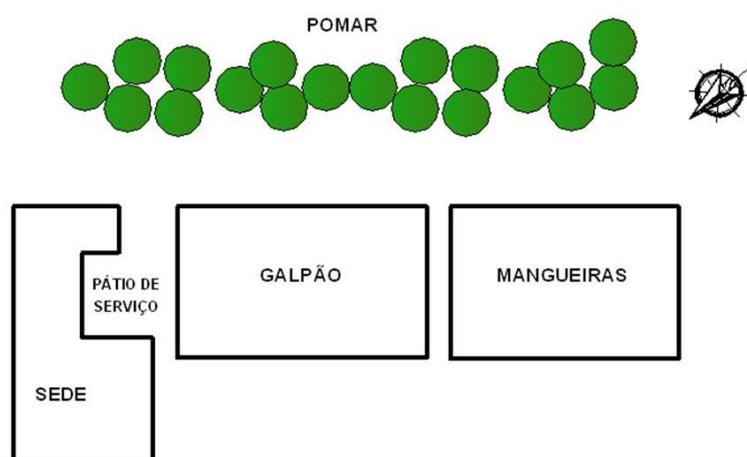


Figura 57 – Partido geral da Fazenda da Árvore.
Fonte: Levantamento da autora.

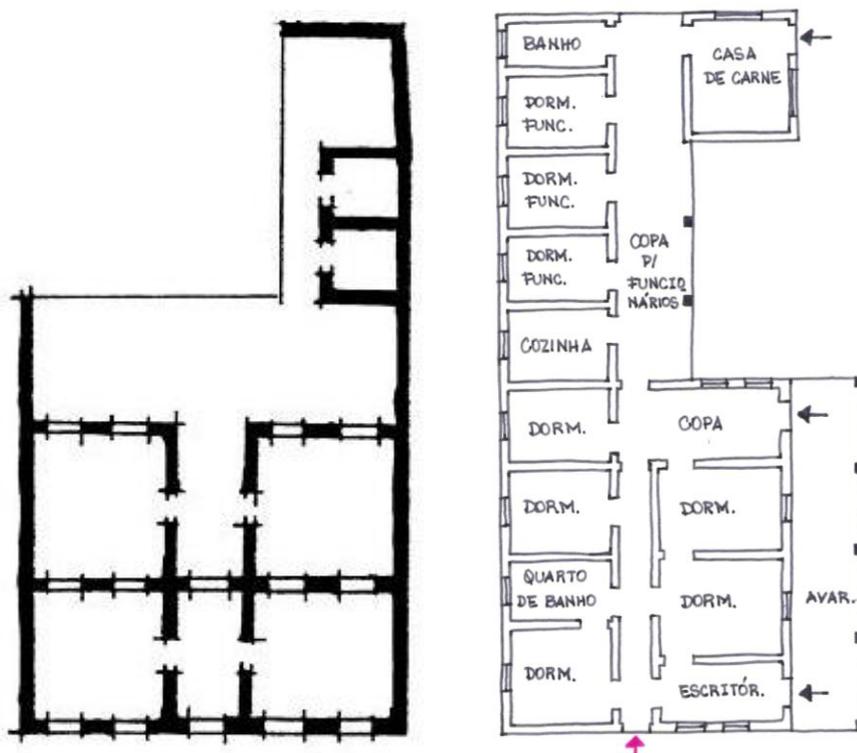
Conforme Luccas⁵² as estâncias e fazendas do Rio Grande do Sul foram submetidas a certos procedimentos de implantação sistemáticos. Assim, uma das principais características destas edificações foi a escolha do sítio. Destacando-se os locais altos, com domínio da paisagem, arejados e livres da umidade das várzeas. De modo geral, as fachadas das edificações eram orientadas para leste ou norte, incluindo as posições intermediárias variáveis, a fim de propiciar melhor higienização, através do sol para os ambientes principais da casa. No caso da edificação em estudo, as fachadas principais onde estão os dormitórios e ambientes

⁵¹ LUCCAS, Luis Henrique Hass. op. cit., p. 37-39.

⁵² Ibid., p. 47.

de estar estão voltados para as orientações nordeste e noroeste, o que confirma a preocupação com relação à orientação solar deste tipo de edificação.

Ainda, conforme Luccas⁵³ a partir de critérios de configuração interior, a casa estancieira pode ser classificada em dois grupos. O primeiro grupo enquadra edificações onde a distribuição ocorre através de circulações especializadas, sendo que a tipologia predominante é a que se utiliza de um arranjo semelhante à “casa de morada-inteira” (conforme fig. 58), onde a circulação central organiza a planta, conduzindo desde a entrada, ao longo de salas e dormitórios até uma sala posterior, geralmente bem ampla, como é possível visualizarmos na figura a seguir. Já o segundo grupo abrange edificações que não possuem circulações especializadas, onde a distribuição ocorre diretamente através dos compartimentos. Desta forma, após analisarmos a planta baixa esquemática da edificação em estudo (conforme fig. 59), foi possível enquadrá-la no primeiro grupo de edificações, com circulações especializadas e que possuem uma distribuição interna aos moldes da “casa de morada-inteira”.



Figuras 58 e 59 – Planta baixa de uma “casa de morada-inteira” e planta baixa esquemática da casa sede da Fazenda da Árvore.

Fonte: Levantamento da autora.

⁵³ LUCAS, Luis Henrique Hass. op. cit., p.58.

“quartos de dormir”, dispostos ao longo de uma circulação central. Provavelmente algum destes dormitórios foi destinado a “quarto de hóspedes”, visto que este foi um componente constante no programa de necessidades das casas estancieiras. Também foi possível observarmos no corpo da casa a presença do quarto de banho, que localizou-se próximo aos dormitórios.

Outro compartimento encontrado, localizado mais ao fundo da edificação foi a copa, onde a família fazia suas refeições. Já na lateral esquerda da edificação aparece um grande avarandado que, acredita-se, tenha sido utilizado como um ambiente de encontro e momentos de lazer da família. Ainda, como ala anexa à edificação aparecem os compartimentos destinados a serviço, como a cozinha e casa de carne. Juntamente com estes compartimentos, foi possível encontrarmos os dormitórios de empregados e um avarandado que funcionou como copa, onde os mesmos faziam suas refeições.

Acredita-se que este tipo de separação entre compartimentos destinados a patrões e empregados, demonstrada na planta baixa da edificação, tenha sido uma característica típica deste tipo de arquitetura estancieira, assim como da arquitetura das casas cafeeiras e açucareiras. Atestando através disto, a diferenciação entre duas camadas sociais, onde patrões e empregados não dividiam os mesmos ambientes da edificação.

No que diz respeito aos materiais de acabamento utilizados na edificação, podemos citar quanto ao teto, a utilização do forro em madeira com encaixe macho-fêmea, que atualmente foi substituído em função do apodrecimento da madeira pela ação do tempo.

Quanto ao piso, nos compartimentos sociais e íntimos, era possível encontrarmos o tabuão, e nos compartimentos de serviço e dormitórios de empregados, o piso existente eram peças de pedra grês (conforme fig.61). No entanto, atualmente, o piso encontrado é o piso cerâmico.

Quanto ao material de construção utilizado na edificação, observarmos a presença de tijolos sentados a barro (conforme a fig. 42) e no telhado, telhas de barro, que recentemente foram substituídas por telhas de fibrocimento.

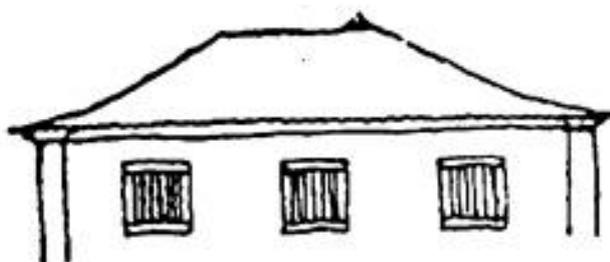


Figura 61 – Detalhe do piso original da edificação em pedra grês, ainda encontrado no pátio de serviço, foto em 2011
Fonte: Foto da autora

Segundo Luccas⁵⁴, o uso de tijolos deu início a um processo construtivo com elementos industrializados, permitindo a execução de paredes mais esbeltas e maior proporção de aberturas, o que, combinado ao avanço da produção de componentes como esquadrias, propiciou casas com vãos mais próximos e maiores, a partir da segunda metade dos oitocentos, como requeria um contexto mais amplo a caminho da modernidade. A sequência de fachadas desenhadas por Costa⁵⁵ (conforme fig. 62) demonstra essa trajetória evolutiva da arquitetura brasileira utilizada na casa estancieira no momento inicial.

⁵⁴ LUCAS, Luis Henrique Hass. op. cit., p. 72.

⁵⁵ COSTA, Lucio. Documentação necessária. In XAVIER, Alberto (Org.). **Lucio Costa: Sobre arquitetura**. Porto Alegre: CEUA, 1962. p. 7.



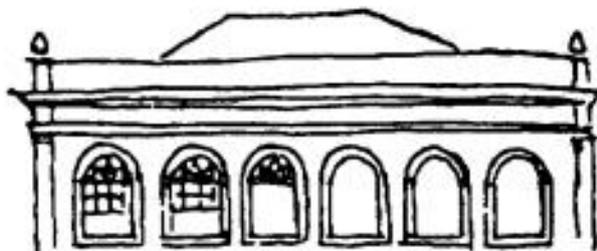
SECULO XVII



SECULO XVIII



1800



1860

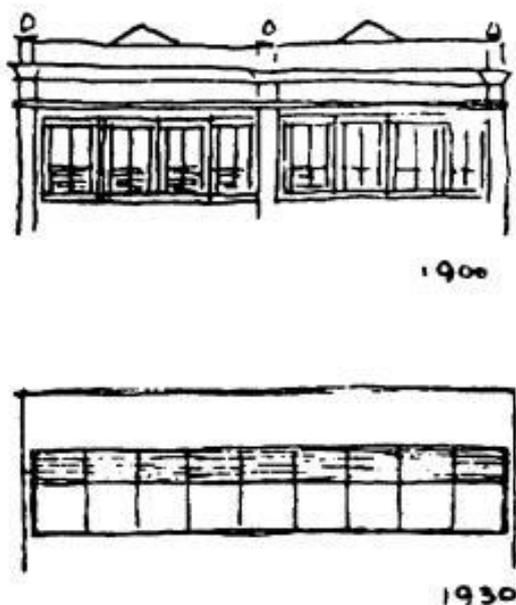


Figura 62 – Evolução da casa brasileira, segundo Lucio Costa
 Fonte: Livro Lúcio Costa: Sobre arquitetura, 1962

Ainda de acordo com Luccas⁵⁶, no que se refere à composição plástica das fachadas adotadas na casa estancieira, nos seus primeiros tempos, pode-se afirmar que houve uma apropriação da arquitetura praticada em Laguna, São Paulo e Sorocaba, além de outras regiões da cultura luso-brasileira envolvidas na ocupação. Na verdade, esta arquitetura sofreu adaptações graduais, como resposta aos condicionantes geográficos e culturais locais, aproximando-se de uma expressão regional. Posteriormente, as influências ecléticas, que se disseminaram por todo o território do Rio Grande do Sul, passaram a permear a arquitetura das casas estancieiras. O novo padrão foi viabilizado pelo ingresso de elementos industrializados na construção, como os tijolos e por acessórios como cimalkas, urnas, pinhas e balaústres decorativos, próprios do repertório eclético de acento clássico. As coberturas comumente resolvidas com telhas cerâmicas do tipo capa-e-canal e beirais, também passaram a receber platibandas dentro dessa nova tendência. Isso ocorreu especialmente nas regiões da Campanha e Sul do Estado, a partir do afrouxamento das fronteiras platinas, em meados do século XIX.

Como se pode observar nos estudos realizados por Luccas, com relação à fachada da edificação, é possível afirmarmos que esta possui características

⁵⁶ LUCAS, Luis Henrique Hass. op. cit., p.72.

arquitetônicas bastante marcantes que passaram a ser utilizadas através de influências ecléticas, que se tornaram comuns em todo o estado (conforme fig. 63).



Figura 63 – Detalhes de elementos arquitetônicos existentes na fachada da edificação, foto em 2008.
Fonte: Foto da autora.

Os cunhais, juntamente com as pilastras, fazem uma demarcação de tramo (conforme fig. 64), que é o espaço compreendido entre dois elementos arquitetônicos verticais.



Figura 64 – Demarcação de tramo (parte hachurada) na fachada da edificação, foto em 2008.
Fonte: Foto da autora.

A edificação possui telhado em quatro águas, escondido da fachada principal por platibanda composta por balaustres. Sobre a platibanda é utilizado um ornato de arremate conhecido como barbacã. Outro aspecto interessante é a demarcação do acesso principal, feito através de pilastras, que são interrompidas por uma cimalha contínua que se salienta ao longo de toda a fachada. Acima desta cimalha, no espaço superior à porta de acesso principal da edificação, é possível encontrarmos um fechamento de platibanda, no qual está inscrita a data de conclusão da construção da edificação: 1918. Com relação às esquadrias que compõem a fachada, as mesmas possuem vergas retas e há um acabamento feito através de molduras em relevo no seus contornos. A porta de entrada principal da edificação é trabalhada com madeira almofadada.

Na composição da fachada da edificação (conforme fig. 65), é possível destacarmos a presença de simetria e equilíbrio, o que confere uma fachada bastante harmônica. No entanto, a sua principal característica é a influência na arquitetura colonial de cunho historicista, sendo vista como um típico exemplar de casa de morada inteira.



Figura 65 – Fachada da edificação, mostrando sua influencia na tipologia de casa de morada inteira, foto em 2011.

Fonte: Foto da autora.

Assim, estas características demonstram a importância da edificação no contexto do patrimônio arquitetônico do município de Santiago. Os valores que atestam tal importância são suas qualidades: plásticas, demonstradas por uma corrente de cunho eclético; tipológicas, por ser uma representante da arquitetura de casas estancieiras; formais, por apresentar uma rígida estrutura em termos de simetria; simbólica, por simbolizar a tradição e os hábitos típicos da vida rural e do homem do campo e histórica, por ter sido propriedade de Sylvio Ferreira Aquino, intendente do município de Santiago por quase quinze anos. Desta forma, através das qualidades artísticas e históricas encontradas na edificação, é possível valorá-la como patrimônio arquitetônico do município, devendo, desta forma, ser valorizada e preservada.

2.6 Edificação localizada na Rua Osvaldo Aranha nº 576

2.6.1 Levantamento Fotográfico



Figura 66 – Edificação localizada na Rua Osvaldo Aranha nº 576, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.



Figura 67 - Edificação localizada na Rua Osvaldo Aranha nº 576 em 2010.
Fonte: Foto da autora.

2.6.2 Descrição histórica

A edificação foi mandada construir por volta de 1920, pelo Sr. Amadeu Jornada, com a finalidade residencial. Pelo que se pode apurar em entrevistas com os familiares, a edificação foi construída em meio a uma grande gleba de terras que pertencia à família, sendo na época uma das poucas casas existentes nas imediações. As iniciais “AJ” encontradas no frontão da edificação foram criadas com a intenção de identificar o nome do proprietário, Sr. Amadeu Jornada, e a família à qual pertencia a residência.

2.6.3 Análise arquitetônica

A figura que segue (figura 68) mostra a localização da edificação na malha urbana da cidade, sendo que esta localiza-se no Bairro Centro, em uma rua de acesso a saída da cidade em direção ao município vizinho de São Francisco de Assis.

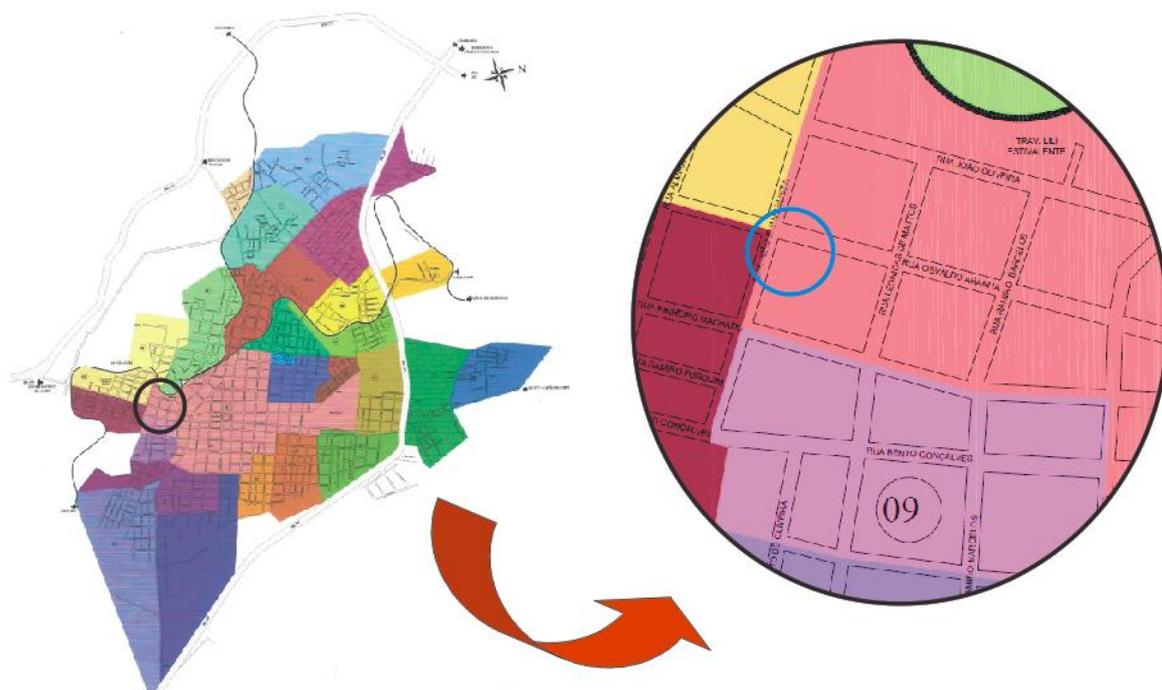


Figura 68 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 06 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Desenho da autora.

Em relação a sua implantação no lote, a mesma possui suas fachadas frontal e lateral esquerda alinhadas no limite do lote (conforme fig. 69).

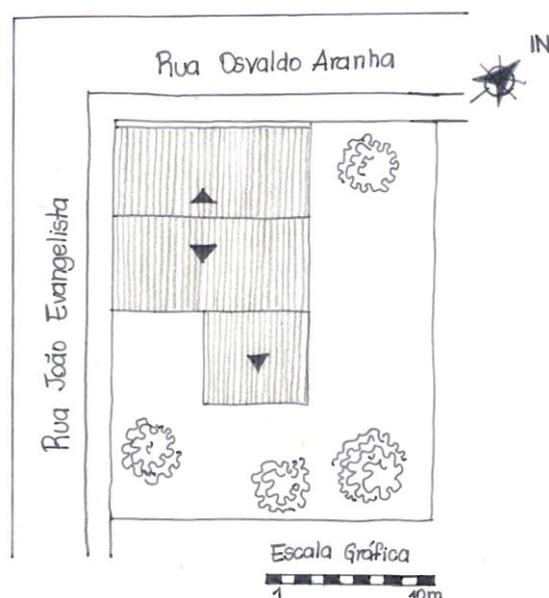


Figura 69 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

A edificação foi mandada construir pelo proprietário, e empreitada por pedreiros da época, sendo que o próprio proprietário, através de croquis, foi

projetista da obra. Trata-se aqui de uma arquitetura popular, sendo a edificação projetada por uma pessoa sem formação profissional. No entanto, que apresenta boas qualidades plásticas e que, por isto, merece ser analisada.

O sistema de construção utilizado na estrutura da edificação foi a parede auto-portante, construída por tijolos maciços deitados, o que conferiu a grossa espessura das paredes, por volta de 40 cm.

Já no forro, o material utilizado foi a madeira. A maior parte dos compartimentos é de forro paulista, ou seja, forro constituído de tábuas estreitas unidas com encaixe macho e fêmea, sendo instaladas em um único sentido. O único compartimento em que o forro é instalado de maneira diferente é o vestíbulo de entrada, onde é possível encontrarmos um forro encabeirado (conforme fig. 70). Este tipo de forro é constituído por tábuas dispostas de modo a formarem um tabuado. Este tabuado é formado por uma série de peças paralelas, cortadas ao meio no sentido transversal e emolduradas duplamente por outras peças, como é possível percebermos na figura a seguir.



Figura 70 – Detalhe do forro encabeirado em madeira, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

No piso é possível encontrarmos o assoalho trespessado nos ambientes íntimos e sociais, como material original da época de construção (conforme fig. 71). Este assoalho possui as tábuas emendadas no seu comprimento, e não atingem o comprimento total do compartimento em que se encontram. Já nos ambientes de serviço, o piso original era o cimento alisado que foi substituído pelo piso cerâmico.



Figura 71 – Detalhe do assoalho trespassado, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

Com o decorrer do tempo, por volta de 1960, a edificação foi ampliada. Contudo, este aumento não seguiu as mesmas características arquitetônicas da edificação, principalmente no que se refere à questão de altura de pé-direito, que foi reduzido. Na primeira parte de construção da edificação (por volta de 1920), é possível destacarmos a presença de alto pé direito, por volta de 4 metros de altura, o que determinou o uso de aberturas com bandeiras fixas (conforme fig. 72 e 73), que conferiu maior proporcionalidade com relação à altura das aberturas e o pé direito existente.



Figura 72 – Detalhe das portas internas da edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.



Figura 73 – Detalhe das esquadrias da edificação com bandeiras fixas, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

No telhado, a telha original da construção era a telha colonial, que de acordo com Albernaz⁵⁷, até o final do século XIX, constituiu-se no único tipo de telha cerâmica usada nas construções brasileiras. Recentemente, as telhas coloniais da edificação foram totalmente substituídas por telhas de fibro-cimento.

A respeito da planta baixa da edificação, pela distribuição dos compartimentos (conforme fig. 74), é perceptível as alterações e ampliações feitas ao longo do tempo. Assim é possível elaborarmos um esquema da planta baixa original que está em destaque. O restante da planta, localizada mais ao fundo, é resultado das alterações que a edificação sofreu ao longo do tempo.

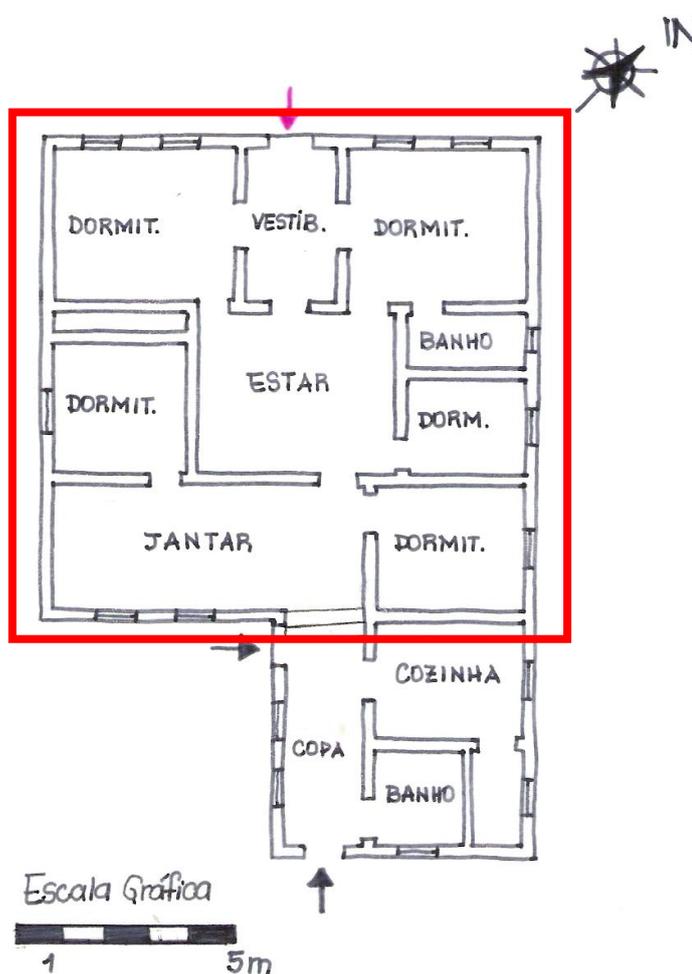


Figura 74 – Planta baixa esquemática da edificação. Em destaque a planta baixa esquemática original da época de construção.

Fonte: Levantamento da autora.

No que se refere à parte original da edificação, um elemento que chama a atenção é o vestíbulo de entrada, que além da porta principal de acesso à edificação, possui mais três portas que conduzem de maneira independente para os

⁵⁷ ALBERNAZ, Maria Paula. op. cit., p.599.

três principais compartimentos da edificação. As portas distribuídas nos compartimentos possibilitam o acesso, interligando todos os compartimentos, sendo que não há um espaço de circulação definido, ou seja, a circulação ocorre dentro do próprio compartimento. Outro aspecto interessante que já havia sido percebido em outras edificações é a questão dos ambientes íntimos e sociais estarem voltados para a rua e os ambientes de serviço voltados para os fundos do lote, o que revela a intenção projetual, que parecia comum na época, priorizando os ambientes principais da casa e voltando-os para a via pública. Este aspecto, sem dúvida, trata a questão do funcionalismo, antes mesmo da sua conceituação por parte dos modernistas. Além disto, outro elemento que chama a atenção e que é praticamente imperceptível no corpo da edificação, é a espécie de um pequeno compartimento localizado entre o escritório e um dos dormitórios e que se acredita que tenha sido para guardar objetos de valor, ou seja, teria a função de cofre na época (conforme fig. 75). Este possui seu acesso apenas por uma pequena janela bem ao alto da parede, supõe-se que na época da construção da edificação, por volta de 1920, poderia haver uma certa inconfiabilidade com relação às agências bancárias da cidade e por esta razão os bens da família eram guardados na própria residência, como é possível observarmos na figura a seguir.



Figura 75 – Detalhe do suposto cofre existente na edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

A fachada da edificação (conforme fig. 76) é composta por um arranjo de quatro janelas e uma porta, sendo que a porta é localizada no centro do volume e nas laterais localizam-se as janelas, gerando bastante simetria e equilíbrio para o

conjunto. A mesma apresenta pouca ornamentação e, provavelmente, trata-se de um classicismo enxuto, visto que a fachada da edificação segue parâmetros vinculados à tradição clássica, destacados pela proporção das partes, a simetria, o equilíbrio e o ritmo.

Os materiais empregados na fachada foram bastante simples, utilizando apenas demarcações de planos através de saliências no reboco, sem utilização de muitos adornos e elementos decorativos.



Figura 76 – Fachada principal da edificação localizada na Rua Osvaldo Aranha nº 576 em 2010.
Fonte: Foto da autora.

No entanto, a característica mais importante desta fachada é sua composição baseada em elementos simétricos e equilibrados, sendo possível, inclusive, traçar uma trama de sua fachada, sendo que esta trama é um conjunto de linhas principais ou eixos que estruturam um edifício ou uma composição decorativa, como é possível verificamos na figura acima (figura 76).

Outro detalhe interessante na fachada é a demarcação bastante clara do acesso principal que se evidencia, principalmente na presença de um pequeno frontão, demarcado por duas pilastras, o qual se salienta em relação à platibanda, que coroa toda a fachada principal da edificação. Neste frontão, há um tímpano onde aparecem as iniciais do proprietário que mandou construir a edificação, o Sr.

Amadeu Jornada. Um aspecto que chama a atenção é a imponência da edificação, resultante de sua altura que possui por volta de 6 metros na fachada e que conta com o pavimento térreo elevado do nível da via pública.

Assim como em outras edificações existentes no município de Santiago, construídas nas duas primeiras décadas de 1900, na fachada principal é evidenciada a existência de um portão ou cancela, sendo esta um elemento de separação entre o espaço privado e o espaço público.

Em função da elevação da edificação do nível da rua, abaixo das esquadrias surge outro elemento arquitetônico, conhecido como embasamento (conforme fig. 77), que em construções antigas servia para distribuir o peso do edifício em uma superfície maior. O embasamento é a parte inferior da construção, situada ao nível do chão, formando uma base. Neste caso, o embasamento é constituído por base, dado e friso. Ainda no embasamento, é notória a presença de gateira retangular (conforme fig. 78), com trabalhos em ferro fundido que serviam, neste caso, para propiciar a ventilação do assoalho em madeira existente na edificação.

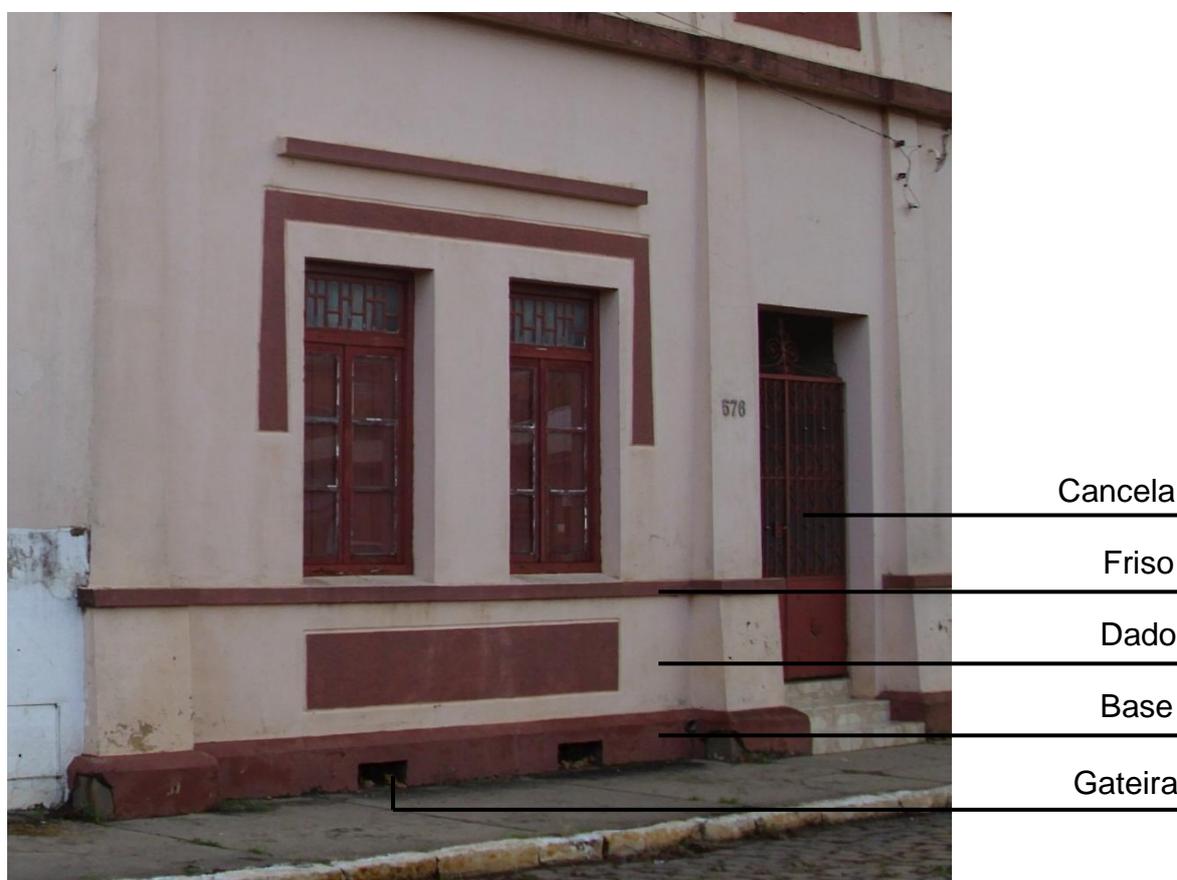


Figura 77 – Detalhe do embasamento da edificação, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.



Figura 78 – Detalhe da gateira existente na edificação, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

O prédio possui valor arquitetônico perceptível na composição harmônica da fachada, o que provavelmente identifica esta obra arquitetônica por influências classicistas. Por este motivo, esta edificação de cunho popular destaca-se pela sua composição classicista, pelas suas qualidades estéticas e pela representatividade no contexto onde está inserida e, portanto, é considerada patrimônio arquitetônico do município de Santiago.

2.7 Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 518

2.7.1 Levantamento Fotográfico



Figura 79 – Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 518 , foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.



Figura 80 - Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 518, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

2.7.2 Descrição histórica

Esta edificação foi construída nos primeiros anos da década de 1920 e atualmente pertence a Alberto Robaldo.

2.7.3 Análise arquitetônica

A imagem que segue (figura 81) mostra a localização da edificação na malha urbana da cidade, sendo que esta localiza-se no Bairro Vila Nova.

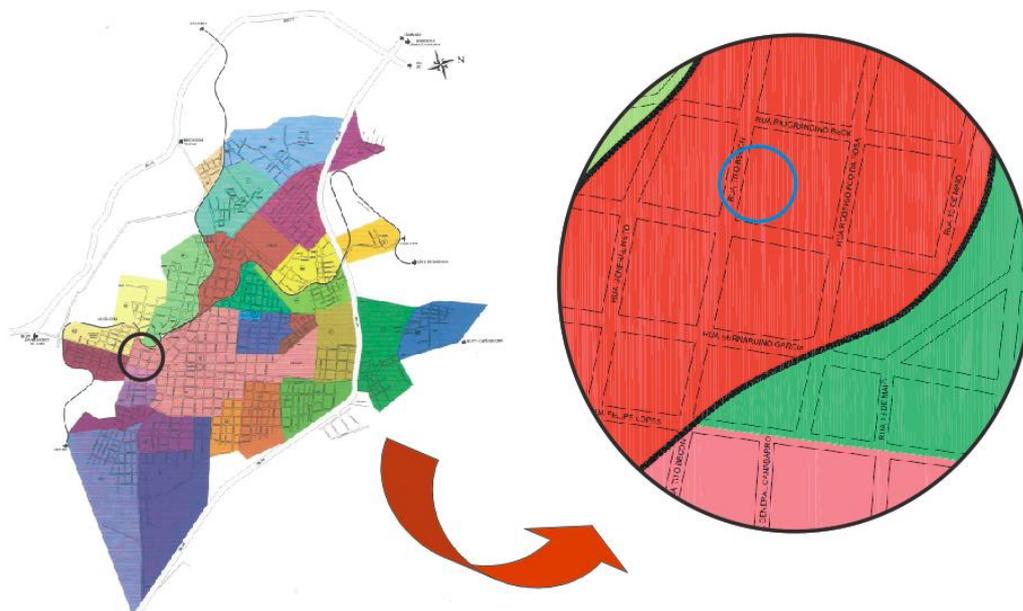


Figura 81 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 07 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Desenho da autora.

Em relação à implantação da edificação no lote, a mesma possui suas fachadas frontal e lateral esquerda alinhadas no limite do lote (conforme fig. 82).

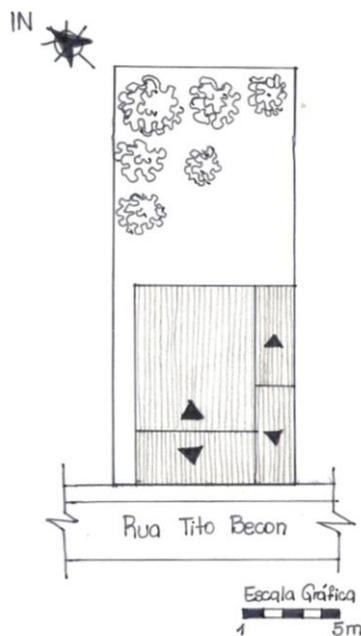


Figura 82 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

A edificação mantém sua fachada totalmente preservada. Já a área interna, foi alterada e atualmente encontra-se em processo de reforma, para se adequar a um uso comercial, já que a edificação sempre foi residencial.

Quanto aos acabamentos da edificação, o piso existente atualmente é o de tacos de madeira. No entanto, acredita-se que este tenha sido substituído o assoalho original da época de construção. Já o forro é em madeira, com encaixe macho-fêmea e possivelmente seja o original.

O sistema de construção utilizado na estrutura da edificação foi a parede de tijolo maciços sentada a barro (conforme fig. 42).

A edificação possui um pé-direito por volta de quatro metros de altura, o que determinou o uso de aberturas com bandeiras fixas. No telhado, as telhas originais, capa-canal, foram substituídas pelas telhas de fibro-cimento.

Com relação à implantação da edificação no lote, a mesma possui sua fachada frontal e fachada lateral esquerda alinhadas no limite do lote, já na lateral direita há um recuo por volta de um metros e meio e, aos fundos, existe um recuo por volta de dez metros. Na lateral esquerda da edificação é possível encontrarmos uma garagem. De acordo com Lemos⁵⁸, o crescente interesse pela aquisição de automóveis particulares definiu novo uso para o programa residencial a partir

⁵⁸LEMOS, Carlos. op. cit., p.54.

década de 1920: a garagem, sendo que ela poderia estar localizada na frente da casa ou nos fundos, junto com outras dependências de serviço, quando houvesse passagem lateral no terreno. No entanto, acredita-se que no caso desta edificação, a garagem (conforme fig. 83) não pertenceu ao programa de necessidades da casa, num primeiro momento. Visto que esta não tem as mesmas características plásticas do restante da fachada, sendo que os adornos utilizados em outras partes, não foram utilizados neste local. O material utilizado nas paredes no restante da edificação é o tijolo sentado a barro; já na garagem, as paredes em tijolos são sentadas com argamassa. A altura do trecho da fachada que corresponde à garagem, também não obedece a mesma altura do restante do conjunto.

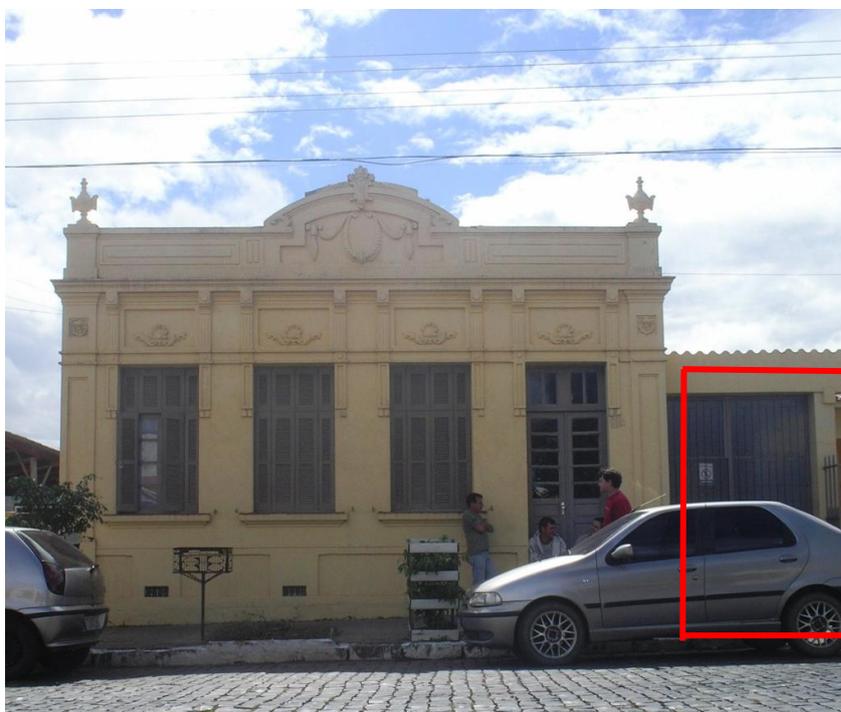


Figura 83 – Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 518, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

A respeito da planta baixa da edificação (conforme fig. 84), é possível avaliarmos que a distribuição ocorria de maneira bem simples, dividindo a edificação em duas faixas: na faixa da esquerda ficaria o setor íntimo, composta pelos dormitórios e banheiros, já na direita, estariam os compartimentos destinados ao setor social e de serviço, separando assim a edificação por setores. O acesso principal da edificação se dá direto em uma sala de estar, localizada junto à fachada da edificação. Através desta, era possível deslocar-se para o dormitório da frente ou então dirigir-se para uma sala de jantar, a qual também possuía um acesso

secundário para o interior da edificação. Mais ao fundo estaria localizado o setor de serviço, com cozinha e banheiro (no entanto, pela espessura das paredes, o banheiro original não era estes que aparecem na planta baixa), que também possuíam um acesso secundário.

Apesar das modificações internas na edificação, que acreditamos que possam ter alterado a distribuição original, um aspecto interessante encontrado, diferente dos outros prédios levantados que foram construídos em períodos próximos, é a questão do surgimento de um corredor, ou seja, uma circulação definida através de paredes, visto que nas outras edificações a circulação confundia-se com a área útil dos compartimentos, ou seja, não havia uma circulação definida, a mesma ocorria dentro do próprio compartimento.

Outro elemento diferenciado em relação às edificações de mesma época é a questão das portas internas. Esta edificação possui vãos internos menores que abrem apenas em uma folha. Provavelmente, o proprietário que mandou construir a edificação tenha tido a intenção de investir mais na fachada da edificação do que na parte interna, ao menos é o que se pode deduzir, através da análise de planta baixa desta edificação, comparando-a com a fachada bastante ornamentada.

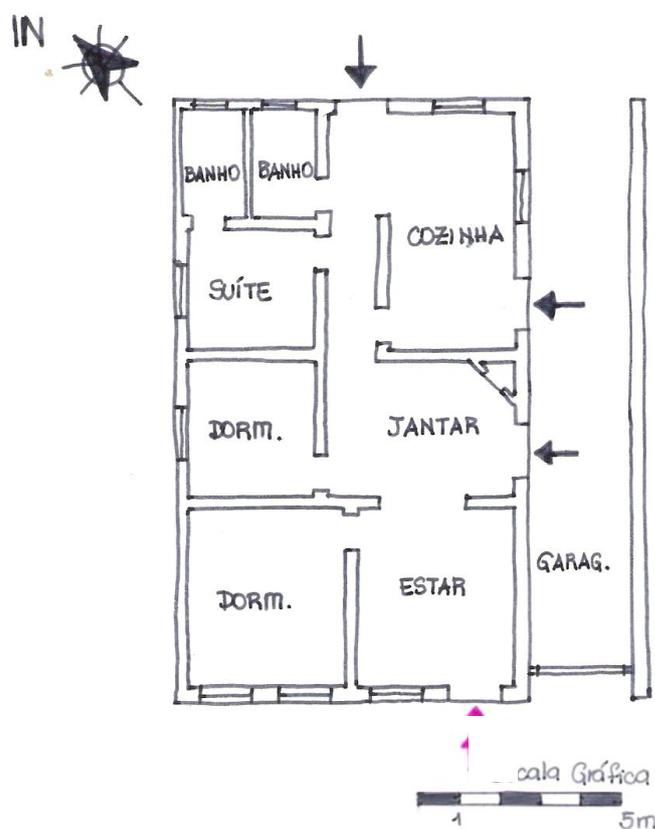


Figura 84 – Esquema de Planta baixa da edificação.
Fonte: Levantamento da autora.

Já na fachada da edificação, pode-se perceber a riqueza de adornos empregados no detalhamento desta (conforme fig. 85 e 86), que de acordo com Albernaz⁵⁹, são todos elementos ou enfeites da construção, dispostos no edifício com a função essencial, frequentemente única, decorativa, podendo ser guirlandas, medalhões, gregas ou acantos.



Figura 85 – Detalhe dos adornos da fachada principal da edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

⁵⁹ ALBERNAZ, Maria Paula. op. cit., p.418.



Figura 86 – Detalhes decorativos da fachada principal da edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

A edificação possui uma linguagem eclética, merecendo destaque o frontão que se eleva da platibanda. A linha curva está adornada por pequenas volutas e apliques inspirados em temas da natureza, como pequenas guirlandas de flores e traçado de folhas. Estas são de características do ecletismo de cunho tropical brasileiro. Nota-se também que a cimalha faz a marcação da platibanda em dois corpos, sendo que no inferior também são colocados alguns apliques decorativos em massa e pequenas demarcações de pilastras. Assim, estilos e temas se misturam, caracterizando a arquitetura eclética da edificação.

A fachada da edificação possui na parte inferior o elemento chamado embasamento, que se localiza ao nível do chão, formando um apoio para cunhal, colunas ou pilares, podendo ser liso ou emoldurado, neste caso é emoldurado. No embasamento, é possível percebermos a presença de gateiras retangulares (conforme fig. 78).

A respeito desta edificação, pode-se afirmar que seu valor arquitetônico está na composição dos elementos construtivos, no requinte da modenatura e na riqueza do decorativismo. Provavelmente, este é o mais requintado exemplar da arquitetura decorativista da cidade, devendo, portanto, ser mantido e preservado. Dessa maneira, é permitido que possamos incluí-lo na lista do patrimônio arquitetônico do

município por suas características artísticas, principalmente no que se refere a suas qualidades plásticas ligadas à estética da fachada.

2.8 Edificação localizada na Rua Júlio de Castilhos nº 621

2.8.1 Levantamento Fotográfico



Figura 87 – Edificação localizada na Rua Júlio de Castilhos nº 621, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

2.8.2 Descrição histórica

Esta edificação foi construída por volta de 1920, para o Sr. Itiberé Aquino Gomes, para uso residencial da sua família, passando por gerações até chegar a Neita Gomes, a atual proprietária da edificação.

2.8.3 Análise arquitetônica

A figura que segue (figura 88) mostra a localização da edificação na malha urbana da cidade, sendo que esta se localiza no Bairro Centro da cidade de Santiago.

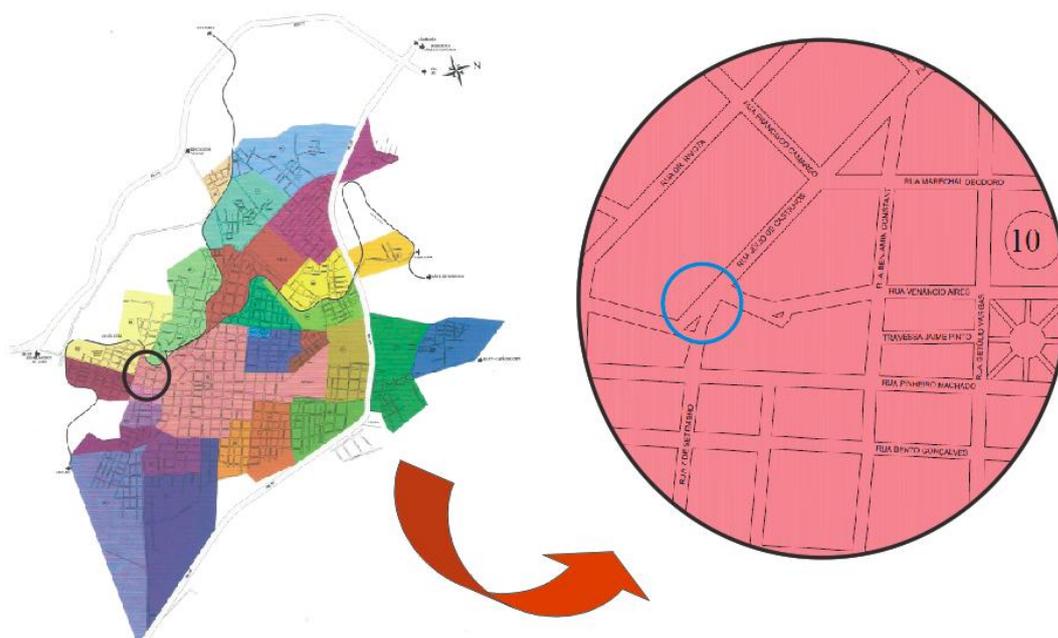


Figura 88 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 08 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Desenho da autora.

Em relação à implantação da edificação no lote, a mesma possui suas fachadas frontal e lateral esquerda alinhadas no limite do lote (conforme fig. 89); já na lateral direita há um pequeno recuo, e aos fundos existe um recuo por volta de sete metros, onde está localizada a garagem, que se constituiu numa edificação isolada do corpo da casa, e que possui seu acesso pela rua secundária.

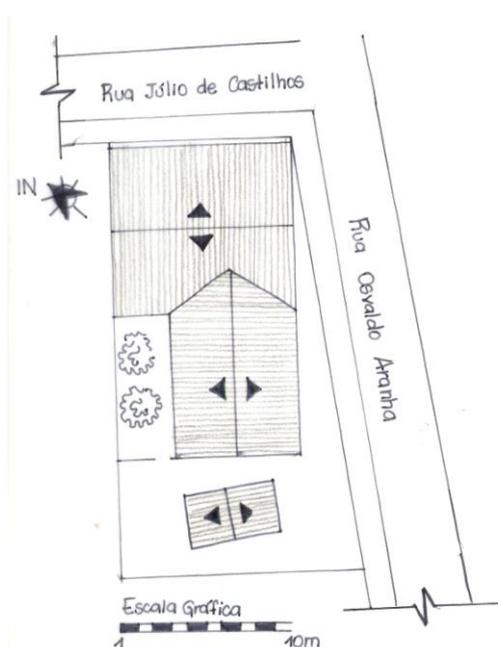


Figura 89 – Planta esquemática da implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

A edificação mantém suas características arquitetônicas totalmente preservadas. A distribuição interna dos compartimentos continua exatamente igual a sua época de construção, assim como os materiais empregados para acabamento que também são originais.

O piso encontrado nos ambientes sociais e íntimos é o assoalho, o qual é original da época em que a edificação foi construída. Em certos ambientes, as tábuas foram instaladas de maneira paralela e o assoalho é chamado então de “Assoalho paralelo” (conforme fig. 90). Já em outros compartimentos, as tábuas foram instaladas de maneira a formar ângulos de 45° com as paredes dos ambientes, sendo denominado “Assoalho de espinha” (conforme fig. 86).

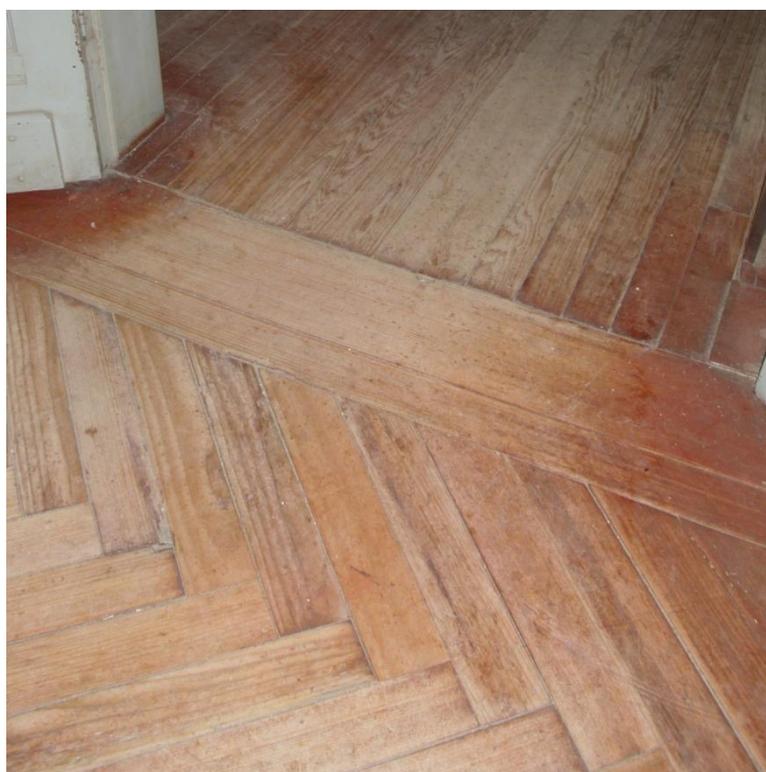


Figura 90 – Detalhe do assoalho da edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

Nos ambientes de serviço, o piso encontrado é o bloco cerâmico avermelhado, e no banheiro pode-se encontrar o piso cerâmico.

Quanto ao teto da edificação, é possível encontrarmos o forro com encaixe saia e camisa (conforme fig. 91), que em alguns ambientes é colocado de maneira a dar maior detalhamento e em outros ambientes ele é posto de maneira mais convencional. Já na figura 92, o forro com encaixe saia e camisa lembra, de alguma

forma, o formato de gamela e, portanto, também pode ser identificado como forro de gamela, com o encaixe saia e camisa.



Figura 91 – Detalhe do forro da edificação, com encaixe saia-camisa, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.



Figura 92 – Detalhe do forro da edificação, com encaixe saia-camisa, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

A edificação possui um pé - direito por volta de quatro metros de altura, o que determinou o uso de aberturas com bandeiras fixas (conforme fig. 93).



Figura 93 - Detalhe de porta interna da edificação, foto em 2011
Fonte: Foto da autora.

No telhado, as telhas coloniais foram substituídas pelas telhas de fibrocimento em alguns pontos da edificação.

A respeito da planta baixa da edificação (conforme fig. 94), há elementos na distribuição que chamam a atenção. O acesso principal dá-se por um vestíbulo de entrada que conduz para os principais compartimentos sociais e íntimos da residência e prolonga-se até os fundos da edificação, dando acesso a um avarandado, à maneira das casas de meia-morada do período colonial. Os 'compartimentos sociais e íntimos da edificação localizam-se à frente da edificação, já os compartimentos de serviço localizam-se ao fundo. Os dois dormitórios da edificação possuem acesso direto entre si, à maneira da casa colonial, o que foi

possível perceber em outras edificações levantadas, construídas entre a década de 1910 a 1920.

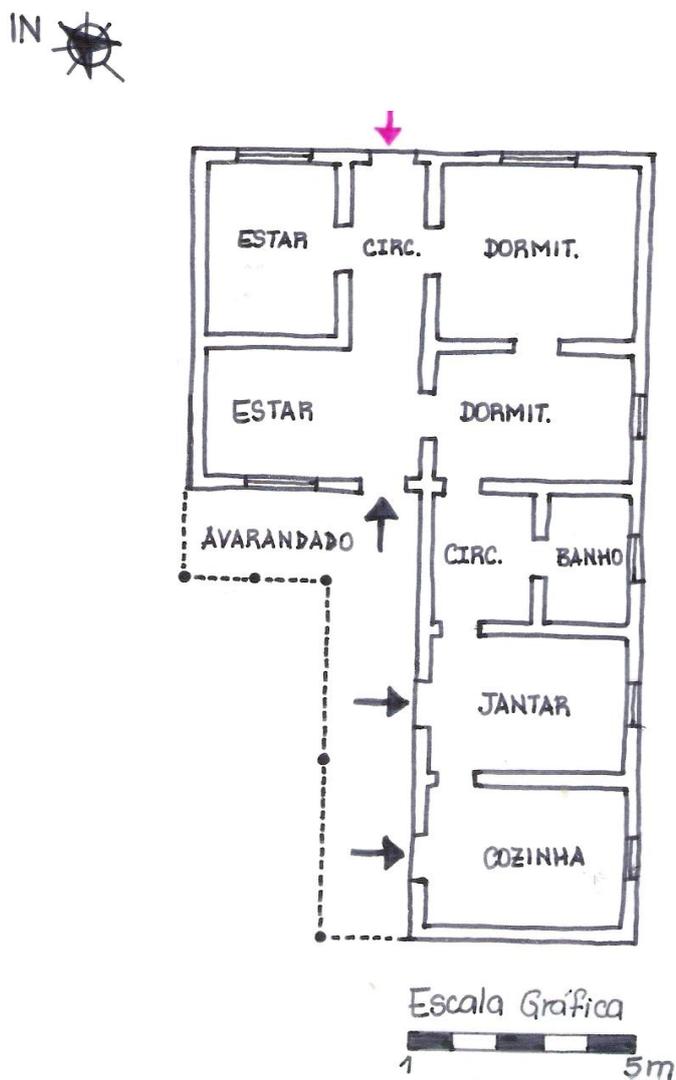


Figura 94 – Planta baixa esquemática da edificação.
Fonte: Levantamento da autora.

Outro elemento que merece destaque na análise é um avarandado em formato "L" (conforme fig. 95), que possui três acessos secundários para dentro da edificação. Este avarandado funcionaria, de acordo com a proprietária, como um ambiente de estar para conversas e encontro dos membros da família, pois seria um espaço de contato com um jardim lateral, como é possível percebermos pela figura a seguir.



Figura 95 – Foto do avarandado que está voltado para um jardim lateral, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

Se tentarmos comparar a tipologia formal desta edificação com uma tipologia de casa de morada inteira (conforme fig. 96), podemos perceber certas semelhanças.

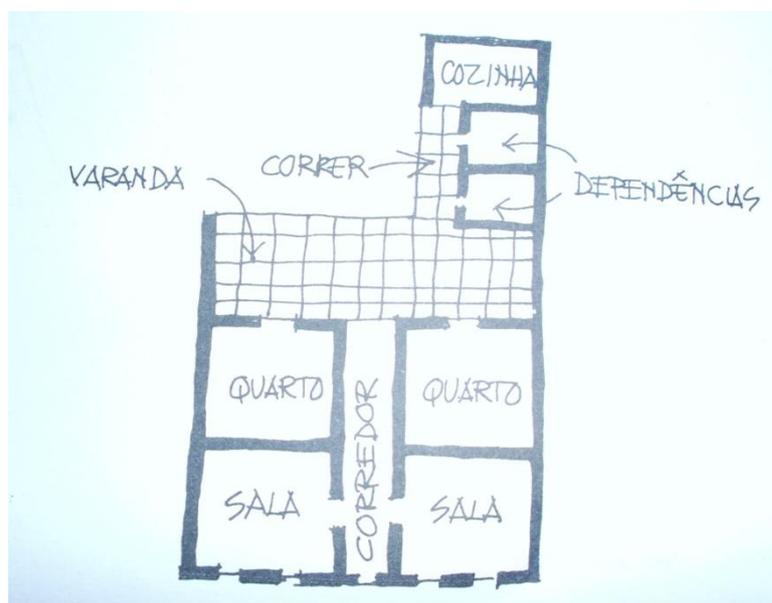
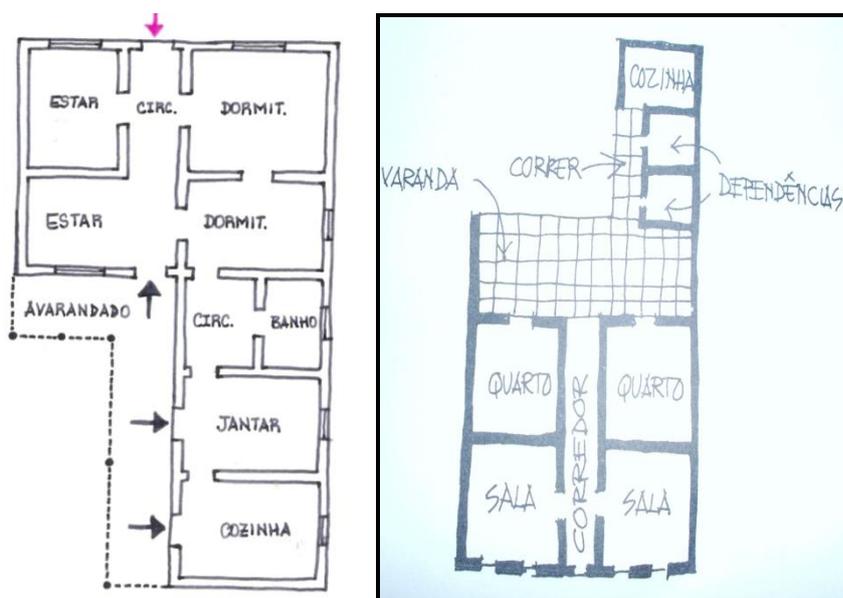


Figura 96 – Planta baixa esquemática de uma casa de morada-inteira.
Fonte: Dicionário Ilustrado de Arquitetura.

A casa de morada inteira que segundo Albernaz (2000, p. 397), foi predominante em todo o Brasil Colonial, é uma casa térrea, constituída pela meia-morada duplicada simetricamente. Em geral, resulta em uma edificação composta por um corredor central ladeado por duas salas de frente e dois quartos, uma

varanda com a largura da testada do prédio e dependências, cozinha e corredor. Esta distribuição interna determina fachada frontal com uma porta de entrada central e uma ou duas janelas laterais à porta. Usualmente, tem planta baixa em forma de “L” e, eventualmente, pode ter variações nos fundos da edificação, originando uma planta em forma de “U”.

Se colocarmos a planta baixa da edificação (fig. 97) de maneira espelhada ao lado da planta baixa de morada inteira (fig. 98), podemos perceber certas semelhanças.

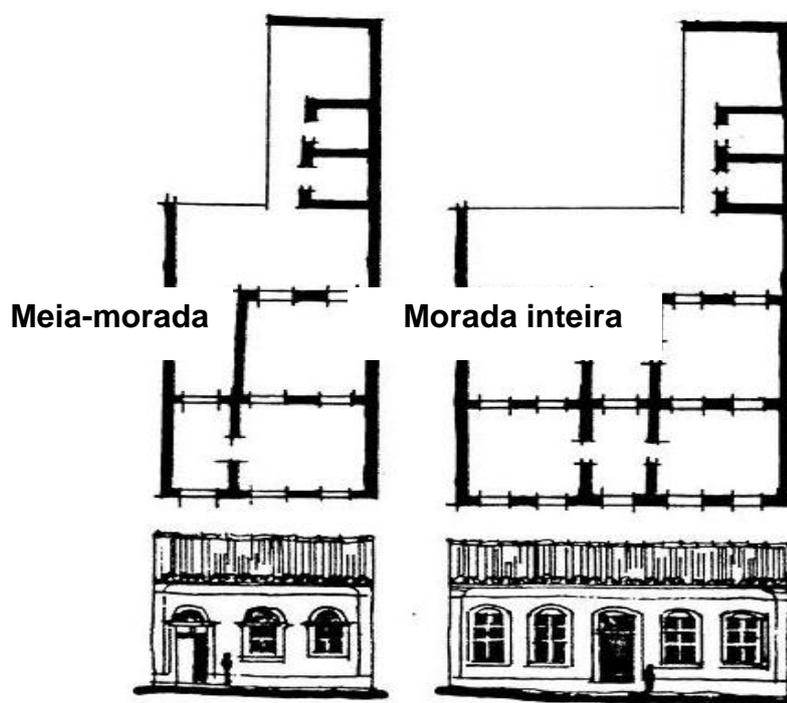


Figuras 97 e 98 – Plantas baixas esquemáticas do prédio em estudo e da casa de morada-inteira.
Fonte: Esquema elaborado pela autora e Dicionário Ilustrado de Arquitetura.

As duas edificações possuem seu acesso principal na mesma posição, de frente para uma circulação que termina em um avarandado. Este corredor central é o elemento responsável pela distribuição dos compartimentos, sendo que em torno deste são formadas duas faixas, nas quais estão dispostos os ambientes sociais e íntimos. A cozinha e compartimentos de serviço estão localizadas ao fundo da edificação, sendo que estas possuem acesso direto com o avarandado. As duas edificações possuem uma tipologia formal em “L”.

Portanto, pelo que se percebe, há indícios de que a edificação em estudo pode ter sido influenciada neste tipo de tipologia arquitetônica do período colonial. No entanto, fica um pouco confuso, pois a planta baixa da edificação corresponde à típica casa de morada inteira (fig.100), já a fachada da edificação representa a tipologia da meia-morada (fig. 99), pois ao invés de edificação ter quatro janelas e

uma porta na fachada principal, só tem duas janelas e uma porta, o que lhe caracteriza como uma edificação de meia morada.



Figuras 99 e 100 – Tipologia arquitetônica da casa do Período Colonial Brasileiro, casa meia-morada e casa morada-inteira.

Fonte: Dicionário Ilustrado de Arquitetura.

Portanto, a edificação em estudo é influência da arquitetura residencial colonial, sendo caracterizada como uma meia-morada duplicada, mas ao invés de quatro janelas, que seria o usual, apresenta apenas duas janelas e uma porta na fachada principal.

Ao observarmos a fachada da edificação (conforme fig. 101), é possível percebermos que toda ela é coroada por uma platibanda a qual esconde o telhado. Na mesma, é possível encontrarmos pequenos relevos, no caso tríglifos. A fachada da edificação é composta por duas cimalthas contínuas que se prolongam em toda a extensão da fachada, sendo que a inferior deve ser a original e que sustentava o beirado. No entanto, quando estes beirados foram proibidos e tiveram de ser substituídos por platibandas, surgiu na edificação a segunda cimaltha. O acesso principal da edificação é demarcado com um volume que sobressai do restante da fachada, fazendo sua clara demarcação. Em torno das esquadrias e porta principal de entrada, é possível encontrarmos molduras em reboco saliente (conforme fig.102), pintadas de cores mais fortes, que destacam esses elementos do restante

da fachada. Na parte inferior da edificação aparecem as gateiras, o que revela que a edificação possui seu piso elevado do nível da calçada.



Figura 101 – Edificação localizada na Rua Júlio de Castilhos nº 621, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.



Figura 102 - Detalhes de fachada da edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

Portanto, pelas características artísticas, destacadas na tipologia da edificação, a qual possui influência na arquitetura do período colonial e nas qualidades plásticas da fachada, que revelam a carga historicista da edificação, é possível destacarmos o seu valor enquanto patrimônio arquitetônico do município.

2.9 Edificação localizada na Rua Benjamin Constant nº 345, 353, 365

2.9.1 Levantamento Fotográfico



Figura 103 – Edificação localizada na Rua Benjamin Constant nº 343, 353, 365, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

2.9.2 Descrição histórica

A edificação foi mandada construir por volta de 1920, e pelo que se pode apurar, esta edificação fazia parte de uma grande casa comercial que ocupava praticamente toda a quadra. Seus primeiros proprietários, pelo que se tem notícias, foi a Família Souza, que mais tarde vendeu para o Sr. Eufrides Beltrão. Por volta de 1930, a Família Beltrão alterou a fachada da edificação, ficando como se encontra atualmente. Em 1960, a edificação foi vendida para o Sr. Valdir Amaral Pinto, que realizou poucas modificações na edificação, apenas ampliando um espaço onde atualmente é uma biblioteca e dividindo as grandes salas que anteriormente eram

comerciais, através de divisórias em madeira, em ambientes menores, para melhor se adequarem ao seu novo uso.

2.9.3 Análise arquitetônica

A imagem que segue (figura 104) mostra a localização da edificação na malha urbana da cidade, sendo que esta se localiza no Bairro Centro da cidade de Santiago.

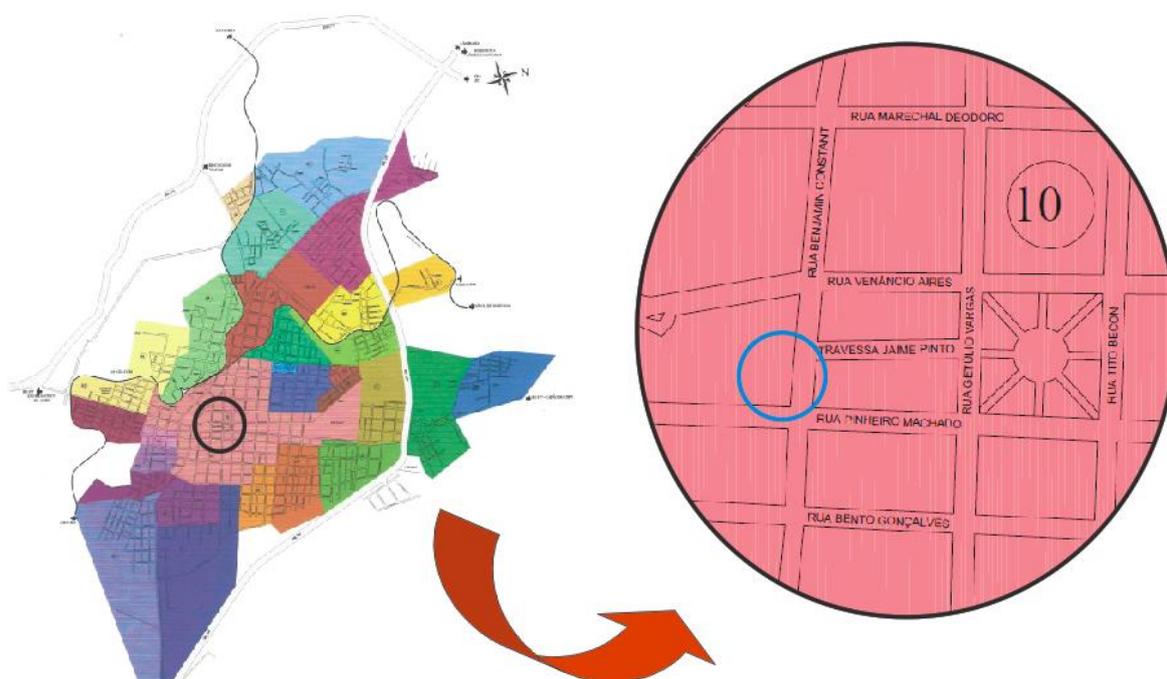


Figura 104 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 09 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Desenho da autora.

Com relação a implantação da edificação, esta mesma possui sua fachada frontal e fachadas laterais alinhadas no limite do lote, já a fachada voltada para os fundos possui um recuo por volta de 12 metros (conforme fig. 105)

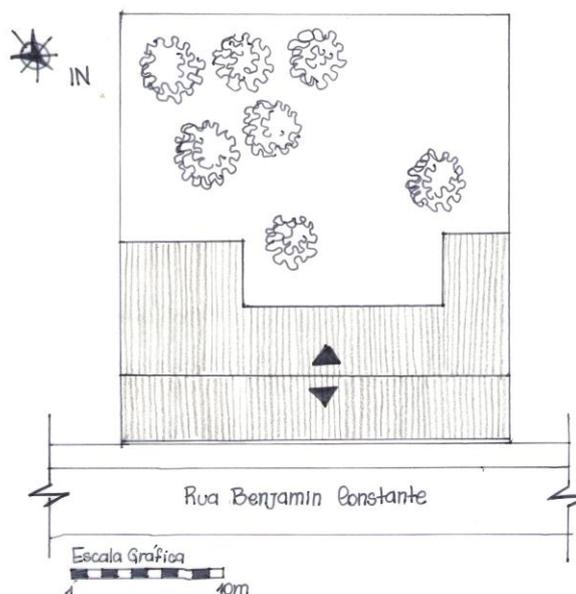


Figura 105 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

O sistema de construção utilizado na estrutura da edificação foi a parede portante, construída por tijolos maciços deitados, o que conferiu a grossa espessura das paredes.

O telhado da edificação é duas águas, sendo que uma água deságua na frente e outra no fundo, com telhas do tipo francesas.

No teto da edificação era possível encontrarmos o forro em madeira, no entanto, atualmente, este forro foi substituído por outro em madeira, cuja intenção era rebaixar o pé direito da edificação, que de acordo com o atual proprietário, tinha por volta de 5 metros de altura.

No piso, ainda é possível encontrarmos alguns materiais usados na época de construção da edificação. Como por exemplo, o assoalho que é do tipo paralelo, ou seja, as tábuas são colocadas de maneira paralela às paredes de maior comprimento e não possuem emendas (conforme fig. 106).

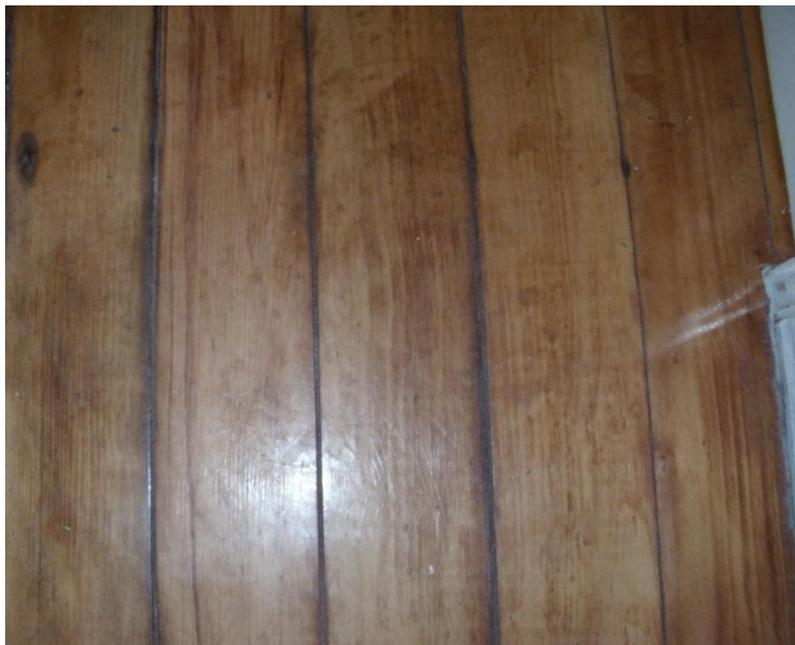


Figura 106 – Detalhe do assoalho paralelo, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

Já nos ambientes de serviço, o piso original era o ladrilho hidráulico (conforme fig. 107), que em partes foi substituído por blocos cerâmicos avermelhados. A seguir a figuras dos ladrilhos encontrados na edificação e que, acredita-se, tenham sido os originais da época de construção da edificação.

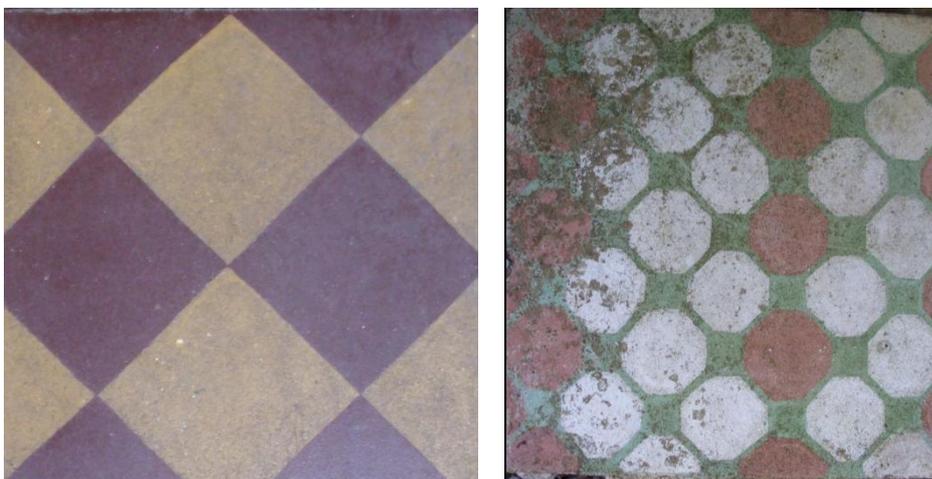


Figura 107 – Detalhe dos pisos de ladrilho hidráulico, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

A respeito da planta baixa, é possível notarmos que esta edificação (conforme fig. 108) é composta por dois estabelecimentos, com distribuições totalmente independentes e sem conexão interna entre si, sendo que cada estabelecimento tem seu acesso independente pela via pública.

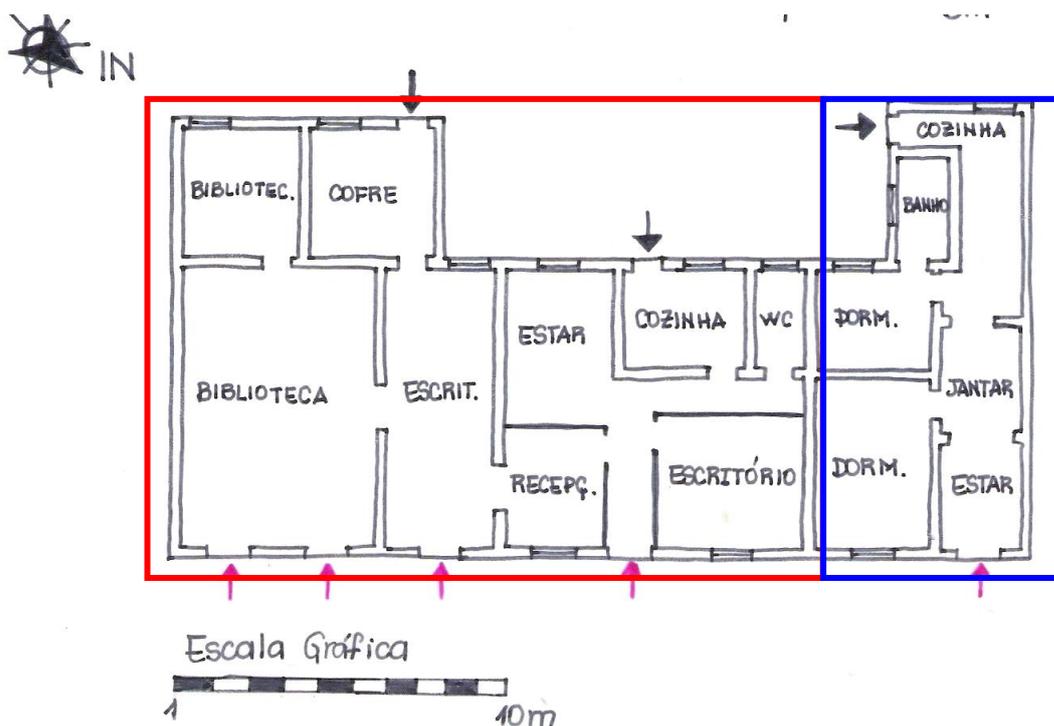


Figura 108 – Planta baixa esquemática da edificação.
Fonte: Levantamento da autora.

Apesar das alterações que a edificação passou ao longo do tempo, na planta baixa esquemática grifada em vermelho, é possível percebermos, desconsiderando as ampliações e modificações feitas por divisórias internas, que a edificação possuía uma distribuição destinada a comércio. Se desconsiderássemos as alterações feitas, poderíamos chegar à seguinte distribuição interna (conforme fig. 109).

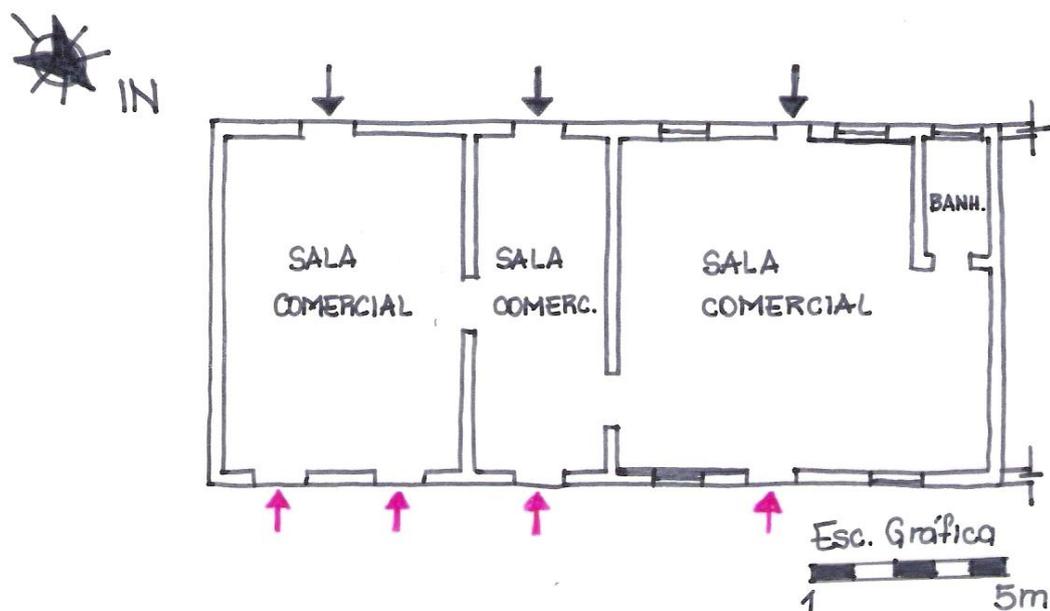


Figura 109 – Provável planta baixa esquemática das salas comerciais da edificação.
Fonte: Levantamento da autora.

Pressupõe-se que esta parte da edificação, onde atualmente funciona um escritório de advocacia, tenha tido seu uso destinado a comércio, de acordo com entrevista com o proprietário. Se analisarmos o esquema de planta baixa sem as modificações feitas ao longo do tempo, poderíamos deduzir que esta parte da edificação era composta de três salas comerciais interligadas entre si, cada uma com seu acesso principal direto para a via pública e com um acesso secundário voltado para um pátio aberto nos fundos do lote. Acredita-se que a interligação entre elas, através de portas internas, dava-se em função da utilização do banheiro, que era único para todo o estabelecimento comercial.

Já a distribuição grifada em azul na figura anterior (figura 109) da planta baixa esquemática da edificação, é atualmente uma área desocupada da edificação e tudo indica pela forma como os ambientes se comportam, que esta área tenha sido de uso residencial.

Na fachada é marcante seu decorativismo de caráter geométrico (conforme fig. 110). Nesta composição arquitetônica, entre linhas verticais e horizontais, é possível destacarmos na fachada da edificação a presença de cunhais e pilastras, com entalhes na argamassa, o que proporcionam uma série de vincos em toda a extensão do fuste. Através destas pilastras, é feita a demarcação das esquadrias e dos acessos. Em todo o correr da fachada é possível destacarmos a presença de uma cimalha, bastante simples, que separa a platibanda da edificação do restante da fachada. Esta platibanda é formada por linhas horizontais escalonadas. Além desses, há outro elemento bastante marcante, localizado próximo ao centro da fachada: é o frontão. Este frontão é composto por linhas verticais escalonadas que são interrompidas por uma marquise. Um aspecto interessante neste frontão é a sua localização. Nas outras edificações levantadas, em que havia frontões, estes se localizavam acima do acesso principal da edificação, já nesta edificação o frontão aparece sobre uma janela.



Figura 110 – Fachada da edificação, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

Assim, pelas qualidades plásticas retratadas no decorativismo geométrico da fachada do prédio, este é considerado patrimônio arquitetônico para o nosso município e representa a arquitetura do período historicista na década de 1920, no município de Santiago.

2.10 Edificação localizada na Rua Sete de Setembro nº 89

2.10.1 Levantamento Fotográfico



Figura 111 – Edificação localizada na Rua Sete de Setembro nº 89, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

2.10.2 Descrição histórica

Esta edificação foi mandada construir em 1923 para moradia do imigrante italiano José Piva e sua família. Este foi pai de Túlio Piva, o qual nasceu em Santiago, em 04 de dezembro de 1915 e residiu por muito tempo nesta edificação. Túlio Simas Piva foi violinista, compositor e poeta. Seu repertório sempre valorizou o choro, o samba e a música popular. Entre seus sambas mais famosos, está: *Tem que ter mulata*, *Gente da noite* e *Pandeiro de prata*. Muitos nomes ilustres do samba dos anos 50 gravaram músicas dele como: Elza Soares, Germano Mathias, Carmélia Alves, Francisco Petrônio, Caco Velho, entre outros. O melhor momento em sua carreira veio em 1968, quando foi o vitorioso do II Festival Sul-Brasileiro da Canção Popular, com *Pandeiro de Prata*.

Túlio Piva é filho de Santiago, sendo reconhecido como um personagem ilustre para o município. Em 2008, foi homenageado na primeira quadra da Rua dos Poetas, sendo consagrado como um dos melhores poetas e compositores da história de nossa cidade.

A família Piva era proprietária de um grande comércio na cidade, sendo que esse empório localizava-se junto à edificação em estudo, como é possível observarmos na figura 112.

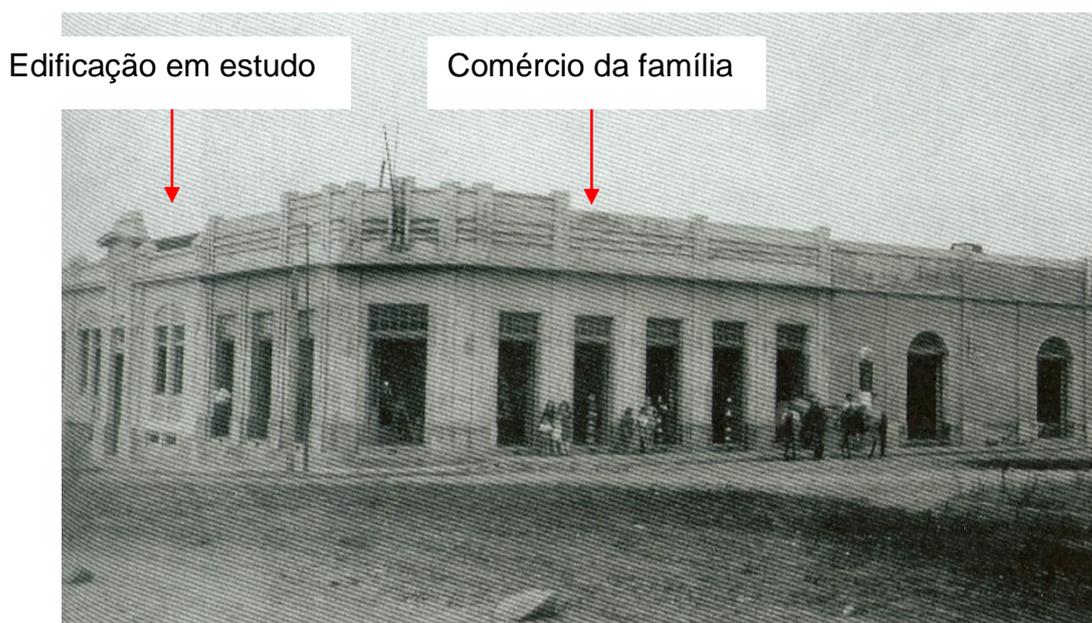


Figura 112 – Foto da Casa Piva em Santiago, na década de 1930, sendo possível visualizarmos a residência e o comércio da família.

Fonte: Inventário Lírico: Poemas e crônicas de Túlio Piva.

Na figura 113, é possível visualizarmos a Família Piva em frente à edificação em estudo; bem ao centro da foto, entre seus pais, está Túlio Piva. Sendo que ao fundo, é possível observarmos a presença de um balcão com adornos florais encontrado na fachada de edificação, o qual se mantém até os dias atuais.



Figura 113 – Foto da Família Piva em frente a sua residência, no final da década de 1920.
Fonte: Inventário Lírico: Poemas e crônicas de Túlio Piva.

Na metade da década de 1950, a família Piva mudou-se para a capital gaúcha onde montou a Drogaria Piva, localizada na Rua dos Andradas, quase esquina com a Rua Dr. Flores. Assim, a residência em Santiago foi vendida ao engenheiro civil Nelson Goelzer, o qual veio de Jaguari, sua cidade natal, a Santiago, para trabalhar como engenheiro responsável pela rede ferroviária. A edificação foi comprada em troca de um automóvel hidramático, visto que na época não existia nenhum automóvel assim na cidade, e mais um certo valor em dinheiro. Com a compra da edificação o engenheiro faz uma pequena reforma na residência, que compreendeu a troca de alguns azulejos e a colocação de rebaixo em gesso na edificação, sendo que esta foi a primeira edificação do município a receber este tipo de acabamento, que foi colocado por uma empresa de Santa Maria. A edificação permanece em posse dessa família até hoje.

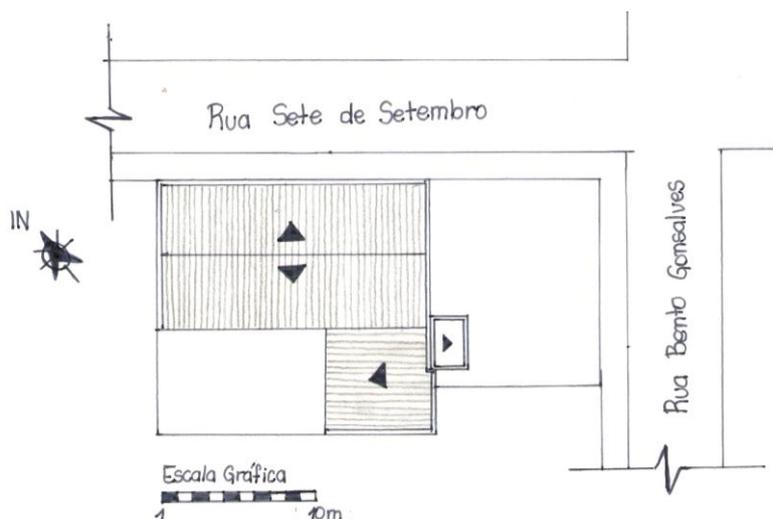


Figura 115 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

A edificação mantém-se muito bem preservada ao longo destes 88 anos de existência. Tanto na fachada como na distribuição interna dos compartimentos, esta não sofreu grandes alterações, mantendo as características arquitetônicas originais da época de construção.

Quanto aos acabamentos da edificação, o piso encontrado nos setores de serviço e banheiros é o bloco cerâmico, já nos ambientes sociais e íntimos podemos encontrar o tabuão, que atualmente encontra-se revestido com carpete. Já no forro é possível encontrarmos o rebaixo em gesso (conforme fig. 116), o qual foi adotado na década de 1950, quando o engenheiro Nelson Goelzer comprou e reformou a edificação.



Figura 116 - Foto do detalhe do forro em gesso da edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

A edificação possui um pé - direito por volta de quatro metros de altura, o que era usual na época em que a edificação foi construída, visto que objetivava manter a residência o mais salubre possível. As aberturas internas são constituídas por portas em madeira, com bandeira fixa, trabalhada com vidros coloridos (conforme fig. 117).



Figura 117 – Portas internas da edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

A respeito da planta baixa da edificação, é possível avaliarmos que o layout interno foi totalmente preservado. A edificação possui quatro acessos, sendo três secundários e um principal. O acesso principal está localizado na fachada principal da edificação e dá acesso a um hall de entrada, o qual é acessado através de uma escadaria, visto que a edificação possui porão alto. Já quanto aos acessos secundários, estes estão localizados nas laterais da edificação e permitem a entrada na edificação pelo setor de serviço. Estes acessos de serviço possuem uma entrada na lateral da edificação, feito através de uma cancela caprichadamente trabalhado com ferro (conforme fig. 118).



Figura 118 – Detalhe da cancela que permite o acesso ao setor de serviço da edificação.
Fonte: Foto da autora.

A distribuição dos compartimentos ocorre formando um “L” (conforme fig. 119); os compartimentos sociais e íntimos estão na parte da frente e, nos fundos, é possível encontrarmos os ambientes destinados a serviço, que possuem como apoio um pátio de serviço, também localizado aos fundos da edificação.

Com relação aos ambientes sociais, é possível destacarmos a presença de um hall de entrada, sala de estar, sala de jantar e gabinete. Quanto aos compartimentos íntimos, encontramos suíte, dormitórios e banheiro íntimo. Já com relação aos ambientes de serviço, podemos citar a presença de cozinha, copa e despensa. É possível percebermos uma evolução quanto à setorização da edificação, se compararmos com edificações anteriores e, portanto um distanciamento da planta residencial de origem colonial. De acordo com Weimer⁶⁰, as edificações residenciais da década de 1910 e 1920, construídas para a elite

⁶⁰ WEIMER, Günter (org.). **Arquitetura; história, teoria e cultura**. São Leopoldo: Unisinos, 2000. p. 41.

porto-alegrense, inspiraram-se nos modelos europeus de *petit hôtel* e da *villa*, introduzidos pelos profissionais estrangeiros e proprietários que em suas viagens, ou pelo contato com revistas e catálogos, tomaram conhecimento dessas soluções. De acordo com o autor, nessa nova fase, as soluções de planta agrupam os ambientes em sequência espacial, conforme seus usos e funções, expressando a necessidade da família. Aliás, uma das características desta arquitetura foi a funcionalidade expressa nos zoneamentos de uso dos cômodos e na setorização das circulações. Houve no projeto também a preocupação em possibilitar que todos os ambientes recebessem luz natural e ventilação, sendo que somente a despensa não atendeu a este aspecto, como mostra a figura a seguir.

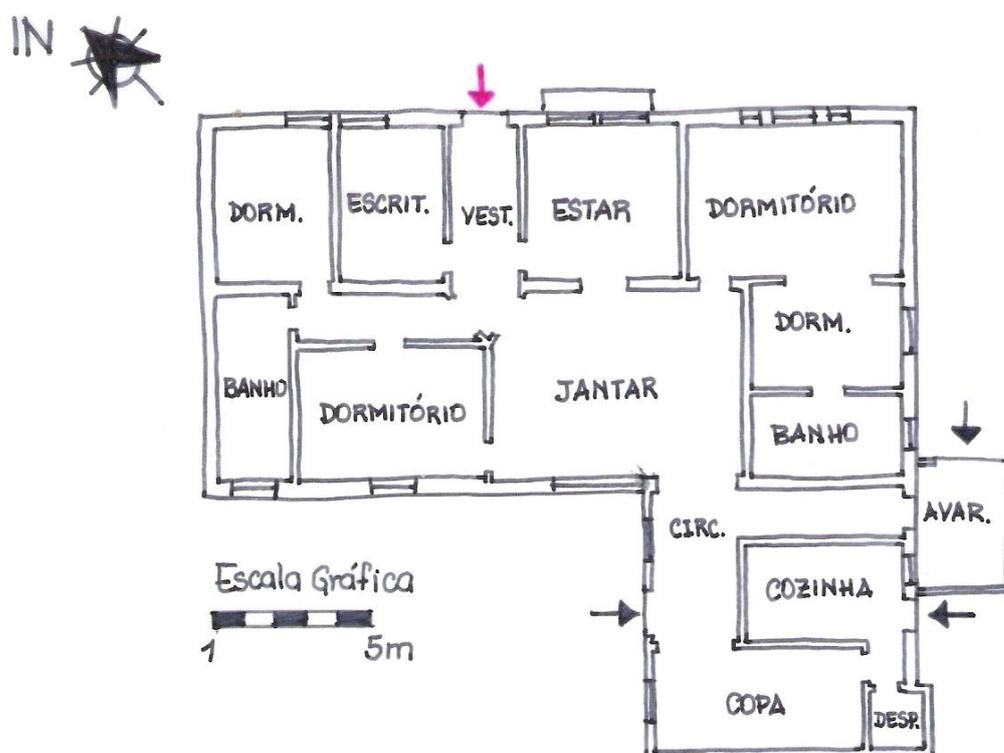


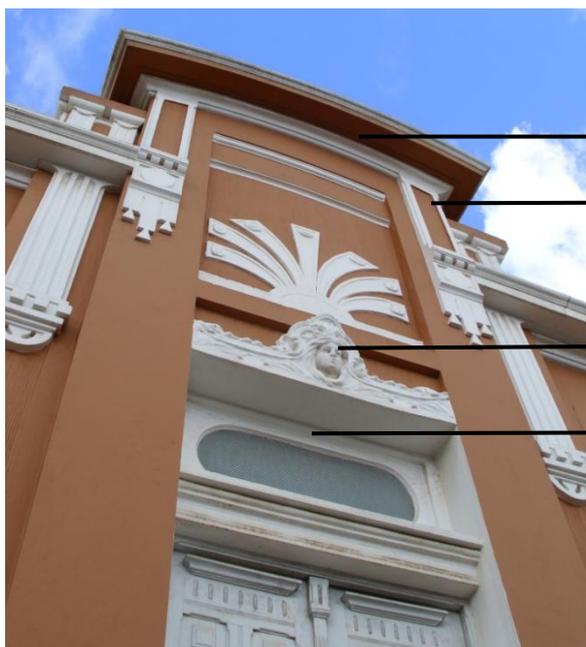
Figura 119 – Planta baixa esquemática da edificação.
Fonte: Levantamento da autora.

Com relação à fachada (fig. 120), é possível analisarmos que a edificação apresenta traços de uma arquitetura de cunho historicista, sendo possível observarmos a utilização de vários adornos decorativos. A edificação possui uma tipologia de porão alto, o que gera a formação de uma base na parte inferior da edificação, chamada de embasamento. Ainda no embasamento é notória a presença de gateiras retangulares, com trabalhos em ferro fundido. Outro elemento de bastante destaque no conjunto é o balcão encontrado na fachada (conforme fig.

122), balcão este que possibilita o contato visual da sala de estar para a rua. Neste balcão, é possível observarmos um rebuscado detalhamento em argamassa, com desenhos florais e recortes circulares. Acima da porta, aparece um rico frontão decorado (conforme fig. 121) que se eleva em dois planos da platibanda, cumprindo sua função de demarcação do acesso principal. Nota-se, ainda, a presença de elementos decorativos, como a imitação de pilastras canelas, um busto de mulher encimando a porta e, sobre este, um desenho estilizado de sol. A platibanda é bem marcada por cimalha e decorada com linhas onduladas, como se o acabamento superior da platibanda fosse feito por um “babado” em argamassa. As janelas que compõem a fachada são agrupadas em conjuntos e sobre elas é formado um elemento semelhante a um arco abatido. Esta edificação apresenta uma fachada que nos permite caracterizá-la como representante de uma arquitetura inspirada na corrente do decorativismo.



Figura 120 – Fachada da edificação localizada na Rua Sete de Setembro nº 89, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.



Frontão

Elemento decorativo em relevo

Busto de mulher

Bandeira fixa em madeira
com preenchimento em vidro

Figura 121 – Detalhes do frontão que demarca o acesso principal da edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.



Figura 122 – Detalhe do balcão e gateiras existentes na edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

O cuidado com a decoração da fachada estende-se até ao muro lateral existente ao lado da edificação (conforme fig. 123), que é tratado com as mesmas características, formando um conjunto muito harmonioso e bem cuidado. Neste muro, é possível percebermos elementos em relevo que fazem a decoração; existem também balaústras responsáveis por formar um muro de segurança, impedindo que

as pessoas entrem no pátio, mas não impedindo que as pessoas que passam na rua possam visualizar o espaço de jardim, que está logo atrás deste muro.



Figura 123 – Detalhe do muro existente ao lado da edificação que cerca o terreno, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

Portanto, pelas características arquitetônicas encontradas na edificação, das quais se destacam as qualidades plásticas e decorativismo da fachada, assim como as soluções dadas à planta baixa, buscadas através de uma funcionalidade dos espaços, pode-se dizer que esta edificação possui valor arquitetônico. Também sua importância histórica, enquanto morada de um dos mais conceituados poetas e compositores do município e do estado como um todo, Túlio Piva, pesam para que possamos conceituar esta edificação como patrimônio arquitetônico e histórico do município. E assim, espera-se que esta continue mantida e preservada como vem sendo até hoje, pois, com certeza, a mesma tem uma grande representatividade arquitetônica e histórica para a sociedade santiaguense.

2.11 Edificação localizada na esquina entre as Ruas Tito Becon e Duque de Caxias nº 861

2.11.1 Levantamento Fotográfico



Figura 124 – Edificação localizada na esquina entre as Ruas Tito Becon e Duque de Caxias, foto em 2010.

Fonte: Foto da autora.

2.11.2 Descrição histórica

A edificação construída na década de 1930 teve, a princípio, uso exclusivamente residencial e, posteriormente, passou a funcionar também como comércio. Esta edificação está localizada na diagonal da Praça Moisés Viana, a praça principal da cidade. Pelo que se pode apurar, esta edificação já foi de propriedade de Silvio Gomes Wallace Duncan, o qual residiu na edificação por muitos anos. Silvio Duncan nasceu em Santiago, em 1º de junho de 1922. Bacharel em Direito, professor universitário, poeta e romancista. Foi um dos fundadores do Curso de Comunicação Social da UFRGS. Tem como obras: *Apenas o verde silêncio*, em parceria com Hitor Saldanha, Joaquim Azevedo e Jorge César Moreira (1954); *Poesia Quixote* (1956); *Paisagem xucra* (1958); *Profetas do cimento* (1983).

Este santiagoense foi homenageado na primeira quadra da Rua dos Poetas, sendo reconhecido como um personagem ilustre para o município.

Posteriormente, Silvio Duncan vendeu para Sirilo Antônio da Silveira o qual, por herança, passou para Géferson Gomes da Silveira e, atualmente, pertence a sua esposa Terezinha Pece Silveira.

2.11.3 Análise arquitetônica

A figura a seguir (fig. 125) mostra a localização da edificação no núcleo urbano da cidade de Santiago. Sendo que esta está localizada junto a praça principal da cidade: Praça Moisés Viana, no Bairro Centro.

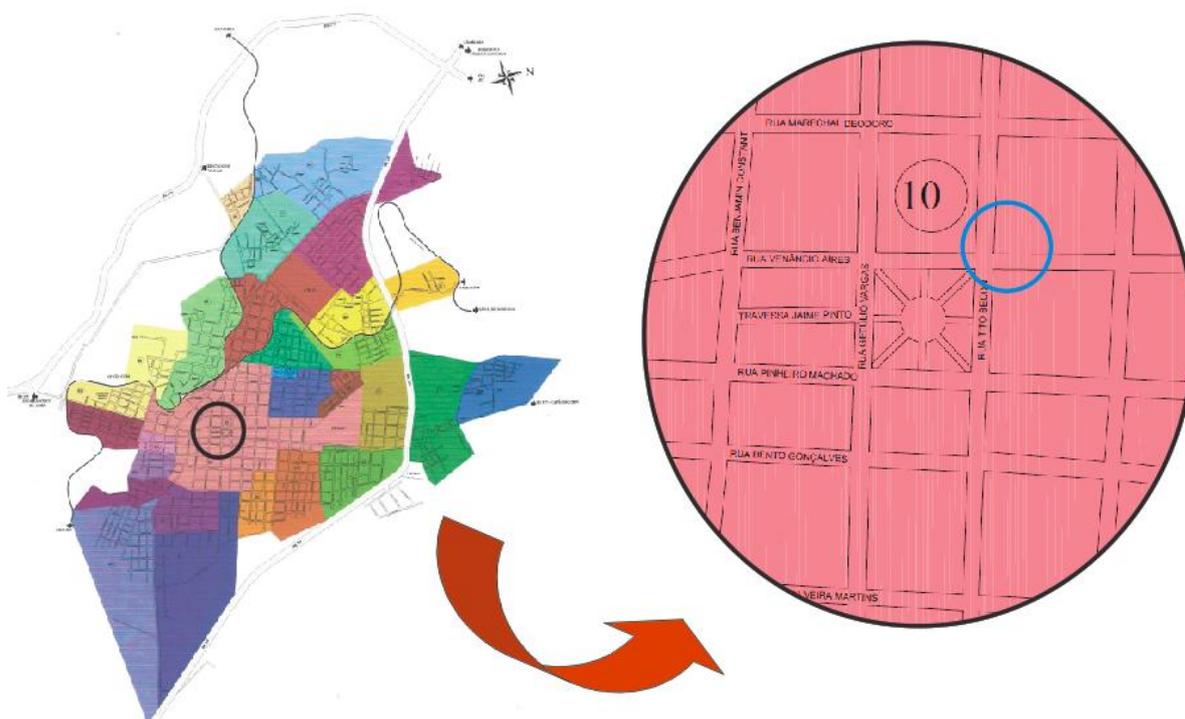


Figura 125 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 11 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Desenho da autora.

Com relação à implantação da edificação no lote, a mesma possui sua fachada frontal e fachada lateral direita alinhadas no limite do lote, já a fachada lateral esquerda e a fachada dos fundos encontram-se recuadas dos limites do lote (conforme fig. 126).

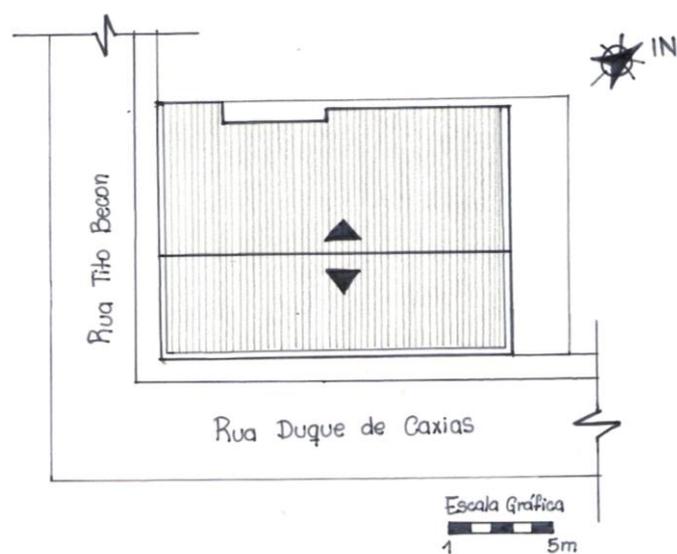


Figura 126 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Desenho da autora.

A edificação construída por volta de 1920, possui um sistema construtivo de parede auto-portante em tijolos maciços deitados, o que conferiu grossa espessura às paredes. Apresenta forro em madeira, do tipo forro paulista, com encaixe saia e camisa (conforme fig. 15)

Com relação ao piso, nas áreas íntimas e sociais o assoalho foi o material encontrado; já nos ambientes de serviço, o piso encontrado foi o ladrilho hidráulico (conforme fig. 127 e 128).

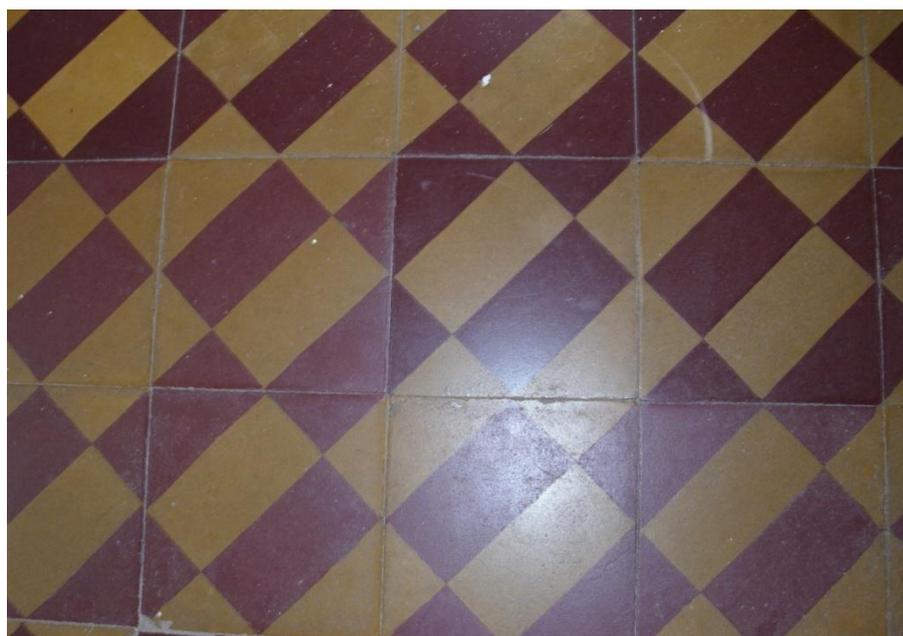


Figura 127 – Detalhe do piso em ladrilho hidráulico encontrado nos ambientes de serviço, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.



Figura 128 – Detalhe do piso em ladrilho hidráulico encontrado nos ambientes de serviço, foto em 2011.

Fonte: Foto da autora.

No telhado, as telhas francesas se mantêm as mesmas, desde a época de construção da edificação.

Com relação à planta baixa da edificação (conforme fig. 129), é possível avaliarmos que a edificação passou por diversas modificações internas. De acordo com os proprietários, a edificação era uma pequena residência construída na esquina, quando Silvio Duncan, um dos primeiros proprietários mandou reformar e ampliar. Assim, a edificação passou a ter a área que possui atualmente. A parte comercial foi criada mais recentemente. Desta forma, a fachada voltada para a Rua Tito Becon passou a funcionar como comércio, funcionando de maneira independente da residência. Na parte residencial da edificação, é possível observarmos que há acessos independentes para o setor social e para o setor de serviço. A edificação também possui uma setorização definida, apresentando na parte frontal da edificação os ambientes sociais e íntimos; já os ambientes de serviços estão concentrados no fundo da edificação. Um elemento interessante é um avarandado encontrado nos fundos da edificação. Este avarandado atualmente foi fechado com esquadrias e perdeu suas características originais. Neste avarandado há uma escada lateral que permite o acesso da rua para dentro da edificação e que certamente funcionava como um acesso secundário.

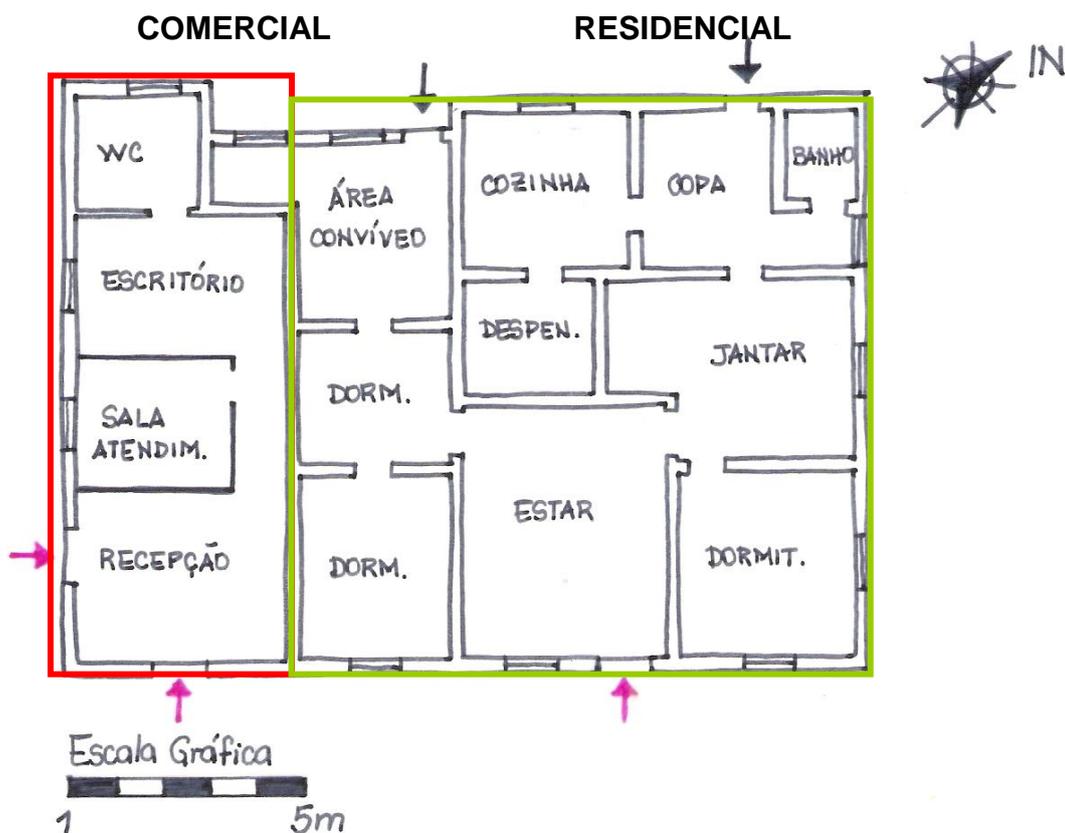


Figura 129 – Planta baixa esquemática da edificação.
Fonte: levantamento da autora.

Os materiais empregados na fachada são bastante simples (conforme fig. 130), utilizando apenas demarcações de planos através de saliências no reboco, sem utilização de muitos adornos e elementos decorativos.



Figura 130 – Fachada da edificação localizada na esquina entre as Ruas Tito Becon e Duque de Caxias, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

A volumetria retangular do prédio é coroada por uma platibanda trabalhada por frisos em relevo. A presença de portas e janelas dão um efeito de cheio e vazio, valorizando bastante a obra. É possível percebermos a presença de duas cimalthas, o que indica que anteriormente havia um beirado e depois este foi substituído pela platibanda. Há também na fachada, emoldurando a parte superior das aberturas, uma espécie de faixa em argamassa saliente, a qual propõe um trabalho bastante interessante de movimentação da fachada. Outro elemento notório na fachada é o soco, sendo encontrado na parte inferior da edificação e geralmente pintado em cor mais forte, com a função de proteger a base da edificação de respingos e sujeiras.

As aberturas, todas em madeira, possuem bandeiras fixas trabalhadas (conforme fig. 131).



Figura 131 – Detalhe das esquadrias com bandeira fixas encontradas na edificação.
Fonte: Foto da autora.

Assim, mesmo apresentando muita simplicidade arquitetônica, é possível dizermos que a edificação é patrimônio arquitetônico de Santiago, pois em sua fachada as soluções plásticas encontradas retratam a arquitetura residencial do período de 1930, no município de Santiago. Mas também esta edificação pode ser conceituada como patrimônio pela sua representatividade histórica, sendo que a mesma foi morada do poeta Silvio Duncan, um cidadão ilustre para a cidade, sendo merecedor de homenagens na Rua dos Poetas.

2.12 Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 578

2.12.1 Levantamento Fotográfico



Figura 132 – Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 578, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.



Figura 133 – Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 578, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

2.12.2 Descrição histórica

A edificação foi construída em 1930, para comércio da família Durgante que trabalhava com armazém e venda de confecções. Em 1949, foi feita uma ampliação destinada a aumentar a área interna da edificação, passando a ter uso também residencial. Esta se localizada na Rua Tito Becon nº 578. Seus atuais proprietários são Arcy Durgante e Elonir da Rosa Durgante.

2.12.3 Análise arquitetônica

A figura a seguir (fig. 134) mostra a localização da edificação no núcleo urbano do município, sendo que a mesma localiza-se no Bairro Vila Nova.

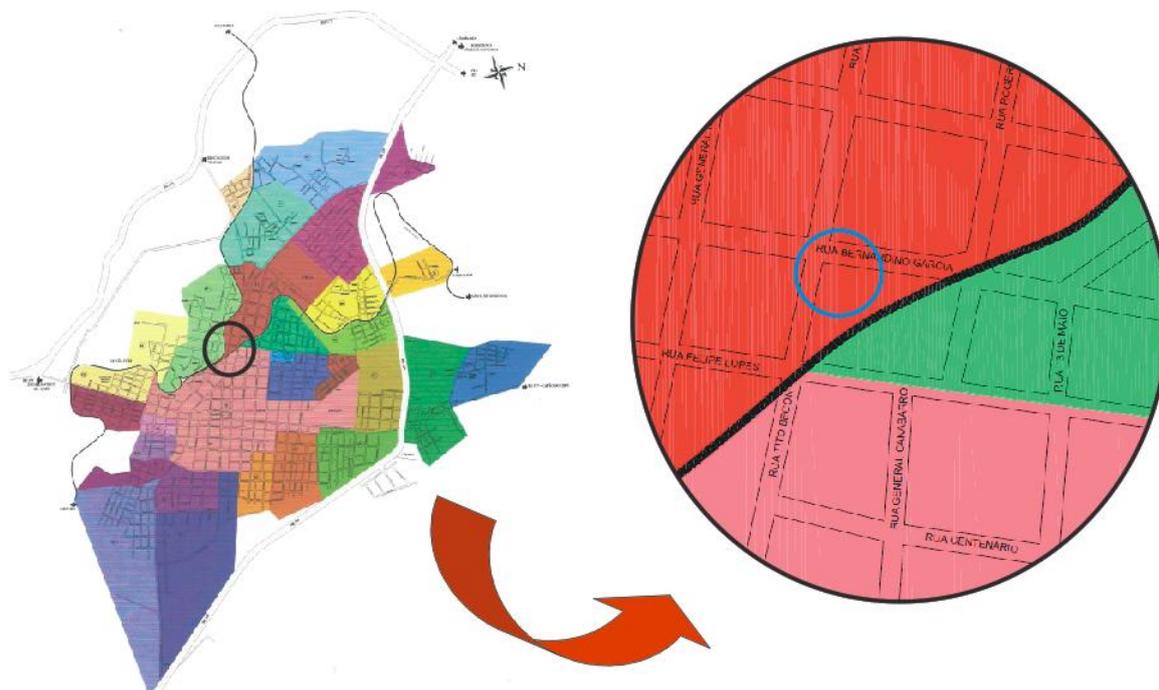


Figura 134 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 12 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Desenho da autora.

Com relação à implantação da edificação, a mesma possui sua fachada frontal e fachada lateral direita alinhadas no limite do lote, já a fachada lateral esquerda e dos fundos são recuadas com relação ao limite do terreno (conforme fig. 135).

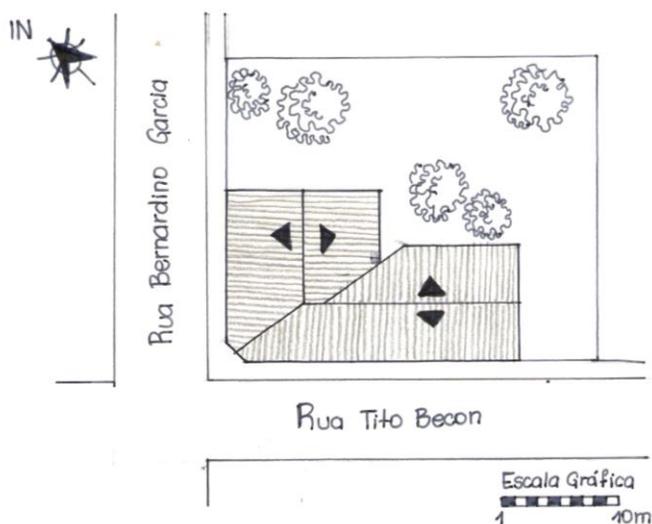


Figura 135 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

O sistema de construção utilizado na estrutura da edificação foi a parede portante, construída por tijolos maciços deitados, em partes assentadas a barro, em outras assentadas em argamassa de cal e areia. Este sistema conferiu uma grossa espessura às paredes, por volta de 50 cm em alguns pontos, como na parte mais antiga da edificação.

Já no forro, o material utilizado foi a madeira, constituído de tábuas largas unidas com encaixe macho e fêmea, sendo instalada em um único sentido, sendo o forro do tipo paulista.

No piso, é possível encontrarmos o tabuão (conforme fig. 136) em alguns compartimentos, principalmente das áreas sociais e íntimas. Já na parte onde era armazém, o piso encontrado é o cimento queimado e o ladrilho hidráulico. E nos ambientes de serviço é possível encontrarmos o bloco cerâmico.



Figura 136 – Detalhe do tabuão e ladrilho hidráulico, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

As esquadrias encontradas na edificação são em madeira com preenchimento em vidro, possuindo duas folhas e com bandeira (conforme fig. 137). Sendo que a utilização da bandeira buscava assim como em outras edificações já mostradas melhorar a salubridade, propiciando melhor iluminação natural e ventilação.



Figura 137 - Detalhe das portas externas da edificação com a presença de bandeiras.
Fonte: Foto da autora.

No telhado, a telha original da construção era a telha colonial que, de acordo com Albernaz⁶¹, até o final do século XIX constituiu-se no único tipo de telha cerâmica, usada nas construções brasileiras. Recentemente, as telhas coloniais da edificação foram totalmente substituídas por telhas de fibro-cimento.

A respeito da planta baixa da edificação (conforme fig. 138), é possível percebermos que a parte comercial localizava-se na frente da edificação, onde era possível acessar a loja através de cinco portas largas com duas folhas, e as janelas também eram largas, por volta de 1,20 metros que funcionavam como vitrines. O escritório, sala de costuras e depósito localizavam-se mais ao fundo da edificação, assim como a residência, sendo que ambos foram construídos posteriormente. O acesso da residência ocorre direto pela rua em uma sala de estar ou então em um acesso secundário pelo pátio de serviço, sendo que os ambientes íntimos e sociais estão localizados na lateral da edificação, na face voltada para a rua, e os compartimentos de serviço estão colocados mais ao fundo do terreno. A circulação ocorre tanto por dentro dos ambientes como em uma circulação definida.

⁶¹ ALBERNAZ, Maria Paula. op. cit., p.599.

Um item interessante que pode ser percebido na edificação é a questão de uma parede inclinada que aparece no escritório, sendo que esta parede possibilitou que a copa pudesse receber uma janela, favorecendo a incidência de iluminação direta neste ambiente, ou seja, um método simples que propiciou melhor conforto, aos dos moradores da edificação.

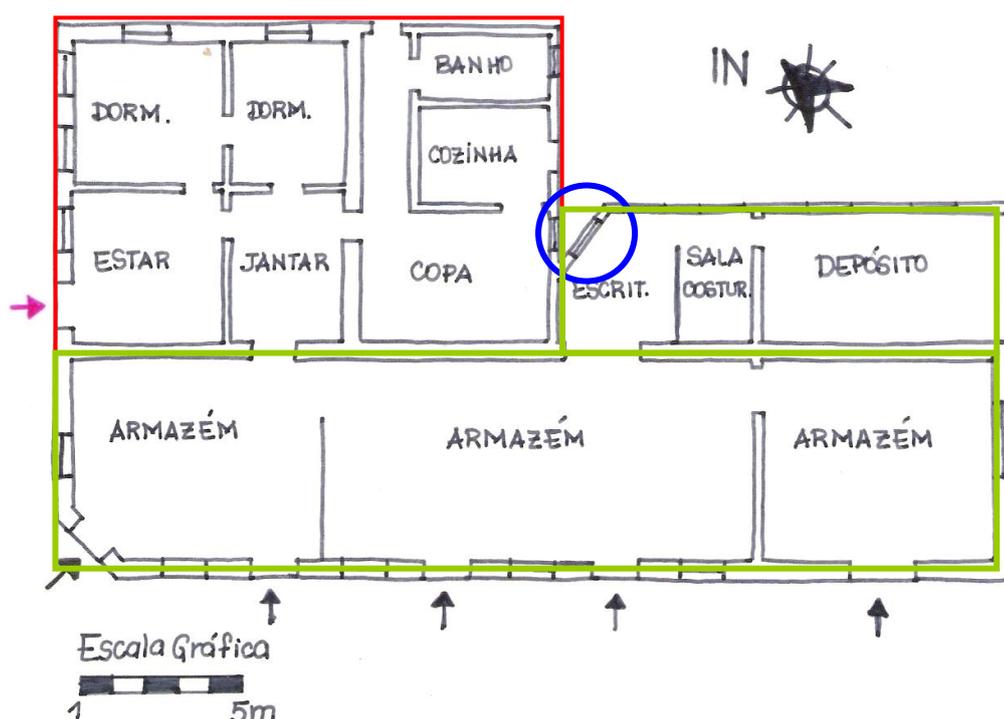


Figura 138 – Planta baixa esquemática da edificação até 2009.
Fonte: Levantamento da autora.

Apesar da edificação ter sido construída em partes, seu projeto mostra um funcionalismo e setorização bastante claros, onde o espaço comercial e residencial ocorrem de maneira independente, mas interligados por uma passagem interna.

Atualmente, a parte comercial está desativada, sendo que essas salas transformaram-se em salas para depósito e sala para pizzaria que se localiza ao lado da edificação, no mesmo terreno (conforme fig. 139).

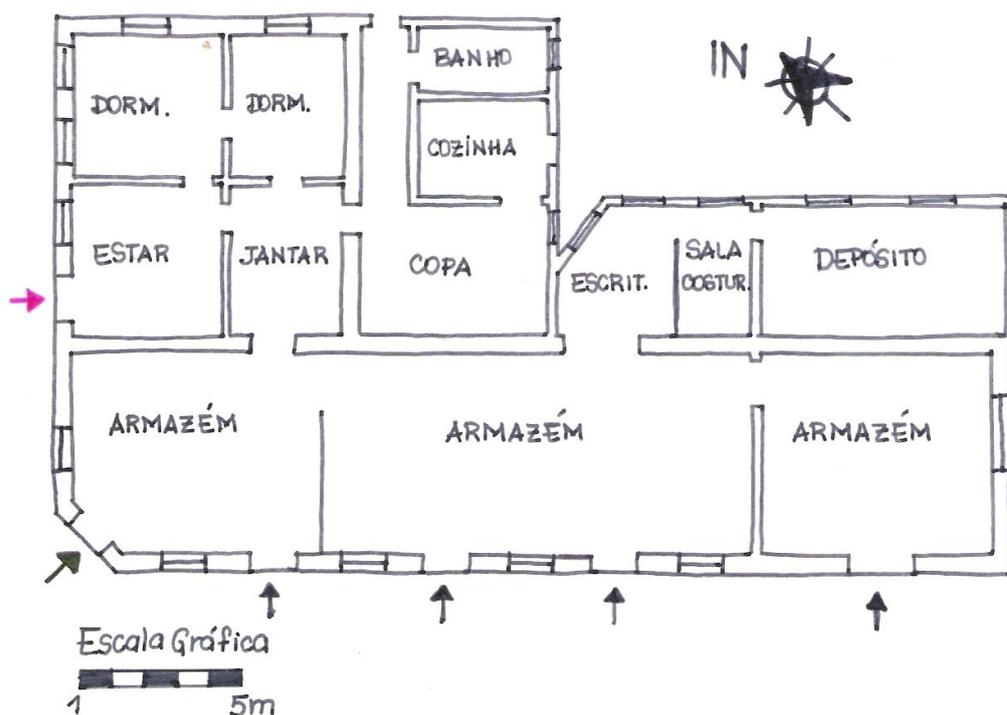


Figura 139 – Planta baixa esquemática da edificação atualmente – 2011.
Fonte: Levantamento da autora.

Com relação à fachada da edificação (conforme fig. 140 e 141), é possível observarmos a utilização de adornos aplicados em argamassa em relevo que, pintados em cor clara, se destacam no conjunto. Em alguns pontos, pode-se perceber a utilização de faixas em tijolo à vista, que tem por volta de 20 centímetros de altura e que fazem, através de linhas horizontais, um detalhamento na fachada. Na esquina, é feita uma demarcação através de um ângulo de 45° com relação às ruas que tangenciam o prédio. Sobre esta porta, é encontrado um pseu-frontão trabalhado com linhas curvas, o qual se repete em outros pontos da fachada, totalizando um número de quatro. Sob este pseu-frontão, é notória a presença de um tímpano trabalhado com apliques florais. Outro elemento bastante marcante na fachada, é a presença do soco que aparece na base da edificação e que ao longo dele estão dispostos várias gateiras. Além deste elemento, outro que se destaca é a cimalha que se prolonga em toda a extensão das fachadas e que faz a demarcação da platibanda, responsável por coroar toda a edificação, escondendo o telhado. Outro detalhe interessante na fachada é o tipo de acabamento utilizado nas paredes, as quais recebem um reboco rugoso. E este tipo de acabamento não havia sido percebido em nenhuma outra edificação da década de 1930 no município, visto que somente anos depois ele foi utilizado nas edificações com linguagem californiana,

tratando-se aqui de uma novidade com relação à utilização dessa técnica decorativa nas fachadas.



Figura 140 – Detalhes da fachada da edificação.
Fonte: Foto da autora.



Figura 141 – Detalhes da fachada da edificação.
Fonte: Foto da autora.

As características plásticas encontradas na edificação remetem ao tipo de arquitetura usual nos prédios de Santiago na década de 1930, quando são utilizados

elementos decorativos que adornam as fachadas. Portanto, pelas suas características estéticas, esta edificação é considerada patrimônio arquitetônico para o município de Santiago.

2.13 Edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1793

2.13.1 Levantamento Fotográfico



Figura 142 – Edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1793, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

2.13.2 Descrição histórica

Esta edificação foi construída na metade da década de 1930 para a família Maurer e atualmente pertence à família Beltrão, sendo utilizada como comércio.

2.13.3 Análise arquitetônica

A figura a seguir (fig. 143) mostra a localização da edificação no núcleo urbano do município, sendo que esta se localiza no Bairro Centro.

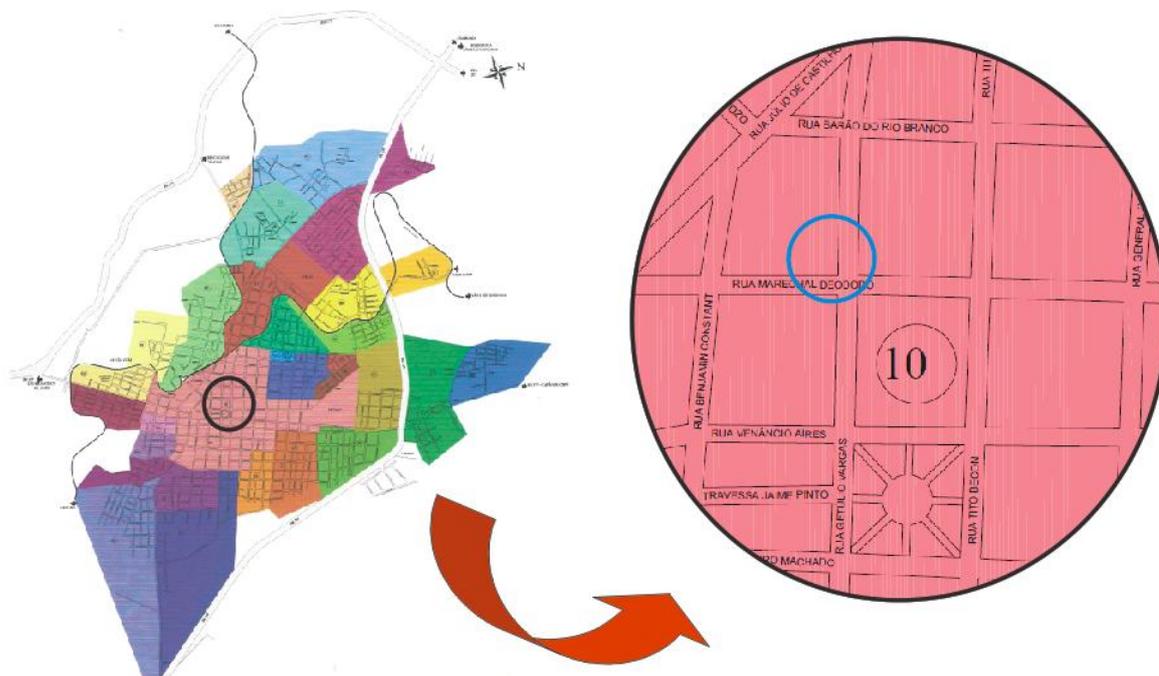


Figura 143 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 13 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Desenho da autora.

Com relação à implantação da edificação no lote, a mesma possui sua fachada frontal, fachada lateral direita e fachada dos fundos alinhadas no limite do lote, já na lateral esquerda há um pequeno recuo.

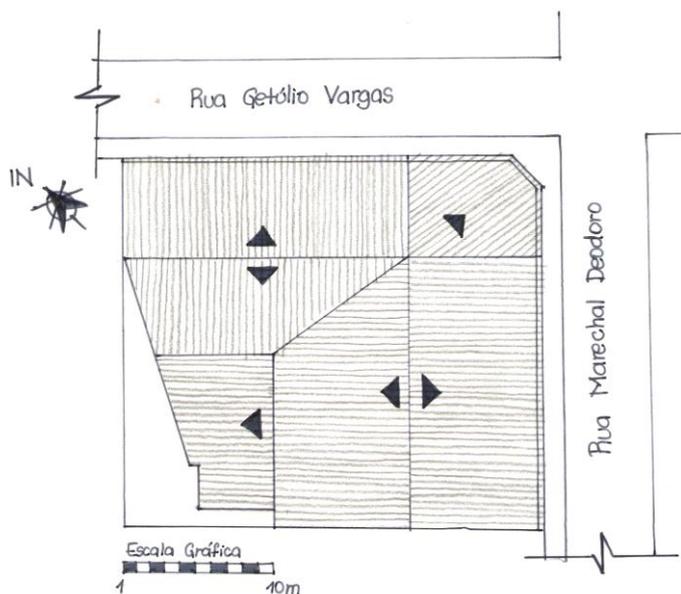


Figura 144 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

A edificação mantém sua fachada em partes preservada. Já a área interna, foi alterada e atualmente há um projeto para construção de segundo piso na

edificação, para melhor adequação do uso da edificação comercial, neste segundo piso será feita uma área administrativa, e esta área não ocupará todo do espaço que se tem hoje no pavimento térreo.

Quanto aos acabamentos da edificação, o piso existente atualmente é piso cerâmico e, no forro a laje de concreto, ou seja, os elementos de acabamento originais da construção já foram substituídos, não havendo nem indícios de que tipo de forro tínhamos e nem mesmo se o piso era tabuão ou ladrílo hidráulico, que seriam os pisos mais comuns para as edificações em Santiago, nesta época.

A edificação possui um pé-direito por volta de 3 metros de altura o qual, anteriormente, poderia ter sido mais alto.

Na cobertura, as telhas originais, capa-canal, foram substituídas pelas telhas de fibro-cimento.

A respeito da planta baixa da edificação (conforme fig. 145), é possível avaliarmos que o layout interno está totalmente modificado, não é possível fazermos uma reestruturação de como a edificação seria em sua época de construção. Atualmente, a edificação possui um uso comercial, destinado a uma casa de calçados e, por este motivo, é possível encontrarmos amplas salas comerciais e diversas salas menores destinadas a estoque de mercadorias.

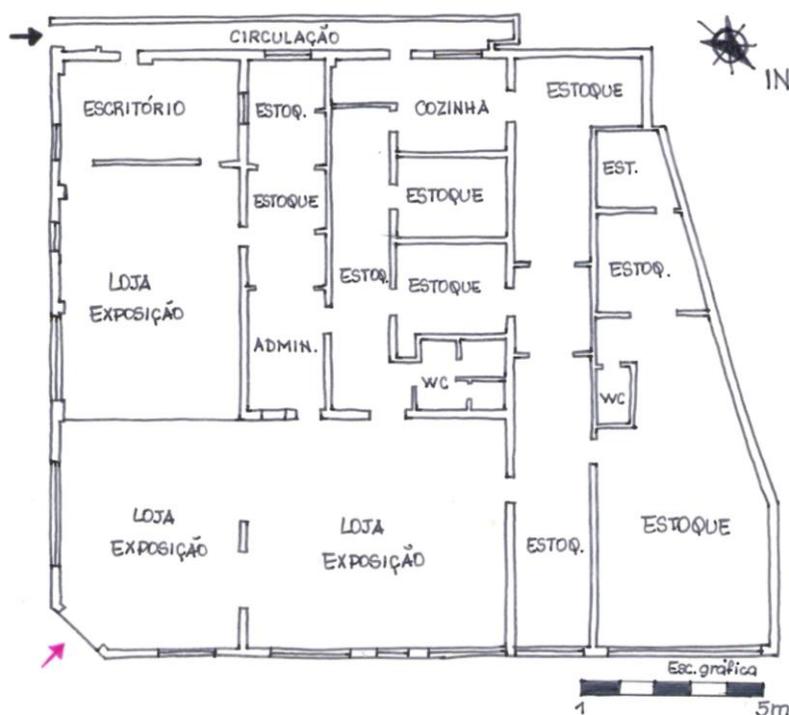


Figura 145 – Planta baixa esquemática da edificação.
Fonte: Levantamento da autora.

Acredita-se que a figura 146, deva ser a fachada da edificação antes das alterações.



Figura 146 – Foto antiga da edificação, ano indeterminado.
Fonte: Acervo fotográfico do Sr. Strazabosco.

Se compararmos esta figura com a fachada atual da edificação (fig. 147), é possível percebermos que a demarcação da cimalha, o frontão, a platibanda, assim como a demarcação da esquina, permanecem semelhantes, porém, as portas com bandeiras em arcos plenos já não mais existem, assim como o vão entre cada pilastra também não é o mesmo. Desta forma, se a figura acima for realmente a foto antiga da edificação em estudo, é possível concluirmos que esta passou por muitas modificações, sendo que apenas poucos elementos originais foram mantidos. Inclusive, pelo que consta na figura, a edificação na época era uma agência de automóveis. Então, mais uma vez é possível deduzirmos que realmente a edificação passou por muitas modificações também em seu layout, pois a planta baixa de uma agência de automóveis comporta-se totalmente diferente de um comércio destinado a produtos pequenos, como no caso, venda de calçados.



Figura 147 – Fachada da edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1793 , foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

Todavia, a fachada atual da edificação apesar de modificada, mantém alguns elementos arquitetônicos interessantes que possibilitam seu estudo e análise (conforme fig. 148). A fachada é coroada por uma platibanda, que esconde o telhado. Há ainda, na platibanda, um tímpano adornado com desenho floral aplicado em massa. Outro elemento que compõe a fachada é a cimalha contínua que se prolonga em toda a extensão da edificação. A edificação possui, em um de seus vértices, um recorte que forma um ângulo de 45° , e é neste vértice que é feita a demarcação da esquina. Esta demarcação é salientada, além do recorte com um volume pintado de cor branca, e também por um trabalho de linhas vincadas, ou reentrantes na argamassa que aparecem somente neste trecho, de forma a dar destaque para o acesso principal da edificação. Sobre a demarcação da porta, destacando-se da platibanda, é possível percebermos a presença de um frontão, que na sua parte mais elevada é premiado com um elemento chamado carranca. Veja na figura que segue.



Frontão com elemento
escultórico de motivo floral

Tímpano com adorno floral

Cimalha

Pilastras

Demarcação da esquina com
rebaixos na argamassa

Figura 148 - Detalhe dos elementos que compõem a fachada da edificação, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

Desta forma, apesar das alterações internas significantes na planta baixa da edificação, que não possibilitaram uma análise a respeito, é possível dizermos, no entanto, que os elementos que aparecem na fachada da edificação são de muita importância para a arquitetura santiaguense, visto que representaram a aspiração estética da arquitetura do município no período de 1930. E, portanto, devem ser estudados, valorizados e, acima de tudo, preservados, para que possam auxiliar na montagem da trajetória histórica da arquitetura santiaguense. Por esta razão, é possível destacarmos, que pela representatividade dos elementos que compõem a fachada, a edificação é patrimônio arquitetônico do município.

2.14 Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 2007 e 2017

2.14.1 Levantamento Fotográfico



Figura 149 - Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 2007 e 2017, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.



Figura 150 – Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 2007 e 2017, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

2.14.2 Descrição histórica

A edificação foi mandada construir por volta de 1915, e terminada em 1932, como consta a inscrição na fachada da edificação. Foi construída com a finalidade residencial e comercial para a família Belochio. Atualmente, por herança, pertence a Ana Tones, Cláudia Ribeiro Belochio e Ieda Belochio Abreu.

2.14.3 Análise arquitetônica

Na figura a seguir (fig.151) é possível visualizarmos a localização da edificação na malha urbana da cidade, sendo que a mesma pertence ao Bairro Centro.

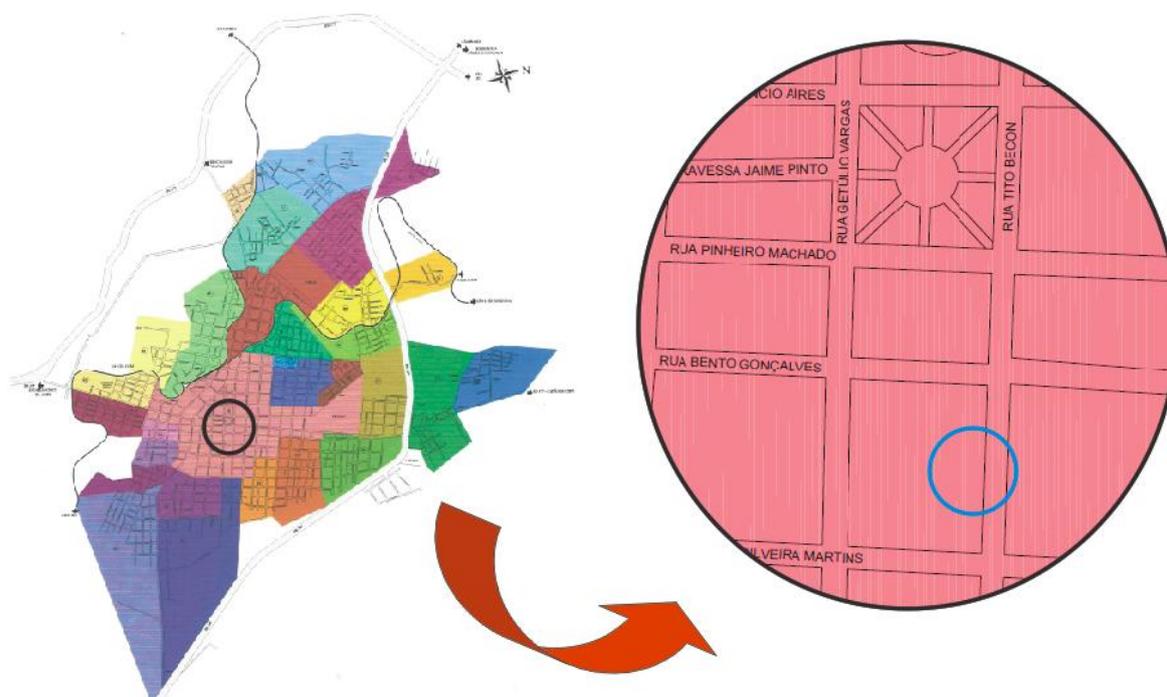


Figura 151 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 14 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Desenho da autora.

Com relação à implantação da edificação no lote (conforme fig. 152), a mesma possui sua fachada frontal alinhada no limite do lote e suas fachadas laterais recuadas em relação aos limites laterais do terreno, assim como a fachada dos fundos que possui um recuo por volta de dez metros.

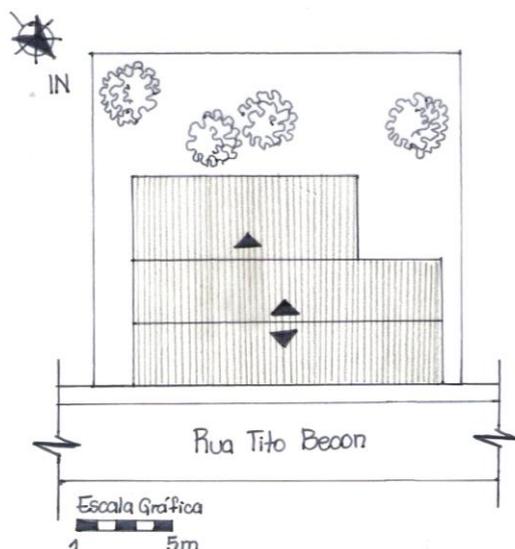


Figura 152 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 14 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.

Fonte: Levantamento da autora.

Esta edificação possui o somatório de elementos compositivos de vários períodos da história da arquitetura, na busca de criar algo novo que estivesse fora do tempo. A edificação é um exemplar da arquitetura eclética existente no município de Santiago. O movimento eclético disseminou-se popularmente, já a partir da última década do século XIX por várias cidades brasileiras, tanto nas capitais como nas cidades mais interioranas, como é o caso de Santiago, sendo esta edificação um exemplo deste fato.

O sistema de construção utilizado na estrutura da edificação foi a parede portante, construída por o tijolos maciços deitados sentados a barro, o que conferiu a grossa espessura das paredes.

Com relação aos materiais utilizados no acabamento da edificação, no teto, o material utilizado foi o forro em madeira, que em vários locais foi substituído por outro forro também em madeira, mas que, nesse processo, houve o rebaixamento no pé direito, que antes tinha por volta de cinco metros e agora tem em média três metros de altura.

Já no piso, é possível encontrarmos o assoalho trespessado nos ambientes íntimos e sociais, como material original da época de construção (conforme fig. 153). Este assoalho possui as tábuas emendadas no seu comprimento, por não atingirem o comprimento total do compartimento em que se encontram.



Figura 153 – Detalhe do assoalho trespassado da edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

Em outros ambientes da casa, o piso encontrado é o ladrilho hidráulico, (semelhante a fig. 107), que em certos locais foi substituído pelo piso cerâmico.

Porém, as telhas originais da construção foram totalmente substituídas por telhas de fibrocimento.

Com relação à implantação da edificação no lote, a mesma possui sua fachada frontal alinhada no limite do lote e suas fachadas laterais recuadas em relação aos limites laterais do terreno, assim como a fachada dos fundos que possui um recuo por volta de dez metros com relação ao fundo do terreno.

Com relação à planta baixa da edificação (conforme fig.154), pelo que se pode apurar com os antigos proprietários, a edificação era dividida em três partes. Uma das laterais, grifado em vermelho, foi o espaço comercial da edificação. Na parte do meio, que está grifado de verde, foi a residência da família e na outra lateral, grifado em azul, era um espaço de oficina de funilaria, como é possível percebermos no esquema a seguir. Com certeza, alguns acréscimos devem ter sido feitos, mas, no geral, é possível identificarmos como a planta baixa original se comportava.

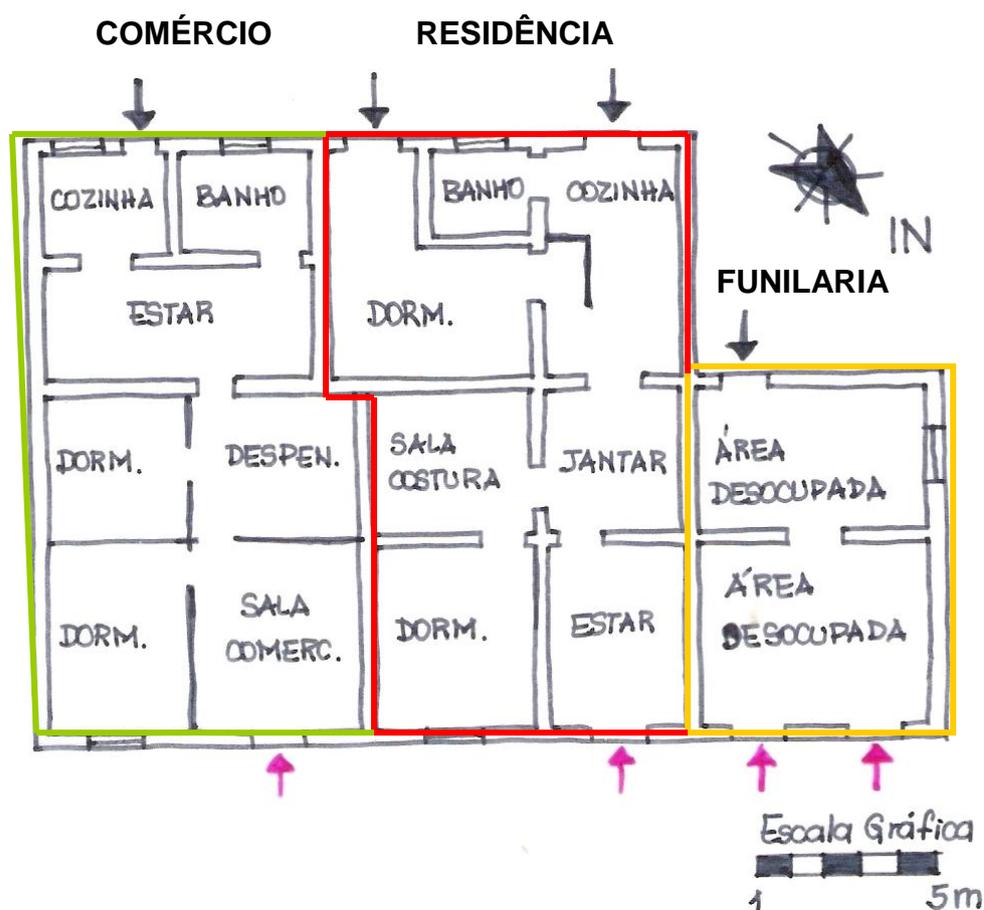


Figura 154 – Planta baixa esquemática da edificação localizada na Rua Tito Becon, nº 2007 e 2017. Fonte: Levantamento da autora.

Um aspecto interessante que pode ser visto na planta baixa esquemática é que, realmente, a edificação, quando construída, já foi planejada de maneira a abrigar estes usos, pois os acessos, tanto para a frente da edificação, como para os fundos, são independentes. As três partes da edificação não se conectam internamente, propiciando que tanto a parte comercial, como residencial, assim como a oficina da família funcionassem de maneira independente. Na parte em que antes era comércio, atualmente, depois de modificações internas, passou a funcionar como comércio e residência. Já na parte central da edificação, continua sendo residência e a parte lateral onde era a oficina, atualmente está desocupada.

Com relação à fachada, é possível avaliarmos que a edificação possui uma composição carregada por linhas curvas e por elementos decorativos aplicados (conforme fig. 155). A fachada é composta por pilastras detalhadas com reentrâncias em toda a sua extensão, sendo as mesmas responsáveis por definir os espaços entre portas e janelas. Na parte de baixo da fachada, é possível destacarmos a presença de um embasamento que, neste caso, constitui-se em uma base para as

pilastras. A fachada é composta ainda por duas cimalthas, uma que se estende por toda a fachada, fazendo a demarcação da platibanda e outra que é interrompida pelas pilastras.

O acesso principal da edificação é saliente ao restante da fachada e é trabalhado por uma pintura diferente, de maneira a demarcá-lo. Sobre este acesso, destacando-se em relação à platibanda, há um frontão trabalhado com adornos de guirlandas e um medalhão com as inscrições “JB”, o que se refere ao proprietário que mandou construir a edificação, chamado José Belochio. Já abaixo deste frontão, no tímpano, também decorado com ornatos de flores aplicados na fachada, é possível visualizarmos a data de construção da edificação: 1932, que é na verdade a data em que a edificação foi concluída. As portas e janelas da edificação possuem bandeira fixa em arco pleno. Essas bandeiras possuem um formato em leque, ou seja, é uma bandeira arqueada subdividida de modo a formar arcos de círculo com o mesmo ângulo, sendo, neste caso, feitas de ferro e vedadas com vidro. Essas portas e janelas são emolduradas com reboco canelado.



Figura 155 – Elementos decorativos da fachada da edificação.
Fonte: Foto da autora.

Desta forma, é possível afirmarmos que a edificação possui boas qualidades plásticas, um decorativismo marcante, e representa um ótimo exemplar da arquitetura de 1930, no município de Santiago. E assim, através dessas características, é possível afirmarmos a importância da edificação enquanto patrimônio arquitetônico do município.

2.15 Levantamento da Estação Ferroviária de Santiago

2.15.1 Levantamento Fotográfico



Figura 156 – Edificação da Estação Ferroviária de Santiago, foto em 2009.
Fonte: Foto da autora.



Figura 157 – Edificação da Estação Ferroviária de Santiago, foto em 2008.
Fonte: Acervo fotográfico da autora.



Figura 158 – Edificação da Estação Ferroviária de Santiago, foto em 2008.
Fonte: Acervo fotográfico da autora.



Figura 159 – Detalhes arquitetônicos da Estação Ferroviária de Santiago, foto em 2008.
Fonte: Acervo fotográfico da autora.

2.15.2 Descrição histórica

O transporte ferroviário começou a ser implantado no Rio Grande do Sul, no século XIX, com a inauguração da primeira estrada de ferro, em abril de 1874, a qual compreendia a seção de estrada da Capital a São Leopoldo. A partir daí, foi implantada na Província uma rede de estradas de ferro.

As estradas de ferro, além de contribuírem para o desenvolvimento do mercado interno, estimulavam o processo de urbanização, formando-se fator fundamental para o surgimento de novas cidades. De acordo com Reis⁶², essas vias também contribuíram para as melhorias na arquitetura, visto que essas ferrovias traziam sobre seus trilhos novos recursos de construção, mas sobretudo, uma nova maneira de construir, gerando assim novas soluções arquitetônicas e construtivas que passaram a ser difundidas pelo interior, influenciando sob vários aspectos na arquitetura.

⁶² REIS, Nestor Goulart Filho. **Um quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1983. p.156.

A Estação Ferroviária de Santiago foi inaugurada em 24 de junho de 1936, sendo construída pelo 1º Batalhão Ferroviário, sob o comando do Gal. Deniz Desiderato Bardosa. Em 1º de julho do mesmo ano, chega à primeira locomotiva na Estação de Santiago (conforme fig. 160).

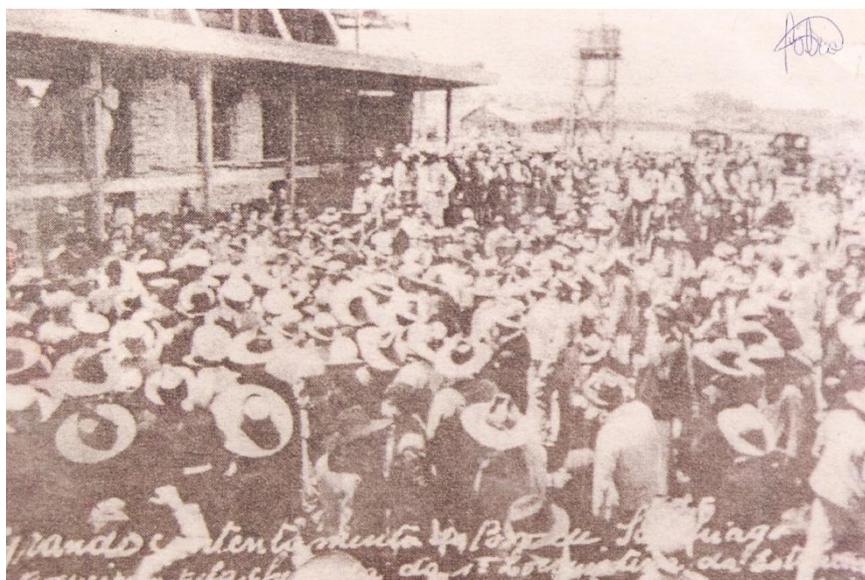


Figura 160 – Chegada da primeira locomotiva na Vila de Santiago do Boqueirão, foto em 1936.
Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador Fabio Monteiro.

De acordo com Cardoso e Zamin⁶³, com a criação da Estação Ferroviária na vila de Santiago do Boqueirão, muitos engenheiros-chefes e empreiteiros fixaram-se neste local, o que propiciou um grande crescimento populacional e econômico, além de movimento social e cultural. O senso mostra que no ano de 1920 o número de habitantes no local era 16.933 mil pessoas; já em 1940, esse número sobe para 27.793 mil pessoas.

2.15.3 Análise arquitetônica

A figura a seguir (fig. 161) mostra a localização da edificação no núcleo urbano do município, sendo que a mesma pertence ao Bairro Centro.

⁶³ CARDOSO, Alice e ZAMIN, Frinéia. **Patrimônio Ferroviário no Rio Grande do Sul. Inventário das Estações: 1874-1959/** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Pallotti, 2002. p. 100-101.

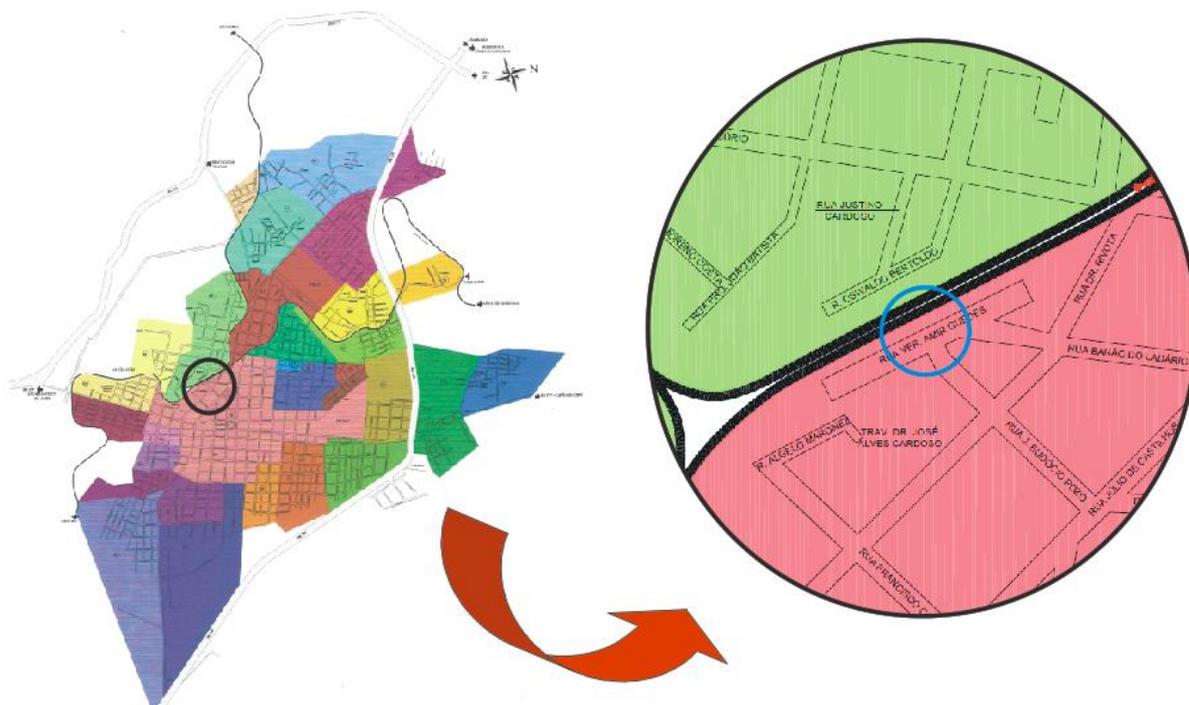


Figura 161 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 15 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
 Fonte: Desenho da autora.

O prédio da Estação Ferroviária de Santiago, assim como em outras estações, é implantado em uma vila ferroviária (conforme fig. 162). Esta vila é formada pelo prédio principal da Estação, um prédio de apoio que fica junto à estação os trilhos da linha férrea a casa do engenheiro responsável pela ferrovia uma praça localizada no centro desta implantação, junto às ruas que dão acesso a vila ferroviária e por último, as casas dos funcionários da ferrovia.

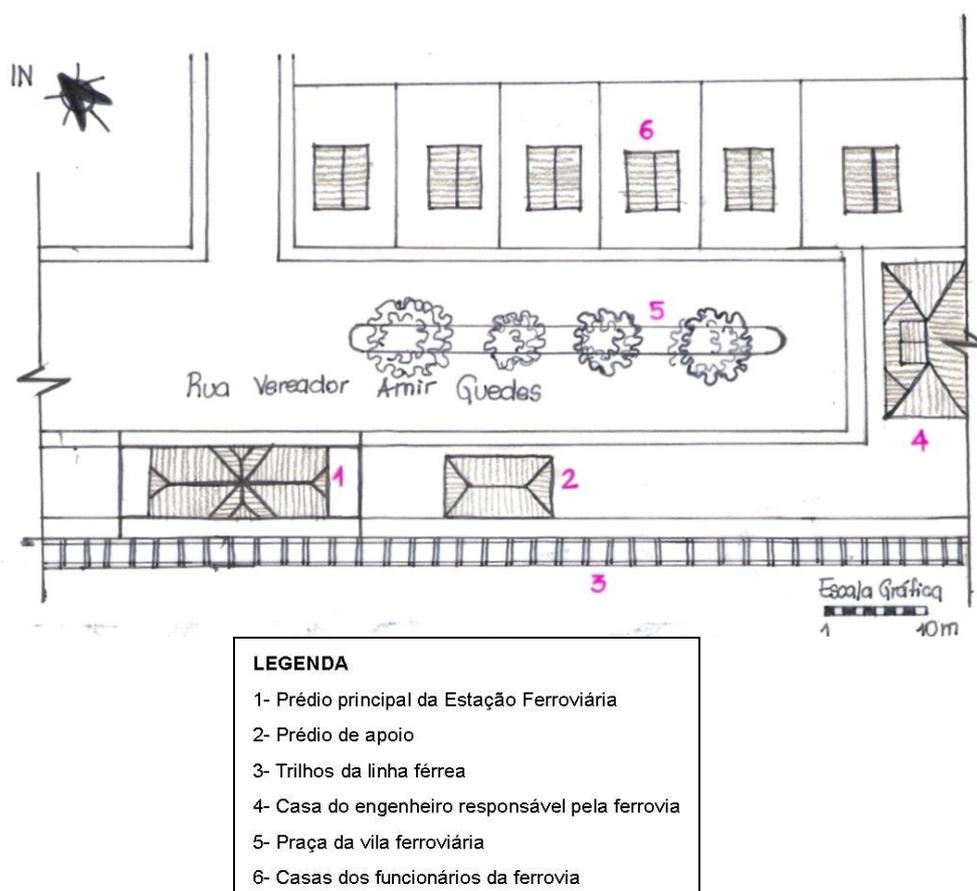


Figura 162 – Planta esquemática de implantação da vila ferroviária no município de Santiago – RS, com legenda que mostra a localização dos elementos que a compõem.
Fonte: Levantamento da autora.

Conforme Miranda⁶⁴, dentro do quadro histórico do século XIX e o início do século XX, a criação e desenvolvimento do transporte ferroviário foi responsável por diversas mudanças, tanto na cidade como na produção arquitetônica. O novo meio de transporte exigiu uma arquitetura completamente inédita, que originou diversos estudos e tratados para determinação dos programas e organogramas adequados, assim como da forma ideal e mais representativa para as estações ferroviárias. De acordo com Miranda (2002, p. 213),

A arquitetura ferroviária chegou na América, e também no Brasil, como um transplante direto e assimétrico de um sistema já experimentado nos países de origem. No Brasil, a implantação da ferrovia esteve intimamente ligada às companhias estrangeiras, e a consequência direta dessa participação pode ser observada na arquitetura, pois as novas técnicas e estilos, e as transformações no quadro de mão de obra tiveram nítidas repercussões sobre os padrões da arquitetura, influenciando a própria arquitetura civil, que tinha nestes edifícios o símbolo da modernidade e riqueza européia.

⁶⁴ MIRANDA, Macklaine Miletho e BRUM, Nelci Fátima Denti (orgs.). op. cit., p. 213.

Conforme Cardoso e Zamin⁶⁵, as estações ferroviárias do Rio Grande do Sul podem ser classificadas em grupos de acordo com seu ponto de vista formal e funcional. Essa classificação ocorre da seguinte forma: estações importadas pré-fabricadas, estações de médio e grande porte no período 1883-1910, estações da BGS – Brazil Great Southern, estações-padrão da Viação Ferroviária do Rio Grande do Sul – anos 30 e 40, estações de duas águas com estrutura de madeira, estações de pequeno porte na linha Porto Alegre – Uruguaiana, estações de pequeno porte na linha Rio Grande – Bagé, estações de pequeno porte no ramal Montenegro – Caxias do Sul, estações de pequeno porte / telhado em quatro águas, estações de médio e grande porte com linhas art decó e estações de pequeno e médio porte com marquises e platibanda.

Ainda de acordo com Cardoso e Zamin⁶⁶, a Estação Ferroviária de Santiago está inserida no grupo de estações que possuem tipologia do tipo “Estação – padrão da Viação Ferroviária do Rio Grande do Sul – anos 30 e 40”. Este grupo tipológico é formado pelas seguintes estações: Santiago, Cacequi, Alegrete, São Borja, Jaguari, Dom Pedrito, Jaguarão, Canoas, Campo Bom, Vila Siqueira e São Luiz Gonzaga. Essa tipologia, quanto ao seu aspecto formal, apresenta bastante diferença das demais estações férreas do estado. Possui as coberturas em múltiplas águas, com telha francesa e tem inclinações acentuadas, sendo cortadas por pequenos panos de telhados triangulares e possuindo largos beirais.

Trata-se aqui de edificação de dois pavimentos, sendo o pavimento térreo destinado às atividades ligadas ao transporte ferroviário, tanto de pessoas como de cargas. De acordo com levantamentos feitos pela Secretaria Municipal do Planejamento de Santiago, RS, no pavimento térreo (conforme fig. 163) funcionaram as plataformas de embarque e desembarque, sala de espera para senhoras, saguão, sanitários, sala de bagagens, sala de agentes e telégrafos, sala de conferente, guichê e arquivo.

⁶⁵ CARDOSO, Alice e ZAMIN, Frinéia. op. cit., p. 100-101.

⁶⁶ Ibid.

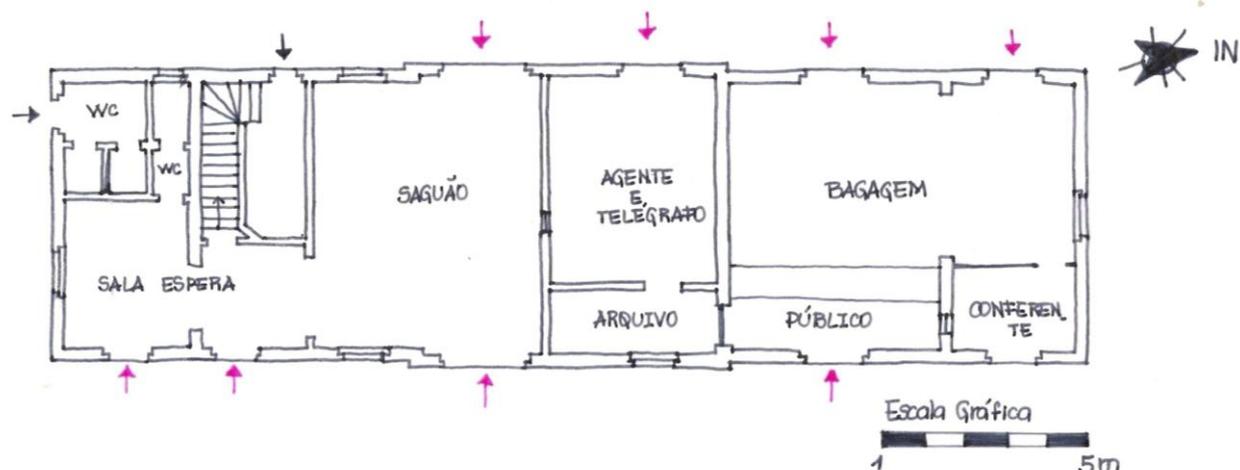


Figura 163 – Planta baixa da edificação da Estação ferroviária de Santiago – Pavimento térreo.
Fonte: Prefeitura Municipal de Santiago – Secretaria de Planejamento.

Já o pavimento superior (conforme fig. 164), destina-se à moradia do agente da estação, sendo constituído por um programa de necessidades destinado à habitação, formado por hall, cozinha, despensa, banheiro, dormitórios e nas duas laterais, terraços abertos, denominados sotéias, como mostra a figura a seguir.

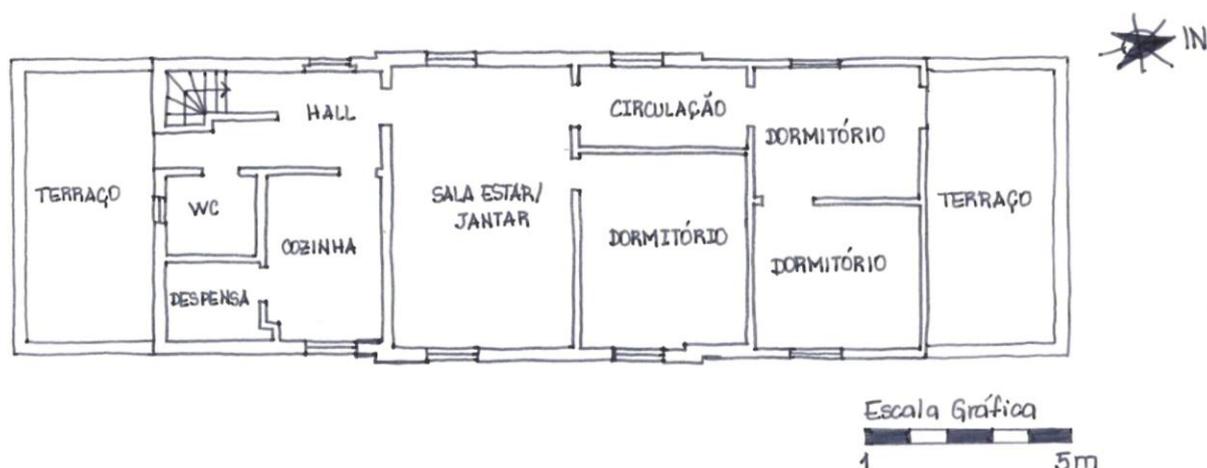


Figura 164 – Planta baixa da edificação da Estação ferroviária de Santiago – Pavimento superior.
Fonte: Prefeitura Municipal de Santiago – Secretaria de Planejamento.

Quanto à composição das fachadas (conforme fig. 165), é perceptível a busca pela equilíbrio das formas, encontradas na disposição do telhado, nos terraços que se equivalem nas duas laterais, na disposição das aberturas, através da demarcação feita pelas pilastras e na existência de marquise na fachada frontal e posterior. As aberturas são todas em madeira, de verga reta no andar superior,

sendo as janelas com venezianas. No térreo, possui arcos abatidos, com bandeira fixa de vidro.

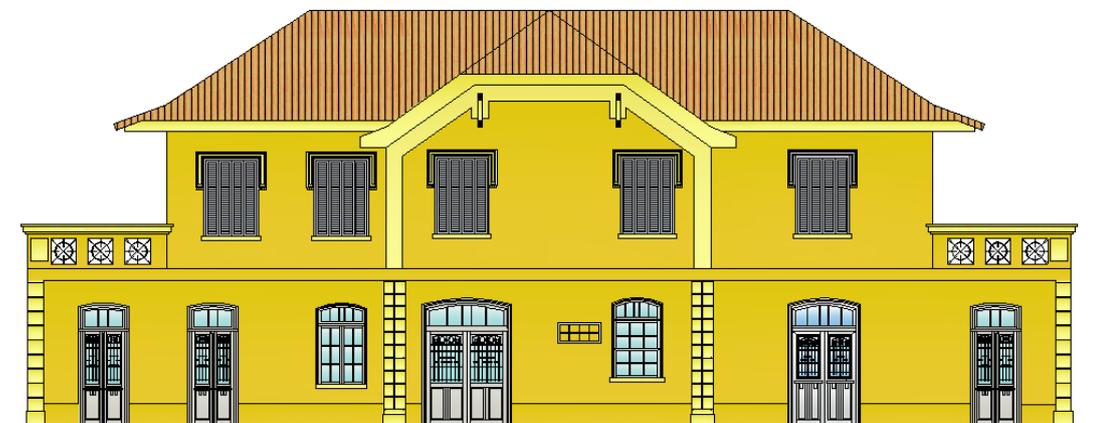


Figura 165 – Fachada frontal da Estação ferroviária de Santiago.
Fonte: Prefeitura Municipal de Santiago – Secretaria de Planejamento.

Com relação aos pisos existentes na edificação, pode-se dizer que são de vários tipos. No pavimento térreo, é possível encontrarmos granitina em placas de 1,27X1,27 metros, placas cerâmicas avermelhadas, medindo 8X16 centímetros, tacos de madeira, medindo 7x21 centímetros e ladrilho hidráulico, medindo 15X15 centímetros. Já no pavimento superior, podemos identificar a presença de tabuão corrido, ou assoalho, ladrilho hidráulico, medindo 15X15 centímetros e placas cerâmicas avermelhadas, medindo 8X16 centímetros.

Acredita-se que este tipo de edificação tenha sofrido influência arquitetônica germânica, pois havia profissionais desta ascendência trabalhando na Viação Ferroviária do Rio Grande do Sul, e cujas assinaturas constavam com frequência nos selos dos projetos, desde o final da década de 20 até os anos 40.

Atualmente, a edificação principal da Estação ferroviária, após recente processo de restauração, passou a chamar-se Casa do Conhecimento, abrigando um programa de necessidades diferenciado, sendo composto por salas de exposição destinada à história da Viação Férrea em Santiago, que está localizada no andar térreo e salas de exposição dos poetas santiaguenses, localizada no andar superior. Irá ainda contar com um espaço para café, que ainda não está totalmente pronto. No processo de restauração, mantiveram-se todas as características arquitetônicas da edificação, sendo que os elementos que estavam degradados

foram recuperados, como as aberturas, portas e janelas que estavam estragadas foram restauradas e mantidas conforme as originais.

Assim, depois da análise elaborada com relação à edificação principal da Estação Férrea do município de Santiago, é possível destacarmos o seu valor patrimonial para a cultura Santiaguense, sendo que a mesma, pelas suas características arquitetônicas, estéticas, formais e históricas é considerada patrimônio arquitetônico para o município e, portanto, merece ser preservada e reconhecida.

2.16 Edificação residencial ferroviária

2.16.1 Levantamento Fotográfico



Figura 166 – Edificação existente na Vila Ferroviária de Santiago – Casa de funcionário, foto em 2012.

Fonte: Foto da autora.



Figura 167 – Edificação existente na Vila Ferroviária de Santiago – Casa de funcionário, foto em 2012.

Fonte: Foto da autora.

2.16.2 Descrição histórica

A edificação faz parte da vila ferroviária de Santiago, a qual foi construída nas imediações do prédio principal desta, junto a uma praça, conforme fig. 162 e está localizada na Rua Vereador Amir Guedes, no Bairro Centro da cidade, conforme mostra fig. 161. Acredita-se que a mesma tenha sido construída no início da década de 1930. A razão de construção deste conjunto foi abrigar as famílias que vinham ao município para trabalhar na Estação Ferroviária.

2.16.3 Análise Arquitetônica

As casas dos funcionários e do engenheiro responsável pela linha férrea, implantadas junto à edificação principal da Estação ferroviária, possuíam características próprias. De acordo com Reis⁶⁷, as ferrovias trouxeram para o Brasil novas soluções arquitetônicas e construtivas dentre as quais a do chalé. Este modelo pretendia proporcionar um retorno romântico ao meio rural, na forma como era encontrado em algumas regiões européias. Esta postura significava uma

⁶⁷ REIS, Nestor Goulart Filho. op. cit., p.156-157.

rejeição ao nosso meio e a favor do Velho Mundo, no modo como pregava a ideologia hegemônica daquela época.

De acordo com Reis⁶⁸, os chalés eram edificações, em geral, isoladas no interior do terreno, com telhados com duas águas onde o frontão era voltado para a rua, no sentido oposto ao da tradição luso-brasileira na qual a cumeeira era posicionada transversalmente ao terreno. Essa disposição dos novos prédios pressupunha um afastamento em relação aos limites do terreno, pois os beirais, traço importante desse estilo, avançavam sobre as paredes em cerca de 50 centímetros. As águas apresentavam grande inclinação devido aos modelos que estavam sendo seguidos e que o exigiam por causa das nevascas existentes nas regiões de origem, em razão do que eram rígidas e retilíneas por proporcionar maior facilidade no esgotamento da neve acumulada. Essas características transpostas para nosso meio fizeram com que as edificação fossem isoladas no meio do terreno, como mostra a figura 168, o que teve, pelo menos, o mérito de melhorar as condições de insolação e ventilação destes prédios. Apesar da alienação estética, a fixação em parâmetros europeus também trouxe consigo uma modernização dos modos de uso.

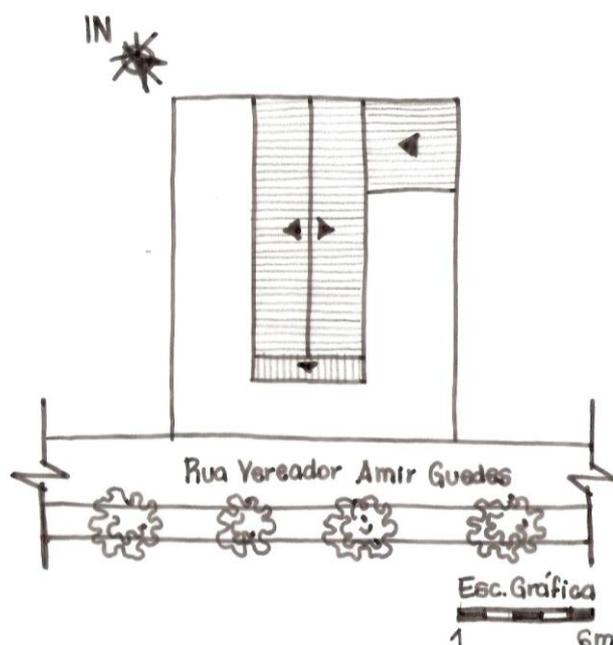


Figura 168 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

⁶⁸ REIS, Nestor Goulart Filho. op. cit., p.156-157.

O ponto mais visado da edificação era a empena voltada para a rua, onde se compunha geralmente, uma espécie de frontão, ao qual se associava um óculo central. A composição, apoiada nos arremates dos beirais, formava um triângulo em cada extremidade, ocultando as calhas, e um outro no vértice, junto à cumeeira, arrematada, por vezes, por um mastro torneado.

A edificação é toda estruturada em madeira, com paredes de vedação, pisos, forros, portas, janelas, arremates do telhado e ainda em peças de acabamentos decorativos. A utilização intensiva da madeira ocorreu em função desta ser, na época, o material de construção muito barato, fato este que se repetiu em todo o Estado. Devido à abundância das florestas de araucárias neste período, não havia a preocupação em se tomar as medidas preventivas para uma eficiente conservação da madeira. Esta, em geral, se resumia na aplicação de uma demão de cal; uma pintura externa a óleo era considerado como um tratamento de luxo. Como a madeira era muito barata, caso houvesse apodrecimento era apenas necessário fazer a substituição do material. No entanto, como o passar do tempo, as fontes de obtenção do material foram se esgotando. No Rio Grande do Sul, originalmente, quase metade do seu território era coberto por florestas de uma biodiversidade muito grande sendo que, em cima da Serra, estas florestas eram basicamente de araucárias que apresentavam um tronco reto, quase sem galhos e que era primoroso para a industrialização. Por lei, cada pinheiro abatido deveria ser reflorestado. Por uma corrupção inqualificável, os fiscais permitiram o abate incondicional dos pinheiros – de modo que hoje ele corre perigo de extinção – e nós perdemos uma de nossas maiores riquezas naturais. Este fato gerou um dos maiores crimes ambientais ocorridos no Estado e uma consequência desta situação é o alto custo atual da madeira para utilizar na construção. O material antes abundante e muito barato, atualmente, tornou-se quase inviável na construção de edificações que demandem de um orçamento reduzido, como por exemplo, para construção de habitações para pessoas de menor poder aquisitivo. Em outras palavras, acabamos perdendo a forma mais econômica de construir que dispúnhamos, a qual era ligada a utilização da madeira como principal material de construção.

De acordo com Weimer⁶⁹, teoricamente, havia duas técnicas possíveis para a construção em madeira: as de tábuas verticais e as de tábuas horizontais. A primeira variante, mais comum, é conhecida desde o período colonial, era denominada de “saia e camisa” e se caracterizava pela superposição das extremidades das tábuas. Posteriormente, as tábuas passaram a ser pregadas lado a lado, e as inevitáveis frestas entre elas passaram a ser fechadas com mata-junta, como mostra a figura 169. Sendo este o sistema utilizado na edificação em estudo. Já a fixação das tábuas na horizontal era tida como de maior qualidade, visto que requeria um acabamento mais sofisticado das bordas, com rasgos para encaixes realizados com tupia.



Figura 169 – Técnica construtiva da edificação, tábuas fixadas na vertical com mata-junta nas frestas, foto 2011

Fonte: Foto da autora.

A utilização da madeira tornou-se possível através dos novos recursos disponíveis em máquinas e ferramentas que propiciaram soluções mais rebuscadas na utilização da madeira. No entanto, na maioria dos casos, evitava-se empregar a madeira nas paredes, devido aos preconceitos e conseqüente resistência da população. Este fato, associado ao preconceito de que a madeira somente era utilizada em edificações para pessoas de menor poder aquisitivo confirma-se no

⁶⁹ WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 244.

caso das edificações implantadas na Estação Férrea de Santiago. Os chalés dos funcionários ferroviários eram construídos em madeira (conforme fig. 167), enquanto a edificação do engenheiro ferroviário era bem melhor elaborada e era construída em alvenaria (conforme fig. 170).



Figura 170 – Edificação existente na Vila Ferroviária de Santiago – Casa do engenheiro, foto em 2012.

Fonte: Foto da autora.

A edificação que se destinou à moradia do funcionário ferroviário é bastante simples, se compõe de um avarandado existente na frente da edificação, o qual dá acesso à edificação, internamente é possível encontrarmos dois dormitórios, duas salas de estar, uma cozinha e uma construção lateral construída posteriormente, que se destina a área de serviço e banheiro. Anteriormente, na época de construção da edificação não havia banheiro no interior da edificação, existindo apenas uma latrina isolada da casa, nos fundos do terreno. A edificação possui um acesso principal que ocorre através do avarandado existente na frente da edificação e três acessos secundários. Na figura 171 é possível visualizarmos a planta baixa esquemática da edificação.

O apoio da madeira diretamente sobre o solo constituía-se no ponto mais vulnerável da estrutura, em virtude do apodrecimento decorrente da umidade. Neste caso, este problema foi resolvido suspendendo a edificação do chão por meio de apoios feitos através de pequenas colunas de tijolos, o que permitiram que a estrutura, em madeira, não mantivesse contato com a umidade do solo. Nos muros laterais que cercam o lote, é possível encontrarmos uma estrutura com trilhos de

trem e pedras regulares, como mostra a figura 172, o que demonstra a busca pela utilização de materiais presentes no local.

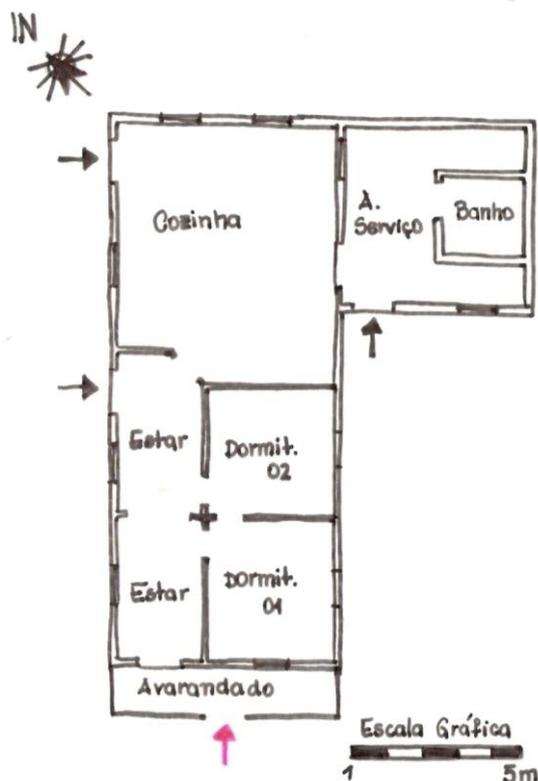


Figura 171 – Planta baixa esquemática da edificação em 2012
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 172 – Muros laterais que cercam o lote, foto em 2012
Fonte: Foto da autora.

A arquitetura popular é uma linguagem utilizada para designar as construções feitas pelas camadas menos afortunadas, sendo típica de uma camada intermediária da população. Esta se caracteriza por não representar a arquitetura erudita realizada

para a elite, mas sim a arquitetura própria do povo e por ele realizada. De acordo com Weimer⁷⁰, ao delimitar os limites da arquitetura popular, é possível estabelecer algumas características referentes a esta. A primeira delas é a simplicidade, por utilizar os materiais fornecidos pelo meio ambiente, mantendo uma ligação com a natureza em função das limitações econômicas às quais está sujeita. Sua segunda característica é a adaptabilidade, que de acordo com o autor, está representada em exemplos belíssimos em todo o país. Destacando a adaptabilidade da arquitetura trazida por diversas correntes imigratórias para o Brasil que, provenientes de climas extremamente frios conseguiram adaptar suas técnicas tradicionais e seus modos de edificar as circunstâncias do clima brasileiro. De acordo com este, outros exemplos não menos eloqüentes podem ser encontrados na adaptação local de culturas exóticas ao nosso meio ambiente, como as realizações da arquitetura dos imigrantes japoneses que foram concebidas, por mestres de obra, de maneira primorosa em nosso país. Outra característica destacada pelo autor é a criatividade. A arquitetura popular, diferente da erudita, está despida do compromisso de empregar materiais sofisticados e de última geração tecnológica, sendo, portanto mais livre e criativa em termos de imaginação formal e empregos de material de construção. A quarta característica está ligada ao modo de encarar o método da construção. Enquanto a arquitetura erudita é projetada a partir de uma intenção plástica, na arquitetura popular, ao contrário, a forma plástica é resultado da técnica e dos materiais empregados. Essas são algumas das características desta forma de expressão capazes de facilitar a identificação deste tipo de linguagem arquitetônica.

A partir das características citadas é possível avaliarmos que a edificação em estudo é um exemplo típico de arquitetura popular. A mesma é a adaptação de uma construção com tipologia de chalé, tipo característico de edificações de clima extremamente frio, coberto por telhado duas águas de grande inclinação. Sua adaptação ao clima e a cultura local demonstra uma característica da linguagem arquitetônica da edificação. Além deste, outros aspectos denotam a arquitetura popular adotada. A simplicidade dos materiais empregados, com destaque para a utilização de madeira que era, no período, um material abundante na região e de fácil aquisição por ser um material de custo baixo.

⁷⁰ WEIMER, Günter. op. cit., p. XLI.

Portanto, a edificação é um estimável exemplar do patrimônio arquitetônico do município de Santiago por caracterizar a arquitetura popular do município, demonstrando que não apenas a arquitetura erudita tem valor patrimonial, mas merecendo destaque também a arquitetura vernácula. Esta edificação, que representa às pertencentes ao conjunto da vila ferroviária do município, retratou as adaptações de um modelo europeu, as necessidades habitacionais desta classe, gerando uma construção simples, mas que guarda um grande valor de representatividade arquitetônica.

Atualmente, a vila ferroviária possui apenas algumas casas preservadas nos seus aspectos originais, sendo que pelo menos uma delas foi totalmente demolida dando lugar à outra edificação no lote, sem nenhuma característica que lembre a antiga habitação ferroviária. Pelo fato de que as cinco restantes eram iguais entre si, escolheu-se a que apresentava as melhores condições de conservação, sem demérito para as demais.

Um fato que contribuiu para o descuido das casas foi de ordem jurídica. A partir de 1975 as habitações foram abandonadas quando os antigos funcionários se mudaram para outros locais, já que a viação ferroviária deixou de funcionar. Isso fez com que as mesmas fossem ocupadas de forma irregular por indivíduos que pouco estavam interessados em sua conservação. Atualmente seus moradores ainda não possuem a escritura do terreno e nem da edificação, ou ainda buscam na justiça o direito a regularização da moradia. Este fato condiciona a falta de conservação visto que os mesmos não investem em sua recuperação e reforma com receio de um dia terem que sair das casas. Este fato acaba acarretando na degradação das mesmas, situação por demais lamentável diante do valor histórico que as mesmas incorporam.

2.17 Edificação localizada na Rua Pinheiro Machado nº 2010

2.17.1 Levantamento Fotográfico



Figura 173 – Edificação localizada na Rua Pinheiro Machado nº 2010, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

2.17.2 Descrição histórica

Esta edificação localizada na Rua Pinheiro Machado nº 2010, foi construída em 1936 pelo Sr. Artur Viero, com a finalidade de hospedaria e residência da família. Até hoje vem mantendo esta função, passando de geração a geração. O primeiro nome do estabelecimento foi Hotel Glória, sendo utilizado como nome fictício até ser nomeado, oficialmente, como Hotel Bom Jesus e, mais tarde, passou a chamar-se Hotel Viero. A figura 174 mostra a edificação, a qual está localizada no entorno da praça principal da cidade - Praça Moisés Viana - no ano de 1947, onde ainda eram poucas as edificações existentes neste entorno. Além da função de hospedaria e residência da família, a partir de 1948, quando foi ampliada, a edificação passou também a contar com salas de escritórios destinadas aos proprietários, sendo um escritório de advocacia e outro de arquitetura.



Figura 174 – Entorno da Praça Moisés Viana, na cidade de Santiago, RS , foto em 1947.
Fonte: Acervo fotográfico do historiador Fábio Monteiro.

2.17.3 Análise arquitetônica

A figura a seguir (fig. 175) mostra a localização da edificação no núcleo urbano do município de Santiago, sendo que a mesma pertence ao Bairro Centro e está situada em frente à Praça Moisés Viana, praça principal da cidade.

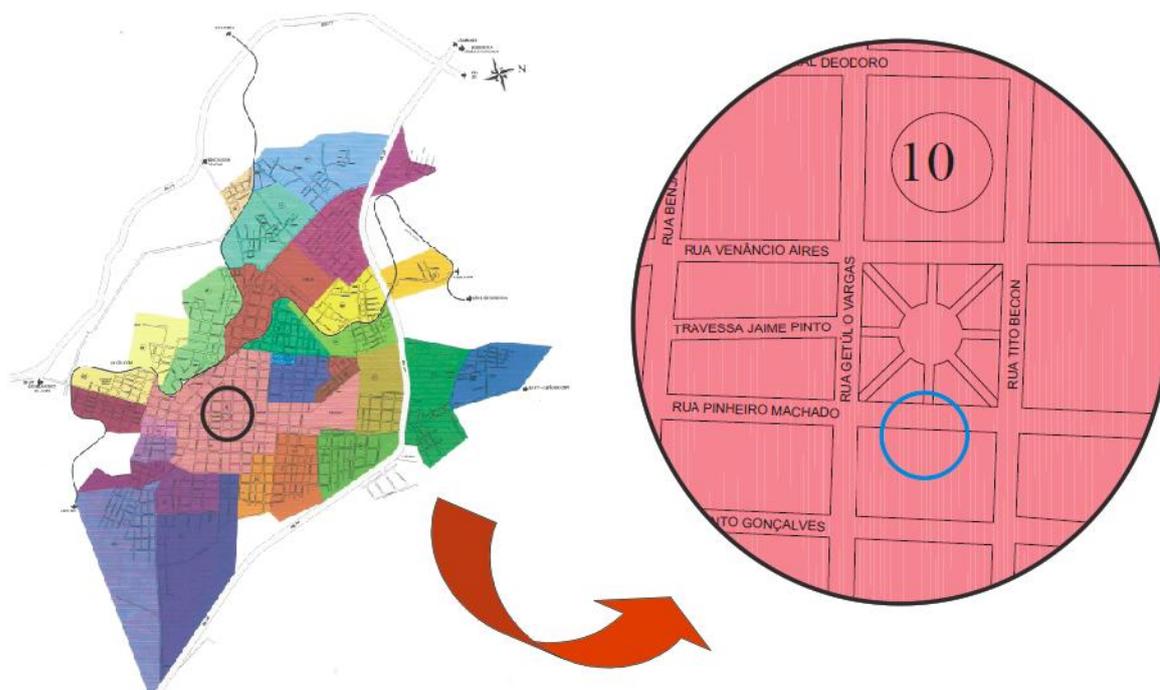


Figura 175 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 17 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Desenho da autora.

Com relação à implantação da edificação no lote (conforme fig. 176), a mesma possui sua fachada frontal no alinhamento do terreno, já as fachadas laterais e dos fundos são recuadas. Aos fundos da edificação, há um enorme terreno com árvores, assim como uma edificação destinada a salão de festas e garagem.

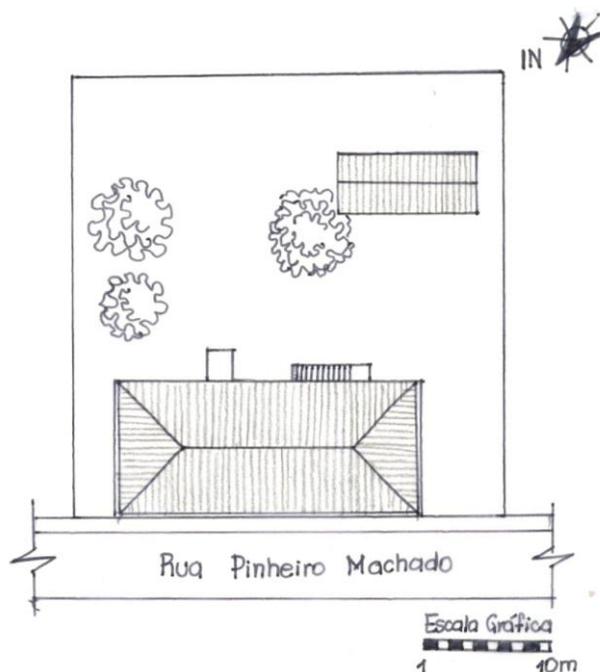


Figura 176 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

A edificação foi construída em 1936, com a finalidade de hospedaria e residência, pela família Viero, conforme já foi mencionado.

Com relação às plantas baixas, projetadas para construção da edificação no ano de 1936 (conforme fig. 177), é possível percebermos que a edificação planejada em dois pavimentos, destinava o pavimento térreo para os ambientes de portaria, recepção e salas de estar para hóspedes, assim como os ambientes destinados à residência da família que se localizavam mais ao fundo da edificação. Conectando o pavimento térreo ao superior, é possível observarmos na planta uma escadaria em formato de “L”, que existe até os dias atuais, sendo esta toda estruturada em madeira. Já no pavimento superior, estavam localizados os apartamentos para os hóspedes, que eram dormitórios, dispostos ao longo de circulações, e possuíam apenas um banheiro. O layout do hotel era composto por grandes ambientes que eram divididos por divisórias de madeiras, em compartimentos menores, conforme a necessidade de acomodações.

pavimento térreo, mais algumas salas que se destinaram a escritório. Com a maior área no pavimento térreo, também foram feitas algumas outras alterações internas. Já no pavimento superior foi aumentado o número de dormitórios e feitas algumas remodelações no layout, o que caracterizou em dormitórios menores e aumento no número de banheiros. Em destaque, aparecem as áreas ampliadas na edificação (conforme fig. 178).

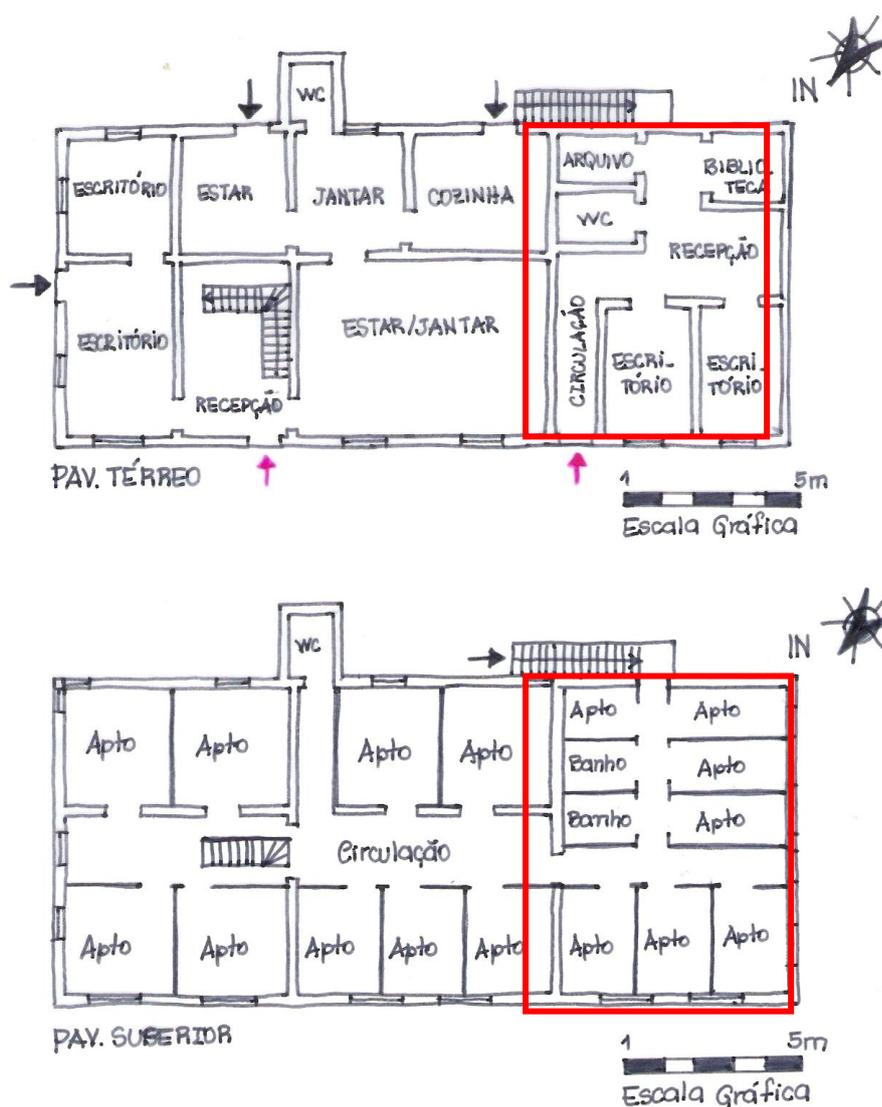


Figura 178 – Plantas baixas esquemáticas da edificação, em 2011.
Fonte: Levantamento da autora.

Quanto aos acabamentos da edificação, o piso existente atualmente no pavimento térreo é uma mistura de diversos pisos que foram sendo substituídos em processos de reforma, podendo ser encontrados pisos cerâmicos, pisos em pedra ardósia, piso vinílico, assoalho do tipo paulista e ladrilho hidráulico. Acredita-se que

o piso original deste pavimento tenha sido o assoalho (conforme fig. 179) e o ladrilho hidráulico (conforme fig. 180), sendo este último utilizado em áreas de serviço.

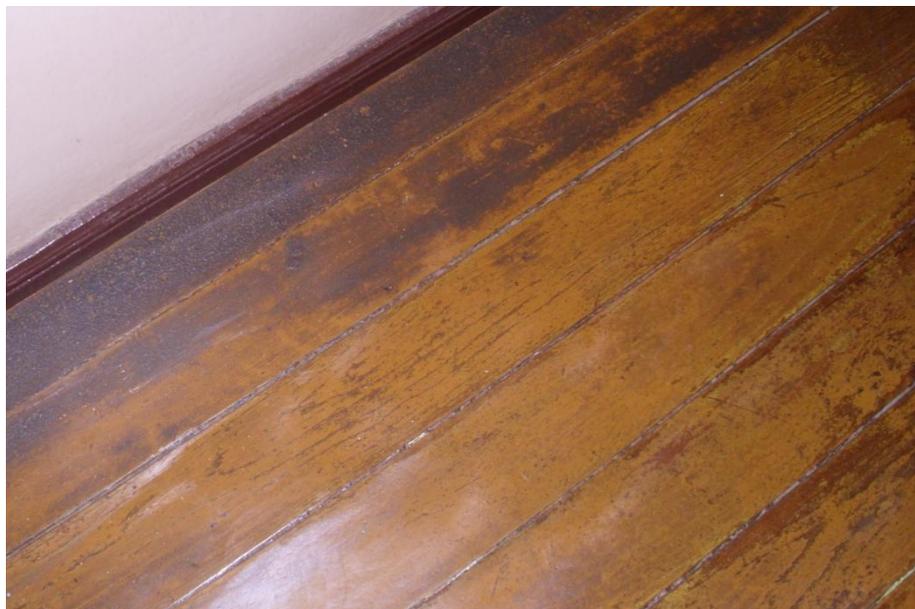


Figura 179 – Detalhe do assoalho do tipo paulista encontrado na edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.



Figura 180 – Detalhe do piso em ladrilho hidráulico encontrado na edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

Já no pavimento superior, onde estão localizados os quartos, o piso encontrado, sendo o original, é o assoalho do tipo paulista, como mostrou a figura anterior (fig. 179). E nos banheiros é possível encontrarmos o piso cerâmico.

Quanto ao forro da edificação, podemos destacar o uso da madeira com encaixe macho e fêmea, provavelmente originais da época de construção. No

telhado, as telhas originais, francesas (conforme fig. 181), foram substituídas pelas telhas de fibrocimento.



Figura 181 – Telhas francesas - originais da edificação na edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

Com relação à implantação da edificação no lote, a mesma possui sua fachada frontal no alinhamento do terreno, já as fachadas laterais e dos fundos são recuadas. Aos fundos da edificação, há um enorme terreno com árvores, assim como uma edificação destinada a salão de festas e garagem.

As aberturas da edificação que eram em madeira e vidro (conforme fig. 182), sendo as janelas compostas com uma e duas folhas e com bandeira fixa, assim como as portas que também possuíam em geral duas folhas e bandeira fixa, foram em alguns vãos substituídas por vidro temperado (conforme fig. 183).



Figura 182 – Fachada da edificação, foto em 1937.
Fonte: Acervo fotográfico do proprietário.



Figura 183 – Fachada da edificação, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

No que se refere à fachada da edificação, é possível dizermos que esta se mantém praticamente idêntica à época de construção, a não ser pela ampliação que sofreu, na qual foi alongada, como mostra figura anterior, mantendo os mesmos elementos arquitetônicos utilizados na parte já existente. A edificação possui uma fachada extremamente simples, marcada pela presença de pilastras e cunhais que

fazem a marcação entre vãos de portas e janelas. Dividindo um pavimento do outro, é possível encontramos uma marcação, como se fosse uma cimalha, mas de maneira muito simples. Esta cimalha, também faz a marcação de uma platibanda que coroa toda a fachada principal da edificação, a qual tem a função de esconder a calha responsável por fazer a coleta das águas pluviais do telhado. Apesar da simplicidade das formas e rara ornamentação da fachada, esta edificação possui em sua elevação uma interessante utilização de linhas verticais e horizontais, que conferem harmonia e equilíbrio para o conjunto.

Para este tipo de arquitetura, existem duas correntes que tentam descobrir sua origem. Uma delas alega que a simplicidade com que esta arquitetura se apresentou era a procura por uma arquitetura despojada de toda a carga historicista, onde teriam sido procuradas soluções puristas e despojadas.

Já a outra corrente, justifica a existência desta arquitetura baseando-se em reflexos políticos, alegando que esta arquitetura foi criada e divulgada pelo totalitarismo Europeu. Quando ocorreu sua ascensão na Europa, na década de 1930, este regime trouxe consigo inúmeras promessas de melhorias na vida das pessoas. No entanto, essas ditaduras se impuseram pela força e não pelo desejo da maioria e, desta forma, elas precisavam apresentar resultados - muitos e rápidos - para se legitimar perante a população. Para tanto, a arquitetura anterior com seus tratamentos muito elaborados, não poderia responder a estes desafios e esta foi a razão pela qual foi feita este tipo de arquitetura simplista e pouco acabada, como resposta imediata do totalitarismo europeu frente à população. Ou seja: o simplismo desta arquitetura respondeu a necessidades bem concretas da implantação destes regimes totalitários. E como o todo totalitarismo se legitima, em grande parte, na propaganda, esta arquitetura foi propagada como sendo a solução para as nações. Quando a propaganda chegou ao Brasil procurou-se imitar o que era julgado como a última conquista da contemporaneidade. E começou-se a fazer esta arquitetura, convencidos de que era a expressão dos últimos avanços da técnica.

Seja qual for a origem mais coerente, o que importa é que este tipo de arquitetura, mesmo não sendo tão exuberante e criativa, foi muito importante, pois, sem dúvida, contribuiu para a afirmação do modernismo no país, a partir da década de 1930. Além de atribuir grande representatividade nas construções dessa década, chegou inclusive a possuir exemplares no município de Santiago, como é o caso da edificação em estudo.

Outra questão interessante quanto à edificação, é a sua representatividade histórica, visto que a mesma está localizada no entorno da Praça Moises Viana, praça principal da cidade, sendo uma das poucas edificações que não foram demolidas. Há 75 anos a edificação, mantém suas atividades de hospedagem em pleno funcionamento, recebendo pessoas que vêm para o município, seja por questões de passeio ou trabalho, sendo possível, desta maneira, destacarmos o seu valor histórico, enquanto elemento de referência na memória coletiva da sociedade santiaguense.

2.18 Edificação localizada na Avenida Júlio de Castilhos nº 387

2.18.1 Levantamento Fotográfico



Figura 184 – Edificação localizada na Avenida Júlio de Castilhos nº 387, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.



Figura 185 – Edificação localizada na Avenida Júlio de Castilhos nº 387, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

2.18.2 Descrição histórica

A edificação foi construída no governo do interventor federal coronel Osvaldo Cordeiro de Farias, no ano de 1940, com a finalidade educacional, servindo de instalação para a escola estadual Apolinário Porto Alegre, sendo que o projeto da edificação fez parte de um pacote de escolas do governo estadual, denominado “Tipo de Colégio para 1000 alunos”.

2.18.3 Análise arquitetônica

Na figura a seguir (fig. 186) é possível observarmos a localização da edificação no núcleo urbano do município, sendo que a mesma pertence ao Bairro Centro.

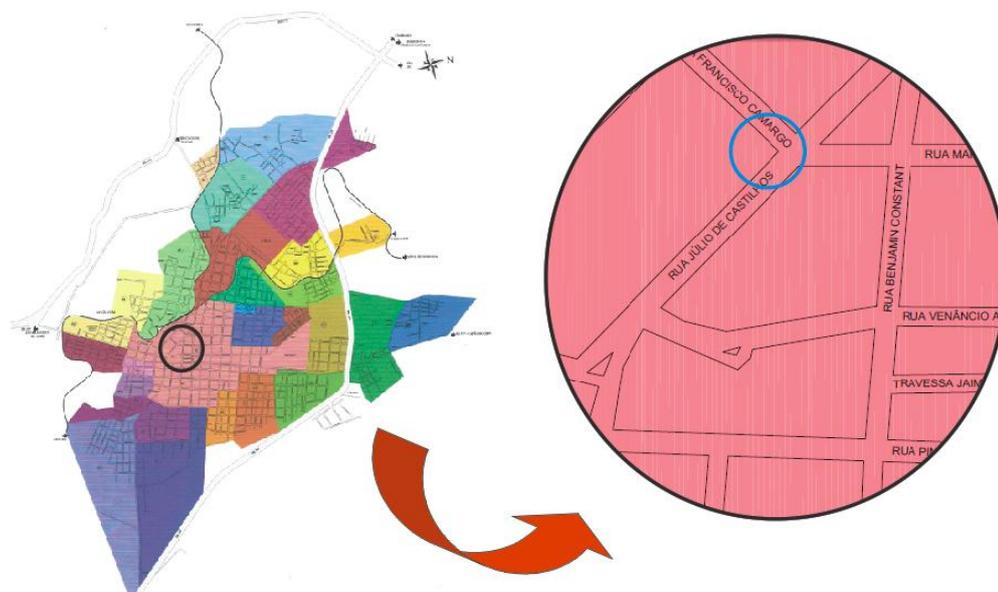


Figura 186 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 17 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: desenho da autora.

A edificação está implantada no terreno de tal forma que mantém recuos em todas as suas fachadas. Como mostra a figura 187, na fachada dos fundos há um grande pátio aberto onde ocorrem todas as atividades recreativas e físicas dos alunos. Neste espaço é possível encontrarmos quadras de esporte abertas e cobertas, assim como um salão de jogos.

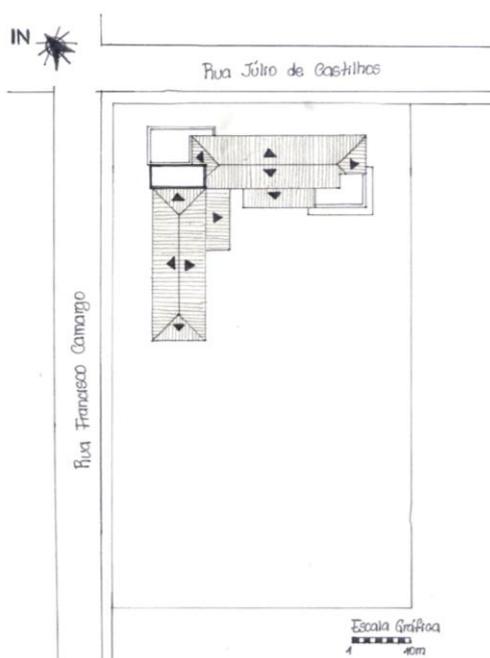


Figura 187 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

A Escola Apolinário Porto Alegre, está localizada numa esquina entre a Avenida Júlio de Castilhos e a Rua Francisco Camargo. Foi construída no mandato do Interventor Federal Cel. Osvaldo Cordeiro de Farias, pela equipe de arquitetos atuantes, então na Secretaria de Educação do Estado. Faz parte de uma série de edifícios escolares muito semelhantes entre si, onde o partido era igual para todos os prédios, sendo que a variação se dava somente em relação ao número de salas de aula. Estas escolas foram construídas, neste período, em numerosas cidades do interior do estado do Rio Grande do Sul. Acredita-se que o projeto tenha sido de autoria do arquiteto João Baptista Pianca, sendo que o mesmo é formado pelo primeiro curso de arquitetura do Rio Grande do Sul, fundado no ano de 1898 pela Escola de Engenharia de Porto Alegre.

De acordo com Moura⁷¹, o projeto da edificação expressa uma transformação significativa com relação a outros prédios projetados, até então, para o mesmo uso no estado do Rio Grande do Sul. Foi este prédio o primeiro a abandonar o partido de um bloco compacto, com corredor e sala nas duas laterais e passa a apresentar um planta organizada segundo eixos ortogonais formados pelos corredores e salas de aula, na maior parte colocada em um dos lados da circulação. Essa transformação ocorreu em função da busca por melhor orientação solar nas salas de aula, que no caso da edificação em estudo, proporcionou que as salas de aulas estivessem voltadas para a orientação nordeste e noroeste.

A edificação possui uma estrutura mista, na qual o concreto é utilizado para vigas e lajes, e as paredes se mantêm em alvenaria portante; as lajes de concretos, por sua vez, possibilitaram vãos internos maiores e aliados a novos materiais e técnicas de impermeabilização, também proporcionaram o aparecimento de terraços, como é possível vermos presente na edificação.

A edificação está recuada nas duas faces voltadas para a rua, sendo que os blocos horizontais de salas de aula são articulados pela escadaria, que é um volume vertical em destaque no conjunto, o qual fica conectando estes dois blocos horizontais de salas de aula. A secretaria avança com relação aos outros planos do edifício, sendo destacada como um volume retangular localizada próximo à esquina,

⁷¹ MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim e SHHLEE, Andrey Rosenthal. **100 Imagens da Arquitetura Pelotense**. Pelotas: Pallotti, 1998. p.150.

e ao lado do qual ocorre o acesso principal ao prédio, como é possível observarmos nas plantas baixas esquemáticas das edificações (conforme fig.188 e 189).

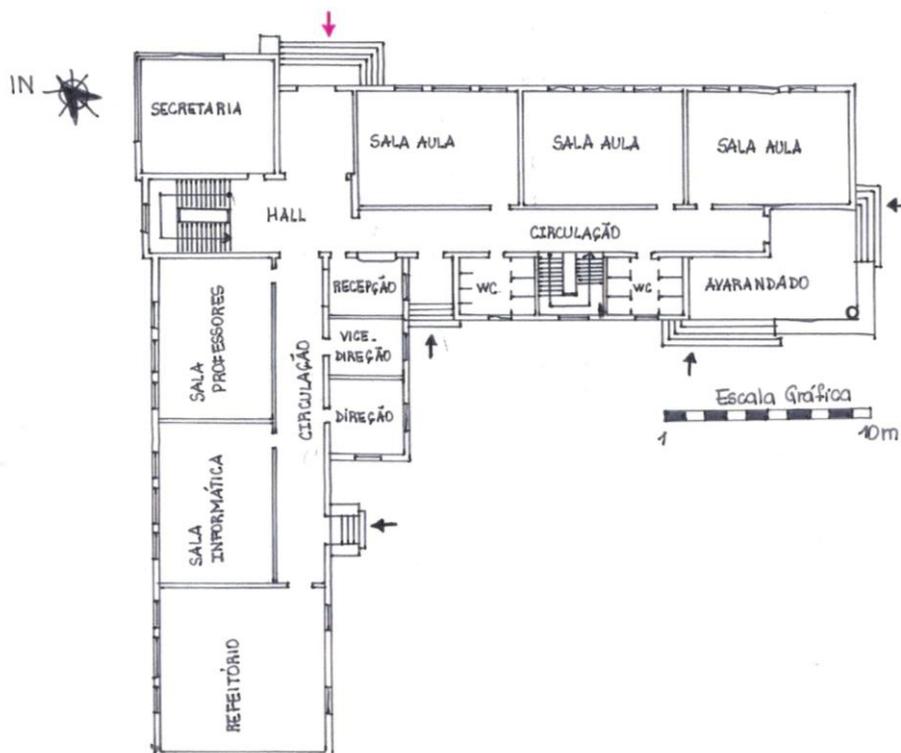


Figura 188 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento térreo.
Fonte: Levantamento da autora.

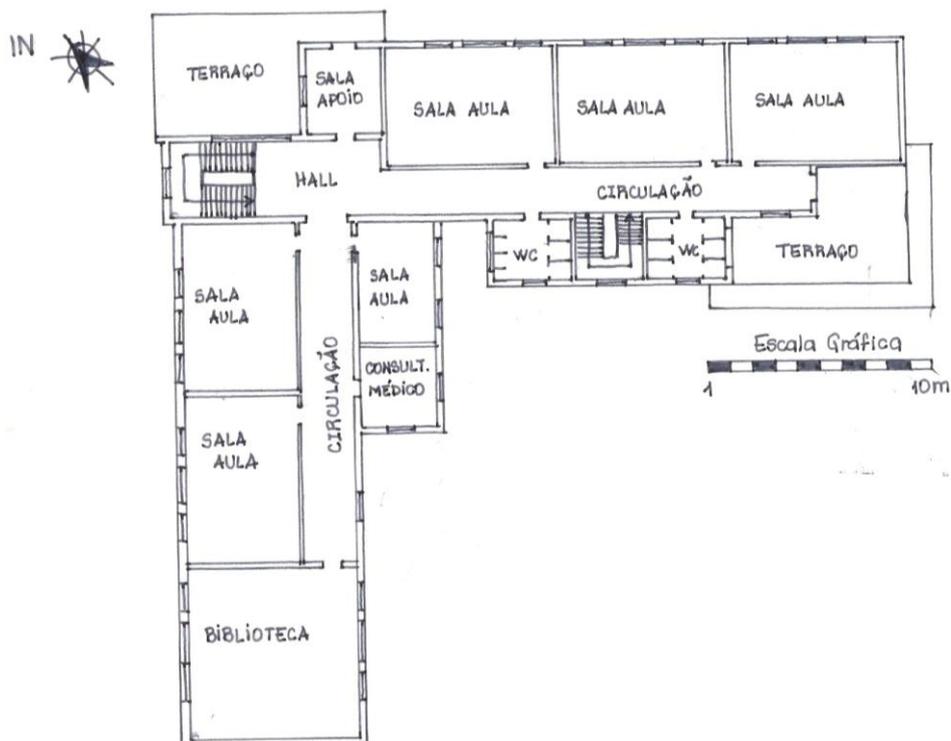


Figura 189 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento superior.
Fonte: Levantamento da autora.

Pianca, o profissional que provavelmente tenha sido responsável pelo projeto, seguia uma corrente oposta à arquitetura modernista corbuseana e se alinhava dentro do monumentalismo autoritário. Assim, o edifício apresenta características desse tipo de arquitetura, que foi criada e divulgada através do totalitarismo Europeu. Esta arquitetura possui características simplistas, visto que estas responderam a necessidades concretas de implantação destes regimes totalitários, sendo que a edificação construída através da arquitetura historicista, com seus tratamentos muito elaborados, não poderia responder a estes desafios. Eram necessários resultados rápidos, pois muitas eram as promessas de melhorias para a vida das pessoas, e estes regimes precisavam se legitimar perante a população.

Desta forma, foi criado este tipo de arquitetura que disseminou-se por todo o mundo como sendo a expressão dos últimos avanços da técnica. E, por esta razão, o Brasil, achando que eram as últimas tendências da contemporaneidade, adota também esta nova arquitetura. E, portanto este edifício escolar, assim como todos os outros com partido arquitetônico semelhante, existentes no Rio Grande do Sul, se originam através de influências desta corrente que foi muito importante pois, sem dúvida, contribuiu para a afirmação do modernismo no país a partir da década de 1930.

Esta edificação, como foi dito, assemelha-se muito a outras edificações presentes no estado, como por exemplo, o Instituto de Educação Assis Brasil, localizado no município de Pelotas (conforme fig. 190).



Figura 190 – Edificação localizada na Rua Antônio dos Anjos nº 296, Pelotas – RS.
Fonte: Livro 100 imagens da Arquitetura Pelotense.

Com relação à fachada da edificação (conforme fig. 191), é possível observarmos que os volumes que a compõem são totalmente despojados de ornamentação e aparecem de maneira bastante simples. No conjunto, o único destaque são alguns volumes que se sobressaem em relação a outros e que estão trabalhados com cores mais fortes, justamente para dar este efeito. As esquadrias aparecem na fachada compostas em grupos de três, sendo uma mais larga no meio e outras duas mais estreitas nas pontas. O terraço que aparece nas fachadas acontece como se fosse um elemento de ligação de dois volumes dispostos de maneira separada. A platibanda que coroa a edificação esconde a cobertura de telhas cerâmicas.



Figura 191 – Fachada da edificação localizada na Avenida Júlio de Castilhos nº 387, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

Portanto, a edificação é patrimônio arquitetônico para o município de Santiago, pois representa as aspirações por uma arquitetura diferenciada, sem ornamentações, com volumes simples e puros, reflexo da implantação dos regimes totalitários na Europa. E mesmo que a edificação não apresente muita exuberância, ela é importante, pois é a representatividade das construções dessa década, influenciadas por esta corrente arquitetônica vigente.

2.19 Edificação localizada na Avenida Julio de Castilhos nº 503

2.19.1 Levantamento Fotográfico



Figura 192 – Edificação localizada na Avenida Julio de Castilhos nº 503, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

2.19.2 Descrição histórica

Com a instalação do exército no município de Santiago na década de 1920, a guarnição militar crescia cada vez mais e o desejo da família militar, entrosada com a sociedade local exigia a criação de um clube que pudesse dar maior continuidade à integração social. Desta forma, de acordo Fonttes⁷², o Circulo Militar de Santiago teve origem em uma reunião de oficiais preocupados em congregar a sociedade santiaguense e desenvolver laços de amizade entre civis e militares. Sua sede social foi inaugurada na Avenida Julio de Castilhos nº 503 em 27 de janeiro de 1947, com um grandioso baile de gala, que contou com a presença de personalidades da sociedade de Santiago. Na ocasião, foi empossada a diretoria que teve como Diretor Geral o Maj. Jaime Prestes Pacheco.

⁷² FONTTES, Carlos. **Histórico da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada - Brigada José Luiz Menna Barreto, Santiago – RS.** Santiago: Grupo Editorial Expressão, 1999. p.71.

A seguir, segue relato extraído de um livro encontrado no clube militar o qual registrava as impressões de personagens especiais que vinham visitar o Círculo Militar de Santiago, datando de 13 de março de 1950.

Visitando a sede social do Círculo Militar de Santiago experimentamos a grata surpresa de uma revelação de um verdadeiro espírito de compreensão da solidariedade humana. Parece-nos ainda digno de admiração a grandiosa obra realizada, permitindo ao meio social de Santiago todo o conforto material e espiritual, a quem tem direito o homem civilizado. É uma iniciativa e uma realização dos militares, que bem revela a sua atitude de confraternização com o cidadão civil, irmanando e sublimando os dois destinos, confundidos em um só, do homem brasileiro. Por visto, a nossa homenagem e o nosso aplauso.

A partir do relato acima, é possível percebermos a importância desta edificação para a sociedade santiagoense, sendo portanto, digna deste estudo.

2.19.3 Análise arquitetônica

Na figura a seguir (fig. 193) é possível observarmos a localização da edificação no núcleo urbano do município, sendo que a mesma pertence ao Bairro Centro.

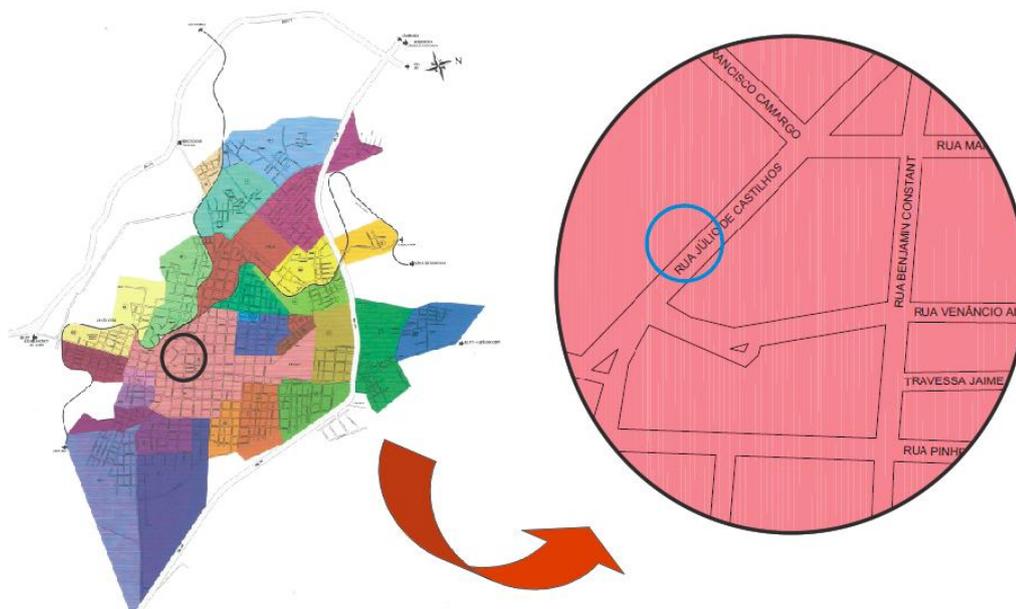


Figura 193 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 18 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Desenho da autora.

Com relação à implantação da edificação no lote (conforme fig. 194), a mesma possui apenas a fachada direita com um recuo de 1,5 metros, todas as outras fachadas possuem grandes recuos. No fundo do lote, atrás da edificação, estão implantadas as áreas de atividades de recreação do clube, podendo ser destacadas as quadras de esporte, pistas de corrida e piscinas.

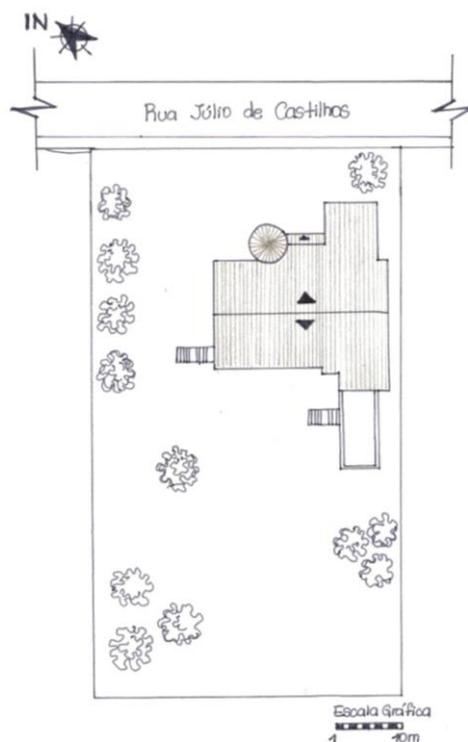


Figura 194 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

Esta edificação compreende um programa de necessidades bastante extenso, sendo desenvolvido em dois pavimentos. No pavimento térreo (conforme fig. 195) está localizado o setor administrativo, constituído por secretaria, sala de reuniões e arquivo, possuindo, ainda, os salões da antiga boate, que atualmente é um salão de festas alugado para eventos; junto a este salão estão os ambientes de apoio, como a cozinha, copa, banheiros e almoxarifado. Mais ao fundo da edificação, ainda no pavimento térreo, estão distribuídos os vestiários que servem de apoio às quadras de esporte, piscinas e pistas de corrida que estão implantadas aos fundos do terreno. Já no pavimento superior (conforme fig. 196), está localizado o salão nobre do clube, o qual é acessado por uma escada circular. Junto ao salão principal, é possível encontramos todos os ambientes de apoio, como banheiros, copa, depósito e um grande terraço. Em função das normas de prevenção contra

incêndio, posteriormente foram adaptadas ao prédio duas escadas externas de saída de emergência.

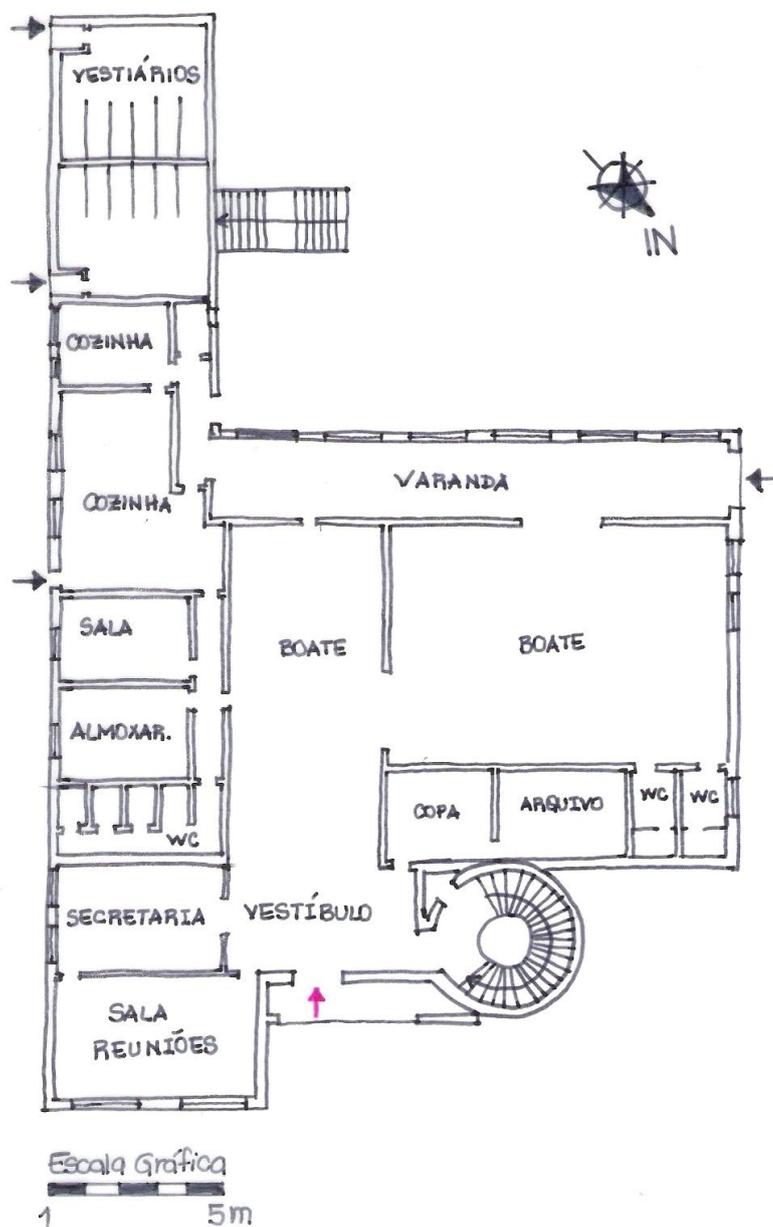


Figura 195 – Planta Baixa esquemática – Pavimento térreo, imagem mostrando a composição da forma da edificação.

Fonte: Levantamento da autora.

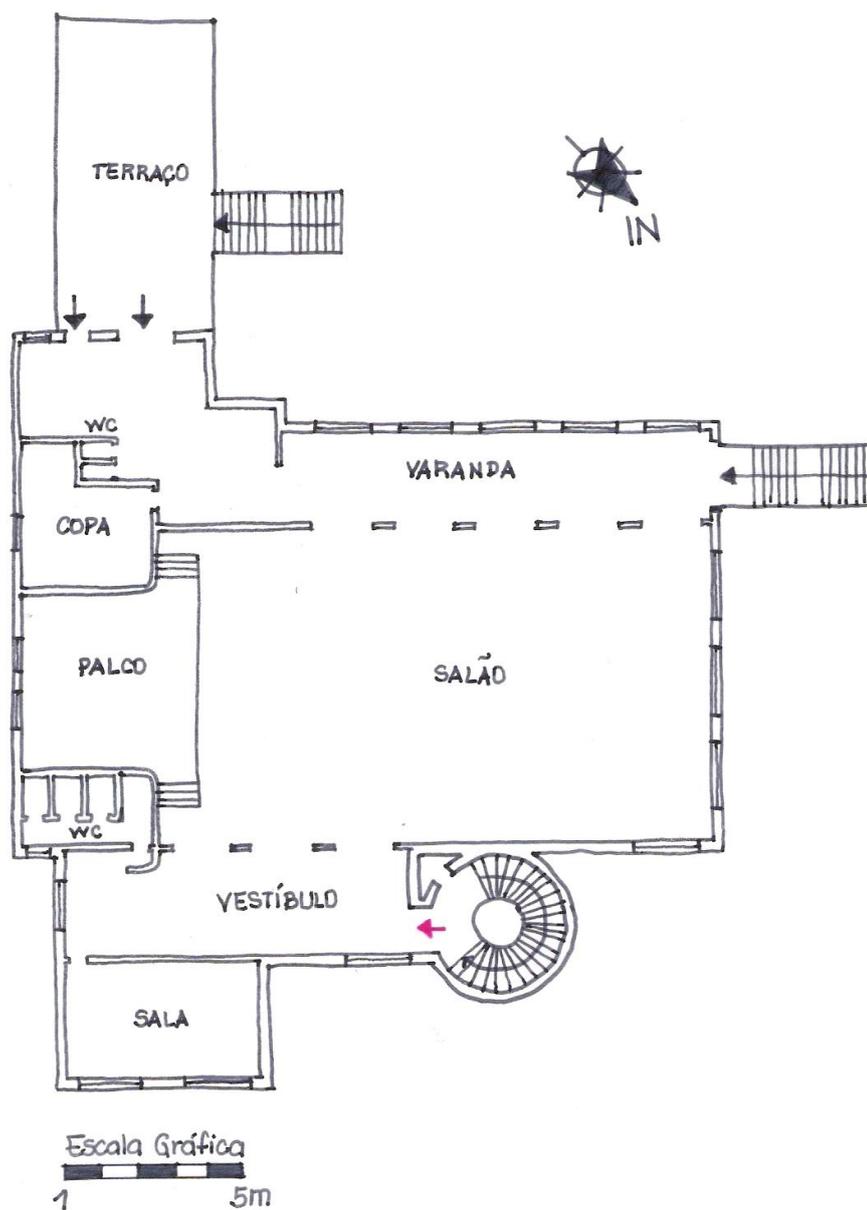


Figura 196 – Planta Baixa esquemática da edificação – Pavimento superior.
Fonte: Levantamento da autora.

Quanto aos acessos da edificação, é possível destacarmos um acesso social e principal no pavimento térreo que ocorre na fachada principal, através de um avarandado que conduz ao vestíbulo. No entanto, a edificação possui, ainda no pavimento térreo, quatro acessos secundários distribuídos ao longo da planta, sendo dois nos vestiários, outro na cozinha e o último na varanda, a qual tem acesso ao salão social. Já no pavimento superior, o acesso principal ocorre pela escadaria que conduz ao salão nobre do clube; os acessos secundários ocorrem através do terraço e escadaria externa.

O sistema construtivo encontrado é baseado em estruturas de concreto armado e alvenarias de vedação. No telhado, é possível encontrarmos a telha cerâmica como elemento original da época em que a edificação foi construída. O acabamento utilizado nos pisos, no geral, são os tacos de madeira, com exceção dos banheiros, vestiários e cozinhas em que foram utilizados pisos cerâmicos. No teto foi utilizada a laje de concreto armado e em apenas um espaço do salão nobre é possível encontrarmos um forro trabalhado com madeiras (conforme fig. 197).



Figura 197 – Detalhe do forro em madeira encontrado na edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

No que se refere à fachada da edificação, é possível dizermos que esta se mantém idêntica à época de construção, merecendo destaque o volume cilíndrico localizado na fachada principal. Este volume que se sobressai ao restante da edificação possui uma composição com vitrôs coloridos escalonados em relação ao nível do chão (conforme fig. 198). Outros elementos que merecem destaque são o avarandado em forma de semi-arco e o óculo trabalhado com ferro fundido que aparecem na fachada da edificação (conforme fig. 199).



Figura 198 – Detalhe do volume cilíndrico presente na fachada principal da edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.



Figura 199 – Detalhe dos elementos de destaque na fachada da edificação, foto em 2011
Fonte: Foto da autora.

Esta edificação, construída por volta de 1945 e inaugurada em 1947, não possui ornamentações historicistas européias em suas fachadas e segue influências de uma arquitetura que passou a ser usual a partir da crise de 1937 e à posterior progressiva influência estadunidense na economia sul-americana e, em especial, da Argentina. Esta arquitetura recebe o nome de arquitetura californiana, pois foi à busca dos povos californianos de se mostrar superior aos seus vizinhos da costa leste, criando assim uma “tradição” que pudesse fazer frente a esta rivalidade. Com isto, surge este tipo de arquitetura que foi influenciada pela arquitetura histórica mexicana.

A utilização desta linguagem arquitetônica foi bastante usual no Prata e um tempo depois, no Rio Grande do Sul. A primeira obra realizada nesta linguagem, no estado, foi a moradia do guarda da portaria do Porto Alegre Country Club, em 1936. Nos primeiros anos, sua aceitação foi limitada, mas quando começou a II Guerra Mundial, sua expansão foi avassaladora chegando, no auge do conflito, a ser empregada na quase metade das obras classificadas como de valor arquitetônico. No Rio Grande do Sul este tipo de arquitetura recebeu uma aceitação retumbante, sendo que na periferia de Porto Alegre, por onde se expandia a cidade, surgiam bairros inteiros como: Alto Petrópolis e Tristeza, onde o californiano era virtualmente a única linguagem empregada. Assim, este modismo configurou-se como uma corrente típica de arquitetura popular, visto que a maioria dos projetos dessas edificações não era projetada por profissionais diplomados. No entanto, esta linguagem arquitetônica encontrou uma altíssima receptividade social. E pelo que podemos constatar, esta receptividade também foi alcançada em Santiago. A decadência da arquitetura californiana começou a ser sentida no pós-guerra, quando aconteceu a expansão do peronismo, o qual se alinhava aos países totalitários.

No município de Santiago, esta arquitetura chegou com um pouco de retardo, pois as edificações com a linguagem californiana foram construídas de maneira mais frequente a partir da segunda metade da década de 1950, sendo possível destacarmos apenas esta edificação construída anteriormente a este período. O Circulo Militar de Santiago foi construído por volta de 1945, e recebe influências deste tipo de arquitetura.

Esta edificação está carregada de representatividade simbólica para a sociedade santiaguense, por ser um clube formado e organizado por militares,

classe esta que tanto alavancou o crescimento e desenvolvimento do município. Além disto, a edificação recebeu influências de uma linguagem californiana a qual, apesar da pouca ornamentação plástica, foi muito usual em todo o país e com aceitação marcante neste estado, sendo usual principalmente no Período da II Guerra Mundial. Assim, esta edificação representa a busca da sociedade Santiaguense por uma arquitetura que se transformou em modismo no estado e no país como um todo e portanto, é conceituada patrimônio arquitetônico e deve ser reconhecida e valorizada como tal.

2.20 Edificação localizada na Rua Duque de Caxias nº 792

2.20.1 Levantamento Fotográfico



Figura 200 – Edificação localizada na Rua Duque de Caxias nº 792, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.



Figura 201 – Edificação localizada na Rua Duque de Caxias nº 792, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

2.20.2 Descrição histórica

Esta edificação foi construída na década de 1950 e está localizada na Rua Duque de Caxias nº 792. Há pouco tempo foi comprada pela prefeitura municipal, que pretende transformar a antiga residência em um memorial em homenagens aos poetas santiaguenses, visto que a edificação está localizada no prolongamento da chamada “Rua dos Poetas”⁷³.

2.20.3 Análise arquitetônica

A figura a seguir (fig. 202) mostra a localização da edificação no núcleo urbano do município, sendo que a edificação pertence ao Bairro Centro.

⁷³ Rua dos Poetas é um projeto realizado pela Prefeitura Municipal de Santiago, em 2008, na qual um trecho da Rua Venâncio Aires transformou-se em Rua dos Poetas. O projeto foi elaborado pela Secretaria de Planejamento, onde a idéia foi fazer uma homenagem à cidade de Santiago, consagrada como Terra dos Poetas. Ao longo de duas quadras foram trabalhados novos passeios públicos, com espaço para leitura, espaços de bancos, canteiros e fontes, implantação de estátuas dos poetas homenageados, troca de calçamento, luminárias, tudo com o objetivo de remodelação da rua, caracterizando-a como espaço dos poetas santiaguenses.

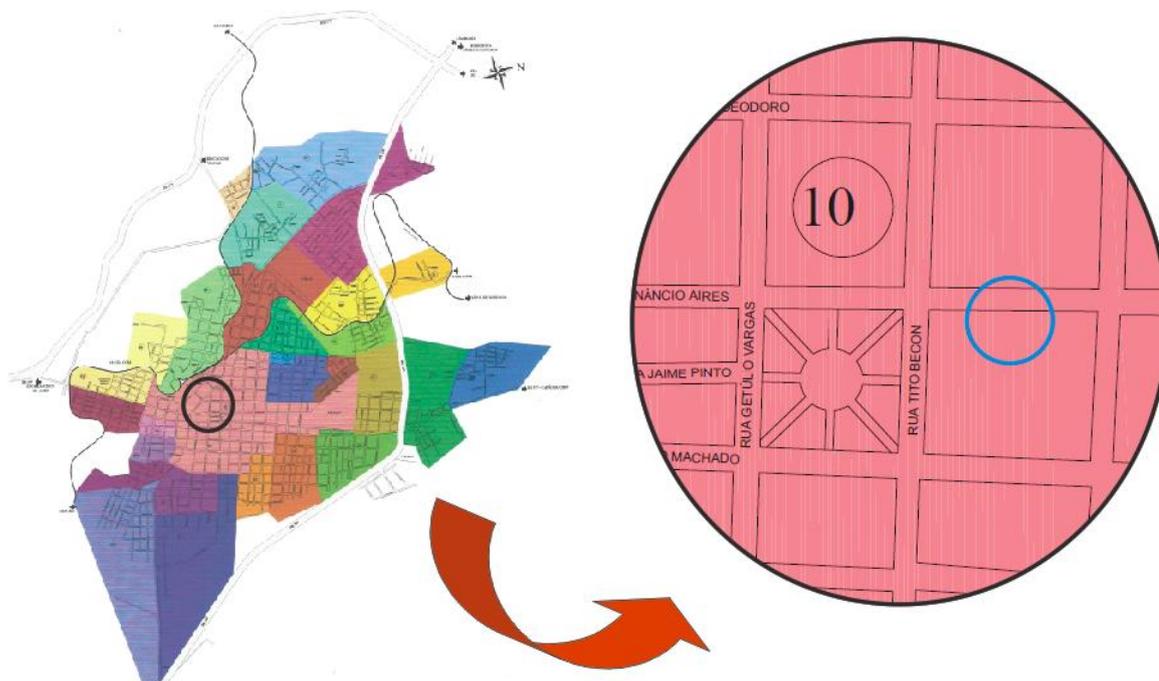


Figura 202 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 19 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
 Fonte: Desenho da autora.

A implantação da edificação no lote (conforme fig. 203) é outro elemento que chama a atenção. A fachada principal é afastada 4 metros em relação à calçada pública. Acredita-se que este fato tenha sido influenciado por novos caminhos que a arquitetura santiaguense estava começando a trilhar nesta época, advindos dos postulados sanitaristas, abandonando a tipologia colonial, por muito tempo adotada, o que possibilitaria novas soluções arquitetônicas. Próximo à edificação, mas ocorrendo de maneira individual, é possível observarmos a construção de duas edificações, uma destinada à garagem e a outra era uma espécie de galpão, para armazenamento de materiais diversos.

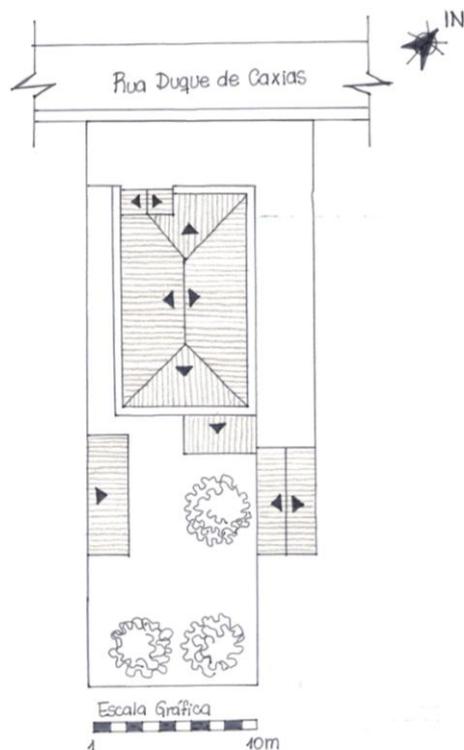


Figura 203 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

A edificação mantém sua planta baixa e fachadas preservadas. Em relação aos acabamentos, foram feitas algumas substituições.

No forro é possível encontrarmos o forro do tipo paulista, com encaixe macho fêmea, semelhante ao forro da figura 23, mostrada anteriormente.

Quanto ao piso, nas áreas sociais e íntimas, são encontrados os tacos de madeira, mas acredita-se que este tenha sido colocado posteriormente à construção, visto que o piso original seria o assoalho. Já nas áreas de serviço, há uma mistura entre piso cerâmico e ladrilho hidráulico, sendo que o ladrilho é o piso original da época de construção (conforme fig. 204).



Figura 204 – Detalhe do ladrilho encontrado na edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

Apesar dos tacos de madeira não serem o piso original de época de construção da edificação, os mesmos chamam a atenção pela sua bela composição, formando desenhos geométricos que criam uma movimentação (conforme fig. 205).

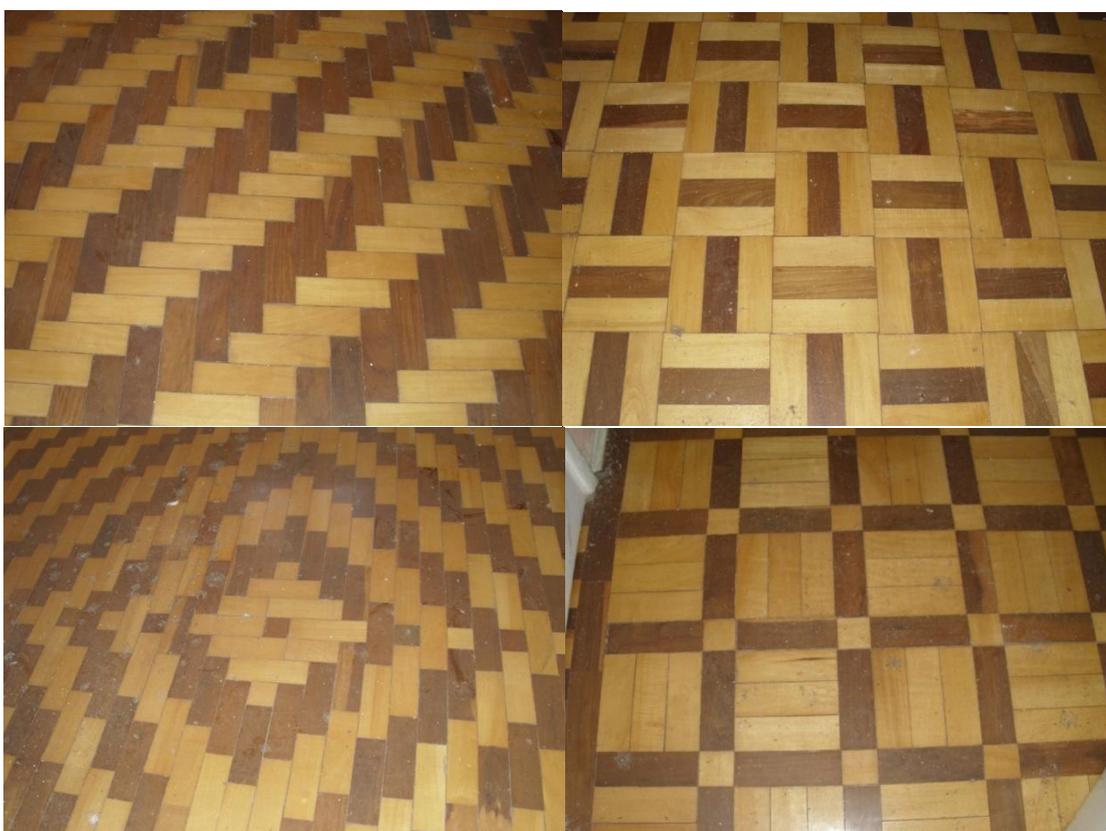


Figura 205 – Detalhe dos pisos em tacos de madeira da edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

A edificação possui um pé - direito por volta 2,80 metros, o que chama atenção, pois praticamente todas as edificações anteriores possuíam um pé direito muito alto, acima ou igual a 4 metros.

Quanto às aberturas da edificação, as portas são em madeira, com vedação em vidro, composta por duas folhas. Já as janelas também são em madeira, em geral feitas no sistema de guilhotina e por fora, apresentam venezianas em duas folhas, com detalhamentos na madeira (conforme fig. 206 e 207).



Figura 206 – Detalhe das esquadrias da edificação - parte externa, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.



Figura 207 – Detalhe das esquadrias da edificação - parte interna, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

Com relação à planta baixa da edificação (conforme fig. 208), observa-se que a edificação possui acessos sociais e de serviços bem diferenciados, sendo que o social está localizado bem na frente, já os de serviços estão mais aos fundos. Mas um item interessante é que todos os acessos da edificação são protegidos com um avarandado, tanto na frente como nos fundos. Há uma demarcação bastante clara de setorização, localizando os compartimentos sociais próximos do acesso principal, e os compartimentos íntimos numa lateral da edificação, assim como os ambientes de serviço, estão dispostos mais ao fundo, em contato com o pátio e edificações de apoio. A edificação não possui corredores para circulações, sendo que estas ocorrem dentro dos próprios compartimentos. Outro item interessante é com relação aos dormitórios, que ainda possuem mais de uma porta, o que possibilita a conexão entre dormitórios, além do acesso normal por um outro compartimento. O que impressiona é que este aspecto ainda é reflexo do sistema tipológico colonial, onde a conexão entre dormitórios era feita desta forma, para facilitar o atendimento dos membros da família, inclusive em casos de doenças ou então para manter o controle da vida das moças solteiras que deviam ser rigidamente resguardadas até o casamento.

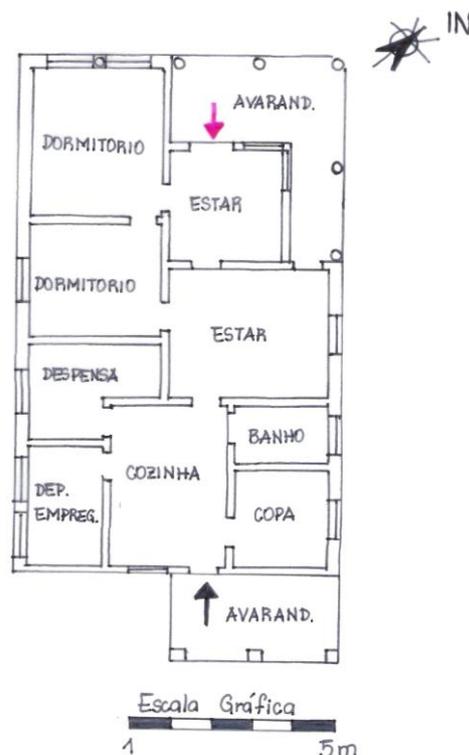


Figura 208 – Planta baixa esquemática da edificação.
Fonte: Levantamento da autora.

Já com relação à fachada da edificação (conforme fig. 209), é possível percebermos que a mesma possui uma tipologia em porão alto, no qual notamos a presença do embasamento que é a parte inferior da construção. O propiciou que a edificação ficasse elevada do nível do solo, sendo preciso uma pequena escadaria na frente para acesso interno a esta edificação. Ainda no embasamento é notória a presença de gateira retangular, cuja função era propiciar a ventilação do assoalho em madeira.

Outro elemento marcante na fachada é a presença de um frontão tipicamente composto pela cornija que abaúla o triângulo grego arquetípico, conferindo-lhe característica importada da América do Norte. Este elemento é trabalhado com um gradil de ferro fundido. No telhado recortado, é possível observarmos a utilização das telhas. O acabamento das paredes é bastante rústico, possuindo um aspecto rugoso e a entrada da edificação é feita por um avarandado sustentado por arcos e apoiado por pilares. Nas janelas, é notória a utilização de colunetas torsas.



Figura 209 – Detalhes da fachada da edificação.
Fonte: Foto da autora.

Pelas características citadas, é possível dizermos que a edificação possui influências de uma linguagem californiana. Como já foi mencionado em estudo anterior, este tipo de arquitetura chegou à cidade de Santiago, pelo que se pode apurar, através do contato com projetos no arquivo municipal e levantamentos em

loco, de maneira tardia. Quando à arquitetura californiana, esta já estava deixando de ser usual e começando a desaparecer em 1955, em razão de que em Santiago este tipo de arquitetura alcançou seu ápice de utilização. E, portanto, a edificação em estudo, construída na década de 1950, é influência desta linguagem arquitetônica e merece, por este motivo, ser caracterizada como patrimônio arquitetônico para o município, pois representou a busca por uma nova arquitetura que estava desvinculada da carga historicista anteriormente utilizada.

2.21 Edificação localizada na Avenida Julio de Castilhos nº 47

2.21.1 Levantamento Fotográfico



Figura 210 – Edificação localizada na Avenida Julio de Castilhos nº 47, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

2.21.2 Descrição histórica

Esta edificação foi mandada construir em 1956, pelo seu proprietário, o Sr. Auri Bolis de Oliveira, com a finalidade de residência da família e um espaço onde seria seu consultório médico. O projeto foi feito pelo engenheiro civil Nelson Goelzer. Atualmente, a edificação pertence a Renan Mallmann de Oliveira.

2.21.3 Análise arquitetônica

A figura a seguir (fig. 211) mostra a localização da edificação na malha urbana da cidade, sendo que a mesma se localiza no Bairro Centro.

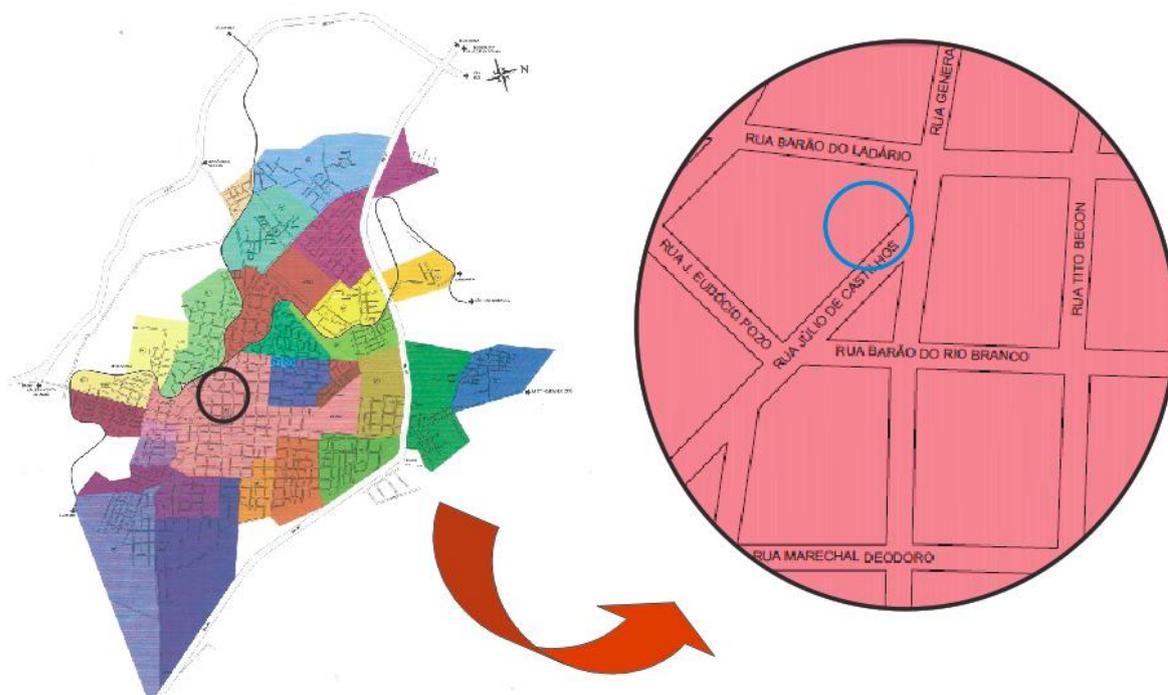


Figura 211 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 20 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.

Fonte: Desenho da autora.

Com relação à implantação da edificação no lote (conforme fig. 212), a mesma possui sua fachada frontal recuada do limite do lote; a fachada lateral esquerda está no alinhamento do limite do terreno e as fachadas lateral direita e dos fundos estão recuadas.

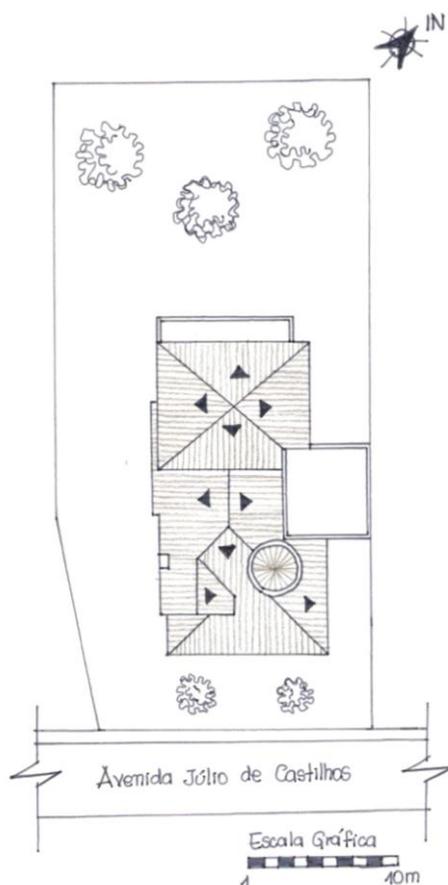


Figura 212 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

A edificação mantém sua fachada e plantas baixas preservada. A edificação é uma residência com dois pavimentos, onde no pavimento térreo estão localizados os ambientes do setor social e do setor de serviço. Com relação aos ambientes sociais, podemos destacar as salas de estar, sala de jantar, copa, escritório - que no projeto de Goelzer era sala de estar, sala de estudos - que no projeto aparece como gabinete, vestíbulo e banheiro. Já com relação ao setor de serviço, no pavimento térreo temos a cozinha, despensa e área de serviço e dormitório de empregada. Através de uma escada, temos acesso ao setor íntimo onde estão localizados os dormitórios, banheiro e terraços.

Quanto aos acabamentos da edificação, o piso encontrado nos setores de serviço e banheiros é o bloco cerâmico sextavado, já nos ambientes sociais e íntimos podemos encontrar o parquê e no forro, a laje de concreto.

A edificação possui um pé-direito por volta de três metros de altura, com exceção do ambiente onde está localizado o escritório, que é um ambiente cilíndrico

com pé direito duplo, chegando aproximadamente aos seis metros de altura. Na cobertura, é possível encontrarmos as telhas originais do tipo portuguesas.

A respeito da planta baixa da edificação (conforme fig. 213 e 214), é possível avaliarmos que o layout interno foi totalmente preservado. A edificação possui três acessos, sendo dois secundários e um principal. O acesso principal está localizado na fachada da frente da edificação e dá acesso a um escritório. Já quanto aos acessos secundários, um se localiza próximo à garagem, permitindo a entrada na edificação por um vestíbulo, e o terceiro acesso está localizado no setor de serviço, mantendo contato com um pátio de serviço. Percebe-se que a edificação foi projetada de maneira que os ambientes fossem bastante funcionais. Outro aspecto que pode ser destacado é quanto a definida setorização da edificação, que ocorre de modo bastante claro.

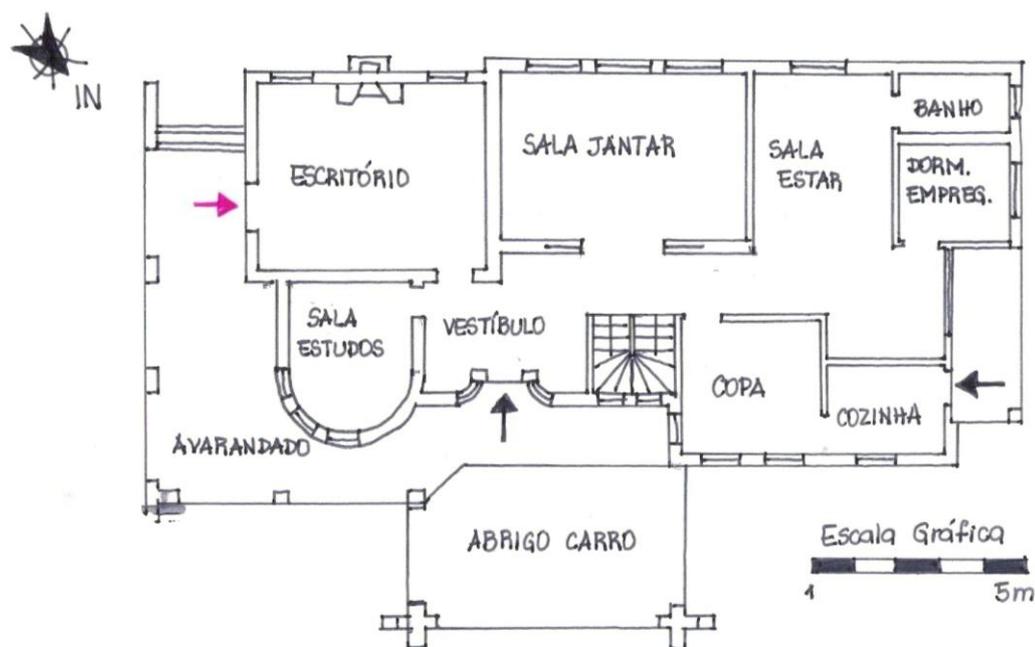


Figura 213 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento Térreo.

Fonte: Levantamento da autora.

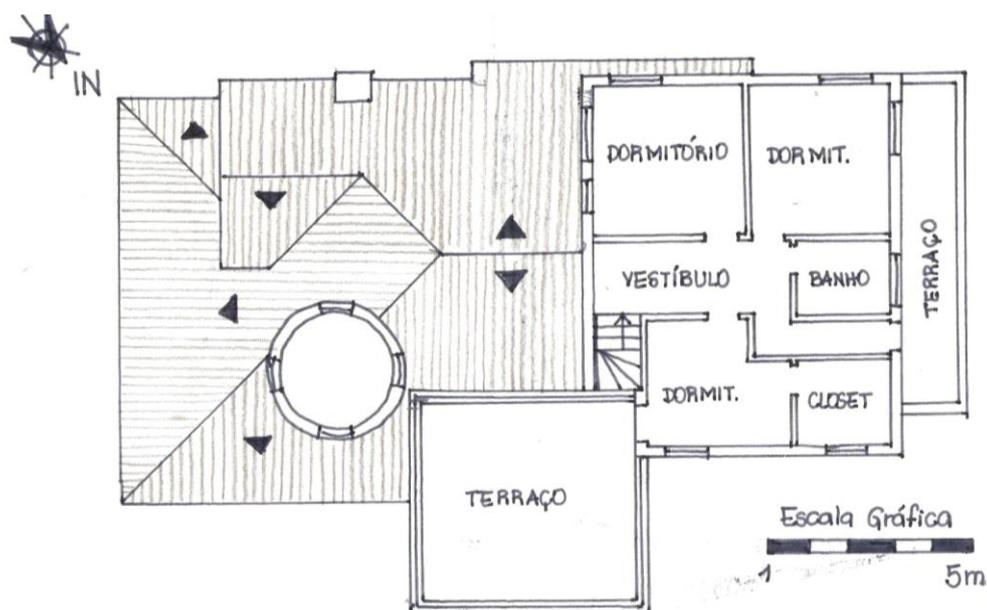


Figura 214 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento Superior.
 Fonte: Levantamento da autora.

Com relação à fachada (conforme fig. 215 e 216), é possível analisarmos que a edificação apresenta traços de uma Arquitetura Californiana. Esta linguagem caracterizou-se por apresentar telhados recortados; presença de largos beirados que serviam para fazer um jogo cada vez mais complexo de áreas de sombra em contraste com a alvura das paredes brancas; paredes com reboco rugoso; na entrada da casa, eram usuais os pórticos sofisticados sustentados por arcos de tijolo ou pedra à vista (conforme fig. 217); nas janelas, eram usuais contornos elaborados, colunetas torsas ou gradis abarrocados, de ferro batido; além de garagens abertas que serviam para exibir os últimos modelos de carros cada vez maiores e mais luxuosos.



Figura 215 – Fachada da edificação localizada na Avenida Julio de Castilhos nº 47, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

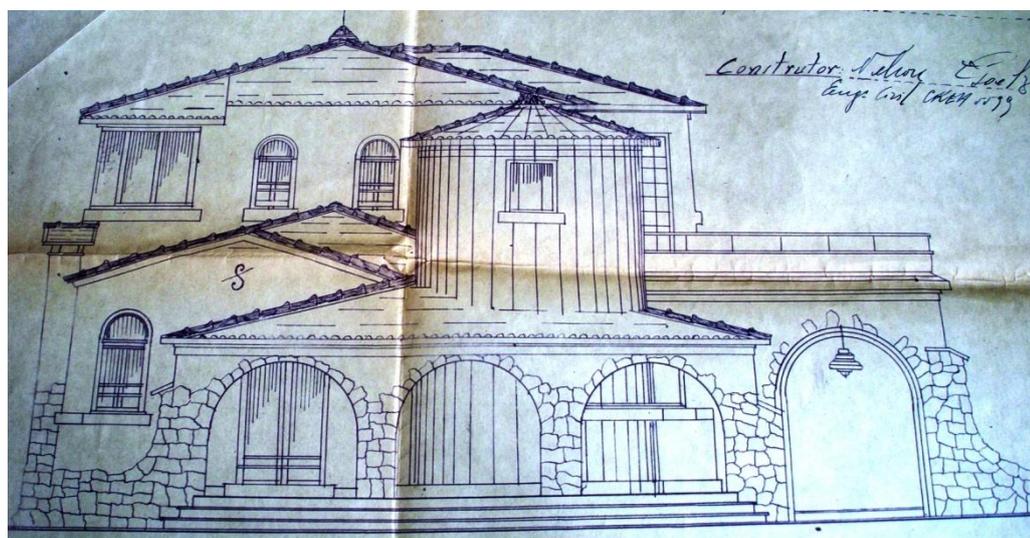


Figura 216 – Fachada do projeto da edificação localizada na Avenida Julio de Castilhos nº 47, foto em 2010.
Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santiago.



Figura 217 – Detalhe da fachada da edificação localizada na Avenida Julio de Castilhos nº 47, foto em 2010.

Fonte: Foto da autora.

Portanto, pelas características da edificação que remetem a uma arquitetura californiana, é possível conceituarmos que a edificação é patrimônio arquitetônico, visto que esta representa o reflexo da sociedade Santiaguense, na busca por adoção de uma nova arquitetura que estava em voga em toda a América Latina, no período compreendido entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial.

2.22 Levantamento de edificação localizada entre as Ruas Tito Becon e Pinheiro Machado nº 1784 - 1951

2.22.1 Levantamento Fotográfico



Figura 218 – Edificação localizada entre as Ruas Tito Becon e Pinheiro Machado nº 1784 e 1951, foto em 2010.

Fonte: Foto da autora.

2.22.2 Descrição histórica

Esta edificação localizada entre as Ruas Tito Becon nº 1784 e Pinheiro Machado nº 1951, foi construída por volta de 1955, destinando-se à residência de militares. Com a vinda do exército para o município de Santiago, na década de 1920, quando foi instalada aqui a primeira unidade militar de Santiago, a 1ª Brigada de Cavalaria, que mais tarde passa a se chamar 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada José Menna Barreto, foram necessárias construções militares destinadas a moradia dessas pessoas, sendo que esta é um exemplo de edificação implantada em vila militar. Foram várias as vilas militares criadas na cidade, cada uma localizada em um ponto estratégico próximo aos quartéis. A vila militar onde está implantada esta edificação situa-se em local central, sendo parte dela posicionada

de frente com a Praça Moisés Viana, a praça principal da cidade. Esta vila está constituída por oito edificações, sendo três casas com dois pavimentos, quatro casas com um pavimento e um prédio de três pavimentos que comporta seis apartamentos. A residência em estudo destina-se somente a oficiais do 9º Batalhão Logístico de Santiago.

2.2.2.3 Análise arquitetônica

A figura a seguir (fig. 219), mostra a localização da edificação na malha urbana da cidade, sendo que a mesma se localiza no Bairro Centro, em frente a Praça Moisés Viana.

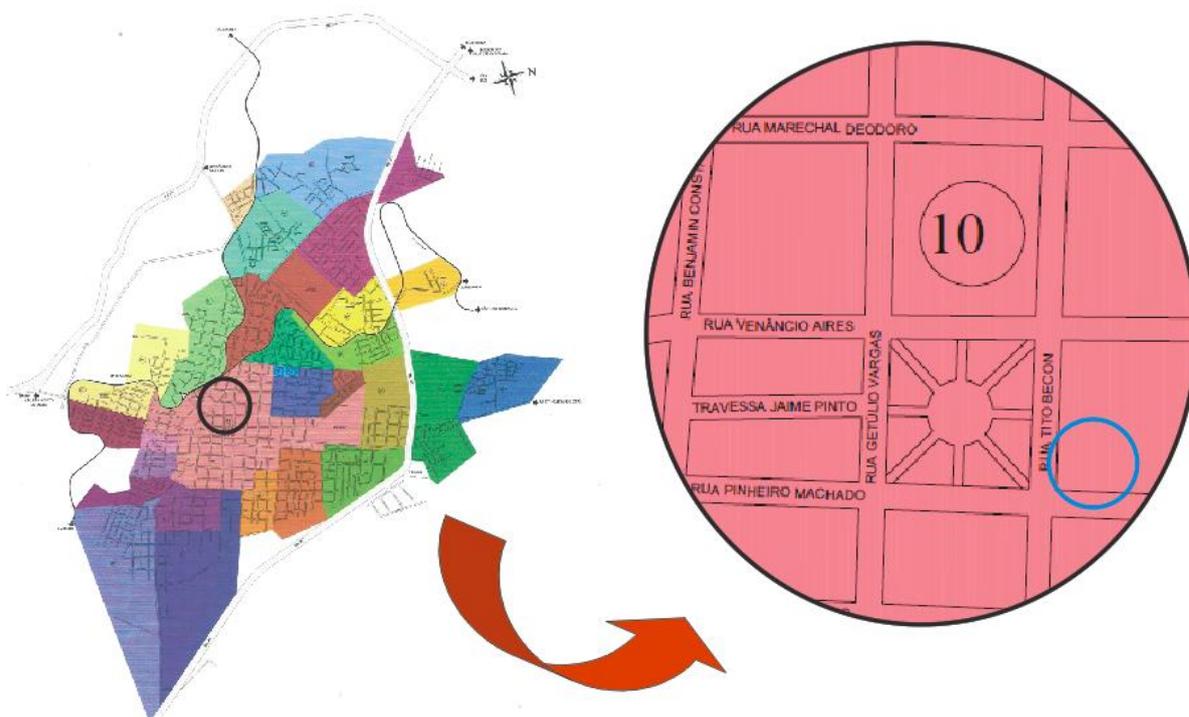


Figura 219 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 21 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Desenho da autora.

Com relação à implantação da edificação no lote (conforme fig. 220), a mesma possui sua fachada frontal e lateral esquerda recuadas por volta de quatro metros, já a fachada direita encontra-se um metro e meio afastada do limite do lote e a fachada dos fundos encontra-se também afastada do limite do lote.

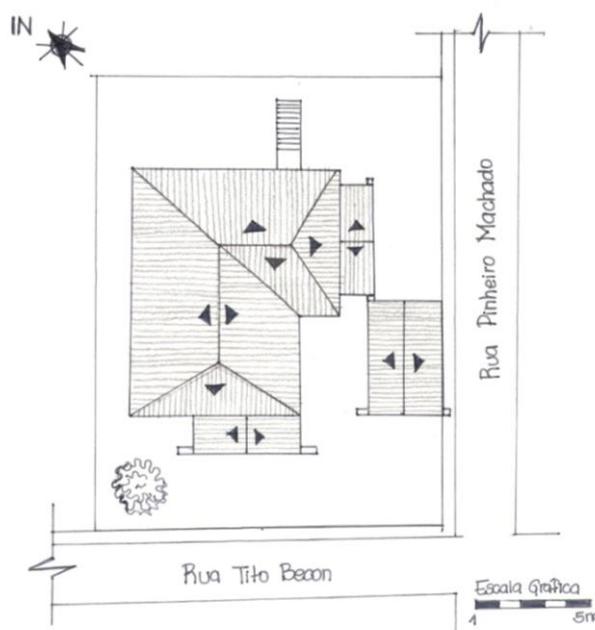


Figura 220 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

A edificação possui as mesmas características tipológicas das outras edificações de um pavimento, existentes na vila militar, na qual esta edificação está implantada. O prédio é uma construção de dois pavimentos multifamiliar (conforme fig. 221 e 222), sendo um apartamento no pavimento térreo e outro no pavimento superior. A edificação possui dois corpos de escada que dão acesso ao pavimento superior, sendo que um deles conduz ao setor social, e o outro conduz ao setor de serviço do apartamento. As edificações possuem acessos independentes. O acesso do apartamento térreo ocorre pela Rua Tito Becon, enquanto o acesso do apartamento localizado no andar superior ocorre na Rua Pinheiro Machado. Com relação à distribuição interna dos apartamentos, é possível observarmos que esta possui um setor social bastante limitado, sendo composto por apenas uma sala de jantar e estar juntas, onde ocorre o acesso principal do apartamento. A distribuição entre os compartimentos ocorre por um longo corredor central que conduz o morador da frente da edificação até o fundo.

A garagem, conforme mostra a planta baixa da edificação, foi construída em uma área anexa, ao lado da edificação.

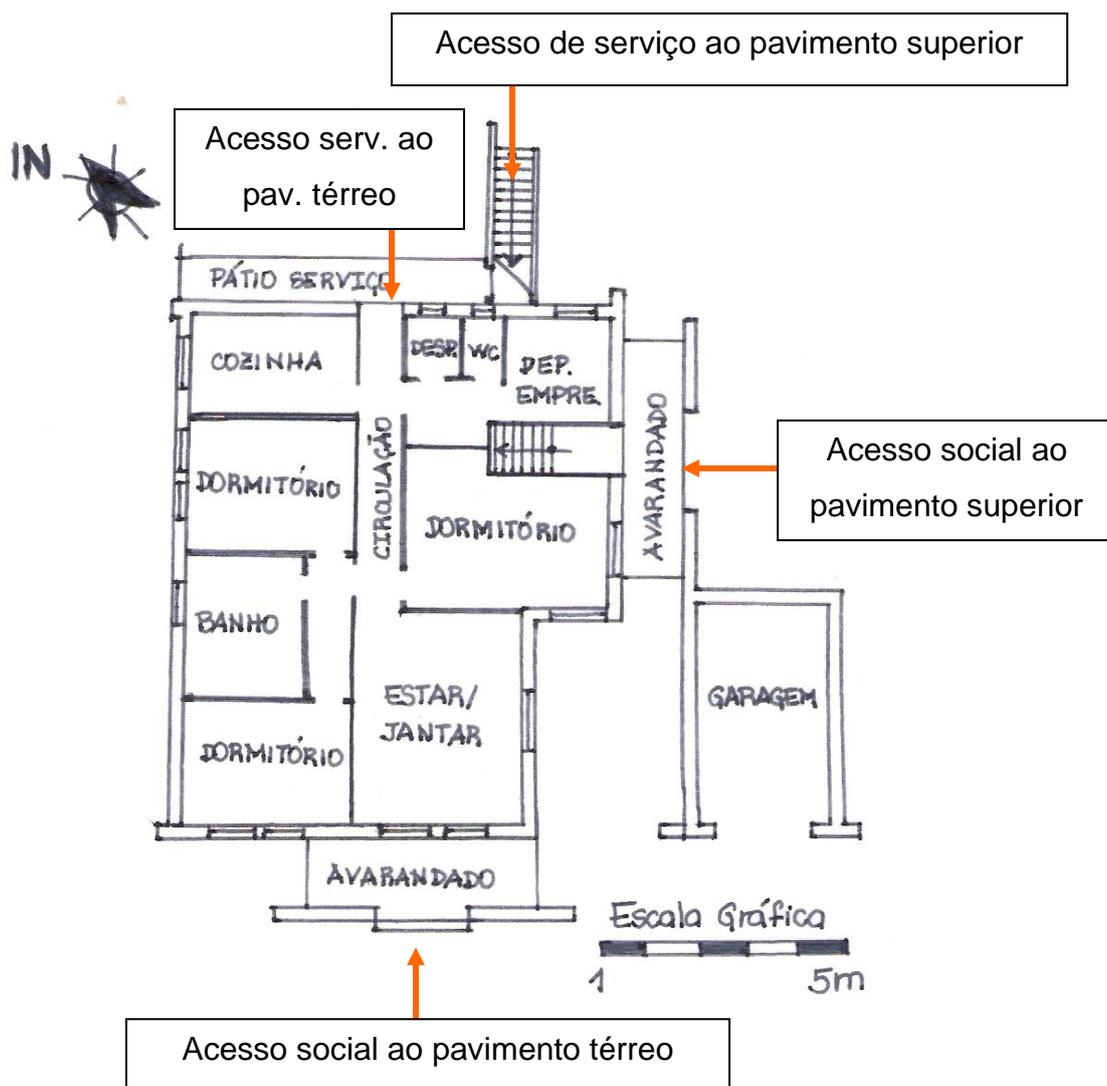


Figura 221 – Planta baixa da edificação – Pavimento térreo.

Fonte: Acervo do Quartel General de Santiago.

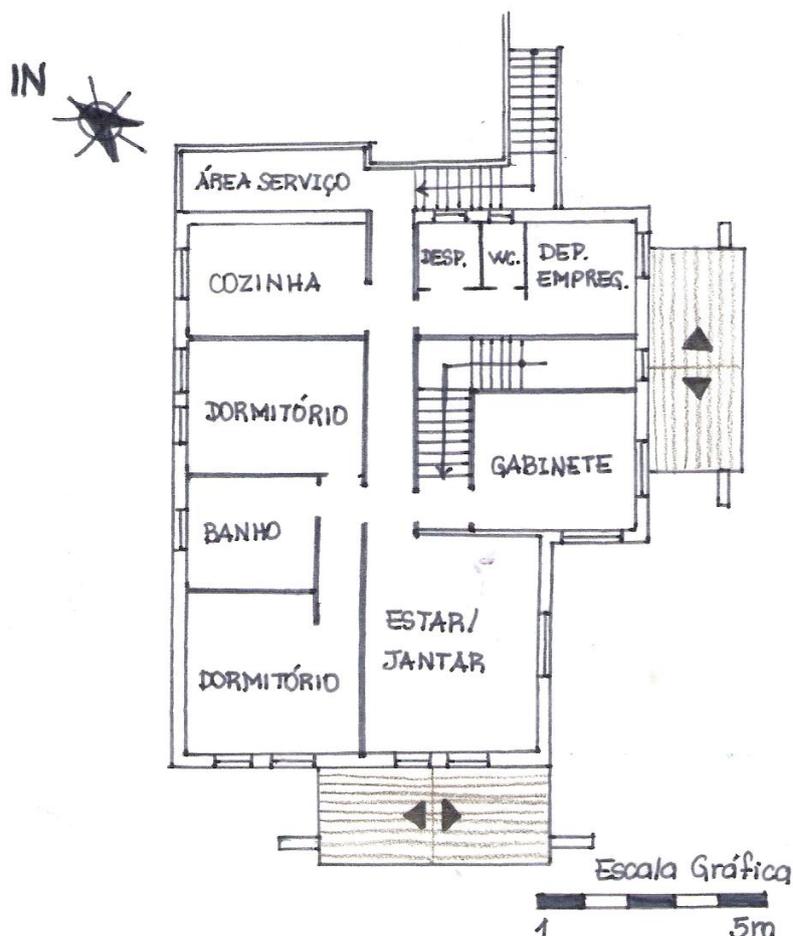


Figura 222 – Planta baixa da edificação – Pavimento superior.
 Fonte: Acervo do Quartel General de Santiago.

A edificação possui um pé-direito por volta de dois metros e oitenta centímetros, esquadrias em madeira e vidro, com venezianas externas; o acabamento das fachadas é feito com uma argamassa chapiscada e a cobertura que era em telha cerâmica, foi substituída por telha de fibrocimento.

Com relação à fachada da edificação (conforme fig. 223 e 224), é perceptível traços da arquitetura californiana presentes nas paredes rugosas, no pórtico de entrada da edificação construído em arco, nas pedras irregulares aplicadas sobre a fachada, usadas como detalhes, no detalhamento de contorno das janelas, nos gradis abarrocados de ferro batido, encontrados em algumas esquadrias e na porta de entrada principal.

Geralmente, os projetos elaborados com características neste tipo de linguagem arquitetônica eram feitos por construtores e correspondiam a edificações residenciais bastante simples e com área relativamente pequena, configurando-se como uma corrente típica de arquitetura popular, de feitura majoritariamente

anônima e que encontrou uma altíssima receptividade social no município. Um aspecto interessante neste projeto é a questão da composição da edificação de forma assobradada, visto que este tipo de arquitetura destacava-se no geral por edificações térreas, sendo esta a única edificação encontrada no município e na região que foi tratada desta forma.

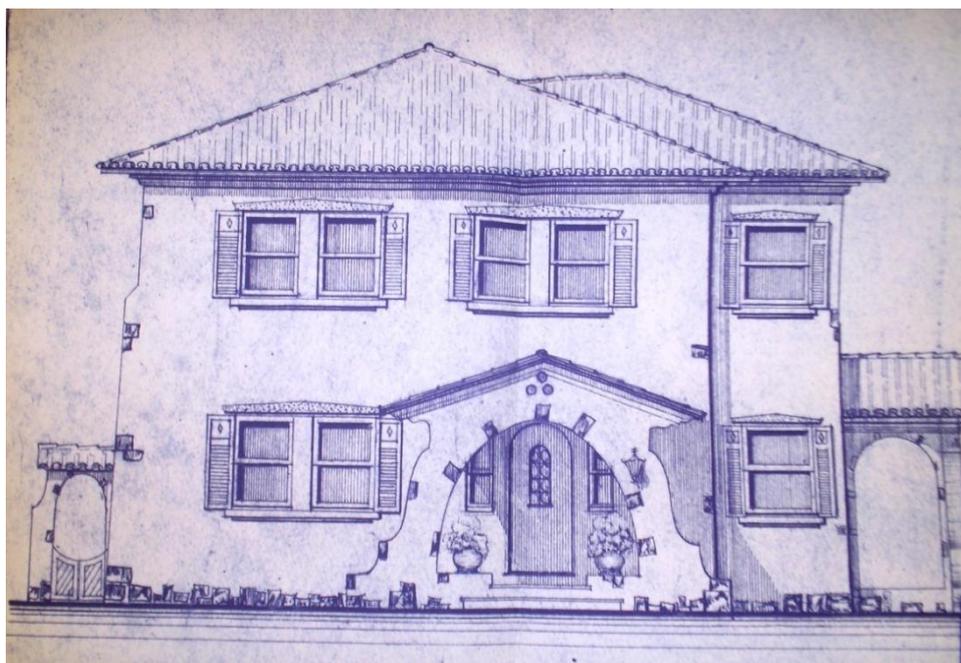


Figura 223 – Projeto da fachada da edificação localizada entre as Ruas Tito Becon e Pinheiro Machado nº 1784 e 1951, foto em 2010.
Fonte: Acervo do Quartel General de Santiago.



Figura 224 – Detalhes da fachada da edificação, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

Assim, a edificação em estudo é patrimônio arquitetônico para o município, pois representa a inspiração arquitetônica dos construtores e da sociedade santiaguense em geral, na década de 1950, por uma arquitetura que era vista como atual e que estava sendo muito empregada na capital do estado. Sendo por este motivo, fonte de inspiração para as construções residências deste município que, buscava manter-se sempre atualizado com relação ao que estava em destaque em centros maiores.

2.23 Edificação localizada na Rua Pinheiro Machado nº 1898

2.23.1 Levantamento Fotográfico



Figura 225 – Edificação localizada na Rua Pinheiro Machado nº 1898, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

2.23.2 Descrição histórica

Esta edificação localizada na Rua Pinheiro Machado nº 1898, foi construída por volta de 1955, destinando-se a residência de militares, sendo que esta faz parte da mesma vila militar onde está implantada a edificação mostrada do levantamento anterior, configurando-se na tipologia de casa unifamiliar térrea.

2.23.3 Análise arquitetônica

A figura a seguir (fig. 226), mostra a localização da edificação na malha urbana da cidade, sendo que a mesma se localiza no Bairro Centro, próximo a Praça Moisés Viana.

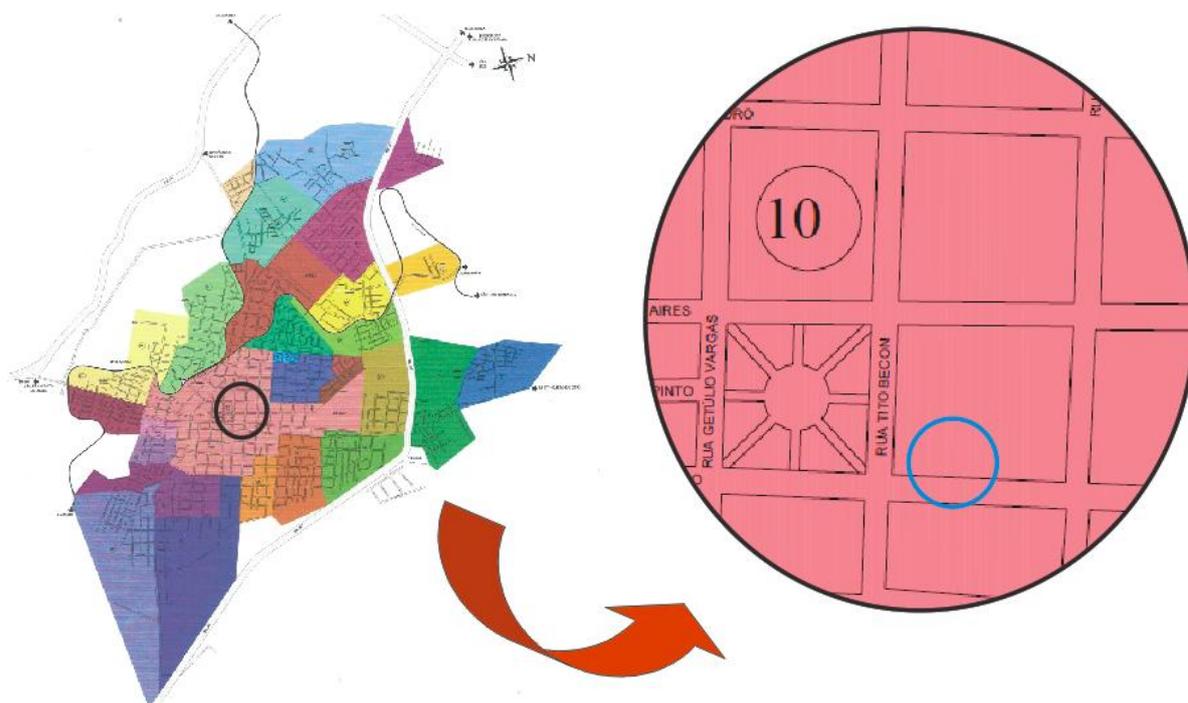


Figura 226 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 22 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.

Fonte: Desenho da autora.

Com relação à implantação da edificação no lote (conforme fig. 227), a mesma possui suas fachadas recuadas do limite do lote. Na frente, por volta de 4 metros, na lateral direita por volta também de 4 metros, onde está localizada a garagem, independente da residência. Na lateral esquerda possui um recuo de 1,5 metros e nos fundos o recuo é bem maior, onde podemos encontrar uma caixa d'água, um poço e uma grande área de gramado.

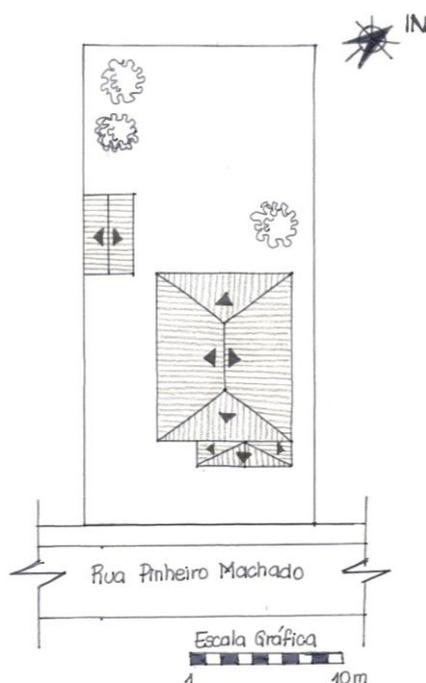


Figura 227 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

A edificação que foi construída por volta de 1955, mantém sua planta baixa e fachadas preservadas, sendo realizados contínuos processos de manutenções na edificação.

Quanto aos acabamentos internos da edificação, provavelmente já tenham sido substituídos, o que encontramos atualmente é a presença de piso cerâmico e no forro a laje de concreto com alguns detalhamentos no roda forro, feitos em gesso.

A edificação possui um pé - direito por volta de 2,80 metros, esquadrias em ferro e vidro, com venezianas externas; o acabamento das fachadas é feito com uma argamassa chapiscada e o telhado é em telha cerâmica.

A respeito da planta baixa da edificação (conforme fig. 228), é possível observarmos que se destaca a forte setorização, onde os compartimentos são divididos por setores íntimos, sociais e de serviço. Ao sairmos do setor de serviço e nos dirigirmos para o setor íntimo, há um vestíbulo, que faz essa separação entre setores, e o qual tem a função de encaminhar para todos os ambientes do setor íntimo. Isso demonstra a forte setorização da residência. Os acessos sociais e de serviço também acontecem de maneira independente, sendo o acesso social na frente da edificação, já o acesso de serviço localiza-se aos fundos e tem contato direto com área de serviço e cozinha.

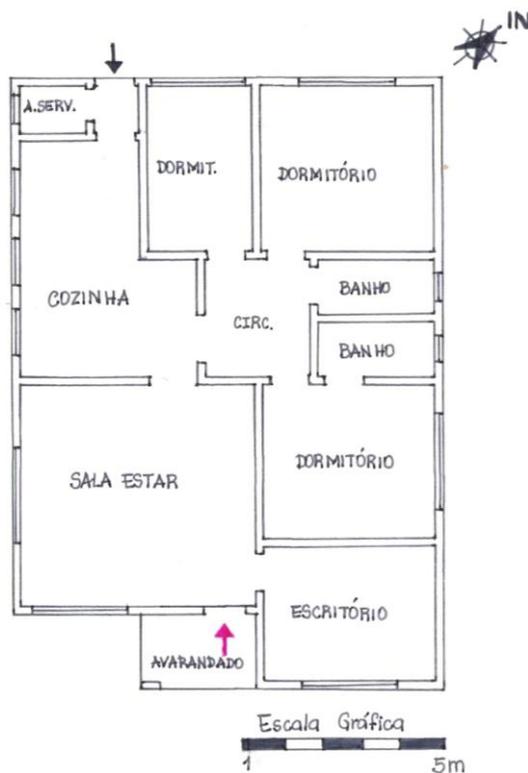


Figura 228 – Planta baixa esquemática da edificação.
Fonte: Levantamento da autora.

Com relação à fachada da edificação (conforme fig. 229), é perceptível traços da arquitetura californiana presentes nos elementos que compõem a fachada, no acabamento desta e na implantação da garagem de forma isolada ao volume da edificação principal, assim como visto na edificação anterior.



Figura 229 – Fachada da edificação localizada na Rua Pinheiro Machado nº 1898, foto 2011.
Fonte: Foto da autora.

A edificação em estudo é patrimônio arquitetônico por representar o cenário da arquitetura no estado, nas décadas de 1940 e 1950, nas quais a arquitetura californiana foi demasiadamente utilizada. E sendo patrimônio, deve ser valorizada e reconhecida como obra representativa desse período no município.

2.24 Edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1470

2.24.1 Levantamento Fotográfico



Figura 230 – Edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1470, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

2.24.2 Descrição histórica

Esta edificação que está localizada na Avenida Getúlio Vargas, nº 1470, foi construída na década de 1950, para o Sr. Silvio Ferreira Aquino, que fez a doação da mesma à Associação dos Produtores Rurais de Santiago.

2.24.3 Análise arquitetônica

A figura a seguir (fig. 231), mostra a localização da edificação no núcleo urbano do município, sendo que a mesma se localiza no Bairro Centro.

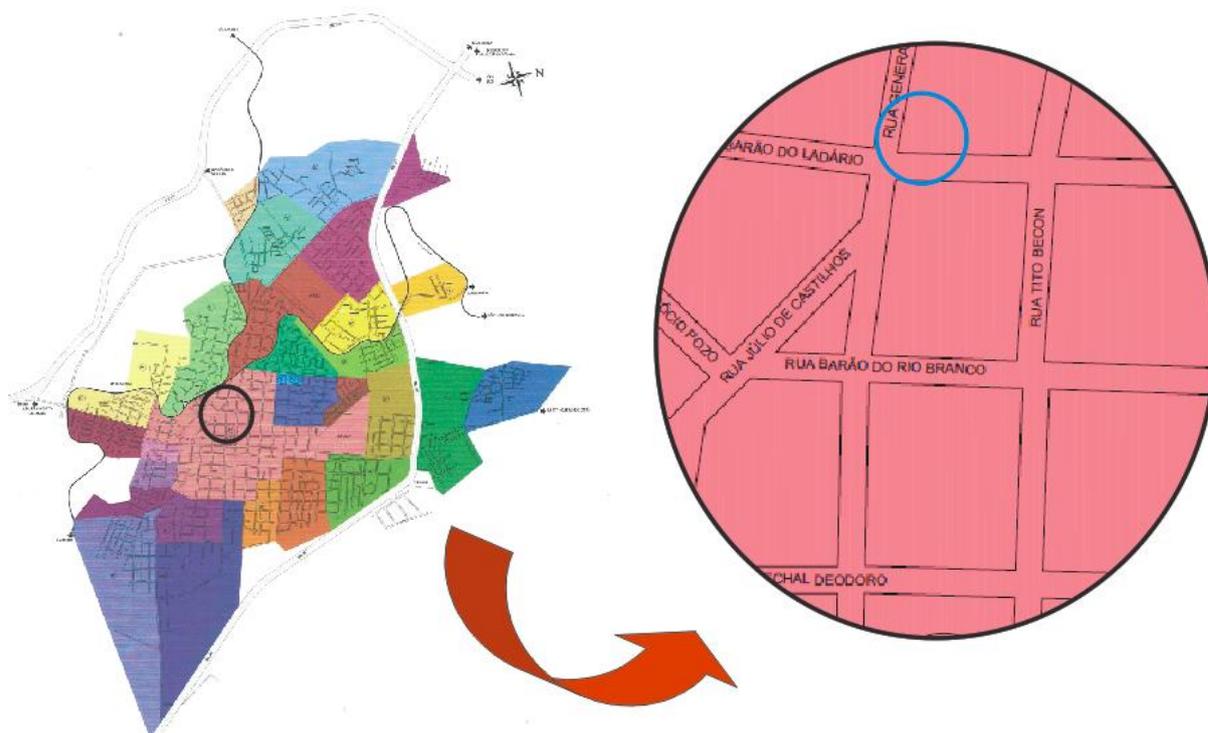


Figura 231 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 23 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Desenho da autora.

Com relação à implantação da edificação no lote (conforme fig. 232), a mesma apresenta sua fachada frontal e lateral esquerda alinhadas com o limite do lote. Já as fachadas do fundo e lateral direita estão recuadas. Na lateral direita há outra construção no lote que corresponde a casa do zelador, responsável pela segurança do Sindicato Rural, o qual tem suas instalações nesta edificação.

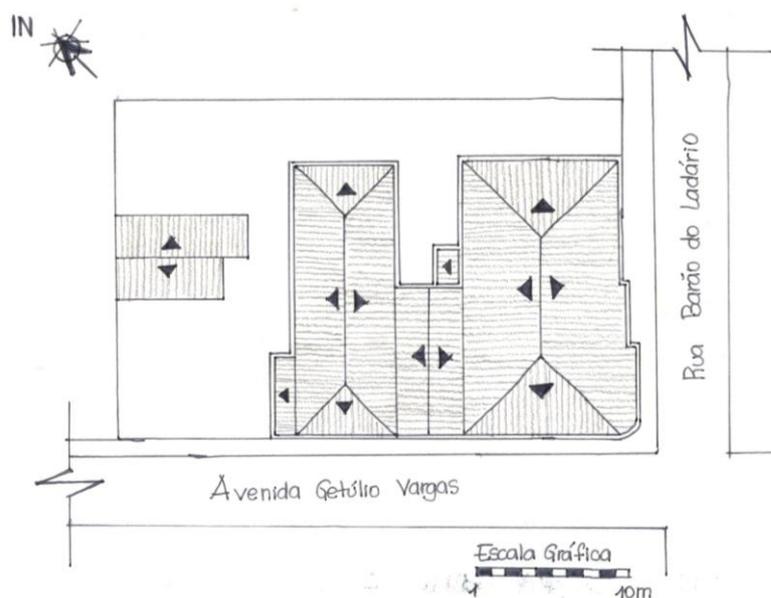


Figura 232 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Desenho da autora.

A edificação, que atualmente está em bom estado de preservação, passou por uma reforma em 1998, na qual foram alteradas as divisões internas do pavimento térreo, onde está localizada a sede do sindicato rural.

No forro, é possível encontrarmos a laje de concreto armado, já no piso encontramos os tacos de madeira e piso cerâmico.

A edificação teve um programa de necessidades bem amplo e variado, incluindo, no pavimento térreo, amplas salas (conforme fig. 233). Numa dessas salas, está localizada a sede do Sindicato Rural, com salas de diretoria, salas e reuniões, sala de recepção e ambientes de apoio. Ainda no pavimento térreo, a outra sala foi destinada a comércio, que atualmente é a Veterinária Missões. No pavimento superior (conforme fig. 234), foram construídos dois apartamentos, um anfiteatro e um salão de festas, sendo que estes ambientes pertencem ao Sindicato Rural, mas eventualmente são locados para festas particulares. Nota-se na distribuição das plantas baixas uma certa despreocupação com relação à distribuição dos espaços, acarretando problemas de setorização e funcionalidade, o que demonstra que a edificação não pode ser caracterizada por uma arquitetura de influências tipicamente modernistas, visto que neste era muito grande a preocupação com a utilização racional dos espaços.

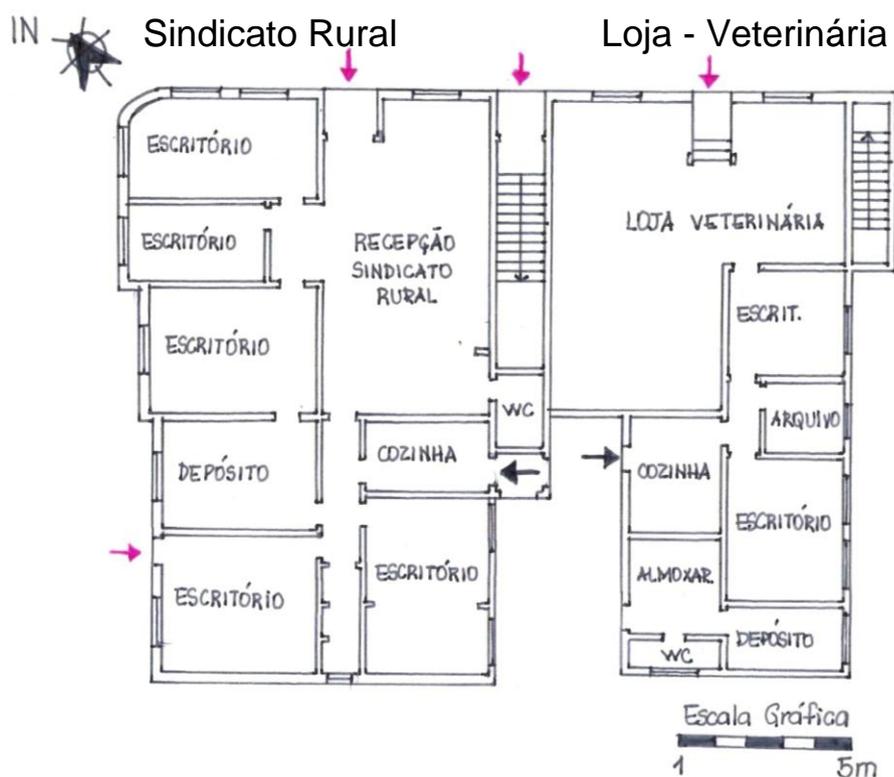


Figura 233 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento Térreo.
Fonte: Levantamento da autora.

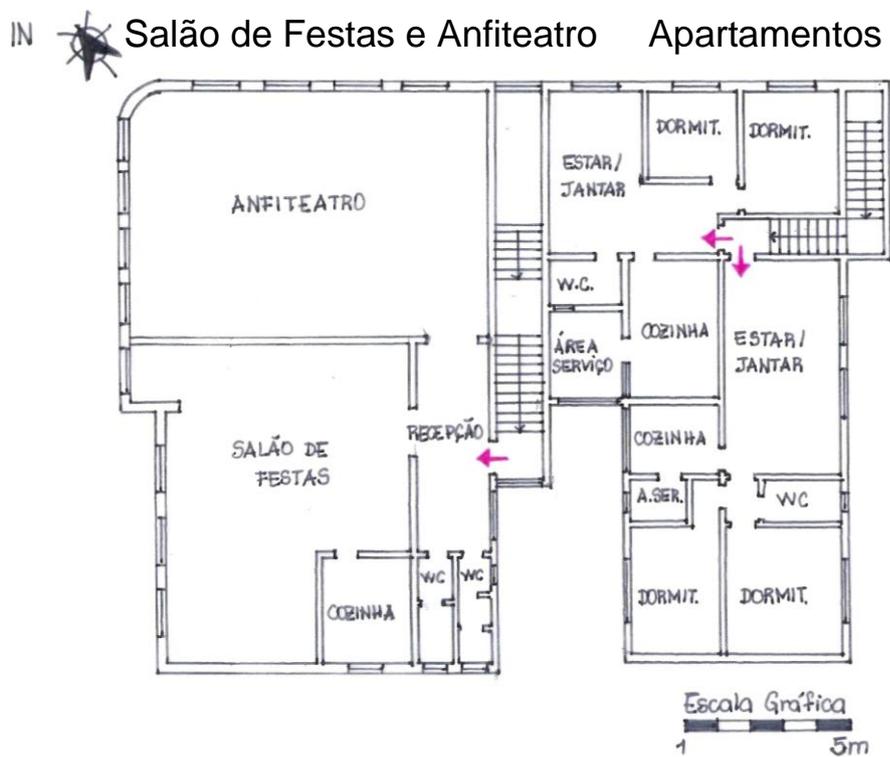


Figura 234 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento Superior.
Fonte: Levantamento da autora.

A fachada da edificação apresenta características decorativistas (conforme fig. 235). Mas também é possível observarmos na mesma elementos que prenunciam o modernismo. Os volumes puros, com janelas que induzem a uma idéia de janela em fita, o telhado escondido por platibanda sem nenhuma ornamentação, os para-sóis sobre as janelas expressam características modernistas em sua fachada. No entanto, os trabalhos em argamassas salientes, formando desenhos nas fachadas, são características da fase decorativista. E é exatamente por apresentar estas características plásticas que esta edificação é interessante.

A edificação materializa a evolução de uma fase arquitetônica do município, que perdurou por muitos anos e a qual foi intensamente utilizada, para outra fase que começava a ser timidamente explorada, e que se desligava totalmente do que estava sendo utilizado. Portanto, por esta razão, esta edificação expressa o rompimento de uma tradição arquitetônica para a adesão de novas características de influências modernistas.



Figura 235 – Fachada da edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1470.
Fonte: Foto da autora.

Assim, a edificação em estudo está incluída no rol das edificações patrimoniais do município, pois representa a evolução para uma arquitetura diferenciada, de pouca ornamentação, com volumes simples e puros, reflexo da implantação da arquitetura modernista e, desta forma, deve ser preservada e valorizada como reflexo das aspirações da sociedade santiaguense.

2.25 Edificação localizada na Rua Tito Becon nº 2092

2.25.1 Levantamento Fotográfico



Figura 236 – Edificação na Rua Tito Becon nº 2092, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.



Figura 237 – Edificação na Rua Tito Becon nº 2092, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.



Figura 238 – Edificação na Rua Tito Becon nº 2092, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

2.25.2 Descrição histórica

A edificação foi mandada construir pelo Sr. Epaminondas de Albuquerque Filho, no ano de 1956, tendo como responsável o Eng. Civil Luiz Bollick, natural de Santa Maria. Atualmente, pertence a sua filha Regina de Albuquerque Rosso e seu esposo Santo Dionísio Rosso. A edificação, na época de construção, teve fim residencial e um dos compartimentos serviu como consultório médico do proprietário; atualmente é utilizada integralmente como residência da família.

2.25.3 Análise arquitetônica

A figura a seguir (fig. 239), mostra a localização da edificação no núcleo urbano do município, sendo que a mesma se localiza no Bairro Centro.

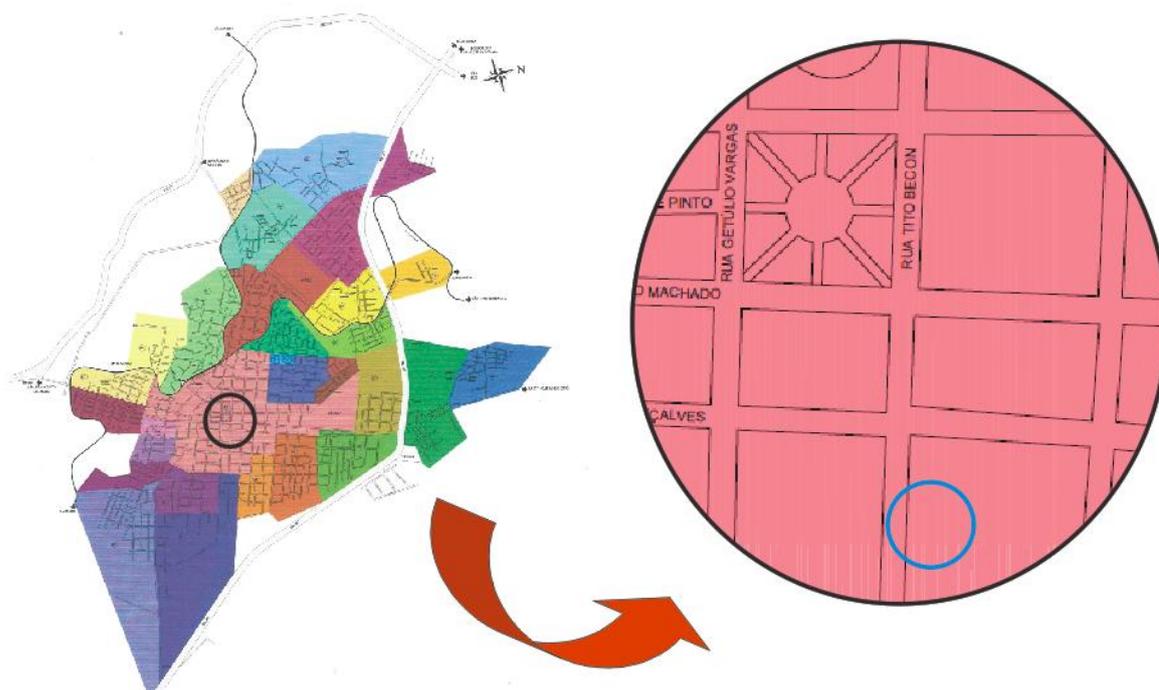


Figura 239 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 24 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Desenho da autora.

Com relação à implantação da edificação no lote (conforme fig. 240) a mesma possui todas as suas fachadas recuadas em relação ao limite do lote. Próximo a casa, mas de forma isolada é possível encontrarmos a garagem, que tem acesso direto para a rua. A edificação pertence ao Bairro Centro.

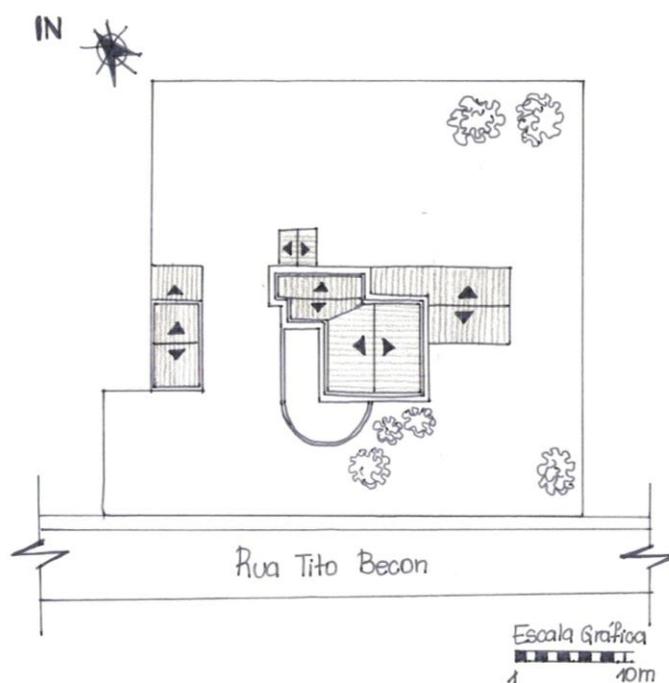


Figura 240 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

A tipologia arquitetônica da edificação foi inspirada em uma edificação argentina, projetada pelo arquiteto Carlos Vilar, conforme pedido do proprietário. O Engenheiro civil Luiz Bollick foi quem projetou a edificação, sendo que este seguiu a mesma concepção arquitetônica da edificação argentina. Nas figuras abaixo são mostradas a edificação em estudo (conforme fig. 241) e a edificação construída na Argentina (conforme fig. 242), sendo que pelas figuras é possível observarmos as semelhanças arquitetônicas das duas edificações.



Figura 241 – Edificação na Rua Tito Becon nº 2092, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

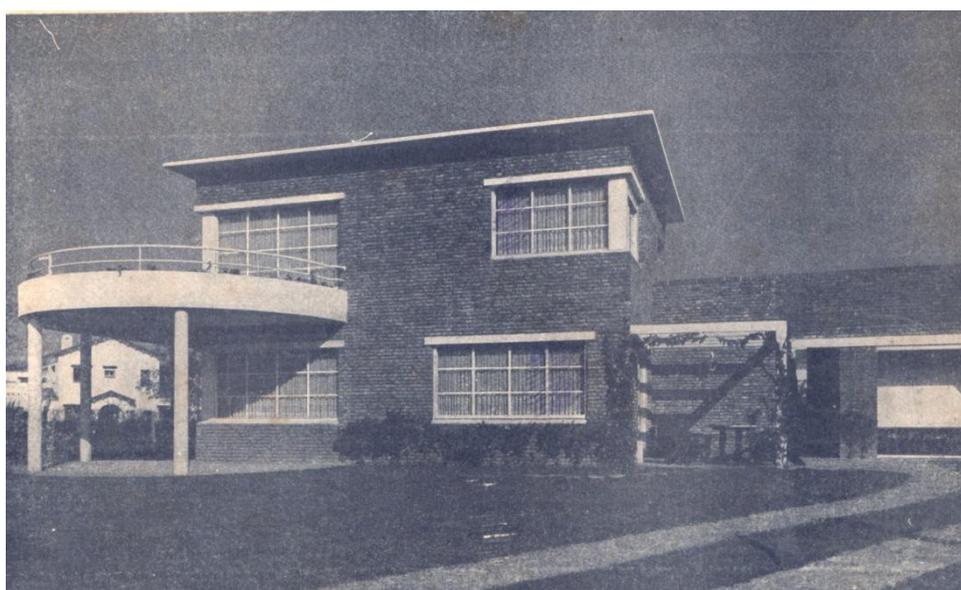


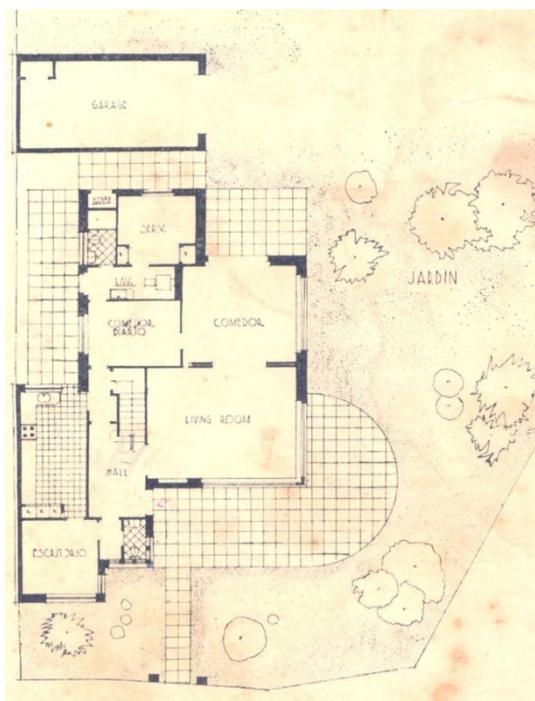
Figura 242 – Edificação existente na Argentina, construída pelo arquiteto Carlos Vilar.
Fonte: Acervo documental da proprietária: Sra. Regina de Albuquerque Rosso.

No entanto, por questões funcionais, algumas modificações foram feitas com relação ao projeto original do arquiteto Carlos Vilar⁷⁴. As garagens do projeto original eram agrupadas ao corpo da edificação e estavam localizadas no lado esquerdo da mesma, como se percebe na figura acima. Já no projeto do engenheiro Luiz Bollick, as garagens foram projetadas separadamente do corpo da edificação em uma área anexa, no lado direito da edificação. E no local onde seria a garagem pelo projeto de Carlos Vilar, foi construído um consultório médico e banheiro para o proprietário atender seus pacientes. Outra diferença é a questão de acabamento das fachadas, em que a edificação do arquiteto Carlos Vilar recebeu o tijolo à vista, já a edificação de Santiago, projetada pelo engenheiro civil Luiz Bollick, foi trabalhada com as paredes rebocadas e pintadas. No entanto, a setorização, a distribuição das aberturas, o tamanho dos compartimentos, o desenho de fachadas, a implantação no lote, a questão do jardim nas laterais, todos estes aspectos são muito semelhantes.

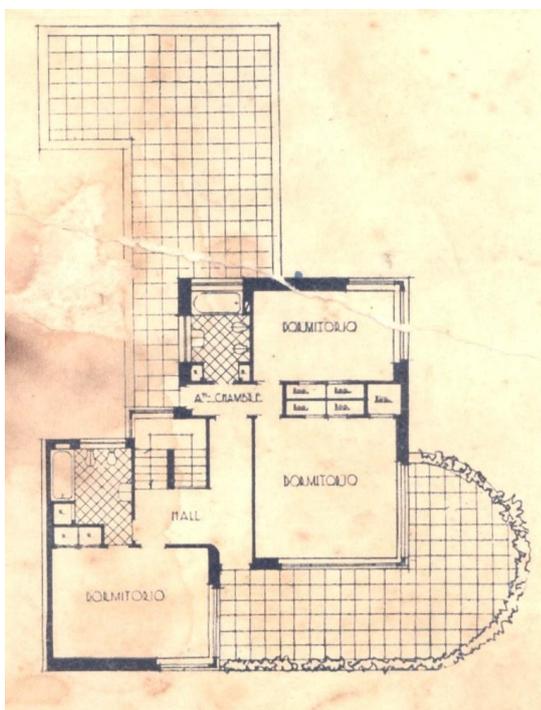
As edificações possuem uma distribuição em planta baixa bastante clara de setorização, ficando bem definido o setor social, localizado na parte frontal da edificação, o setor de serviço, localizado aos fundos, ambos no pavimento térreo e, no pavimento superior, ficou todo o setor íntimo, onde ficaram distribuídos os dormitórios. Nas figuras 243 e 244 é possível observarmos as plantas baixas da edificação projetada por Carlos Vilar, na Argentina e nas figuras 245 e 246 as plantas baixas elaborada por Luiz Bollick, para a edificação de Santiago, RS.

⁷⁴ Carlos Vilar nasceu na cidade de La Plata em 1891 e formou-se em Arquitetura em 1918, na Universidade de Buenos Aires. Desde seus primeiros trabalhos, Vilar já mostrava sua influência modernista na arquitetura argentina. A partir de uma investigação do Instituto de Arte Americano e Investigações Estéticas “Mario J. Buschiazzo”, durante o ano de 2006, dentro da área de estudos biográficos, da qual foi feito um estudo sobre o tema: “Carlos Vilar. Aplicação da Modernidade”, constatou-se a implantação da arquitetura modernista pelo arquiteto num período que corresponde de meados de 20 a final dos anos 70. De acordo com esta investigação, o arquiteto teve sua trajetória profissional dividida em três fases. Na primeira fase, Carlos Vilar, em seus projetos, utiliza a arquitetura eclética historicista, que é adotada pelo arquiteto de 1926 a 1930, num projeto de um concurso para o Banco Popular Argentino. Na segunda fase, seus projetos estão voltados para sua própria residência, envolvendo um período de 1930 a 1940, e é uma adaptação à linguagem racional do branco da ortodoxia moderna. Já a terceira fase foi a fase em que, depois de 1940, o arquiteto abandona a ortodoxia branca e a neutralidade expressiva para chegar a uma linguagem ampliada e modelos mais inclusos. Podendo destacar para as obras deste período, a utilização dos tijolos à vista nas fachadas, combinado à superfícies brancas, substituindo as fachadas totalmente brancas. A experimentação tecnológica e a reflexão histórica serão as estratégias fundamentais levadas em conta para a ampliação do moderno e para a superação das limitações do racionalismo ortodoxo. Neste momento, os seus projetos, correspondem a uma complexidade geométrica maior e a uma maior maturidade com relação à distribuição dos compartimentos na planta baixa.

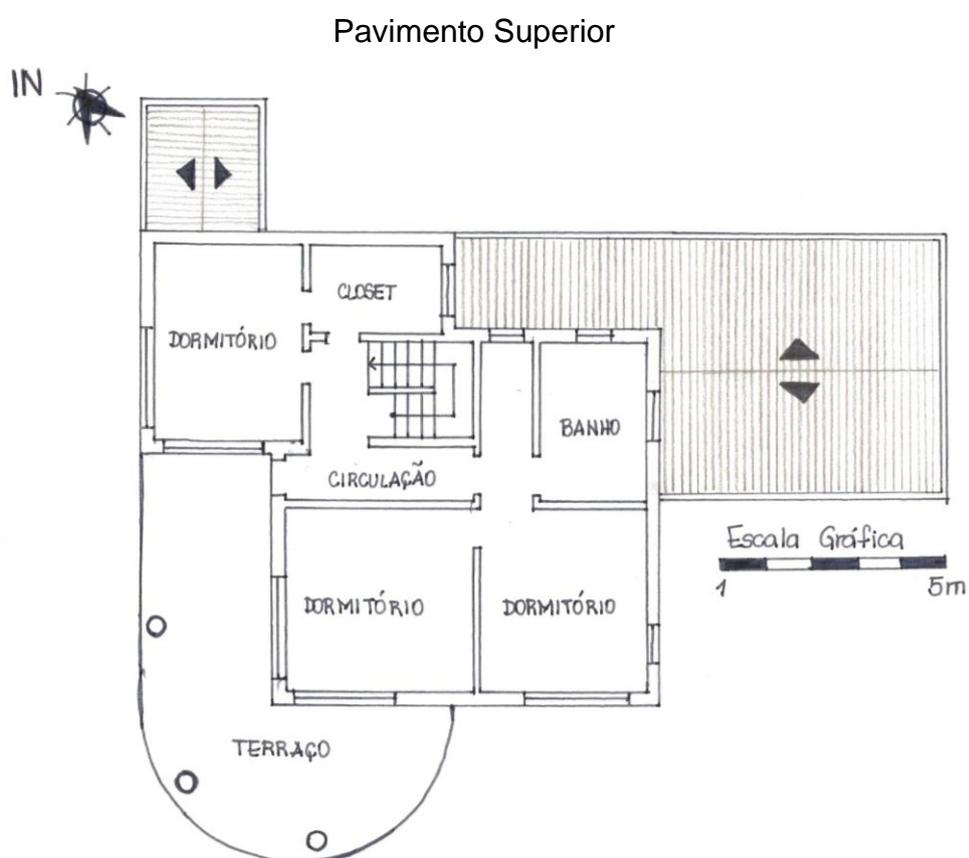
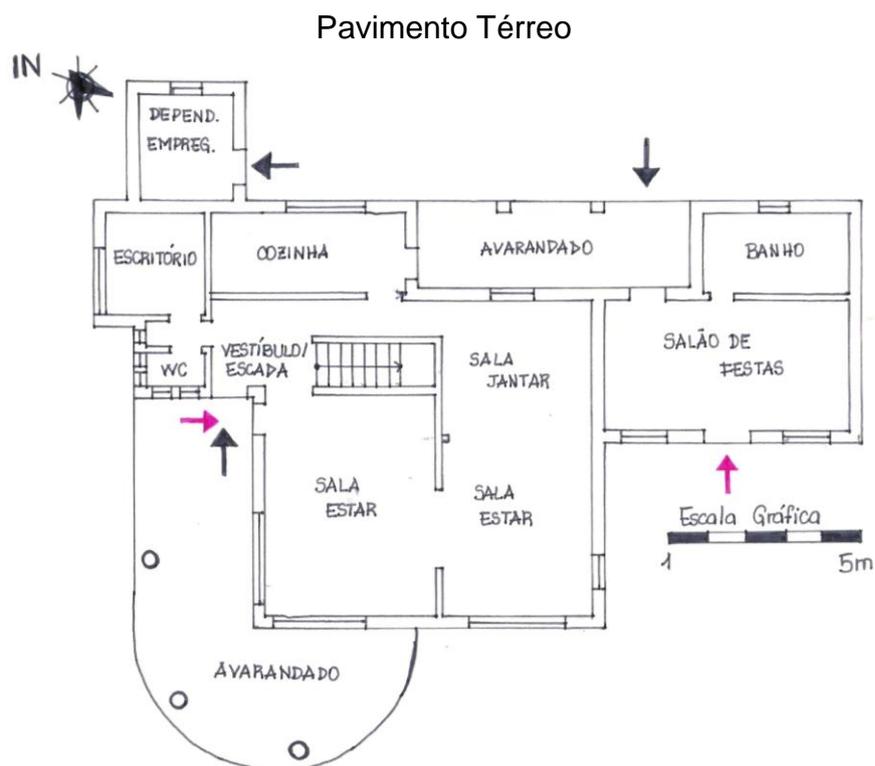
Pavimento Térreo



Pavimento Superior



Figuras 243 e 244 – Plantas baixas da edificação projetada por Carlos Vilar.
Fonte: Acervo documental da proprietária: Sra. Regina de Albuquerque Rosso.



Figuras 245 e 246 – Plantas baixas esquemáticas da edificação projetada por Luiz Bollick.
Fonte: Levantamento da autora.

Nas fachadas destaca-se a simplicidade dos volumes assimétricos, sem ornamentações, com telhados escondidos por platibandas retas e a utilização de um volume que se destaca na fachada das edificações. O alpendre em forma circular que quebra com a retiliniedade dos volumes que compõem as fachadas é o elemento que mais chama atenção no conjunto. Esta edificação trata-se de uma arquitetura de influências marcadamente modernistas, mas sem a adoção de qualquer das ortodoxias usuais da época. Poderíamos comparar a arquitetura das fachadas da edificação com a arquitetura da linha modernista de Adolf Loos, se não fosse o intenso uso de filetes utilizados na platibanda e os volumes com vários recortes. Loos preferia volumes enxutos e pouco recortados. Então, poderíamos dizer que este tipo de arquitetura modernista apresenta um certo ecletismo extemporâneo das diversas orientações modernistas que estavam em voga no entorno da II Guerra Mundial.

Se partirmos do princípio de que a “explosão” do modernismo corbuseano começou a aparecer de maneira ainda bastante tímida em Porto Alegre, somente por volta de 1947, é de surpreender que em Santiago, uma cidade interiorana, esse tipo de tendência modernista já tenha sido utilizada em 1956. Portanto, no momento em que o proprietário da edificação fez a escolha por construir sua residência baseado numa arquitetura portenha, aos moldes do modernismo, arquitetura esta ainda quase desconhecida no Rio Grande do Sul, é comprovado o rompimento com as amarras regionais e a busca por um internacionalismo.

Isso mostra a representatividade da edificação para a arquitetura do município de Santiago. E é por seu aspecto modernista que esta edificação pertence ao patrimônio arquitetônico de Santiago, sendo que a mesma simboliza a força precursora da arquitetura modernista no município e que por este motivo, deve ser considerada um patrimônio arquitetônico de valor inestimável para a cultura santiaguense.

2.26 Edificação da Fazenda do Taquarembó

2.26.1 Levantamento Fotográfico



Figura 247 – Edificação da Fazenda do Taquarembó, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.



Figura 248 – Edificação da Fazenda do Taquarembó, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

2.26.2 Descrição histórica

A Fazenda Taquarembó está localizada no interior do município de Santiago e traz consigo muita história. O primeiro proprietário da fazenda foi Amâncio Palmeiro, que depois a vendeu para Januário Gonçalves das Chagas, filho de Luiz Gonçalves das Chagas, o Barão de Candiota, o qual adquiriu por volta de 10.700 hectares de campo, uma imensa gleba de terras.

Januário Gonçalves das Chagas foi um estancieiro muito rico, o dono de grande fortuna. Possuía vários estabelecimentos rurais, todos passavam de 6.700 hectares de campo. Quando da construção da estrada de ferro em 1936, o proprietário da fazenda permitiu que a estrada cortasse de ponta a ponta seus campos, com a condição de que dentro da fazenda fossem construídas pequenas estações para embarque de carga. Seu interesse maior era que o gado da fazenda fosse, portanto, embarcado para seguir seu destino, era os chamados estrivos e ainda hoje existem alguns resquícios dessas pequenas estações dentro dos campos do Taquarembó.

No entanto, em 1938, Januário Gonçalves das Chagas faleceu e a Fazenda do Taquarembó foi herdada por seu filho Mamede Elesbão Vargas Chagas, que passou a arrendar parte dos campos ao Cel. Vicente Goulart, rico estancieiro de São Borja. Mas, nesse meio tempo, o Coronel também falece em 1943, assumindo, assim, parte dos negócios da família João Goulart, que mantém o arrendamento dos campos do Taquarembó. João Goulart foi o 24º Presidente do país, permanecendo na presidência de 1961 a 1964, quando sofreu o golpe militar e foi deposto. Antes disso, havia sido Vice-Presidente de Juscelino Kubitschek, de 1956 a 1961.

Em 1949, João Goulart comprou de Elesbão Chagas a Fazenda Taquarembó, uma quantia de 49 quadras de campo. E a partir daí, emergem muitas histórias que ilustram as passadas de João Goulart pelo município de Santiago.

No que se refere à estrutura da fazenda, a primeira providência tomada foi a reforma quase que por inteiro dos estabelecimentos da fazenda, conservando o velho galpão e a casa do capataz nos fundos do mesmo, que existem até hoje, demolindo apenas a casa do velho Januário por estar quase que totalmente caindo pela ação do tempo. E então, por volta de 1959, João Goulart mandou que iniciasse a construção de uma nova edificação, que seria a sede da fazenda onde o mesmo

se acomodaria, quando estivesse naquela propriedade. Para isso, contratou Rodolfo Kubiça que, na época, era uma referência em construção civil em Santiago.

Depois que João Goulart foi deposto pelo Golpe militar e refugiou-se no Rio Grande do Sul, era comum o trem parar na frente da fazenda e descer uma turma de militares, revistando a Estância, em busca de João Goulart. Muitas vezes, os empregados foram obrigados a não saírem da fazenda, e era proibido o acesso à mesma, pois o exército fazia revista em toda a fazenda, da mais longínqua invernada até dentro da residência. Depois que Jango, como era conhecido, foi para o exílio no Uruguai, um administrador seu passou a gerenciar a fazenda. Assim, a casa que foi construída a mando do Presidente, para sua estadia e de sua família na fazenda em Santiago, ficou à espera de seu dono. Certamente por isso, nunca ninguém chegou a morar definitivamente na edificação, que hoje serve de abrigo para as máquinas agrícolas da fazenda.

Em 1969, João Goulart, talvez por desgosto e com medo de que as terras lhe fossem tomadas pelo exército, vendeu a fazenda para Jayme Masgrau, um rico fazendeiro do município de Itaqui, que permaneceu pouco tempo com a estância, vendendo-a em 1973 para Galdino Pereira Cardinal.

Hoje, passado mais de meio século que o presidente João Goulart foi proprietário do Taquarembó, suas histórias alimentam as lendas que o povo faz questão de contar, lembrar e muitas vezes se emocionar, fazendo parte do imaginário e da realidade da fazenda.

A Fazenda Taquarembó pertence, atualmente, a José Carlos Brum Cardinal, o qual recebe com frequência a visita de escolas que vão em busca de histórias a respeito da casa do presidente João Goulart em Santiago.

2.26.3 Análise arquitetônica

A edificação que foi construída no final da década de 1950, mantém suas características originais de construção até os dias atuais. No entanto, seu estado de abandono choca o visitante, principalmente ao ver que uma edificação que traz consigo tanta história, encontra-se atualmente sendo usada para guardar maquinários agrícolas e servindo de pouso para animais.

Mesmo assim, apesar de seu abandono, é possível que consigamos fazer uma análise a respeito dos materiais empregados em sua construção. No sistema

construtivo da edificação, foram utilizados estruturas em concreto armado e paredes em alvenaria. O teto é feito com laje de concreto armado na maioria dos ambientes, com exceção do espaço de avarandado e garagem onde é possível encontramos um forro em madeira.

Quanto aos pisos, é possível destacarmos a presença de dois tipos: nos setores de serviço e banheiros é o bloco cerâmico sextavado; já nos ambientes sociais e íntimos podemos encontrar o tacos de madeira. Nos banheiros, as paredes são revestidas por azulejos cerâmicos coloridos, sendo que cada banheiro possui cores diferentes.

A edificação possui um pé-direito por volta de três metros, o que permite uma boa circulação de ar, melhorando a salubridade dos ambientes.

Na cobertura, é possível identificarmos o uso de telha cerâmica, com beirais em concreto armado, originais da época de construção.

Com relação às aberturas da edificação, estas são feitas de ferro e vidro, com destaque especial para a porta de entrada da edificação, constituída por quatro folhas, sendo duas fixas e duas móveis, trabalhadas com detalhamentos em ferro e vidro do tipo fantasia (conforme fig. 249).



Figura 249 – Detalhe da porta principal de entrada da edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

A edificação foi construída para ser sede da Fazenda Taquarembó. Porém, um aspecto que chama a atenção é o local onde a mesma foi implantada. Esta foi construída com o distanciamento de por volta de 400 metros do local onde estão os

galpões, mangueiras, casa do caseiro e outros elementos com os quais ela deveria estar conectada. Sua fachada principal ao invés de estar voltada para o portão o qual permite o acesso à fazenda volta-se para uma pista de aviões de pequeno porte. Acredita-se que este fato tenha ocorrido devido ao fato de que as vindas de Jango para a fazenda, no geral, eram feitas por via aérea, direto de Brasília, sendo que aqui era o ponto de parada entre a capital do país e sua cidade natal, São Borja, onde residiam seus familiares.

Em toda a volta da casa, existiam muros (conforme fig. 250) que faziam com que a edificação fosse toda cercada. Estes muros distavam-se por volta de vinte metros das fachadas da edificação, o que conferia um grande pátio onde a edificação se localizava, bem ao centro. É possível observarmos o que restam desses muros, os quais eram feitos num sistema misto de tijolo e pedras. Como se pode apurar, o acabamento destes era o mesmo usado em algumas fachadas da edificação, com pedras irregulares de rio aplicadas nas paredes e estas recebiam ainda um gradil de ferro entre suas pequenas colunas, gradil este que foi todo roubado.



Figura 250 – Detalhe do muro ainda existente no entorno da edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

Devido às características citadas, é possível dizermos que esta edificação não se enquadra na classificação das casas estancieiras do Rio Grande do Sul,

apontadas por Luccas (1997, p. 37), porque apresenta uma tipologia incomum para edificações de fazendas.

Ao analisamos a planta baixa (conforme fig. 251), podemos perceber mais uma vez que esta não se inclui na classificação feita por Luccas quanto à tipologia de plantas baixas das edificações estancieiras, o que confere uma certa peculiaridade à mesma.

A edificação que mantém seu layout interno totalmente preservado, possui três acessos. Um deles é o social que conduz para a sala de estar e jantar da edificação, onde se localiza a lareira, e pelo que se pode perceber, seria o local de maior uso da edificação, o ponto de encontro da família e de pessoas visitantes da residência. O segundo ocorre na cozinha, com características secundárias. Já o terceiro conduz a parte íntima onde se encontram os dormitórios. Um fato interessante quanto a estes acessos é que cada um deles conduz para um setor da edificação.

A edificação possui uma planta baixa em forma de “U”, com um programa de necessidades composto por garagem, avarandado, uma grande sala que tem a função de estar, jantar e lareira, cozinha, circulações e três suítes, sendo que o espaço do avarandado e garagem são ambientes sustentados por pilares, abertos para o pátio e voltados para um jardim aberto.

Quanto à setorização da edificação, é possível afirmarmos que ela acontece de maneira bem clara e definida: o setor social compreende o avarandado e a sala na qual ocorre o acesso principal da edificação; em sequência, aparece a cozinha como ambiente de serviço, tendo um acesso externo e logo em seguida o setor íntimo, que é distribuído através de uma grande circulação. Destaca-se nesta edificação, diferente das outras edificações de fazendas estudadas, a questão da presença de circulação definida através de corredores, sendo que acesso não ocorre por dentro dos próprios ambientes como nas outras. Outro aspecto que merece ser destacado é a questão de que cada dormitório tinha seu banheiro, o que leva a concluirmos que a edificação pretendia conferir comodidade para a família de João Goulart.

As fachadas recebem algumas modificações. Sobre o espaço de jardim aberto foi feita uma cobertura em telha metálica e na lateral da garagem que também era aberta foi feita uma vedação com tábuas. Essas modificações ocorrem com a intenção de guardar nesses espaços maquinários agrícolas, já que a

edificação nunca foi usada como residência, o que a transformou, em um galpão de apoio para a fazenda.

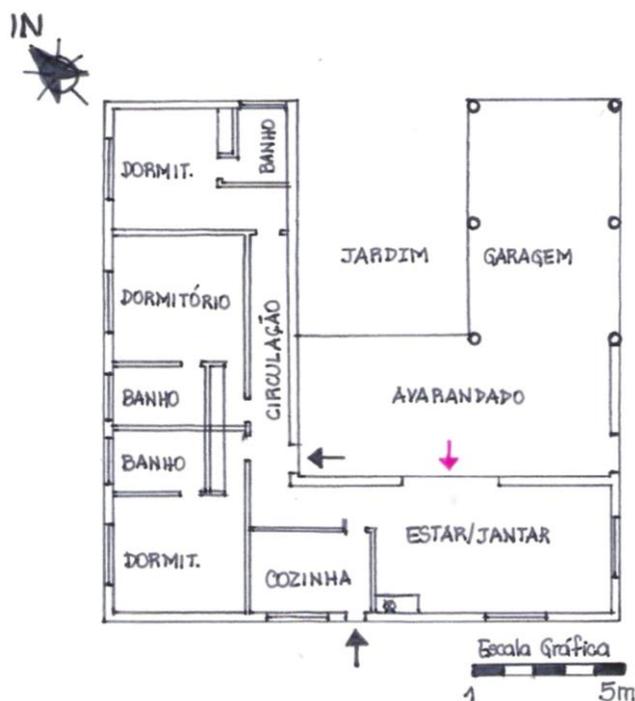


Figura 251 – Planta baixa esquemática da edificação.
Fonte: Levantamento da autora.

No entanto, alguns elementos da fachada da edificação merecem destaque, como o telhado em duas águas com um recorte central no espaço onde foi desenvolvido um jardim aberto, para o qual o avarandado e a garagem sob pilotis estão voltados (conforme fig. 252). Nos acabamentos das fachadas, é possível destacarmos a aparência rústica das paredes chapiscadas e calhadas (conforme fig. 253).

Nos pilares e em uma das paredes externas da edificação, foram utilizados como material de acabamento o revestimento em pedra irregular, na cor escura, para dar contraste com as paredes calhadas de branco.

Nos elementos que compõem a fachada, dois chamam a atenção: o uso do pilotis e a utilização de pedra como elemento de decoração. Acredita-se que estes dois elementos podem ter tido influências na arquitetura modernista.



Figura 252 – Fachada da edificação da Fazenda do Taquarembó, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.



Figura 253 – Detalhe no acabamento rústico das paredes da edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

Portanto, pelas características arquitetônicas encontradas na edificação das quais se destacam as qualidades plásticas e as soluções dadas à planta baixa, buscadas através de uma funcionalidade dos espaços, pode-se dizer que esta edificação possui valor arquitetônico. Mas o mais importante é a sua representatividade histórica, visto que esta edificação foi mandada construir para o 24º Presidente do Brasil, João Goulart. Estes aspectos pesam sobremaneira para que possamos conceituar esta edificação como patrimônio arquitetônico do município.

2.27 Edificação localizada na Rua Osvaldo Aranha nº 282

2.27.1 Levantamento Fotográfico



Figura 254 – Edificação localizada na Rua Osvaldo Aranha nº 282, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.



Figura 255 – Edificação localizada na Rua Osvaldo Aranha nº 282, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

2.27.2 Descrição histórica

A edificação foi mandada construir em 1964, destinada à residência do Sr. Severiano Mayer Rodrigues e sua família, sendo projetada por um engenheiro que veio a Santiago, para trabalhar como engenheiro responsável pela viação ferroviária, chamado Eng. Mariano.

2.27.3 Análise arquitetônica

A figura a seguir (fig. 256) mostra a localização da edificação em estudo no núcleo urbano do município. Sendo que a mesma se localiza no Bairro Centro.

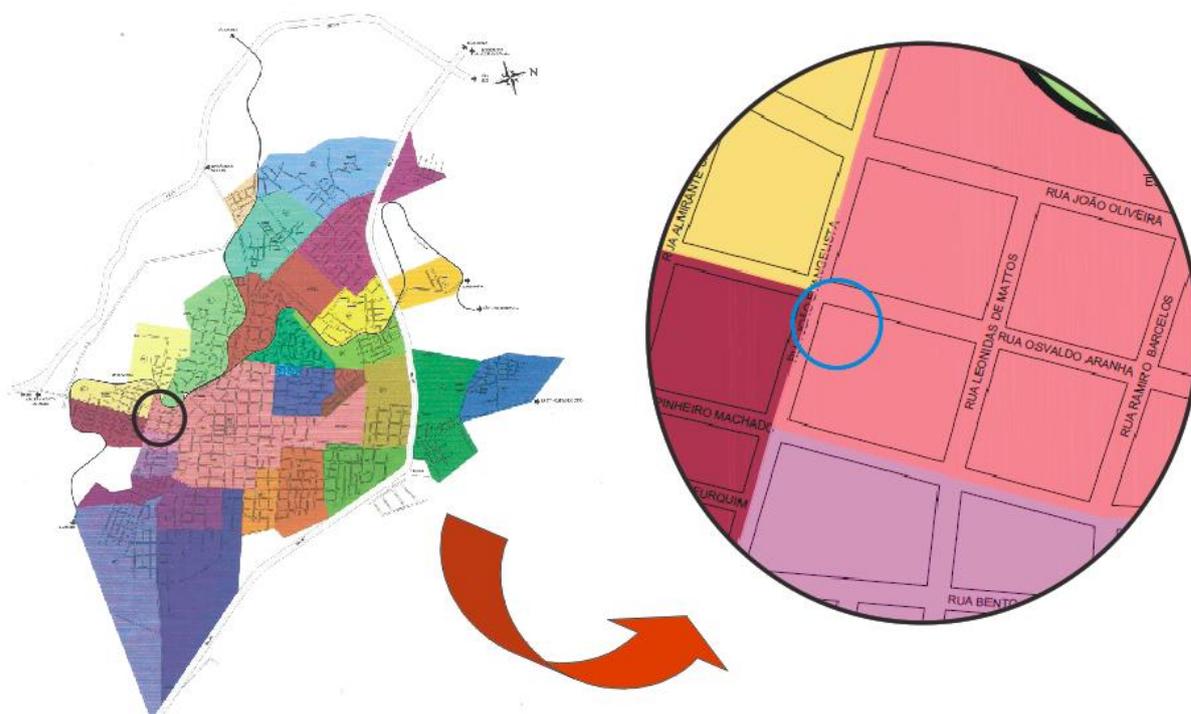


Figura 256 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 26 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Desenho da autora.

Com relação à implantação da edificação (conforme fig. 257) a mesma apresenta recuos em todas as fachadas, sendo que na frente o recuo é por volta de quatro metros. Em anexo à edificação estão a garagem, separada do corpo principal da residência, assim como o espaço destinado ao armazenamento de lenhas, a área de serviço e compartimento destinado a salão de festas, com churrasqueira.

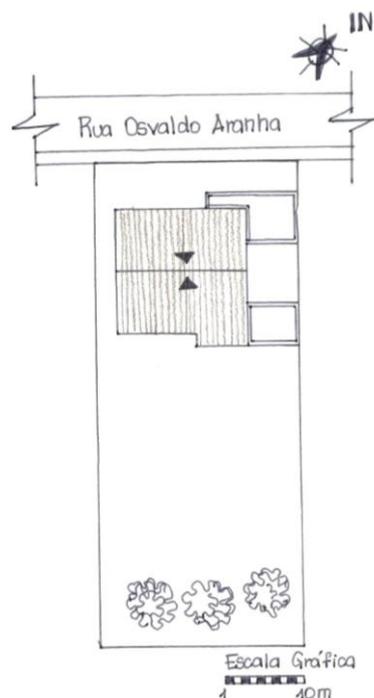


Figura 257 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

O sistema construtivo utilizado na edificação foi à estrutura de concreto armado, com vedação em tijolo.

Com relação aos acabamentos da obra, podemos citar que o forro é todo em laje de concreto armado. E o piso nas áreas sociais e íntimas é de tacos de madeira; já nos locais destinados a serviço, é possível encontrarmos blocos cerâmicos sextavados, assim como peças cerâmicas com tamanho 15x15cm (conforme fig. 258).



Figura 258 – Piso em bloco cerâmico medindo 15X15 cm, encontrado nos banheiro e cozinha da edificação, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

No que se refere à planta baixa da edificação (conforme fig. 259), algumas alterações foram feitas com relação ao projeto original do engenheiro, onde uma varanda lateral que seria aberta, por razões de melhor acomodação dos proprietários, foi fechada. Mas, no geral, a planta baixa se manteve-se sem muitas alterações. Há uma demarcação bem clara a respeito dos acessos da edificação: o principal (social) ocorre na fachada frontal da edificação e este possibilita o contato com as principais salas sociais; já quanto aos secundários que são dois, um deles possibilita a comunicação direta com a peça de maior convívio da casa, diríamos o coração da edificação e o outro acesso secundário conduz para o setor de serviços da edificação. Cada acesso se localiza em uma fachada diferente e, portanto, são totalmente independentes. Isto mostra a intenção projetual de criar acessos separados para cada área da residência.

Outra questão bastante delimitada na edificação é com relação à setorização, que é bem definida. Os compartimentos sociais encontram-se agrupados na parte frontal da edificação e interligam-se entre si. Já o setor íntimo está localizado em outro espaço da edificação, setorizado mais na lateral, os compartimentos deste setor interligam-se entre si através de um corredor. E os ambientes destinados ao setor de serviço da edificação localizam-se nos fundos. Veja no esquema da planta baixa da edificação esta demarcação bastante clara da setorização desta residência.

Um elemento interessante existente na edificação é um gabinete, localizado na área da frente, próximo à porta de acesso principal da edificação. De acordo com Lemos⁷⁵, este compartimento quase sempre associado à sala de visitas, sendo este uma das novidades do século XIX, no programa das casas brasileiras. O mesmo era uma espécie de escritório particular destinado à leitura, aos trabalhos intelectuais e ao atendimento de uma ou outra pessoa para tratar de negócios, utilizado preferencialmente pelos homens.

⁷⁵ LEMOS, Carlos A. C.. **O que é Patrimônio Histórico**. São Paulo: Editora brasiliense, 1982. p. 55.

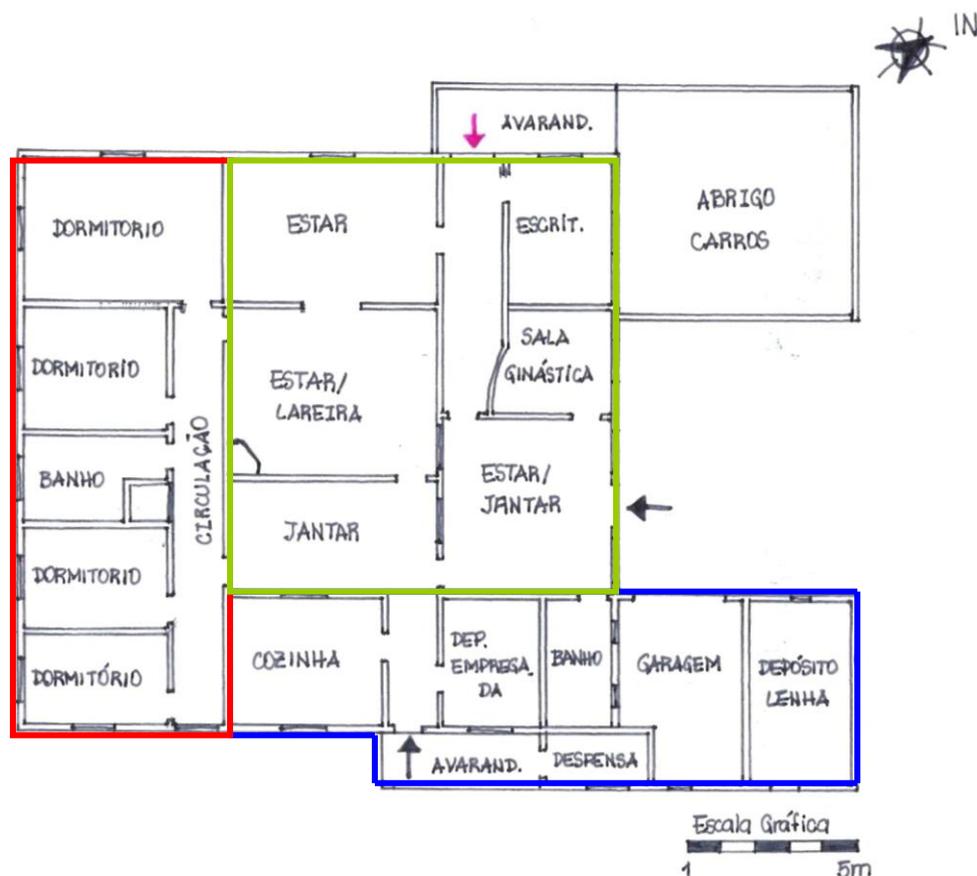


Figura 259 – Planta baixa esquemática da edificação, mostrando a setorização da mesma.
Fonte: Levantamento da autora.

Além do gabinete, aparece nesta edificação, e que até então nas outras edificações não havia aparecido, a dependência de empregados, que de acordo com Géa⁷⁶, passou a ser usual na arquitetura gaúcha, nas residências projetadas para a elite porto-alegrense no final do século XIX. No entanto, este ambiente, ainda com um certo preconceito, era localizado aos fundos da edificação, junto ao setor de serviço, não mantendo contato com os dormitórios dos moradores da residência.

É possível destacar nas fachadas (conforme fig. 260 e 261) a presença de uma marquise em formato de “L”, vedada na parte lateral e na frente, com uma parede de cobogós, que protege o acesso principal da edificação. O emprego dos cobogós foi uma invenção dos arquitetos modernistas, que pretendiam com isto, propiciar a ventilação e tornar mais reservados à vista alguns vãos de edificações ou, às vezes, até a fachada toda. Outro elemento que merece destaque na obra é a utilização do telhado borboleta, que cobre a edificação.

⁷⁶ GÉA, Lúcia Segala. Op. cit., p. 21.



Figura 260 – Fachada da edificação localizada na rua Osvaldo Aranha nº 282, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.



Figura 261 – Fachada da edificação localizada na Rua Osvaldo Aranha nº 282, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

A utilização de telhado em asa de borboleta é também uma característica modernista que se proliferou a partir da casa Errazuriz, projetado por Le Corbusier para o Chile e, como maior referência para o Brasil, a partir da casa projetada por Oscar Niemeyer para Juscelino Kubitschek no Complexo da Pampulha, em Belo Horizonte, na década de 40. Por essa razão, a edificação é uma arquitetura de influência corbuseana.

Ao observar a figura 262 que ilustra o projeto da edificação, é possível visualizarmos quem nem todos os elementos que eram previstos na fachada foram utilizados, como por exemplo, a parede decorada com pedras que aparece no

projeto, a qual foi usada somente na parte interna, decorando a lareira da edificação (conforme fig. 263).

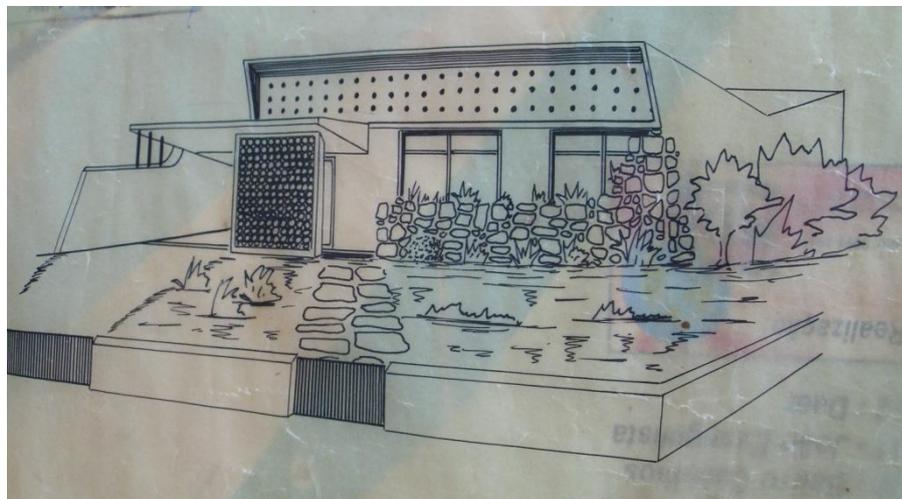


Figura 262 – Perspectiva do projeto da edificação.
Fonte: Acervo do proprietário: Sr. Severiano Mayer Rodrigues.



Figura 263 – Parede da lareira decorada com pedras aplicadas na argamassa, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

Pelas características da edificação, é possível afirmarmos que esta foi influenciada por uma arquitetura de vertente modernista a qual, a partir deste período passava a ser implantada nas edificações do município. E, desta forma, pelas características artísticas da edificação, principalmente no que tange ao uso do telhado em asa de borboleta, a busca pela setorização dos ambientes e a utilização dos cobogós na fachada, elementos que denotam sua influência modernista, esta é patrimônio arquitetônico do município.

2.28 Edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1705

2.28.1 Levantamento Fotográfico



Figura 264 – Edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1705, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.



Figura 265 – Edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1705, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

2.28.2 Descrição histórica

A edificação foi mandada construir em 1966 e concluída em 1967, para servir de instalação ao prédio de correios e telégrafos no pavimento térreo e no pavimento superior, para a moradia do gerente do correio.

2.28.3 Análise arquitetônica

A figura a seguir (fig. 266) mostra a localização da edificação em estudo no núcleo urbano do município. Sendo que a mesma se localiza no Bairro Centro.

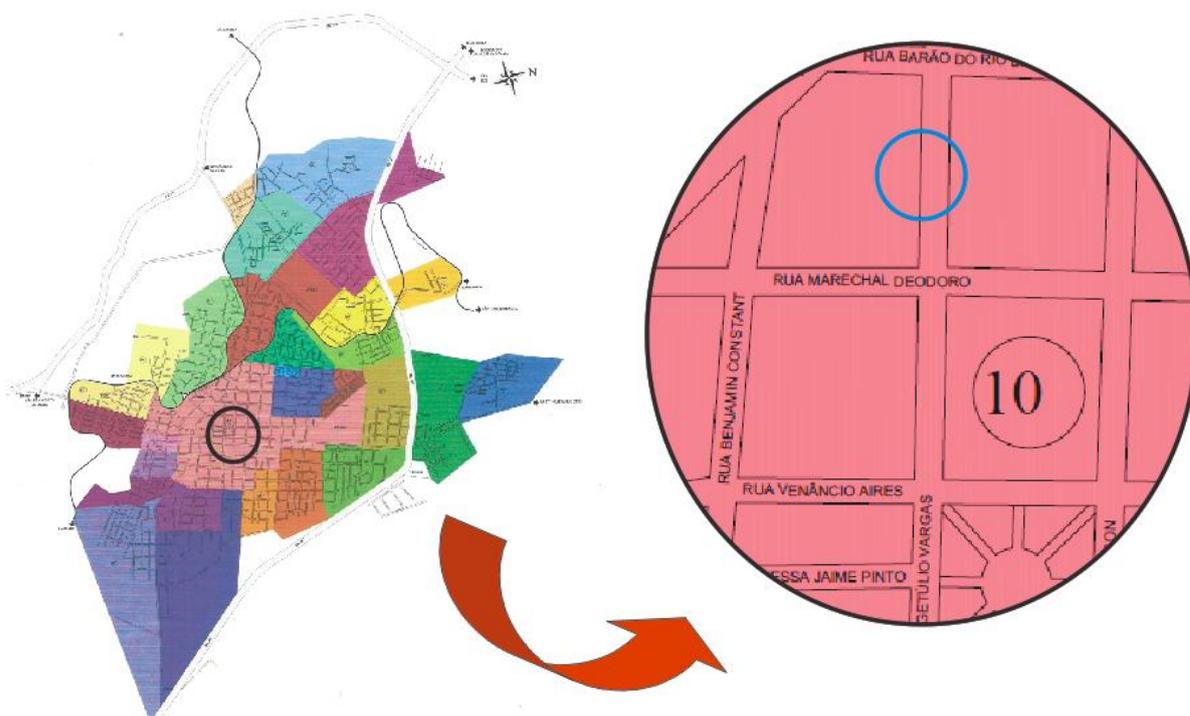


Figura 266 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 27 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Desenho da autora.

Com relação à implantação da edificação no lote (conforme fig. 267), é possível visualizarmos que a mesma possui suas fachadas: frontal e lateral direita alinhadas com o limite do lote. Já as fachadas do fundo e lateral esquerda apresentam-se recuadas.

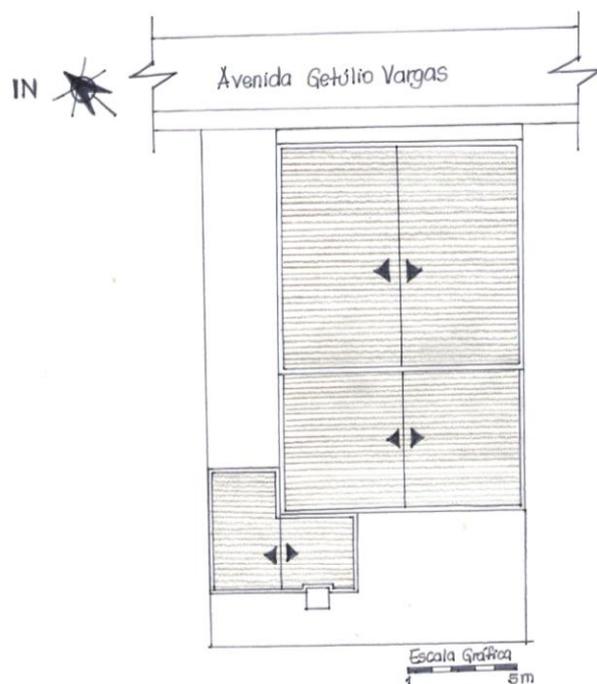


Figura 267- Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

A sede da Empresa de Correios e Telégrafos começou a ser construída no ano 1966 e foi concluída a obra um ano depois, pela construtora Holweg & Venturini. O terreno onde foi implantado o edifício está localizado bem no centro da cidade, sendo uma doação da administração municipal. A edificação possui uma área de 1.172,50 m², distribuída em dois pavimentos (conforme fig. 268 e 269), sendo no térreo o local de trabalho da sede do correio e, no pavimento superior, o apartamento destinado à moradia do gerente da empresa.

A edificação destaca-se no cenário santiaguense por ser uma obra modernista, influenciada pelos princípios da arquitetura proposta pelo arquiteto franco-suíço Le Corbusier⁷⁷, um dos mestres da arquitetura moderna mundial. Na planta baixa poderemos reconhecer um de seus princípios fundamentais que é a planta livre, onde a planta baixa de edificação permitiria a livre colocação de paredes, já que estas paredes não precisam mais exercer a função estrutural. Desta

⁷⁷ Le Corbusier foi reconhecido internacionalmente por ser o formulador dos princípios da nova arquitetura, uma arquitetura racionalista e funcionalista, a qual se dissemina nas primeiras décadas do século XX por todo o mundo. Os cinco elementos que definem seu programa são a planta livre, o terraço jardim, os pilotis, a fachada livre e as janelas horizontais. Sendo os princípios centrais do método de trabalho e da filosofia urbanística de Le Corbusier - o uso racional dos materiais, métodos econômicos de construção, linguagem formal sem ornamentos e diálogo sistemático com a tecnologia industrial, os quais têm forte influência na arquitetura moderna brasileira, sobretudo por suas sucessivas vindas ao país.

forma é possível percebermos na planta baixa da edificação os grandes vãos sem a marcação de compartimentos através de paredes, o que possibilitou que o layout do ambiente tenha sido proposto da maneira que melhor convinha, priorizando a funcionalidade do espaço e das atividades nele desenvolvidas.

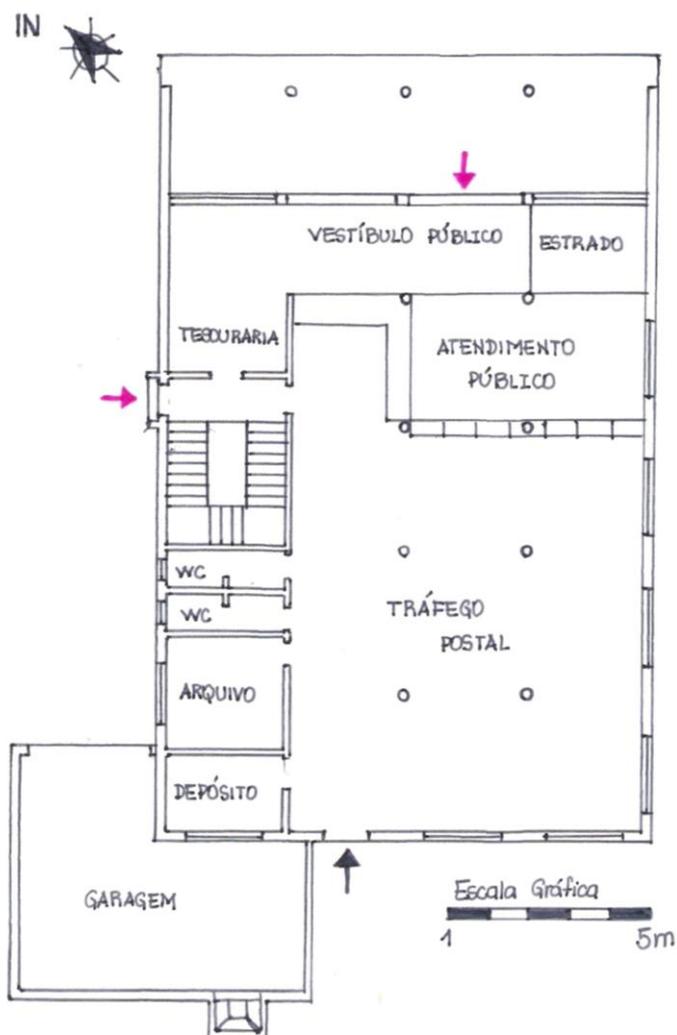


Figura 268 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento térreo.
Fonte: Levantamento da autora.

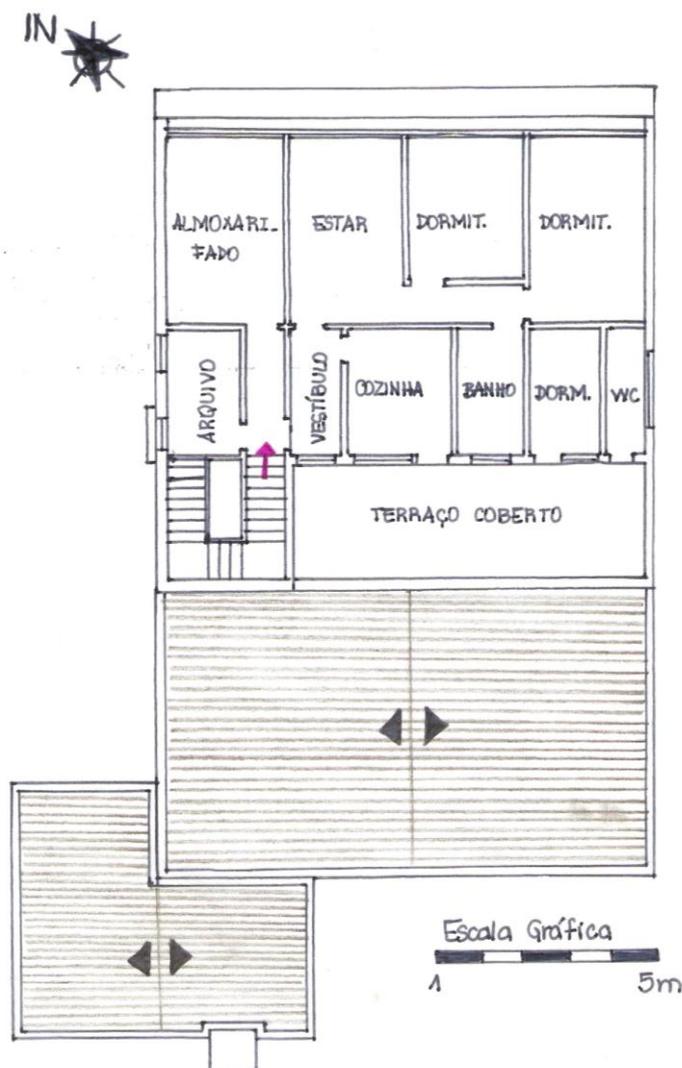


Figura 269 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento superior.
Fonte: Levantamento da autora.

Quanto à fachada da edificação (conforme fig. 270), é possível mais uma vez, percebermos a influência corbuseana no projeto elaborado para a Sede de Correio e Telégrafos de Santiago, no qual podemos destacar a adoção de mais dois princípios criados por Le Corbusier. A fachada de edificação é elevada do nível do solo, criando permeabilidade para o acesso através do uso de pilotis, e as janelas utilizadas na fachada principal da edificação são formadas por uma faixa ininterrupta, as quais remetem às janelas *longuer* teorizadas e legitimadas por Corbusier em várias de suas obras no período purista, anteriores à II Guerra Mundial. Também são utilizadas como acabamento de fachada as pastilhas coloridas que, neste caso, aparecem no volume azul da fachada principal e nos pilares que são elementos comumente usados nas obras modernistas.



Figura 270 – Fachada da edificação localizada na Avenida Getúlio Vargas nº 1705, foto em 2010.
Fonte: Foto da autora.

Portanto, pelas características que esta edificação apresenta, remetendo sua arquitetura a influências do arquiteto Le Corbusier, é de suma importância que reconheçamos seu valor no cenário da arquitetura moderna, responsável por enriquecer o repertório construtivo desse tipo de edificação no nosso município. E, assim, é, sem dúvidas, definida como patrimônio arquitetônico do município de Santiago.

2.29 Edificação localizada na Avenida Getulio Vargas nº 2095

2.29.1 Levantamento Fotográfico



Figura 271 – Edificação localizada na Avenida Getulio Vargas nº 2095, foto em 2011.
Fonte: Foto da autora.

2.29.2 Descrição histórica

Esta edificação, construída em 1985 pela construtora Global, sendo que o projeto foi elaborada pelo engenheiro civil José Martins da Silva. A edificação foi estruturada em três pavimentos e pertence à Caixa Econômica Federal.

2.29.3 Análise arquitetônica

A figura a seguir (fig. 272) mostra a localização da edificação em estudo no núcleo urbano do município. Sendo que a mesma se localiza no Bairro Centro, diagonal com a Praça Moisés Viana.

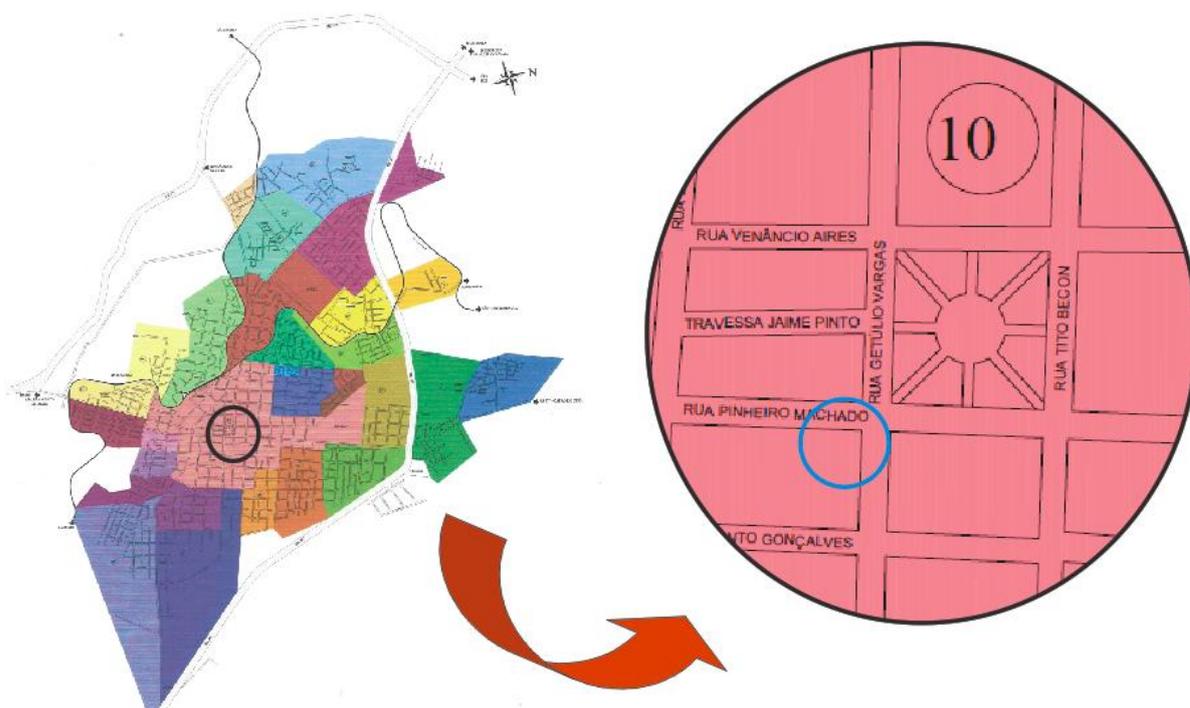


Figura 272 – Localização da edificação correspondente ao levantamento 28 no núcleo urbano do município de Santiago, RS.
Fonte: Desenho da autora.

Com relação à implantação da edificação no lote (conforme fig. 273) a mesma não possui recuos, ocupando a área total do terreno.

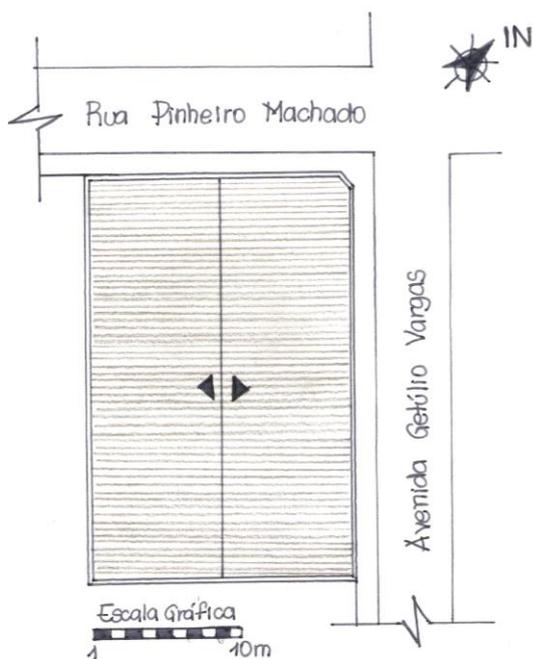


Figura 273 – Planta esquemática de implantação da edificação no lote.
Fonte: Levantamento da autora.

A edificação possui por volta de 1.630,00 m², distribuídos em três pavimentos. Neste projeto, é possível observarmos na distribuição dos espaços a presença de planta livre, onde a planta baixa de edificação permite a livre colocação de paredes, já que estas não têm a função estrutural. Desta forma, é possível percebermos grandes vãos, sem a marcação de compartimentos através de paredes, o que possibilita maior flexibilidade no layout interno, priorizando a funcionalidade do espaço e das atividades nele desenvolvidas.

O sistema construtivo da edificação é baseado em estruturas de concreto armado, lançado através de uma malha modulada, sendo que cada módulo desta malha é composto por quadrados de aproximadamente 7 metros x 7 metros (conforme fig. 274).

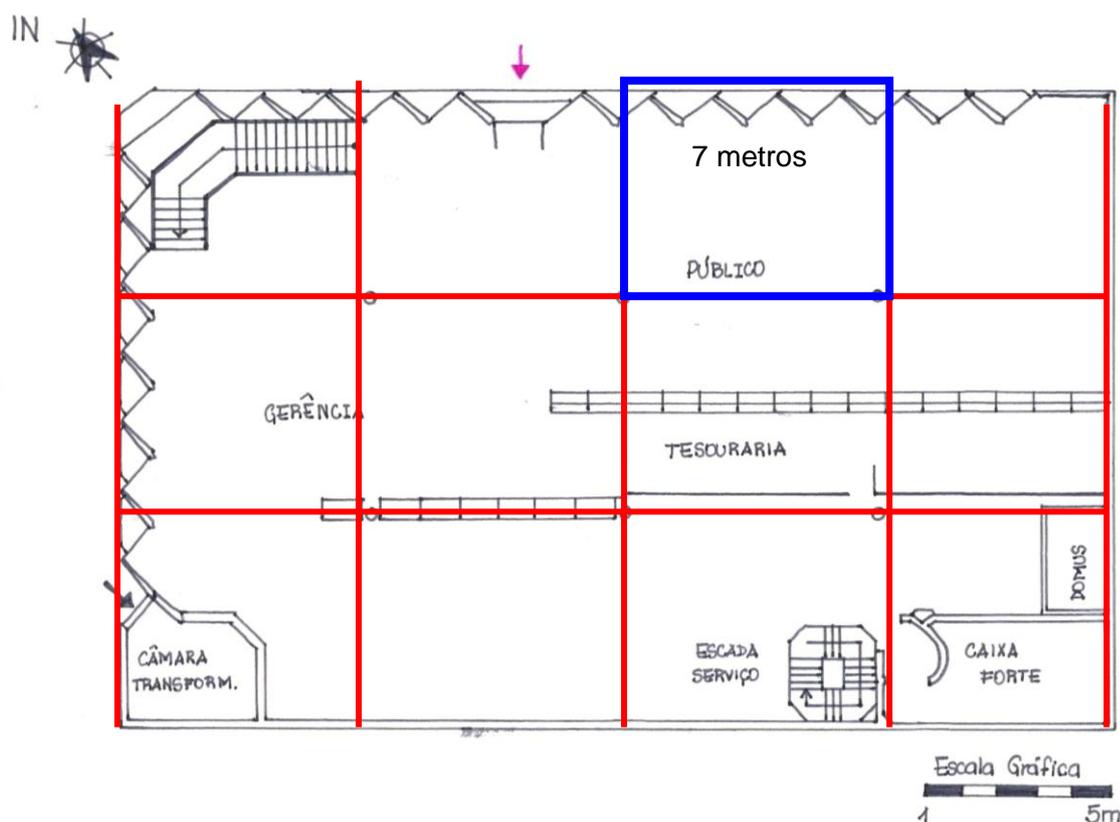


Figura 274 – Planta baixa esquemática da edificação – Pavimento Térreo.
Fonte: Levantamento da autora.

No pavimento térreo da edificação, ocorre o único acesso da via pública para o interior da agência bancária, o qual está apontado com uma seta na planta baixa esquemática acima. O número reduzido de acessos dá-se em função da maior segurança do estabelecimento, tornando assim mais fácil seu monitoramento. Já

com relação ao acesso de um pavimento a outro, este ocorre através de duas escadas, sendo uma destinada ao público, e a outra destinada a serviço.

O programa de necessidades da edificação compreende espaços para o atendimento do público, gerência, tesouraria, espaços de apoio como arquivo, banheiros, copa, almoxarifado, despensa, rouparia para funcionários, além de espaços de acesso apenas de pessoas autorizadas como o caixa-forte.

No que se refere às paredes divisórias para estes compartimentos, estas foram feitas em alvenaria e em painéis de PVC, sendo que as mesmas não são estruturais.

Em planta, é possível observarmos que a maior parte do espaço é destinada ao atendimento ao público. Os compartimentos de apoio localizam-se em espaço demarcado através da malha estrutural, na posição esquerda das plantas baixas. Vale também observar que estes compartimentos de apoio, dependendo da necessidade, ocupam de meio a três módulos em cada pavimento. No pavimento térreo (conforme fig. 274), é ocupado apenas meio módulo para o caixa-forte. Já no primeiro pavimento (conforme fig. 275), é ocupado um módulo interno e, por último, no segundo pavimento (conforme fig. 276), estes ambientes de apoio ocupam três módulos.

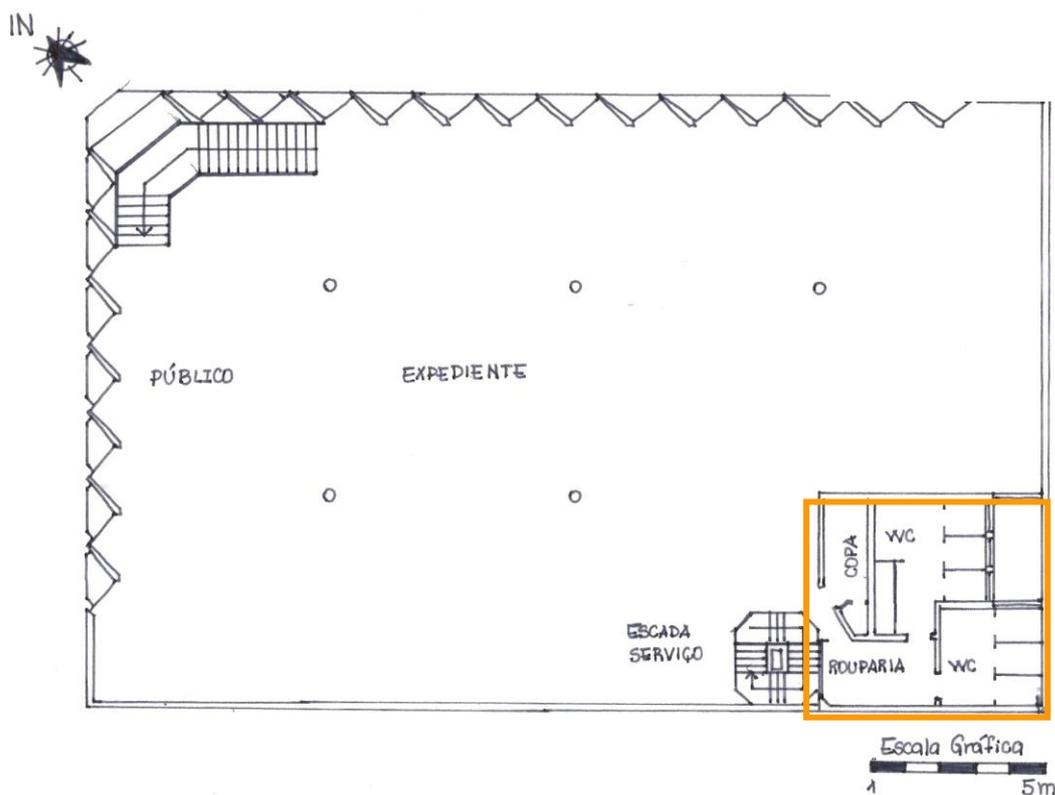


Figura 275 – Planta baixa esquemática da edificação – Primeiro Pavimento.
Fonte: Levantamento da autora.

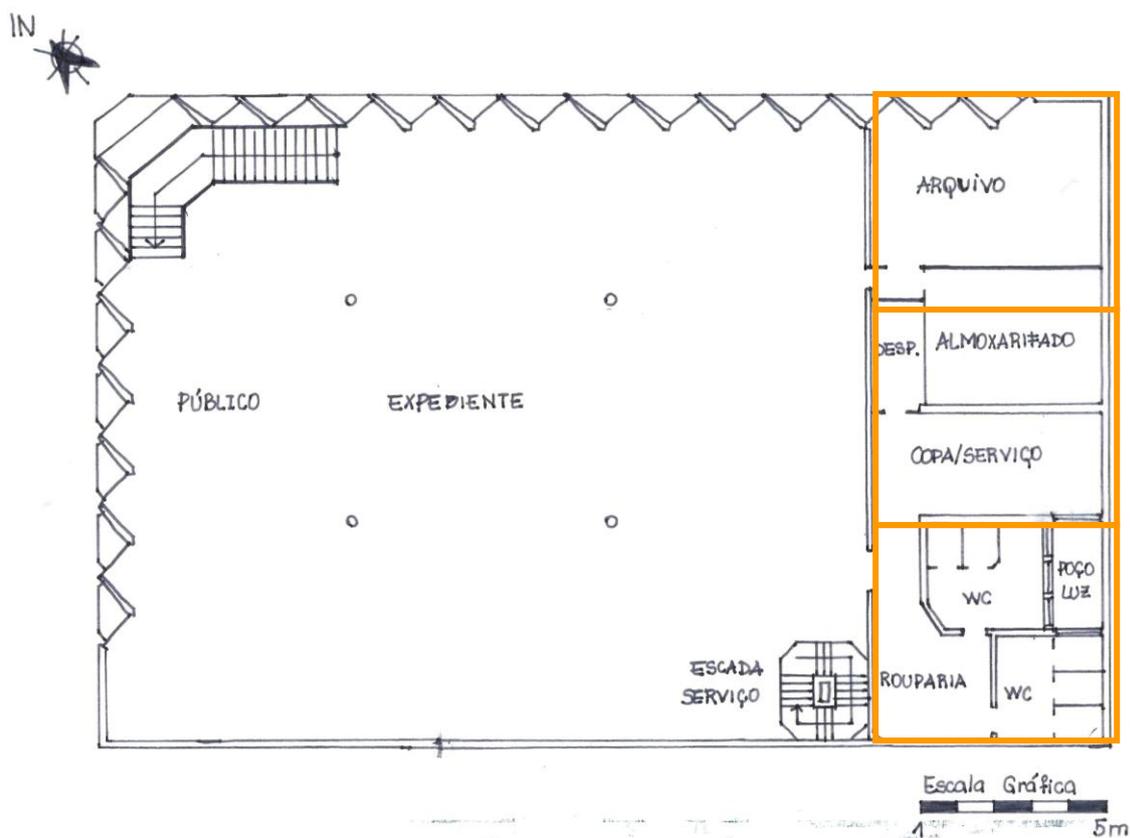


Figura 276 – Planta baixa esquemática da edificação – Segundo Pavimento.
Fonte: Levantamento da autora.

A planta baixa da edificação possui uma forma retangular, com um corte em um dos vértices, o qual tem a função de demarcação, já que a edificação está localizada em uma esquina. Dois lados deste retângulo possuem paredes cegas, já os outros dois são formados por pequenos painéis inclinados, compostos de alvenaria e vidro que, acredita-se, além da questão estética, de quebrar as linhas horizontais, estes elementos têm a função de servir como quebra-sol, conduzindo a orientação solar desejada para dentro da edificação.

Mostra-se aqui, uma característica de cunho modernista, onde os arquitetos deste movimento mantinham a preocupação com a insolação solar recebida pelos ambientes da edificação. Sob cada uma dessas reentrâncias na fachada, é notória a presença de um ponto de luz, que certamente busca a valorização plástica do prédio, através da iluminação. Ainda nesta reentrância formada pela presença de quebra-sol, foram construídas floreiras, as quais são revestidas por pastilhas coloridas, na cor azul, cor em que aparece a logomarca da Caixa Econômica Federal. A utilização das pastilhas, tão peculiares à nossa arquitetura colonial, foi

resgatada pelos arquitetos do Movimento Modernista, buscando tornar os edifícios plasticamente interessantes.

A fachada da edificação se destaca por sua imponência e pelo tipo de materiais utilizados. Os painéis inclinados formados por alvenaria e vidro que compõem as fachadas dão movimentação, quebrando a continuidade das linhas horizontais. Estes painéis aparecem em toda a extensão das fachadas nordeste e noroeste, sendo interrompidos visualmente apenas entre o térreo e o primeiro pavimento onde existe uma laje que avança além da edificação; nesta laje foram colocados painéis de alumínio, os quais têm a logomarca da agência.

Na cobertura, existe uma platibanda responsável por esconder o telhado formado por telhas metálicas, sendo que a mesma faz o coroamento da edificação. Outro elemento de destaque na fachada é a porta de acesso para a agência, a qual recebeu uma demarcação também feita com alumínio na cor azul. Estes painéis de vidro que compõem a fachada, em alguns casos, são móveis, podendo ser abertos através do sistema maximar.

A edificação apresenta marcantes características modernistas, perceptíveis pelo uso da planta livre, utilização de quebra-sol e pastilhas na fachada, sendo que esta é a edificação modernista mais expressiva da cidade. Possui características plásticas únicas e uma grande imponência no entorno onde está inserida. A mesma tornou-se um ponto referencial na cidade, principalmente pela sua localização numa das diagonais da praça principal da cidade. Por estas características, a edificação pode ser incluída no rol das edificações de valor patrimonial, devendo, por isso, ser reconhecida e preservada.

III CAPÍTULO

3 RESULTADO DOS LEVANTAMENTOS

Como foi visto, os critérios adotados pelo trabalho para a identificação das edificações que possuem valores arquitetônicos levaram em consideração suas qualidades artísticas e/ou históricas vinculado ao local em que foram construídas e da cultura, da tradição, do modo de vida desta sociedade. Noutros termos isso quer dizer que, para que uma edificação seja considerada patrimônio, ela deve apresentar alguma relevância no contexto urbano. Esta pode ser medida pela sua concepção artística, suas características tipológicas, sua composição formal ou ainda pelos seus aspectos plásticos diretamente relacionadas com a corrente arquitetônica a qual a edificação seguiu. Pode, também, ser medida pela sua carga simbólica ou histórica na medida em que for capaz de retratar fatos e personalidades que tiveram significado na história do município.

Através do exame das obras por nós selecionadas, tentamos mostrar que as mesmas estão intimamente ligadas ao contexto histórico em que foram edificadas. Neste sentido, no período correspondente entre as primeiras ocupações do município de Santiago, no século XIX, até os dias atuais, foi possível encontrar edificações representativas das diferentes etapas de evolução do município.

O início da ocupação do município deu-se em meados da década de 30, do século XIX, onde foram identificadas edificações situadas em chácaras e estabelecimentos de criação de gado. No entanto, não foram mais encontradas edificações que tenham sido construídas neste período. As mais antigas edificações que puderam ser identificadas foram construídas no final do século XIX. Deste período cabe destacar uma edificação que foi abordada no item 2.1 do levantamento, que é uma edificação residencial, localizada no centro da cidade, pertencente e família de Miguel Ângelo Palmeiro. Esta edificação foi construída por volta de 1895 e possui características das casas estancieiras rio-grandenses do período. No entanto, hoje a mesma está inserida no perímetro urbano, o que faz dela um caso peculiar. Outra característica relevante é sua representatividade histórica para o município, como já visto no levantamento.

Em inícios do século XX a arquitetura passou por profundas modificações devido ao estabelecimento de um destacamento do exército no município, em 1921,

e a implantação da rede ferroviária a partir de 1935. Com isso, houve um significativo crescimento do núcleo urbano e melhoramento na organização do mesmo. Isso se refletiu num notório avanço no número de edificações. A mais importante contribuição foi dada pela Viação Férrea no que se refere à evolução da cidade nos mais variados aspectos como no desenvolvimento econômico, crescimento urbano, no aprimoramento da arquitetura e na demanda cultural da sociedade.

A facilidade e a rapidez das comunicações fizeram com que o município entrasse em sintonia com as linguagens arquitetônicas que estavam sendo usadas no estado e no país. Os levantamentos indicaram que, a partir de então, passaram a ser utilizados diversas linguagens arquitetônicas ao longo do tempo, em dependência das condições financeiras dos proprietários e das aspirações da sociedade.

De início, as edificações foram concebidas em linguagens arquitetônicas historicistas e ecléticas. A edificação abordada no item 2.2 do levantamento, que está localizada diagonal com a praça principal da cidade, foi construída no início de 1900 e apresenta em sua fachada elementos decorativos bastante inovadores para seu tempo. Isso atesta que houve uma preocupação plástica diferenciada no tratamento da fachada. Através disso, ela adquiriu uma representatividade muito grande para a cidade a tal ponto que ela se tornou um elemento de referência na memória coletiva da sociedade.

Construído por volta de 1910, outra edificação passou a se destacar na arquitetura da cidade. Edificação esta tratada no levantamento 2.3. Em sua concepção foi adotada uma inovação tipológica para a época, mas de tradição na história da arquitetura luso-brasileira: o sobrado. Este tipo de construção era comum na arquitetura colonial portuguesa quando os mesmos estavam identificados com a noção de riqueza e poder. Neste caso, a edificação também pertenceu a uma família de grandes posses o que mostra que aí se processou uma revivificação de um conceito que já havia caído em desuso o que atesta uma recuperação de conceitos históricos. Se por um lado, esta postura assumiu aspectos altamente conservadores, não deixa de apresentar, concomitantemente, uma evolução cultural.

Desta mesma década, é a edificação abordada no item 2.4 do levantamento, que é um palacete localizado de maneira diagonal com a praça principal da cidade,

este é valorizado por suas características artísticas, principalmente no que diz respeito a suas qualidades plásticas de inspiração eclética.

Outra edificação desta década de destaque foi à abordada no item 2.5 do levantamento, que se refere a uma edificação localizada no interior do município. Aqui trata-se de uma fazenda que teve sua construção finalizada em 1918, no interior do município. A partir das ponderações de Luccas⁷⁸ sobre a arquitetura pecuarista do Rio Grande do Sul foi possível identificar semelhanças entre a tipologia das casas estancieiras discutidas por este autor com as que foram por nós levantadas. As qualidades desta edificação envolvem características plásticas, tipológicas, formais, simbólicas e históricas identificadas como típicas desta manifestação arquitetônica. Além disso, ela se enquadra dentro da linguagem eclética na forma como estava em moda na época. Mais do que isso, ela também apresenta um valor histórico na medida em que foi de propriedade de um dos intendentes do município, o Sr. Sylvio Ferreira Aquino que pode ser apontado como um representante da elite social local.

Os levantamentos por nós realizados mostraram que houve uma acentuada diversificação na linguagem arquitetônica a partir da década de 1920, verificável no surgimento de construções classicistas, decorativistas, ecléticas e de influência colonial portuguesa. Dentre estas edificações, merece destaque a edificação abordada no item 2.6 do levantamento, que se refere a uma edificação urbana pertencente à família Jornada. Ela foi construída por volta de 1920 e apresenta uma composição harmônica de fachada, com elementos em disposição simétrica e o equilíbrio do conjunto foi conseguido com o emprego das proporções clássicas.

Assim como esta edificação, a abordada no item 2.7 do levantamento, que está localizada no Bairro Vila Nova, também materializa os formalismos históricos deste período. Construída nos primeiros anos da década de 1920, ela apresenta valores que se caracterizam pelas qualidades artísticas da fachada e é exemplar pela riqueza de seu decorativismo.

A edificação abordada no item 2.8 do levantamento, que está localizada no bairro centro e pertence a Sra. Neita Gomes, também foi construída nesta década. Ela possui influência da arquitetura do período colonial materializadas nas características plásticas. Além das edificações abordadas, existem outras deste

⁷⁸ LUCAS, Luis Henrique Hass. op. cit.

período que merecem um destaque como é o caso da edificação estudada no item 2.9 do levantamento, que está localizada no Bairro Centro e pertence ao historiador Sr. Valdir Amaral Pinto. Ela foi construída por volta de 1920 e possui características de uma linguagem decorativista de caráter geométrico na composição de linhas verticais e horizontais.

Não podemos encerrar as considerações sobre as obras da década de 1920 sem uma referência à edificação abordada no item 2.10 do levantamento. Esta edificação construída em 1923 possui uma importância histórica pois foi a moradia de um dos mais conceituados poetas e compositores não só do município como do estado: Túlio Piva. Ademais, a edificação possui características artísticas relevantes, no que concerne às qualidades plásticas da linguagem decorativista da fachada.

Na década de 1930 ainda perdurou a linguagem decorativistas, mas ela se tornou mais abrangente com influências germânicas e do monumentalismo autoritário, além de exemplares de arquitetura popular. Dentre estas edificações, a abordada no item 2.11 do levantamento, foi uma das representantes deste período. Esta edificação possui valores tanto por sua representatividade histórica, posto que a mesma foi residência do poeta Silvio Duncan, mas também por suas qualidades plásticas na fachada, que revelam a influência de um decorativismo tardio que se constituía numa linguagem em fase de superação.

Além desta, ainda foram encontradas outras edificações desta década que foram destacadas por suas características artísticas, principalmente no que se referiu às qualidades plásticas de seu decorativismo fachadístico como foi assinalado no exame dos prédios dos itens 2.12, 2.13 e 2.14 do levantamento.

Um valor especial deve ser dado ao prédio da estação da Viação Férrea não só por sua importância sócio-econômica da cidade, mas também por suas características arquitetônicas. Esta edificação foi construída na metade da década de 1930 e inaugurada em 1936. A linguagem arquitetônica adotada nesta edificação difere profundamente da que usual na época no município especialmente no que se refere às tacaniças de pequenas dimensões no telhado. Esta solução é recorrente nas estações ferroviárias do Estado deste período. Acredita-se que a mesma tenha sofrido influência da arquitetura alemã pois havia profissionais desta ascendência trabalhando na secção de projetos da Viação Ferroviária do Rio Grande do Sul, e cujas assinaturas constavam nos selos dos projetos desde o final da década de 20 até os anos 40 dentre as quais se destaca a de Arno Deppermann. Esta inflexão

assume importância por demonstrar a abertura e a receptividade de linguagens exóticas no meio social o que era entendido como um valor cultural. Além destas linguagens arquitetônicas, foi possível levantarmos, nesta década, exemplares de uma arquitetura dita popular, caracterizada pela simplicidade, adaptabilidade e criatividade, sendo que a edificação representante desta concepção arquitetônica foi à edificação abordada no item 2.16 do levantamento, que se refere a uma casa pertencente à vila ferroviária do município. Esta edificação mereceu atenção especial por representar as necessidades imediatas de moradia de uma classe menos favorecida, na qual a questão estética deixava de ser a mais relevante, preponderando à questão funcional mais imediatista. A falta de conhecimento da autoria de seu projeto, os procedimentos construtivos utilizados, que demonstram o desapego as linguagens arquitetônicas em voga e sua adaptabilidade empírica ao meio físico e social ao qual foi implantada, não deixam dúvidas de seu caráter eminentemente popular.

Outra inflexão da linguagem arquitetônica desta década foi à introdução de um purismo na composição das fachadas na medida em que foram ensaiadas experiências com o paulatino abandono da decoração das fachadas como pode ser percebido na edificação abordada no item 2.17 do levantamento, que se refere ao Hotel Viero. A principal qualidade encontrada neste prédio não está ligada às qualidades plásticas, formais ou tipológicas que possam vir a ser encontradas na edificação. Até mesmo porque, as características arquitetônicas da mesma apresentam-se de maneira muito simples. Mas sua qualidade está na representatividade da edificação enquanto elemento capaz de materializar determinada linguagem arquitetônica que foi maciçamente usual no estado do Rio Grande do Sul e no país, e que pode ser qualificado como exemplar do período do Estado Novo na linguagem do monumentalismo autoritário do qual restaram alguns exemplares no município de Santiago.

Na década de 1940, o patrimônio arquitetônico do município continuou a ser caracterizado através de edificações que seguiam correntes estilísticas importantes. A Guerra Mundial em andamento e o centralismo do governo federal vigentes na primeira metade da década deram sustentação a uma arquitetura monumental e ao “estilo” californiano. No item 2.18 do levantamento, que se refere à escola estadual Apolinário Porto Alegre, foi destacado a valor patrimonial da edificação construída em 1940, com a finalidade educacional. Esta edificação caracterizou-se por

apresentar uma linguagem simplista, sem ornamentações, composta por volumes simples e puros, reflexo da implantação dessa nova linguagem arquitetônica que se tornou conhecida como o monumentalismo autoritário posto que se desenvolveu durante a vigência do Estado Novo e foi perdendo rapidamente adeptos depois de redemocratização propiciada pela queda de Vargas.

Do mesmo período, levantamos outra edificação que apresentava características peculiares desta época: a edificação abordada no item 2.19 do levantamento, que é a sede do Circulo militar de Santiago. A mesma se destaca no cenário urbano por ter sido a primeira edificação a ser construída na linguagem californiana. Além disto, a edificação possui valor patrimonial pela sua carga simbólica, visto que a mesma representou as aspirações de uma classe social bastante relevante na formação da sociedade santiaguense: os militares. Isso é relevante porque estes receberam sua formação de preparação para a II Guerra no Estado da Califórnia de onde trouxeram esta estilística e os primeiros prédios construídos nesta linguagem foram quartéis.

Durante a década de 1950 a linguagem californiana teve um emprego comum. Quase todos os projetos arquitetônicos encaminhados na prefeitura no período apresentavam esta linguagem. Hoje não se atribuem grandes qualidades artísticas a estes prédios pelo fato de apresentarem pouca criatividade, mas nem por isso, deixaram de ser importantes já que se constituíram numa corrente significativa em seu período. As edificações abordadas nos itens 2.20, 2.21, 2.22 e 2.23 do levantamento são as edificações que melhor representam este período, sendo todas em linguagem californiana. Um aspecto interessante a ser mencionado em relação a esta linguagem é que ela representa uma superação do historicismo na mesma medida em que atesta a procura por uma linguagem inovadora. À época se dizia que o californiano representa o que há de melhor em nossa história da arquitetura (referência ao barroco) combinado com o que há de mais moderno em técnica construtiva. Noutros termos, estes conceitos mostram que ainda não estava madura a idéia de se abandonarem as concepções históricas – como o fariam os modernistas – mas já estava madura a necessidade de uma procura de uma nova linguagem respaldada nas inovações tecnológicas – que era a segunda grande componente do modernismo nascente. Surpreendente é que em data tão precoce estes conhecimentos já tenham chegada à cidade.

Como se percebe, a passagem do historicismo para o modernismo não foi tranqüila. A demonstração desta ambigüidade pode ser percebida na edificação abordada no item 2.24 do levantamento, que se refere ao prédio do Sindicato Rural do município. Nela o maior cuidado ainda foi dispensado à composição da fachada onde é perceptível uma evolução do decorativismo em direção ao modernismo, com o emprego de elementos comuns às duas linguagens. Outra edificação deste período que queremos destacar foi a abordada no item 2.25 do levantamento, localizada no centro da cidade e pertencente a família Rosso. Nela há um audacioso rompimento com as linguagens tradicionais. Em planta baixa, percebe-se que a composição dos espaços apresenta uma setorização das atividades o que viria a ser conhecido pelo conceito de “função”. Nesta construção a fachada se caracteriza pela simplicidade de volumes assimétricos, sem ornamentações, com telhados escondidos por platibandas que eram conceitos defendidos pelo modernismo emergente. Isso vem novamente a confirmar a nossa constatação de que os arquitetos da cidade, nesta época, estavam perfeitamente sintonizados com as mais recentes evoluções dos conceitos de arquitetura.

Concluindo a década de 1950, a edificação abordada no item 2.26 do levantamento, que é uma edificação de fazenda, localizada no interior do município, foi valorada como patrimônio arquitetônico pela sua representatividade histórica, por ter sido mandada construir por uma pessoa ilustre na história do país, o ex-presidente João Goulart devendo ser preservada como forma de manter viva nossa história.

A marcante contrariedade entre as orientações a serem na seguidas foram decididas na década de 1960 a favor do modernismo, não só em termos de linguagem, mas também com o acréscimo das preocupações com a organização funcional dos espaços. Isso representou uma revisão muito mais profunda dos conceitos de arquitetura do que vinham sendo feitos anteriormente. A edificação abordada no item 2.27 do levantamento, que é uma edificação residencial pertencente à família do Sr. Severiano Mayer Rodrigues, é um exemplo desta evolução. Esta edificação foi construída em 1964 e se faz amplo uso de elementos arquitetônicos adotados pelo modernismo dentre os quais se destaca a “revolucionária” utilização do telhado “asa de borboleta”.

A produção da década de 1960 apresenta maior número de exemplares relevantes por serem de uma época mais recente e também pelo aumento da

qualidade das técnicas construtivas. Dentre elas parecer ser importante destacar a edificação abordada no item 2.28 do levantamento, que se refere ao o prédio principal dos correios do município, devido a suas características influenciadas nos princípios da arquitetura proposta pelo arquiteto franco-suíço Le Corbusier. A edificação apresenta planta livre; sua fachada é elevada em relação ao nível do solo, criando permeabilidade para o acesso, através do uso de *pilotis*; as janelas utilizadas na fachada principal são formadas por uma faixa ininterrupta, as quais remetem as janelas *longuer* teorizadas e legitimadas por Corbusier em várias de suas obras no período purista, anteriores à Segunda Guerra Mundial. Também foram utilizadas como acabamento de fachada, as pastilhas coloridas que foram elementos comumente usados em obras modernistas.

Os levantamentos mostraram que os conceitos modernistas se tornaram hegemônicos na década de 1970 em razão do que não foi julgado necessário fazer destaques específicos, uma vez que se processou uma homogeneização dos procedimentos construtivos do que resultou uma qualificação constante das construções. Portanto, conferir destaque a uma ou outra poderia ser entendido como menosprezo das demais.

Estas ponderações também são válidas para as edificações surgidas na década de 1980. Todavia, neste contexto, nos parecer ser justificável dar um destaque à edificação mostrada no item 2.29 do levantamento, que se refere ao prédio da Caixa Econômica Federal, devido a suas qualidades artísticas e por se constituir numa das edificações mais expressivas da cidade. Ela concentra, numa mesma edificação, de forma exemplar, os conceitos e os elementos constituintes do modernismo.

Nas figuras a seguir estão sendo mostrados, de forma sintética, os prédios levantados com a identificação das características mais relevantes. Esta síntese foi dividida em três itens: o período histórico correspondente, identificação do levantamento com a data de construção da edificação e imagem da edificação e, por último, a indexação de algumas características que identificam seus valores patrimoniais.

Síntese dos resultados dos levantamentos

Período	Figura Edificação	Características que permitiram a valoração da edificação como patrimônio arquitetônico
Final do século XIX -	<p>LEVANTAMENTO 2.1 Data de construção:1895</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Representatividade à história do município - Qualidades artísticas representadas pela características tipológicas inspiradas na arquitetura de Estâncias e fazendas.
Início do século XX	<p>LEVANTAMENTO 2.2 Data de construção:1900</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Representatividade no entorno onde está inserida - Qualidades artísticas representadas pela características estéticas da fachada. - Representa uma arquitetura de cunho historicista.
Século XX - Década 1910	<p>LEVANTAMENTO 2.3 Data de construção:1910</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Qualidades artísticas representadas pela características plásticas, tipológicas (arquitetura de sobrados) e simbólica (retrata a arquitetura usual das famílias de grandes posses do município). - Representa uma arquitetura de cunho historicista.
	<p>LEVANTAMENTO 2.4 Data de construção:1916</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Qualidades artísticas representadas pela características estéticas da fachada. - Representa uma arquitetura eclética
	<p>LEVANTAMENTO 2.5 Data de construção:1918</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Qualidades artísticas: representadas pela características estéticas da fachada de cunho eclético e pelas características tipológicas influenciadas na arquitetura de Estâncias e fazendas. - Representatividade histórica e simbólica para o município

Figura 277 – Síntese dos resultados do levantamento 2.1 ao 2.5.
Fonte: Levantamento da autora.

Período	Figura Edificação	Características que permitiram a valoração da edificação como patrimônio arquitetônico
Século XX - Década 1920	LEVANTAMENTO 2.6 Data de construção: 1920 	- Qualidades artísticas representadas pela composição formal da fachada, que segue uma linha da tradição clássica da arquitetura, um "classicismo enxuto".
	LEVANTAMENTO 2.7 Data de construção: 1920 	- Qualidades artísticas representadas pela características estéticas da fachada. - Representa uma linguagem arquitetônica decorativista.
	LEVANTAMENTO 2.8 Data de construção: 1920 	- Qualidades artísticas destacadas na tipologia da edificação, que possui influência na arquitetura colonial. - Qualidades artísticas reveladas na fachada, que revelam traços da arquitetura historicista.
	LEVANTAMENTO 2.9 Data de construção: 1920 	- Qualidades artísticas reveladas no decorativismo geométrico da fachada da edificação.
	LEVANTAMENTO 2.10 Data de construção: 1923 	- Qualidades artísticas: representadas pela características estéticas da fachada de cunho decorativista - Representatividade histórica

Figura 278 – Síntese dos resultados do levantamento 2.6 ao 2.10.
Fonte: Levantamento da autora.

Período	Figura Edificação	Características que permitiram a valoração da edificação como patrimônio arquitetônico
Século XX - Década 1930	LEVANTAMENTO 2.11 Data de construção: 1930 	- Qualidades artísticas representadas pelo decorativismo da fachada. - A edificação possui representatividade histórica para o município.
	LEVANTAMENTO 2.12 Data de construção: 1930 	- Qualidades artísticas reveladas por uma linguagem arquitetônica decorativista.
	LEVANTAMENTO 2.13 Data de construção: 1935 	- Qualidades artísticas reveladas por uma linguagem arquitetônica decorativista.
	LEVANTAMENTO 2.14 Data de construção: 1920 	- Qualidades artísticas reveladas por uma linguagem arquitetônica decorativista.
	LEVANTAMENTO 2.15 Data de construção: 1923 	- Qualidades artísticas: reveladas por características estéticas e formais influenciadas pela arquitetura de origem germânica. - Representatividade histórica para o município

Figura 279 – Síntese dos resultados do levantamento 2.11 ao 2.15.
Fonte: Levantamento da autora.

Síntese dos resultados dos levantamentos

Período	Figura Edificação	Características que permitiram a valoração da edificação como patrimônio arquitetônico
Século XX - Década 1930	LEVANTAMENTO 2.16 Data de construção: início década de 1930 	- Qualidades artísticas representadas por uma arquitetura popular, destacada por características de adaptabilidade e simplicidade.
	LEVANTAMENTO 2.17 Data de construção: 1936 	- Qualidades artísticas representadas por uma arquitetura mais "enxuta" com reflexos no monumentalismo autoritário do Estado Novo.
Século XX - Década 1940	LEVANTAMENTO 2.18 Data de construção: 1940 	- Qualidades artísticas representadas pela busca de uma arquitetura com volumes mais puros e sem decorativismo, com reflexos no monumentalismo autoritário do Estado Novo.
	LEVANTAMENTO 2.19 Data de construção: 1945 	- Qualidades artísticas reveladas na utilização da arquitetura californiana. - Possui valor simbólico para a sociedade santiaguense
Século XX - Década 1950	LEVANTAMENTO 2.20 Data de construção: 1950 	- Qualidades artísticas reveladas na utilização da arquitetura californiana .

Figura 280 – Síntese dos resultados do levantamento 2.16 ao 2.20.
 Fonte: Levantamento da autora.

Síntese dos resultados dos levantamentos

Período	Figura Edificação	Características que permitiram a valoração da edificação como patrimônio arquitetônico
Século XX - Década 1950	<p>LEVANTAMENTO 2.21 Data de construção:1956</p> 	- Qualidades artísticas reveladas na utilização da arquitetura californiana .
	<p>LEVANTAMENTO 2.22 Data de construção:1955</p> 	- Qualidades artísticas reveladas na utilização da arquitetura californiana .
	<p>LEVANTAMENTO 2.23 Data de construção: 1955</p> 	- Qualidades artísticas reveladas na utilização da arquitetura californiana .
	<p>LEVANTAMENTO 2.24 Data de construção:1950</p> 	- A edificação possui valor arquitetônico pois materializa a transição da arquitetura decorativista à arquitetura modernista no município.
	<p>LEVANTAMENTO 2.25 Data de construção:1956</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Qualidades artísticas reveladas na funcionalidade da planta baixa, na composição formal do conjunto. - Revela características da arquitetura modernista que passaria a ser usual no município.

Figura 281 – Síntese dos resultados do levantamento 2.21 ao 2.25.
Fonte: Levantamento da autora.

Síntese dos resultados dos levantamentos

Período	Figura Edificação	Características que permitiram a valoração da edificação como patrimônio arquitetônico
Século XX - Década 1950	<p>LEVANTAMENTO 2.26 Data de construção: final da década de 1950</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Qualidades artísticas reveladas na soluções dadas a funcionalidade da planta baixa. - Representatividade histórica da edificação.
Século XX - Década 1960	<p>LEVANTAMENTO 2.27 Data de construção: 1964</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Qualidades artísticas reveladas na busca de setorização dos ambientes e na utilização de elementos característicos da arquitetura modernista .
	<p>LEVANTAMENTO 2.28 Data de construção: 1966</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Qualidades artísticas são reveladas na utilização de uma arquitetura de carácter modernista. Destacando o uso de pilotis, a planta livre, as janelas em fita e a utilização da pastilha na fachada.
Século XX - Década 1980	<p>LEVANTAMENTO 2.29 Data de construção: 1985</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - A edificação possui valor arquitetônico pois representa a arquitetura modernista no município.

Figura 282 – Síntese dos resultados do levantamento 2.22 ao 2.28.
Fonte: Levantamento da autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta dissertação foi discutir a qualidade arquitetônica de algumas edificações do município de Santiago. A problemática central do trabalho foi o exame de prédios que pudessem ter características que os habilitaria a serem exemplares do patrimônio arquitetônico desta municipalidade. Frente a esta problemática, a hipótese que serviu de ponto de partida das investigações foi a de que, em sua evolução histórica, o município passou por diversas fases e que cada uma delas produziu um conjunto de edificações que são representativas das mesmas. Na impossibilidade física de examinar todas as edificações existentes, fomos forçados a restringir este universo para um número limitado de exemplares que serviriam de objeto representativo deste universo maior que seria o conjunto das edificações que pertencem a este patrimônio construído.

Nestes termos, todas as edificações que apresentam características que as permitem qualificar como “arquitetura”, isto é, são portadoras de qualidades estéticas, simbólicas, contêm dos valores de uso e se constituem um documento testemunhal e simbólico da história material da sociedade local, fazem parte integrante deste patrimônio.

Para definir estes parâmetros, utilizou-se como metodologia de trabalho, num primeiro momento, a pesquisa bibliográfica, buscando um melhor entendimento sobre o tema “patrimônio arquitetônico”, onde se verificou que o mesmo faz parte de um conceito mais amplo qual seja, o dos Bens do Patrimônio Material (no qual estão incluídas as obras de arquitetura) e Imaterial (no qual estão incluídos, de modo geral, os saberes e fazeres desta sociedade, como literatura, música, artesanato, etc.).

Posteriormente, a pesquisa foi dividida em duas partes: a primeira constituída pelo levantamento de dados de uma amostra definida por vinte e nove edificações selecionadas por critérios pré-estabelecidos e a segunda parte que envolveu a análise dos dados levantados com o fim de gerar argumentos definidores de suas qualidades e características representativas deste patrimônio.

Percebeu-se, ao longo da pesquisa, a existência de uma lacuna bibliográfica no que se refere aos critérios de atribuição de valor em relação aos bens

patrimoniais. Para estabelecer os critérios de valoração das edificações, foram adotados, com base na tese de Ana Lúcia Goelzer Meira, que tratou sobre “O Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Rio Grande do Sul, no século XX: atribuição de valores e critérios de intervenção”, variados procedimentos que visavam sustentar os valores inerentes às diversas edificações examinadas tais como valores históricos, artísticos e simbólicos que a edificação assumiu no contexto urbano ou rural do município a partir de suas características plásticas, tipológicas e/ou formais.

Como resultado imediato destas avaliações, observou-se que, ao longo da evolução histórica, as edificações se filiavam a diversas correntes de pensamento arquitetônico que estavam em voga no momento de sua construção. Dentre estas linguagens arquitetônicas, foi possível verificar que as mais antigas se constituíam em casas estancieiras que apresentavam características identificadas como da arquitetura colonial portuguesa. A partir da Proclamação da República, houve uma profunda modificação destas concepções que podem ser definidas como a passagem de uma percepção prioritariamente rural para outra, de caráter urbano. Isso se expressou numa maior permeabilidade no uso de linguagens arquitetônicas. Comum a esta variedade de manifestações foi a procura clara por alguma filiação histórica que passava pela clássica, barroca e pelos mais variados tipos de decorativismos que se fundiam, desde logo, em manifestações ecléticas posto que não foi constatada a existência de uma adoção exclusiva de qualquer uma destas linguagens.

De início, a disposição de tal variedade de linguagens levou a uma contida exuberância de variedades formais que se expressava quase que exclusivamente na decoração das fachadas. Com passar do tempo, esta liberalização foi perdendo sua motivação apesar de repetidas tentativas de proprietários de amplas posses de trazer inovações dos modos de fazer arquitetura.

Na medida em que estas experiências foram se tornando repetitivas, começaram a aparecer formas de inspiração fora do âmbito da história da arquitetura nacional entre os quais podem ser citadas influências de origem do Prata, da Alemanha, com destaque para o californiano e do monumentalismo autoritário, inspiração do totalitarismo europeu que foi a tônica do período do Estado Novo. Comum a todas estas variantes foi à relevância dada a questões de estética que se revelavam prioritariamente no tratamento das fachadas, aos aspectos

“visíveis a partir da rua”. Contudo, mereceu destaque também a questão da adoção da arquitetura de cunho popular, pelas classes menos afortunadas, sendo própria do povo e por ele realizada, com destaque à simplicidade e criatividade adotada em suas edificações.

A partir da década de 1950, estas formas de conceber arquitetura entraram em rápida decadência e passaram a ser substituídas por concepções novas, que priorizavam as formas de uso das construções aliadas a uma atualização de materiais e técnicas construtivas que eram o apanágio do movimento modernista. Isso não quer dizer que tivesse havido um desleixo no que diz respeito à estética das construções, mas que a par desta, outros valores passaram a ser considerados no ato projetual. À época se dizia que, em vez de projetar “de fora para dentro” (o que significava dar prioridade ao aspecto das fachadas), se deveria “projetar de dentro para fora” (com o que se procurava enfatizar os aspectos de uso, ditos “funcionais”). Claro está que esta postura deve ser entendida como uma manifestação de oposição aos métodos de conceber a arquitetura, mas não condiz com o espírito do modernismo para o qual tanto os aspectos “externos” (fachadísticos) eram tão importantes como os “internos” (de uso). Noutros termos, com o modernismo, o processo de concepção da arquitetura se tornou mais complexo e profundo, mesmo que, por vezes, pudesse ser percebida uma superficialidade no emprego destes conceitos através dos quais fica evidenciada a persistência das concepções historicistas que assumiam – equivocadamente - uma roupagem modernista.

Dentre as diferentes variantes do modernismo, por influência direta do centro cultural hegemônico do país, aqui também foi priorizada a linha que seguia os conceitos da Le Corbusier.

O alto significado desta nova orientação arquitetônica se evidencia na persistência do uso de seus conceitos e de sua estética. Por mais de três décadas os conceitos de modernismo foram adotados quase que por unanimidade e, ao que tudo indica, ainda vão persistir por mais algum tempo mesmo que, nas discussões acadêmicas haja uma persistente procura por outras formas e outras linguagens. Isso denota que o movimento modernista está, devagar, se exaurindo, sem que tenha ficado claro quais os caminhos a serem seguidos.

O silêncio que tem envolvido a questão da arquitetura em Santiago talvez fizesse parecer aos menos antenados que a mesma fosse destituída de significado.

Através do presente trabalho pretendemos ter demonstrado o contrário. Mesmo que o município esteja situado a grande distância dos centros financeiros, político e cultural do Estado e do País, os dados levantados demonstram a permanente atualização dos conceitos de arquitetura e dos modos de construir. Seria um equívoco imaginar que um município, nestas condições, pudesse rivalizar em exuberância nas obras realizadas nestes centros. Mas pretendemos ter demonstrado neste trabalho que a arquitetura realizada neste município demonstrou ter um extraordinário poder de atualização e de renovação. Mais do que isto, que as realizações arquitetônicas ainda existentes materializam, de forma exemplar, as diversas etapas evolutivas da história local e que se constituiria numa inestimável perda a não conservação deste patrimônio da mesma forma como não é compreensível que muitas obras estejam relegadas ao abandono e à degenerescência por falta de conservação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE, Angel et. al. **Cultura e identidade cultural**. Barcelona: Editora Bardenas, 1997.

ALBERNAZ, Maria Paula. **Dicionário ilustrado de arquitetura**. São Paulo: ProEditores, 2000.

ARRANTES, Antonio Augusto (org.). **Produzindo o passado – Estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

BOSCO, João Urt Delvizio. **Patrimônio arquitetônico de Corumbá: um olhar sobre a arquitetura moderna na perspectiva da memória e desenvolvimento local**. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Local. Campo Grande: Programa de Pós graduação em Desenvolvimento Local/ Universidade Católica Dom Bosco, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 05 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal. 2004. (Subsecretaria de edições técnicas).

CARDOSO, Alice e ZAMIN, Frinéia. **Patrimônio Ferroviário no Rio Grande do Sul. Inventário das Estações: 1874-1959/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Pallotti, 2002.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESCO, 2001.

CONSTANTINO, Núncia S. **Santiago - RS; da concepção à maturidade em compasso brasileiro**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

COSTA, Lucio. Documentação necessária. In XAVIER, Alberto (Org.). **Lucio Costa: Sobre arquitetura**. Porto Alegre: CEUA, 1962.

FICINO, Marcilio apud ARGAN, Giulio Carlos. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 2 ed. ver. ampl. Ed. UFRJ/Minc – IPHAN. 2005.

FONTTES, Carlos. **Histórico da 1º Brigada de Cavalaria Mecanizada - Brigada José Luiz Menna Barreto, Santiago – RS**. Santiago: Grupo Editorial Expressão, 1999.

GÉA, Lúcia Segala. **O espaço da casa: arquitetura residencial da elite porto-alegrense (1893-1929)**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

GIEDEON, Siegfried. **Arctectura y Comunidad**. Buenos Aires: Nueva Vision, 1957.
ICOMOS. Carta de Veneza. In. CURY, Isabelle (Org.). **Cartas Patrimoniais**. 3 ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

GUTIÉRREZ, Ramón. **O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: Secretaria municipal da Cultura – Departamento de Patrimônio Histórico, 1992.

ISABELLE, Arséne. **Viagem ao Rio da Prata e Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1949.

KATINSKY, Julio R. **Critérios de classificação dos bens arquitetônicos no Estado de São Paulo**. São Paulo: Sumário, 1999.

KIESOW, Gottfried. **A preservação estatal de monumentos na Alemanha e sua política**. GÜNTER, Weimer (tradução). Porto Alegre: Gabinete de Estudos e Documentação da Arquitetura Brasileira, 1992.

LEMOS, Carlos A. C.. **O que é Patrimônio Histórico**. São Paulo: Editora brasiliense, 1982.

LEMOS, Carlos. **Alvenaria Burguesa**. São Paulo: Nobel, 1989.

LUCAS, Luis Henrique Hass. **Estâncias e fazendas: uma arquitetura da pecuária do Rio Grande do Sul**. Dissertação de mestrado em Arquitetura. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 1997.

LUCIO COSTA: DOCUMENTOS DE TRABALHO. Coord. José Pessoa. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999.

MACHADO, Antônio Carlos. **Santiago, minha terra**. Porto Alegre, 1981.

MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. **O patrimônio histórico e artístico no Rio Grande do Sul no século XX. Atribuição de valores e critérios de intervenção**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre. 2008.

MIRANDA, Macklaine Miletho e BRUM, Nelci Fátima Denti (orgs.). **As relações arquitetônicas do Rio Grande do Sul com os países da Prata**. Santa Maria: Pallotti, 2002.

MONTEIRO, Fábio. Entrevista concedida pelo historiador a mestranda em 20 mar. 2011. Gravação em DVD. Duração 40 min.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim e SHHLEE, Andrey Rosenthal. **100 Imagens da Arquitetura Pelotense**. Pelotas: Pallotti, 1998.

OLIVEIRA, Froilam (orgs.). **Rua dos poetas – Antologia 1**. Santiago: Pallotti, 2007.

PALMEIRO, Antonio Manoel Gomes. **Santiago do Boqueirão; Gente e Legendas**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982.

PINTO, Lourdes Noronha Pinto. **Antigas Fazendas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Grafic-Offset, 1989.

PINTO, Valdir Amaral. Entrevista concedida pelo historiador a mestranda em 20 dez. 2010. Gravação em DVD. Duração 30 min.

POULOT, Dominique. L'histoire du patrimoine: um essai de périodisation. In: ANDRIEUX, Jeans-Yves (Org.). **Patrimoine & société**. Rennes: Presses Universitaires, 1998.

POZO, Guirahy. **Um pouco da História de Santiago**. Porto Alegre: 1982.

RAMIREZ, Hugo. PIVA, Rodrigo (orgs). **Túlio Piva pra ser samba brasileiro**. Porto Alegre: Programa Petrobrás Cultural, 2005.

REIS, Nestor Goulart Filho. **Um quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.

RIEGL, Aloïs. **El Culto Moderno a los monumentos. Caracteres e origen**. La basla de La Medusa, 7. *Collección dirigida por Valeriano Bozal*. Madri: Visor Distribuciones, S.A., 1987.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 1999.

SEMINÁRIO DE CRÍTICA, 2006. Instituto de Arte Americano e Investigações Estéticas (IAA): Mario J. Buschiazzo. **Carlos Vilar. La ampliación de La Modernidad**. FADU-UBA, 2006.

SENSO 2010. Rio Grande do Sul, Santiago, Brasil. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=431740>>. Acesso em: 08 jul. 2011.

SILVEIRA, Hemetério José Velloso. **As Missões Orientais e seus antigos domínios**. Porto Alegre: Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909.

SIMÕES, Antero A. **Santiago; sua terra, sua gente**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1989.

Vila do Porto Santa Maria: Inventário do patrimônio imóvel dos Açores. Açores: Instituto açoriano de Cultura, 2005.

WEIMER, Günter (org.). **Arquitetura; história, teoria e cultura**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000.

WEIMER, Günter. **A Arquitetura**. 3. ed. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999.

_____. **Arquitetos e construtores no Rio Grande do Sul – “1892-1945”**. Santa Maria: UFSM, 2004.

_____. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ANEXO A

ANEXO A - Ficha de levantamento do Patrimônio Arquitetônico de Santiago - RS

ENDEREÇO:
PROPRIETÁRIO:
ENGENHEIRO/ARQUITETO RESPONSÁVEL PELO PROJETO/CONSTRUÇÃO:
ANO DE CONSTRUÇÃO:
PRIMEIRO USO:
USO NO DECORRER DO TEMPO E USO ATUAL:

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA FACHADA	
	Imagem da Fachada da Edificação

DADOS CONSTRUTIVOS DA EDIFICAÇÃO		
	ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO	ATUALMENTE
MATERIAL UTILIZADO NAS PAREDES:		
MATERIAL UTILIZADO NO PISO:		
MATERIAL UTILIZADO NO FORRO:		
MATERIAL UTIL. NAS ESQUADRIAS:		

TIPOLOGIA:	DATA DO LEVANTAMENTO:
<input type="checkbox"/> Religiosa <input type="checkbox"/> Residencial <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Militar <input type="checkbox"/> Ferroviária <input type="checkbox"/> Comercial <input type="checkbox"/> Outra	Nº PAVIMENTOS:
	OBS.:

BREVE DESCRIÇÃO HISTÓRICA DA EDIFICAÇÃO

PLANTA BAIXA ESQUEMÁTICA DA EDIFICAÇÃO NA ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO

PLANTA BAIXA ESQUEMÁTICA DA EDIFICAÇÃO ATUALMENTE

--	--